

Como a Bíblia nos fala hoje

25

O Evangelho de Lucas

A Vida de Jesus

Wilson Franklim

Wilson Franklim é um dos mais estudiosos escritores da nova geração de autores em nossa denominação, procurando sempre especializar-se em determinados temas para, sobre eles, depois escrever com propriedade. Assim foi com a "A ação do Espírito Santo nas igrejas" que nos trouxe no primeiro exemplar e, agora, neste em que aborda o livro de Lucas, o médico amado, o Evangelho que é intitulado em nossa grade curricular como "A vida de Jesus".

Assim, Lucas, dos quatro evangelistas, seria aquele escritor que atraído pelo Evangelho 10 ou 15 anos depois da morte de Cristo, convertido mui possivelmente pelo ministério apostólico de Paulo, teria sido o mais distante biógrafo de Jesus Cristo. Impressionante que, mesmo distanciado do Mestre, conseguiu ele, talvez por sua formação na medicina da época, ser o mais detalhista e completo contador da vida de Cristo, revelando detalhes de diversos personagens que nos outros Evangelhos passam quase anonimamente, o que só se pode atribuir a um notável trabalho de pesquisa e entrevistas que deve ter desenvolvido para escrever o livro que desejava encaminhar ao seu amigo Teófilo.

Por isso, a importância e o valor do trabalho feito pelo pastor Wilson Franklim, pois como poderão constatar nestas páginas, ele vai a fundo no objetivo de melhor transmitir para nós as riquezas que estão contidas neste tesouro da literatura do primeiro século da era cristã, o terceiro livro do cânon neotestamentário, o Evangelho de Lucas, a vida de Jesus.



Como a Bíblia nos fala hoje

Evangelho de Lucas

A Vida de Jesus

Wilson Franklim



ISBN 85-350-0276-6



9 788535 002768

Wilson Franklim

O Evangelho segundo
Lucas
A vida de Jesus



Rio de Janeiro

© Wilson Franklim, 2007

Todos os direitos de publicação reservados à
**JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações
da Convenção Batista Brasileira**
Caixa Postal, 320 - Rio, RJ - 20001-970

Direção Geral
Almir dos Santos Gonçalves Júnior

Coordenação Editorial
Solange Cardoso A. d'Almeida (RP/16897)

Conselho Editorial
Carrie Lemos Gonçalves, Celso Aloísio Santos Barbosa,
Ebenézer S. Ferreira, Francisco Mancebo Reis, Gilton M. Vieira,
Ivone Boechat de Oliveira, João Reinaldo Purin, José A.S. Bittencourt,
Lael d'Almeida, Margarida Lemos Gonçalves, Pedro Moura,
Roberto Alves de Souza e Silvino C.F. Netto

Produção Editorial
Arte Sette Marketing e Editorial

Produção Gráfica
Willy Assis Produção Gráfica

Distribuição
EBD1 - Marketing e Consultoria Editorial Ltda.
Tel. - OXX (21) 2104-0044
Fax gratuito - 0800 216 768
pedidos@ebd-1.com.br



Nossa missão: *“Viabilizar a cooperação entre as igrejas
batistas no cumprimento de sua missão como comunidade local.”*

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)*

220.225 Fra-Eva	Franklim, Wilson O Evangelho segundo Lucas – A vida de Jesus/Wilson Franklim. – Rio de Janeiro: JUERP, 2007 256p. 21x14cm Inclui bibliografia ISBN 978-85-350-0276-8 1. Lucas, O Evangelho Segundo – A vida de Jesus – Bíblia – Novo Testamento – Interpretação bíblica. I. Série CDD 220.225
--------------------	---

Sumário

Apresentação	07
Dedicatória.....	09
Gratidão	11
Introdução	13

1. Breve histórico do Evangelho segundo Lucas

1.1 - A vida pregressa de Lucas	15
1.2 - O estilo de Lucas	16
1.3 - A unidade literária entre Lucas e Atos	16

2. A autoria do Evangelho

2.1 - Evidências externas	17
2.2 - Evidências internas	18
2.3 - Data e local em que foi escrito	19
2.4 - As fontes de Lucas	19
2.5 - Estrutura do Evangelho	20
2.6 - A mensagem principal de Lucas em “Um parágrafo”	20
2.7 - Características distintivas de Lucas	20

Capítulo 1 -	23
Capítulo 2 -	45
Capítulo 3 -	51
Capítulo 4 -	57
Capítulo 5 -	67
Capítulo 6 -	75
Capítulo 7 -	85
Capítulo 8 -	93
Capítulo 9 -	101
Capítulo 10 -	113

Capítulo 11 -	119
Capítulo 12 -	129
Capítulo 13 -	137
Capítulo 14 -	149
Capítulo 15 -	157
Capítulo 16 -	167
Capítulo 17 -	175
Capítulo 18 -	181
Capítulo 19 -	189
Capítulo 20 -	197
Capítulo 21 -	209
Capítulo 22 -	221
Capítulo 23 -	233
Capítulo 24 -	243

Referências	251
-------------------	-----

Apresentação

Dando continuidade à série *“Como a Bíblia nos fala hoje”*, a coleção dos livros do trimestre, quando a JUERP procura trazer para o nosso povo um comentário bíblico adicional a respeito do tema que está em evidência no trimestre curricular da Escola Bíblica Dominical, fomos buscar o pastor Wilson Franklim que, já tendo editado para a JUERP um de nossos livros mais procurados – *“A ação do Espírito Santo na igreja”* – ainda não havia estado presente na galeria dos escritores da coleção trimestral.

Wilson Franklim é um dos mais estudiosos escritores da nova geração de autores em nossa denominação, procurando sempre especializar-se em determinados temas para, sobre eles, depois escrever com propriedade. Assim foi com a doutrina do Espírito Santo na vida da igreja de Cristo, que nos trouxe no primeiro exemplar e, agora, neste em que aborda o livro de Lucas, o médico amado, o Evangelho que é intitulado em nossa grade curricular como *“A vida de Jesus”*.

Não tendo se dedicado ao ministério pastoral de forma integral, por sua formação, também, no campo da Engenharia Química, tendo também servido no mundo secular como Analista Financeiro autônomo para a Bovespa. Assim, tem sido pastor auxiliar voltado para ministérios específicos em igrejas no Estado do Rio de Janeiro, tendo ultimamente colaborado com o pastor Sebastião Ferreira na grande e operosa Igreja Batista da Vila da Penha, no subúrbio carioca do mesmo nome. Tem

formação acadêmica de pós-graduação na área Teológica e em Novo Testamento, sendo também mestre em Teologia Sistemática e doutorando em Teologia Ministerial. Recentemente aceitou e já está exercendo o pastorado da Igreja Batista em Vila Jaguaribe, na região do Grande Rio.

O Evangelho de Lucas tem um ingrediente especial, em sua análise, pelos comentaristas devido ao fato de ter sido escrito por alguém que, em nenhum momento, esteve ligado ao ministério de Cristo. Mateus e João foram discípulos de Jesus e, Marcos, segundo explicam os próprios estudiosos da Bíblia, teria sido o escritor da narrativa feita pessoalmente por Pedro, o discípulo-líder do colégio apostólico, com quem tinha, segundo esses mesmos comentaristas, algum tipo de parentesco próximo.

Assim, Lucas, dos quatro evangelistas, seria aquele escritor que atraído pelo Evangelho 10 ou 15 anos depois da morte de Cristo, convertido mui possivelmente pelo ministério apostólico de Paulo, teria sido o mais distante biógrafo de Jesus Cristo. Impressionante que, mesmo distanciado do Mestre, conseguiu ele, talvez por sua formação na medicina da época, ser o mais detalhista e completo contador da vida de Cristo, revelando detalhes da vida de diversas personagens que nos outros Evangelhos passam quase anonimamente, o que só se pode atribuir a um notável trabalho de pesquisa e entrevistas que deve ter desenvolvido para escrever o livro que desejava encaminhar ao seu amigo Teófilo.

Por isso, a importância e o valor do trabalho feito pelo pastor Wilson Franklim, pois como poderão constatar nestas páginas, ele vai a fundo no objetivo de melhor transmitir para nós as riquezas que estão contidas neste tesouro da literatura do primeiro século da era cristã, o terceiro livro do cânon neotestamentário, o Evangelho de Lucas, a vida de Jesus.

O Editor

Dedicatória

Aos meus estimados filhos

Tatiany Franklim, Elen Franklim e

Wilson Franklim Filho.

E também a mais nova Franklim,

Maria Clara Franklim, minha pequena grande neta.

E a Leandro, meu genro.

O Autor

Gratidão

Ao Santíssimo Deus Yahweh, a fonte maior de todo conhecimento e sabedoria, pela inspiração. A ele tributo minha maior honra.

À minha querida esposa, Vera Lúcia, pelo grande amor sempre presente em minha vida, amiga e companheira de todas as horas.

Aos meus queridos pais, Pedro e Leotildes, que desde cedo me ensinaram o caminho do céu com a própria vida.

À JUERP que me proporcionou esta valiosa oportunidade de crescimento espiritual.

O Autor

Introdução

Ao receber este convite, vi que Deus me concedera a oportunidade que já brilhava em meu coração há algum tempo. Escrever um breve comentário sobre o Evangelho de Lucas, com uma ênfase devocional e prática. Todavia, em algumas partes talvez tenha exagerado do “tecnicismo”. Por exemplo, na explanação de Lucas 1.35. Mas a relevância deste versículo para o cristianismo e a controvérsia que se levantou sobre ele no final do século XX obrigou-me a tal.

Tenho um carinho especial pelos quatro Evangelhos. Dentre eles, o Evangelho escrito por Lucas sempre me atraiu por sua forma técnica de expor os fatos (Lc 1.1-4). Mas entendo que os quatro Evangelhos são igualmente importantes e se completam na descrição perfeita das boas-novas anunciadas por Jesus.

De fato, o Evangelho de Jesus é a base sobre a qual toda doutrina do Novo Testamento se fundamenta.¹ Com este indicativo, meu sonho é que este livro possa ajudar ao leitor no entendimento da mensagem de Jesus para que povo de Deus faça aquilo que o Mestre determinou: *“Todo aquele pois que ouve estas minhas palavras, e as põe em prática, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha”* (Mt 7.24).

¹ MACARTHUR, Jr John F. *O Evangelho Segundo Jesus*. São José dos Campos: Fiel, 1999, p. 17.

Como seria edificante se cada membro de igreja, compreendendo o Evangelho, respondesse: “Vou praticá-lo fielmente, é a melhor estratégia de vida que já ouvi...” Com essa resposta interpelariam suas vidas pessoais, familiares, comunitárias, e aos seus líderes para aprenderem a viver no reino de Deus segundo os caminhos apontados por Jesus.

Para melhor compreensão dos leitores, acho que devo expor, antes de abordar o texto bíblico, os meus pressupostos principais em relação à Bíblia:

Meu pressuposto básico é que Deus soberanamente conduziu todas as coisas de forma a produzir, difundir e preservar a Bíblia através dos séculos. Quando falo em Bíblia, refiro-me aos 66 livros que compreendem os dois Testamentos em suas línguas originais e, também, as traduções destes originais, comprovadamente honestas.² Divido este processo de produção da Bíblia em dois campos, a saber: o divino e o humano.

Pelo lado divino, entendo que Deus teve competência e disposição para fazer com que a Bíblia fosse escrita e preservada ao longo dos séculos, de modo que as Escrituras cumpram em todas as pessoas, de todos os lugares e de todas as épocas, o propósito de Deus para elas. Acredito que ele não legou, e nem legaria, sua mensagem à humanidade numa forma que só poderia ser compreendida por uns poucos estudiosos profissionais do século XXI, que não conseguem concordar, nem sequer entre si, acerca das teorias e conjecturas para determinar qual é a sua mensagem.³

A Bíblia é o grande tesouro de Deus entregue graciosamente à humanidade, por intermédio de sua igreja e não de seus eruditos. E tornou-se o maior tesouro da humanidade. Neste contexto, a Bíblia chegou por intermédio da vida do povo de Deus, e alimenta essa vida. Além disso, o propósito da Bíblia não é acadêmico, mas um guia prático para vida. Assim, o que uma pessoa necessita para se encaminhar ao reino de Deus é uma leitura inteligente, direta, reflexiva e até exaustiva da Bíblia. Mas uma leitura que não seja dirigida por teorias obscuras e nem imposta por modismos, ou por uma ortodoxia irracional.⁴

² É preciso cuidado na questão das traduções da Bíblia nas diversas versões. Há quem, equivocadamente, diga que todas as versões são iguais. No entanto, com apenas uma leitura superficial, o leitor poderá constatar que não são iguais. Há versões que alteram a Palavra de Deus.

³ WILLARD, D. *A Conspiração Divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 17.

⁴ WILLARD, D. op. cit., p. 16.

Pelo lado humano, acredito que Bíblia foi produzida e preservada por seres humanos competentes, no mínimo tão inteligentes e piedosos o quanto são hoje. Na minha ótica, eles possuíram plena capacidade para interpretar de forma precisa as suas próprias experiências, e de exporem com objetividade, no idioma de suas comunidades históricas, aquilo que vivenciaram e ouviram. Esses idiomas (hebraico antigo, aramaico e grego koinê) hoje se conseguem compreender com muito esforço.

A versão bíblica que utilizei neste trabalho é a versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida, da Imprensa Bíblica Brasileira. Uma das melhores versões na língua portuguesa.⁵ Minha recomendação é que você, antes de ler esse breve comentário, leia antes o Evangelho segundo Lucas.

Esta introdução está dividida em três partes: a primeira faz um breve histórico do Evangelho Segundo Lucas. A segunda descreve sobre a autoria do Evangelho. A terceira parte é o comentário propriamente dito do texto de Lucas.

1. Breve histórico do Evangelho segundo Lucas

O nome Lucas, fora do Evangelho, só aparece três vezes no Novo Testamento: em Colossenses 4.14, em 2Timóteo 4.11 e em Filemom 24. Há, ainda, escritores que afirmam que em 2Coríntios 8.18 Paulo está se referindo a Lucas.⁶ Em Colossenses 4.14, Lucas é chamado de “o médico amado”. É importante lembrar que neste mesmo livro e capítulo, a descrição que o apóstolo faz nos versículos 7 a 11, especialmente no versículo 11, leva-nos a concluir que Lucas era gentio. Portanto, o único escritor da Bíblia que não era judeu.

⁵ Registro meu reconhecimento à Imprensa Bíblica Brasileira, e a Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, por serem as únicas impressoras bíblicas no Brasil que não fizeram paráfrases, traduções ampliadas ou por equivalência dinâmica, mantendo *respeitosamente* a precisão e pureza da Palavra de Deus. O povo de Deus pode confiar nestas duas impressoras.

⁶ Há comentaristas que afirmam que “o irmão cujo louvor no evangelho se tem espalhado por todas as igrejas” é Lucas. Dentre estes destaco R.N. Champlin, que coloca como possibilidade. Champlin afirma que as autoridades patrísticas reconheciam Lucas como sendo esse irmão. In CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia, 1995, p. 379.

Na Epístola a Filemom, Paulo reconhece em Lucas um grande colaborador (Fm 24). E em 2Timóteo 4.11, um companheiro da mais alta fidelidade. Mesmo quando a execução de Paulo parecia se aproximar, Lucas não o abandonou. A expressão “só Lucas está comigo” demonstra tal realidade.

1.1 - A vida pregressa de Lucas

De sua vida, antes de ser alcançado pelo evangelho, sabemos pela tradição que Lucas também era pintor. Abrindo um parêntese, até hoje se conserva em uma catedral (católica) espanhola um quadro de uma pintura que pretende retratar Maria, a mãe de Jesus que, segundo Jerônimo, teria sido pintado por Lucas. É importante ressaltar que não há dúvidas de que Lucas tinha um olho especial para a vida humana.

Lucas revela em seu Evangelho (1.1,2) que não conheceu pessoalmente Jesus. Era médico de profissão (Cl 4.14) e, sem dúvida, esse ofício era o que lhe dava a grande ternura que possuía. Na Escócia há um ditado de que o pastor vê as pessoas pelo seu melhor lado, o advogado pelo seu pior, e o médico as vê tais como são.⁷ Lucas via as pessoas do jeito que elas eram, e amava a todos de igual modo.

1.2 - O estilo de Lucas

Seu grego é o melhor e mais rico do Novo Testamento. Seu estilo é ordenado, elegante, esmerado e, acima de tudo, muito claro e objetivo. Lucas usa a mesma forma de introdução que usaram os grandes historiadores gregos. Heródoto usava: “Estas são as investigações de Heródoto de Halicarnaso”; posteriormente, Dionísio de Halicarnaso escreveu: “Eu recolhi informação, em parte, de lábios de homens mais instruídos, e em parte das histórias que escreveram os romanos...”⁸ Assim começa Lucas seu livro, no grego mais sonoro, seguindo os melhores modelos que se podiam encontrar. É como se Lucas dissesse: “Vou escrever a história mais importante do mundo, e só o melhor (Jesus) é digno dela”.

1.3 - A unidade literária entre Lucas e Atos

Há uma uniformidade muito grande entre o terceiro Evangelho e o livro de Atos dos Apóstolos, o que indica a possibilidade de um mesmo

⁷ BARCLAY, W. *Comentário al Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1994, p. 11.

⁸ BARCLAY, W. *Comentário al Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1994, p. 17.

autor ter escrito os dois. O endereçamento dos dois é a Teófilo (Lc 1.1-4; At 1.1). A segunda, é a evidência de que o autor de Atos havia escrito um volume (At 1.1) anterior, registrando os fatos acerca da obra de Cristo. Outra questão a salientar nestes dois livros, é como o autor soube entrelaçar os assuntos em especial sobre o *pneuma* (o Espírito).

Em geral, no Evangelho de Lucas, o autor trata dos princípios enquanto em Atos fala do surgimento e desenvolvimento da igreja. *Juntos, os dois relatam os dois estágios do cristianismo, conforme apresentado em Lucas 24.46 – um cumprido na vida e ministério de Jesus (o Evangelho), e o outro, na missão e expansão da igreja (Atos).*⁹

Em Lucas, o trabalho é centrado no que Jesus começou a ensinar e a realizar diretamente em seu ministério terreno. Em Atos, o desenvolvimento dos ensinamentos do Mestre por meio dos apóstolos na igreja primitiva.

2. A autoria do Evangelho

O autor deste Evangelho inicia sua obra fazendo uma referência aos primórdios do cristianismo, tomando como base relatos de “testemunhas oculares e ministros da palavra” (Lc 1.1,2). Afirma, ainda, que fez uma exposição desses relatos em ordem, esclarecendo seus propósitos: “convencer seus leitores sobre a exatidão histórica das tradições” (Lc 1.3,4).

2.1 - Evidências externas

Há informações do segundo século que Lucas, o amigo e companheiro de Paulo (1Tm 4.11), e médico amado (Cl 4.14), foi quem escreveu o Evangelho que leva seu nome e, também, o livro de Atos.

O Fragmento Muratoriano (170-180 d.C.) diz que o terceiro Evangelho foi escrito por Lucas que, mesmo não tendo presenciado a ascensão de Jesus, pôde compor o Evangelho com base nos relatos daqueles que viveram com o nosso Senhor. Esse Fragmento Muratoriano também confirma que Atos foi escrito por Lucas, endereçado ao excelentíssimo Teófilo, e que este Teófilo é a mesma pessoa do prólogo do Evangelho de Lucas.¹⁰

⁹ BROADUS D. H. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 104.

¹⁰ HENRY J. Cadbury. *Making of Luke-Acts*. New York: Macmillan, 1927. p. 32.

É fato histórico que ainda no final do século 2, no cânon de Marcion, onde ele rejeitou o Antigo¹¹ Testamento, adulterou várias cartas de Paulo, falsificou algumas e usou apenas um Evangelho: uma versão editada de Lucas. Para contestar esta heresia, foi composto pela igreja um prólogo antimarcionita ao Evangelho, como introdução ao cânon aceito dos quatro Evangelhos. Esse prólogo tem a seguinte afirmação: *Lucas é um sírio de Antioquia, médico por profissão, discípulo dos apóstolos e companheiro de Paulo até o martírio. Foi um grande servo do Senhor, permaneceu toda sua vida solteiro, sem filhos e morreu aos 84 anos na Beócia, cheio do Espírito Santo.*¹²

2.2 - Evidências internas

Nenhuma afirmação explícita acerca da autoria de Lucas poderá ser tirada de seus escritos, todavia em relação ao terceiro Evangelho temos mais confiança de que tenha sido Lucas, o médico, do que em relação aos outros três. Os dados referentes a Lucas no NT são Colossenses 4.14, Filemom 24 e 2Timóteo 4.11. Destes escritos podemos tirar três conclusões acerca de Lucas: (1) era médico; (2) não era judeu e, sim, gentio; (3) foi companheiro e amigo de Paulo. Cada uma dessas características deverá ser corroborada internamente em seus livros.

O autor do Evangelho de Lucas demonstra conhecimento e interesse pela medicina em várias passagens: 4.38; 5.18,31; 7.10; 8.44; 21.34; At 5.5,10; At 9.40. Lucas usa um número maior de termos médicos do que os outros evangelistas quando descreve doenças curadas pelo nosso Senhor. No episódio do camelo pelo fundo de uma agulha (Lc 18.25), ele usa a palavra (agulha de cirurgião). Enquanto Mateus e Marcos usam a palavra (agulha de costurar).

Outra evidência interna que comprova que Lucas era um gentio, de língua materna grega, é a falta de uso de expressões semíticas e, também, pouco uso do termo amém. As passagens 6.47; 8.16; 11.33; 12.54; 13.19 revelam a origem estrangeira do autor.

¹¹ Como já disse na introdução, passei a adotar a terminologia Primeiro Testamento, em lugar de Antigo ou Velho Testamento. Isto por que, em nossa cultura ocidental, estas duas palavras carregam em si um tom depreciativo. A Bíblia, a Palavra de Deus, não é velha e, muito menos, antiga (no sentido de ultrapassada) mas, sim, muito atual.

¹² BRUCE, F.F. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1951, p.18.

O maior argumento acerca da autoria de Lucas do Evangelho e de Atos dos Apóstolos está no fato de que o autor tenha sido um companheiro de Paulo. Seções de Atos 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1-28.16, onde se encontra o pronome na primeira pessoa do plural (nós), indicam que o autor foi um companheiro de Paulo e uma testemunha ocular dos acontecimentos relatados.

2.3 - Data e local em que foi escrito

Dentro da suposição de que Lucas se utilizou de Marcos como fonte, sua data estaria posterior à de Marcos, em torno de 60-64 d.C. Mas, alguns eruditos acreditam que ele tenha escrito seu Evangelho após o ano 70 d.C., em especial os que fazem parte da chamada “alta crítica”. Justificam essa afirmação porque Lucas não usa o termo “a abominação desoladora” que foi usado por Marcos (Mc 13.14).

Entretanto, esse raciocínio apresenta duas grandes dificuldades: a primeira, é que desmerece a palavra preditiva de nosso Senhor no seu sermão profético. A segunda, porque Lucas manteve a expressão “fujam para os montes” (21.21) e, ainda, no versículo 20, do capítulo 21, ele descreve “quando verdes” dando um significado de futuro. Estas duas razões nos indicam que Lucas tenha escrito este Evangelho numa data anterior à destruição de Jerusalém. Outra possível razão para Lucas ter omitido a expressão “abominação desoladora”, é porque ele sabia que esta expressão havia sido tirada do livro de Daniel (9.27; 11.31; 12.11) e não teria nenhum sentido para seus leitores gentios.

Quanto ao local, o mais sensato é dizer que Lucas e Atos tenham sido escritos fora da Palestina. No prólogo contra Marcion há afirmação de que Lucas escreveu da Acaia (Grécia). Também poderia ter sido de Roma, onde ele permaneceu na companhia de Paulo, quando este estava preso. A tradição mais antiga está dividida entre Roma e Grécia.

2.4 - As fontes de Lucas

No início do Evangelho, Lucas afirma enfaticamente que não foi testemunha ocular do ministério de Jesus. Ele relata que dependeu de informações colhidas de outras fontes. Lucas não identifica que fontes eram essas e nem quem as escreveu, porém a crítica literária indica várias fontes escritas e orais: (1) Marcos; (2) a Fonte “Q”; (3) a Fonte “L”; (4)

e a narrativa do nascimento e da infância de Jesus. A razão de separarmos o nascimento e a infância de Jesus da *Fonte L* é a sua forma literária diferente do restante, com termos semíticos, levando a crer que Lucas tenha feito uma tradução de algum documento hebraico ou aramaico ao estilo da Septuaginta.

2.5 - Estrutura do Evangelho

Lucas, após descrever o nascimento e infância de Jesus, segue de uma maneira geral o esboço de Marcos na primeira parte da narrativa. Tal estrutura é inserida de material das fontes Q e L. A estrutura básica do livro é:

Prefácio (1.1-4)

1 – Narrativa do nascimento e infância de Jesus (1.5-2.52)

2 – Atividade de Jesus na Galiléia (3.1-9.50)

3 – Caminhada a Jerusalém – (Parte I) (9.51-13.30)

4 – Nova caminhada a Jerusalém – (Parte II) – (13.31-19.27)

5 – Jesus em Jerusalém (19.28-24.53)

2.6 - A mensagem principal de Lucas, em “um parágrafo”

Se fosse possível resumir a mensagem de Lucas em uma frase, eu me atreveria a dizer: Lucas é o Evangelho que apresenta o misericordioso Filho do homem, que oferece a salvação de Deus a todos os povos (Lc 19.10).

2.7 - Características distintivas de Lucas

Seu estilo é ordenado, elegante, apurado e muito claro na maioria das vezes. Seu grego é o mais puro e rico de todo Novo Testamento. Pode-se afirmar que os destinatários deste Evangelho são todos os gentios, ainda que a dedicação de seu Evangelho seja a Teófilo.

Suas características especiais são:

- o seu interesse e precisão nos eventos ligados à cura das enfermidades por Jesus e todos os detalhes relacionados com a medicina;
- os capítulos sobre a infância de Jesus que contêm muitíssimas informações não encontradas nos outros Evangelhos;

- e o seu especial interesse em apresentar Jesus como Salvador do mundo.

A última viagem de Jesus a Jerusalém é a mais distintiva contribuição de Lucas ao nosso conhecimento da carreira de Jesus em relação a importantes particularidades do ministério do Mestre.

Ainda se poderia acrescentar que Lucas é o único evangelista que descreve a ascensão de Jesus. Em suma, pode-se afirmar, também, que Lucas é o Evangelho da certeza histórica.¹³

¹³GUNDRY, R. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 106.

Capítulo 1

Versículos 1 a 80

1 TENDO pois muitos empre-endido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram,

2 Segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra,

3 Pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio,

4 Para que conheças a certeza das coisas de que *já* estás informado.

Anúncio do nascimento de João

5 Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Arão, e o seu nome *era* Isabel.

6 E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor.

7 E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade.

8 E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem da sua turma,

Lucas começa a narrativa do Evangelho de Jesus Cristo com a predição e o nascimento de João Batista, portanto em uma etapa anterior as narrativas dos Evangelhos de Mateus e Marcos, respectivamente. No mesmo capítulo 1, dando continuidade, Lucas narra a anúncio do nascimento de Jesus feito pelo anjo Gabriel a virgem Maria. Prossegue com a visita de Maria a sua prima Isabel e os detalhes do nascimento de João Batista.

1.1 - Versículos 1 a 4 - O propósito de Lucas ao escrever o Evangelho

Se por um lado, conforme os preceitos do Evangelho, a linguagem de bajulação e os cumprimentos excessivos não se enquadram na vida cristã. Por outro lado, um cristão deve ser cortês, amável,

9 Segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso.

10 E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso.

11 E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso.

12 E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele.

13 Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João;

14 E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento.

15 Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe;

16 E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus,

17 E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto.

18 Disse então Zacarias ao anjo: Como saberei isto? pois eu já sou velho, e minha mulher avançada em idade.

19 E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas;

20 E eis que ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam: porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir.

21 E o povo estava esperando a Zacarias, e maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo.

22 E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tinha visto alguma visão no templo. E falava por acenos, e ficou mudo.

23 E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa.

24 E depois daqueles dias Isabel, sua mulher, concebeu, e por cinco meses se ocultou dizendo:

afável, grato e, principalmente, educado no trato com outros semelhantes.

Não se sabe quem era Teófilo¹ a quem Lucas dirige o livro. Todavia, muitos vêem em Teófilo um nome para simbolizar todos que são amigos de Deus. No entanto, não há razão para rejeitar que se trate de uma pessoa real, provavelmente um alto magistrado, a julgar pelo título que Lucas lhe dá. O mesmo título usado por Paulo ao se dirigir ao governador Festo. Neste sentido, a religião cristã não destrói a nossa sociabilidade nem os nossos bons modos. Ao contrário, nos encaminha para a civilidade, as boas maneiras para uma vida em sociedade.

O propósito do Evangelho de Lucas foi “para que conheças plenamente a verdade das coisas em que foste instruído” (v. 4).

Não há dúvida de que Lucas foi movido pelo Espírito Santo (2Pe 1.21). Nesta perspectiva, o mais grandioso e belo é que o Espírito Santo não usa Lucas simplesmente como uma máquina de escrever. Por exemplo, nestes versículos se vê claramente que Espírito não dispensou os atributos de Lucas como um indivíduo. Usou suas faculdades mentais (razão, volição, sentimentos) e, também sua formação e informação dos fatos. Tal realidade pode ser constatada nos parágrafos seguintes, bem como as razões para Lucas escrever este Evangelho:

¹A Palavra Teófilo é de origem grega, formada da junção de Theos (Deus) e filós (amigo). Logo, seu significado é “amigo de Deus”.

25 Assim me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbio entre os homens.

Anúncio do nascimento de Jesus

26 E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré,

27 A uma virgem desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.

28 E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo bendita és tu entre as mulheres.

29 E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras, e considerava que saudação seria esta.

30 Disse-lhe então o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus;

31 E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.

32 Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai.

33 E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.

34 E disse Maria ao anjo: Como se fará isto, visto que não conheço varão?

35 E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.

36 E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice, e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril;

37 Porque para Deus nada é impossível.

38 Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor: cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.

Maria visita Isabel

39 E naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá,

40 E entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel.

41 E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou

1) No versículo 1, ele afirma: “Visto que muitos têm empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram”. Aqui Lucas reconhece:

a) Que outras pessoas também haviam escrito sobre o ministério de Jesus Cristo.

b) Reconhece o valor desses escritos.²

c) Que esses fatos “se realizaram”. Uma melhor tradução seria “que entre nós se cumpriram”.

A última parte do versículo 1 aponta diretamente para o conteúdo de seu Evangelho: fatos que entre nós se cumpriram, portanto, fatos verdadeiros, reais, certíssimos. Lucas não pretendia escrever sobre temas discutíveis ou polêmicos, mas sobre acontecimentos reais da vida de Cristo. Esses fatos cumpriram o propósito de Deus no Primeiro Testamento.

2) No versículo 2, Lucas comprova que a veracidade dos fatos que ele escrevia estava confirmada por testemunhos oculares de várias pessoas e, principalmente, o testemunho dos ministros (servidores) da Palavra: “Segun do transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra”.

Deste versículo pode-se apreender que os apóstolos eram “servidores da palavra de Cristo”. Da mesma maneira em que eles receberam a Palavra de Deus de

² É muito provável que Lucas esteja fazendo uma referencia ao Evangelho de Marcos e Mateus.

no seu ventre, e Isabel foi cheia do Espírito Santo.

42 E exclamou com grande voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre.

43 E donde me *provém* isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?

44 Pois eis que, ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre.

45 Bem-aventurada a que creu, pois não de cumprir-se as *coisas* que da parte do Senhor lhe foram ditas.

O cântico de Maria

46 Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor,

47 E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador.

48 Porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada.

49 Porque me fez grandes coisas o Poderoso: e santo é o seu nome.

50 E a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem.

51 Com o seu braço obrou valorosamente; dissipou os soberbos no pensamento de seus corações.

52 Depôs dos tronos os poderosos, e elevou os humildes.

53 Encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos.

54 Auxiliou a Israel seu servo, recordando-se da *sua* misericórdia,

55 (Como falou a nossos pais) para com Abraão e sua posteridade, para sempre.

56 E Maria ficou com ela quase três meses, e depois voltou para sua casa.

O nascimento de João Batista

57 E completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho.

58 E os seus vizinhos e parentes ouviram que tinha Deus usado para com ela de grande misericórdia, e alegraram-se com ela.

59 E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino, e lhe chamavam Zacarias, o nome de seu pai.

Jesus, eles a ministravam (serviam) a outros (1Jo 1.1). Os apóstolos não eram geradores do Evangelho mas, sim, servos³ de Cristo para pregarem o evangelho de Cristo. Os apóstolos viram os milagres de Jesus, sua conduta e ouviram os seus ensinamentos diretamente do próprio Cristo. Eles não receberam a mensagem de segunda mão. Os apóstolos acompanhavam Jesus todo o tempo: "...começando desde o batismo de João até o dia em que dentre nós foi levado para cima..." (At 1.21,22).

3) Após averiguar tudo "*cuidadosamente desde o começo, pareceu-me bem... escrever uma narração em ordem*" (v. 3). Lucas havia chegado ao conhecimento verdadeiro dos fatos envolvendo a vida de Jesus. E sob a égide do Espírito Santo, Lucas destaca sua capacidade para escrever da mesma forma que "*muitos*" (v. 1).

4) De forma diligente Lucas descreve a metodologia do seu trabalho: (a) levantou cuidadosamente todos os fatos; (b) levará a efeito uma descrição da vida de Jesus Cristo de uma forma ordenada (sistemizada) "*em ordem*" (v. 3). Quando as coisas se guardam ordenadamente fica mais fácil utilizá-las tanto por quem as ordenou, tanto pelos outros.

Neste prefácio de Lucas pode-se destacar que devemos ser estimulados

³ É importante salientar que a palavra "servo" vem do grego "*doulos*" que significa literalmente *escravo*. Paulo afirma categoricamente que só existem duas classes de pessoas: os escravos de Cristo e escravos do pecado. Penso que esse significado está se perdendo em nosso meio, com o advento da teologia da prosperidade, lamentavelmente.

60 E, respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João.

61 E disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome.

62 E perguntaram por acenos ao pai como queria que lhe chamassem.

63 E, pedindo ele uma tabuinha de escrever, escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam.

64 E logo a boca se lhe abriu, e a língua se lhe *soltou*, e falava, louvando a Deus.

65 E veio temor sobre todos os seus vizinhos, e em todas as montanhas da Judéia foram divulgadas todas estas coisas.

66 E todos os que *as* ouviam *as* conservavam em seus corações, dizendo: Quem será pois este menino? E a mãe do Senhor estava com ele.

O cântico de Zacarias

67 E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo, e profetizou, dizendo:

68 Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo,

69 E nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi seu servo.

70 Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo;

71 Para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos aborrecem;

72 Para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se do seu santo concerto,

73 E do juramento que jurou a Abraão nosso pai,

74 De conceder-nos que, libertados da mão de nossos inimigos, o serviríamos sem temor,

75 Em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida.

76 E tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque hás de ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos,

77 Para dar ao seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados,

78 Pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus, com que o Oriente do alto nos visitou,

79 Para alumiar aos que estão assentados em trevas e sombra de morte, a fim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.

80 E o menino crescia, e se robustecia em espírito. E esteve nos desertos até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel.

pelo serviço que os nossos irmãos prestam ao reino de Deus e não suplantados (v. 1). O Evangelho escrito que chegou até nós é o mesmo que foi pregado nos primeiros dias da igreja. Sem desconsiderar que este é um grande ato da soberania de Deus, neste sentido, também, devemos ser cuidadosos com as várias traduções de Bíblias que retiraram, omitem e alteram o significado real e literal da mensagem sob alegação de que está "atualizando" sua língua-gem.⁴ E, finalmente, no versículo 4 está afirmação de que esse Evangelho foi escrito para que os salvos conhecessem a solidez, o terreno firme que se pisa quando se crer no evangelho.

1.2 - Versículos 5 a 25 – O anúncio do nascimento de João Batista

Lucas, coerentemente com sua proposta de efetuar um relato mais detalhado da vida de nosso Senhor, começa com a exposição do nascimento de João Batista. Diferentemente, Mateus começa com a genealogia e nascimento de Jesus, enquanto Marcos começa com o ministério de João Batista.

⁴ Não sou e nem poderia ser contra a *atualização honesta* de nossas versões fiéis aos textos originais. Afinal, um idioma corrente ao longo de séculos pode sofrer algumas mutações, umas boas outras ruins. Tal fato pode levar a uma necessidade de *pequenos* ajustes nas versões de séculos em séculos. Como a Palavra de Deus não pode ser alterada, subtraída ou acrescentada, o único método preciso para a tradução da Bíblia de suas línguas fontes (Hebraico, Aramaico e Grego) para qualquer outra é o método formal literal.

Os pais do Batista viviam no tempo do rei Herodes. Zacarias (cujo significado é “Deus se acordou”), o principal perso-nagem dessa cena, era sacerdote e descendente de Arão. Isabel, sua esposa, também era da descendência de Arão.

Pela tradição, os sacerdotes deveriam casar-se com mulheres que fossem de pura raça judia. E ainda era um mérito muito especial se essa mulher fosse também da descendência de Arão, como era o caso de Isabel.

Zacarias pertencia à oitava ordem, a de Abias (1Cr 24.10), que era descendente de Eleazar, o primogênito de Arão, uma vez que Nadabe e Abiú haviam sido mortos por trazerem fogo estranho ao altar (Lv 10.1,2). Essa divisão dos sacerdotes em ordem ou classes se deu na época do rei Davi. O motivo foi por que se havia multiplicado a descendência de Arão e o rei a dividiu em 24 classes ou ordens para melhor desempenho do ofício sacerdotal.

Vale acrescentar que havia aproximadamente 24.000 sacerdotes na Palestina no tempo de Zacarias. Cada ordem ministrava no templo durante uma semana, duas vezes por ano. Sendo que os sacerdotes eram escolhidos, por sorteio (v. 9), para officiar em certos rituais. O privilégio de queimar incenso todas as manhãs e tardes era concedido a um sacerdote não mais que uma única vez durante toda a sua vida. Portanto, aquele era o dia mais importante na vida de um sacerdote. Uma vez que havia praticamente 1.000 sacerdotes em cada ordem.

O casal Zacarias e Isabel era justo diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor. Tudo neles estava em ordem diante de Deus (v. 6). Não se quer dizer que fossem perfeitamente santos, embora se empenhavam, com certeza, em ser (Fp 3.6). Ainda que não fossem sem pecado, era sem engano, como afirmou Jesus falando de Natanael (Jo 1.47). Entretanto, eles “não tinham filhos” (v. 7). Para se ter uma idéia do que isso representava naquela comunidade, havia um ditado entre os rabinos que dizia: “Há sete tipos de pessoas que estão privadas da comunhão com Deus”, e a lista começava por: “um judeu que não tem esposa, ou um judeu que tem esposa mas que não tem filhos”.⁵ Não há dúvida de que este tipo de cosmovisão era um grande problema para o casal diante daquela sociedade. Isabel era estéril e, com toda certeza, já havia perdido a esperança de ter filhos, porque

“ambos eram avançados em idade” (v. 7). Contudo, é neste contexto que Zacarias tem a magnífica aparição de um anjo do Senhor.

Quando estava exercendo seu honroso ofício, foi ainda mais honrado com a aparição de um mensageiro: “Apareceu-lhe, então, um anjo do Senhor, em pé à direita do altar do incenso” (v. 11). Logo, à direita de Zacarias. Na Bíblia, a mão direita é a mão da honra e do poder. O anjo estava ali não somente para honrá-lo mas, também, para confortá-lo.

Zacarias, ao ver o anjo, “ficou turbado, e o temor o assaltou” (v. 12). Ainda que reto diante do Senhor e irrepreensível em sua conduta, a aparição de algo sobrenatural haveria de atemorizá-lo. Desde a queda de Adão, a mente humana ficou incapacitada para suportar a glória de tamanhas revelações. Além disso, a consciência humana sempre estará temerosa de receber repreensão com tais revelações. Talvez seja por esta razão que Deus prefira falar-nos por meio de homens como nós (Hb 1.1), cujo terror não nos fará temerosos.

O anjo começou sua mensagem com as mesmas palavras que os anjos sempre usavam “não temas, Zacarias, a tua oração foi ouvida, e Isabel tua mulher, te dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João” (v. 13). Sobre este versículo Lenski fez uma afirmação interessante: “Fazia muito tempo que Zacarias havia deixado de orar para ter um filho, porque o mesmo, igualmente a qualquer bom israelita, pensava que ele não teria direito de pedir um milagre a Deus”.⁶ Todavia, Zacarias servia ao Eterno, o Deus misericordioso. E agora era o tempo escolhido pelo Senhor para responder aquelas súplicas antigas do seu servo Zacarias. Este é um exemplo de que as orações sinceras (de fé) não são abandonadas por Deus, mas estão (ou estarão) “arquivadas” no céu para que no tempo próprio sejam atendidas, conforme a soberana vontade do Santíssimo.

Zacarias, segundo lhe revela o anjo, agora teria um filho com sua esposa Isabel. Ambos em sua velhice. O anjo ainda ordena que o nome do menino será João, que significa “Deus favoreceu com sua graça”. O versículo 14 afirma que esse menino traria uma grande alegria (grego *agalliasis*)⁷ para Zacarias e, também, para muitos de sua comunidade. Em outras palavras, o anjo estava dizendo: este filho será favorito dos céus e uma bênção para a terra... Será o maior profeta (Lc 7.26).

⁶ Lenski in HENRY, M. *O Comentário Bíblico*. Barcelona: Clie, 1999, p.1260.

⁷ Este termo, até onde se sabe, só aparece na Septuaginta e no Novo Testamento. É uma palavra que denota uma exultação extrema.

⁵ BARCLAY, W. *Comentário al Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1994, p. 23.

“Será grande aos olhos do Senhor” (v. 15). Grande em caráter e em obra. Que importa se às vezes somos subestimados ou mesmo supervalorizados pelas pessoas? Quando na realidade o que conta mesmo é o que somos “aos olhos do Senhor”, o único que conhece perfeitamente o nosso íntimo (Lc 16.15; Jo 2.25).

“Não beberá vinho e nem bebida forte” (v. 15). João seria uma pessoa “seca” em relação às bebidas alcoólicas, será um nazireu⁸ por toda a vida, separado para Deus de tudo que contamina. Principalmente guardando a sua mente contra tudo que possa obscurecê-la. Em contra partida, seria equipado espiritualmente para eminente vocação.

“Será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe” (v. 15). Este texto tem provocado muita confusão entre os intérpretes católicos e até no meio protestante, também, por não comparar devidamente uma Escritura com outra. O texto de Lucas 1.15 não afirma que João Batista fora regenerado desde o ventre de sua mãe⁹, já que não é possível nascer de novo sem receber a Palavra de Deus (Jo 3.5, e especialmente 1Pedro 1.23). Além do mais, este nascer de novo se efetiva mediante a fé (Rm 10.17; Ef 2.8). A plenitude de que fala este versículo é a de poder profético e não de graça justificante. Portanto, João foi santificado, isto é, separado para Deus, da mesma forma que fora Jeremias (Jr 1.5). João, que era mais que profeta, mostrou milagrosamente essa plenitude do Espírito no versículo 41 (que será comentado posteriormente). O versículo 15, tomado em sua totalidade, vem a ser uma ilustração prática de Efésios 5.18, onde é contraposto o poder de dois espíritos distintos: o espírito do vinho e o Espírito Santo – “E não vos embriagueis com o vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito”. Eis a razão por que na primeira parte do versículo 15 fala de abster-se do vinho e da bebida forte, afim de que João possa ser controlado de uma forma mais eficaz pelo Espírito Santo.¹⁰

Os versículos 16,17 mostram que João será o instrumento de Deus para conversão de muitos filhos de Israel. A missão de João era aos filhos de Israel, não era para os gentios, mas para a nação de Israel.

⁸ Números 6 define e especifica a lei do nazireado.

⁹ Esta é a concepção imaculada de João defendida pela igreja romana.

¹⁰ Fazendo justiça ao texto de Paulo em Efésios 5.18, observe que Paulo não disse: não bebais vinho mas, sim, “não vos embriagueis com o vinho”. A grande verdade é que há aqui uma exortação implícita para todos, tanto neste texto quanto em Lucas 1.15, para que os salvos mantenham a sobriedade e o domínio próprio como atributo indelével de sua nova vida guiada pelo Espírito (Gl 5.23; Tt 2.12; 2Pe 1.6).

“Trá adiante dele no espírito e virtude de Elias” (v. 17). Isso quer dizer que João seria um homem de caráter semelhante a Elias e atuaria da mesma maneira que Elias atuou em relação ao pecado. Preparará a necessidade de arrependimento a uma geração corrompida e depravada. Igualmente a Elias, será zeloso e audaz em pregar contra o pecado, inclusive contra os poderosos (Elias x Acabe; João x Herodes) e, também, será odiado e perseguido por estes (Elias x Jezabel; João x Herodias). Na sua missão, seria impulsionado pelo poder de Deus como o foi Elias.

João Batista foi adiante de Jesus pregando a essência do evangelho – o arrependimento: “arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus” (Mt 3.2). A fim de “prepará-los para o Senhor”, isto é, para receberem o evangelho de Jesus Cristo. Os que são movidos pela graça salvadora de Deus a libertar-se do jugo do pecado, são persuadidos a tomar sobre si o jugo de Cristo. Desta forma haverá de “converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar para o Senhor um povo bem disposto” (v. 17b). Esta parte do versículo faz referência à profecia de Malaquias 3 e Isaías 61.2. “E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição” (Ml 4.6).

A desagregação familiar é normalmente por onde começa o desastre de uma sociedade. Nesta perspectiva, o ministério de João começará a promover uma campanha de “avivamento” nacional, para que haja unidade de fé e de esperança na nação de Israel e terminem as discórdias familiares. Em outras palavras, poderíamos traduzir o final do versículo 17 da seguinte maneira: para converter os corações dos pais até os filhos e desobedientes por meio da prudência (ou sensatez) dos justos. A sensatez e a prudência com as coisas de Deus eram práticas de vida do bom remanescente de Israel e foi, também, o grande exemplo dado por Jesus.

Nos versículos 18-20, vê-se que a fé de Zacarias em Deus não estava à altura de suas próprias súplicas e orações. E quando estas são atendidas, em um nível em que já se tornara necessária uma intervenção particular e especial do poder Deus, Zacarias não toma para si os exemplos de Abraão e de Ana, e pergunta “como pode ser isso feito”. A bondade de Deus transforma a falta de fé de Zacarias num castigo instrutivo para ele e para o povo, provando que Zacarias fora visitado por Deus: Zacarias ficará mudo até que se cumpra a Palavra do Senhor.

Deus trabalhou com misericórdia em Zacarias posto que:

a) Ao torná-lo mudo¹¹, impediu-lhe de pronunciar mais expressões de falta de fé (desconfiança). Neste sentido o texto nos ensina que melhor é não falar que falar mal.

b) Desta maneira, a fé de Zacarias foi robustecida porque, ao ficar incapaz de falar, teve mais oportunidade para meditar.

c) Sem poder falar, ficou impedido de divulgar sua visão e poder jactar-se dela.

d) Demonstrou a grande misericórdia de Deus que, mesmo assim (com a falta de fé de Zacarias), fez com que a profecia se cumprisse no seu devido tempo.

e) Não deixaria Zacarias mudo por toda vida, mas somente “até o dia em que estas coisas aconteçam” e então serão abertos os seus lábios para que possa louvar a Deus (v. 64).

O povo estava esperando Zacarias (v. 21-25). Porque tinha de pronunciar sobre o povo a bênção em nome do Senhor. Por isso o povo não se retirou, embora estranhasse a sua demora no santuário. “Quando saiu, porém não lhes podia falar”. Seu ofício lhe conduzia para que falasse ao povo ao sair do santuário, mas não podia falar. Os sinais que ele faz ao povo, espantado de sua longa demora no santuário, explicam a causa desse atraso. O povo percebe que ele tivera uma visão (v. 22). Zacarias, mesmo assim, permanece no templo até “terminar os dias do seu ministério”. Ainda que não pudesse falar, podia queimar incenso. Quando não podemos, na causa de Deus, fazer o que queremos, Deus aceitará o que podemos fazer.

Ora, a Palavra de Deus cumpre-se em favor de Zacarias. Isabel concebe e reconhecendo que a mão do Senhor a tinha abençoado, recolhe-se por cinco meses. Esconde-se com a prudência que se unia à sua devoção. A graça que a abençoava não a tornava insensível ao que constituía uma vergonha em Israel. Assim, afasta-se do convívio social para não causar a si mesma nenhum prejuízo diante da comunidade e, também, possivelmente para não contaminar o “nazirelato” de seu filho. Há quem diga que pode ter sido por um excesso de modéstia¹² – “assim

¹¹ Os vocábulos *me dunamenos lalēsai* está no futuro perifrástico volitivo que significa sem poder falar, repetição da mesma declaração, em forma negativa como o fez Zacarias.

¹² Citado por Mathew Henry In HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico*. Barcelona: Clie, 1999, p. 1261.

me fez o Senhor... para destruir o meu opróbrio (desonra) entre os homens” (v.25). Portanto, Isabel reconhece que a mão do Senhor lhe tinha abençoado grandemente.

1.3 - Versículos 26 a 38 – O anúncio do nascimento de Jesus Cristo

O mesmo anjo Gabriel, enviado a Zacarias, é enviado também à virgem Maria, já que ambos estavam ligados à mesma grandiosa obra da redenção. Neste texto, Lucas, inspirado pelo Espírito Santo, nos apresenta tudo que convinha que soubéssemos acerca da concepção e encarnação de nosso Senhor Jesus.

Lucas começa fazendo um breve informe sobre a mãe de Jesus. Chamava-se Maria, o correspondente hebraico de Miriam, e significa “exaltada”. Era da linhagem real, descendente do grande rei Davi como descrito em Lucas 3.23-38 (mais adiante será demonstrado que a genealogia de Lucas é com grande probabilidade a genealogia de Maria). Maria era virgem, mas estava prometida em casamento (desposada) a um homem chamado José (v. 27). Maria estava comprometida para o casamento com José, mas ainda não haviam coabitado no sentido sexual. Naquela época esse tipo de compromisso só poderia ser quebrado por um processo formal de divórcio. Isto confirma a honra que a Palavra de Deus dá ao matrimônio (Hb 13.4). Vivia em Nazaré, uma cidade da Galiléia (v. 26), uma região de pouca reputação em relação à religião e conhecimento das Escrituras.

Deus havia preparado tudo, envia agora o seu anjo para anunciar a Maria o nascimento do Salvador. Num lugar de onde menos se esperava e cuja fama era fraca aos olhos do mundo para condenação daqueles que de lá saíam. Uma jovem, praticamente desconhecida de todos, estava noiva de um humilde carpinteiro. As promessas de Deus, que nunca as esquece e nem despreza aqueles que dessas promessas são objetos, encontravam ali o lugar de seu cumprimento. O poder de Deus e o seu amor são dirigidos de acordo com a sua soberania. Que importava se, aos olhos do mundo, Nazaré era uma cidade sem importância?

A dádiva de Deus a Zacarias (o filho João) fora uma resposta às suas orações. Deus sempre foi fiel à sua bondade para aqueles que nele confiam. Mas há algo mais: há uma visitação da graça soberana de Deus. Maria, o vaso escolhido de Deus, tinha encontrado graça aos olhos de Deus. Era,

pois favorecida pela graça soberana e bendita entre as mulheres.¹³ “E entrando o anjo onde ela estava, disse: salve agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres”. Esta saudação do anjo Gabriel tinha alguns objetivos:

1) Levantar a auto-estima de Maria, que consciente de sua pequenez (v. 48) se considerava indigna de receber tão excelso favor.

2) Provocar em Maria a expectativa de grandes bênçãos vindas dos céus são significativas as palavras do anjo: “salve agraciada”, Deus te conferiu uma grande honra ao te escolher para ser mãe do Messias prometido pelos profetas; “o Senhor é contigo” para abençoar-te, para distinguir-te, para te fortalecer na tarefa de ser a mãe do Messias. Se Deus está conosco, não devemos temer a nenhum inimigo, nem a nossa própria dificuldade, ou mesmo nossa incapacidade para levar adiante aquele chamamento que o Eterno nos faz; “bendita és tu entre as mulheres” de todas as épocas. Maria havia tido o grande privilégio de ser escolhida para ser mãe do Salvador. Maria foi um modelo de fé, como o foi Abraão. Ela não apenas é bendita, mas também pode-se dizer que se tornou uma fonte de bênção por ter dado a luz ao Salvador.¹⁴

“E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras, e considerava que saudação seria esta” (v. 29). Pela segunda parte deste versículo, observa-se que a inquietação silenciosa de Maria foi com o conteúdo das palavras do anjo, e não com a sua presença. A questão é: Maria estava consciente de que não merecia tamanha honra. Seu desassossego era porque ela não compreendia o alcance daquela saudação. O que significava realmente aquelas palavras do anjo? Qual o objetivo delas?

É importante notar que Maria, mesmo inquieta, não havia respondido nada ao anjo. Ele procede com sua mensagem: “Maria, não temas porque achaste graça diante de Deus” (v. 30). O anjo não disse: Deus achou graça em ti mas, sim, “achaste graça diante de Deus”. Em outras palavras, o anjo estava dizendo: Você achou a graça de Deus, ou melhor, Deus lhe conferiu um favor grandíssimo, muito maior do que pode

¹³ No grego, as expressões: *achaste graça e favorecida pela graça* têm significado diferentes. Maria, pessoalmente *tinha achado graça*, de modo que ela não devia temer. O Santíssimo Deus, no seu poder supremo, tinha-lhe concedido esta graça, este favor imenso de ser a mãe do Salvador. Neste aspecto, Maria foi o objeto do soberano favor de Deus.

¹⁴ Para se compreender esta afirmação, comparar Lucas 1.45 com Gênesis 3.15; 22.18.

merecer, por isso não continue temendo, porque o que está lhe concedendo a graça agora estará com você também com seu poder infinito.

O anjo continua a surpreendente revelação, em duas partes. Primeiro, em relação ao menino que havia de nascer (Lc 1.31-33); e a outra, relativa ao modo de sua concepção e a glória que daí haveria de vir (Lc 1.35).

Maria teria a honra de ser mãe: “e eis que em teu ventre conceberás e darás à luz a um filho, e por-lhe-ás o nome Jesus” (v. 31). O nome Jesus significa Yahweh¹⁵ salva. O anjo afirma que ele será grande, tão extraordinário que será chamado Filho do Altíssimo (v. 32). Antes que o mundo existisse, ele era o Filho de Deus, mas nascido neste mundo, esse menino tal como ele havia de ser aqui, na terra, seria chamado Filho do Altíssimo. Em outras palavras, ele é grande nos céus e também o seria na terra. É importante notar que Jesus, como homem, foi grande em todos os sentidos (positivos): em amor, misericórdia, bondade, longanimidade, justiça, fidelidade, domínio próprio. Em Gálatas 5.22, Paulo descreve em detalhes o caráter perfeito e maravilhoso de Jesus.

Ao menino que havia de nascer ligavam-se ainda outros fatos: Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai.¹⁶ O trono de Davi lhe pertence. É por direito de nascimento, das promessas terrestres que, quanto à realeza, concentravam-se na família de Davi. Todavia, isto seria feito sob os desígnios e poder de Deus, porque não seria o seu povo quem lhe conferirá essa dignidade, posto que não o receberam (Jo 1.11). “E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim” (Lc 1.32). O reino que Jesus estaria inaugurando não seria apenas para a casa de Jacó, mas sobre todo o Israel de Deus. Abrindo um parêntese, essa promessa do anjo não se limita apenas ao Israel físico, mas a todo o Israel espiritual, o Israel da fé como o bem disse Paulo em Romanos 9.6-8.

Outro aspecto é quanto à duração do reinado de Jesus. Será um reino eterno (“ele reinará eternamente” – Sl 45.6; Dn 7.27; Hb 1.8). E, também, um reino que nunca será destruído, conforme havia sido profetizado por Daniel (Dn 2.44).

¹⁵ Prefiro o nome hebraico Yahweh que a transliteração Jeová.

¹⁶ Vale aqui citar que, quando falamos Davi seu pai, se está falando da descendência de Jesus por parte de Maria.

Versículo 34: “E disse Maria ao anjo: como se fará isso, visto que não conheço homem algum?” É verdade que Maria sabia que o Messias nasceria de uma virgem (Is 7.14; Mt 1.23), porém se seria ela a mãe do Messias, ela desejava saber como haveria de ser isso? O que ela teria de fazer? Já que em sua condição atual ela nunca teve um relacionamento sexual com nenhum homem; era virgem. Vale citar que Maria não está duvidando sobre o ato da revelação de Deus como o fez Zacarias. Mas é o ato da concepção que Maria não compreende. E Deus lhe permite perguntar ao anjo como seria isso realizado.

Versículo 1.35. “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus”. Este versículo é a resposta satisfatória do anjo à pergunta de Maria. Como é um versículo de extrema importância para a teologia da encarnação da segunda pessoa da Trindade e, além disso, onde se baseiam grandes equívocos tais como o culto a Maria e, talvez, o maior de todos: a teologia de Leonardo Boff em relação a esse tema, a qual afirma a união hipostática de Maria com o Espírito Santo.¹⁷ Portanto, pela importância deste versículo na teologia cristã, tentarei fazer uma exposição exegética mais ampliada do mesmo.

No grego, para Lucas 1.35^a, tem-se: “pneuma agion *epeleusetai* epi se, kai divamis ufistou *episkiásei* soi dió kai”. A exegese deste versículo é composta por três elementos essenciais, a saber: *epérchesthai?*, *episkiásei*, *dió kai*.

O Espírito Santo “virá sobre” a virgem Maria.

O primeiro elemento *epérchesthai* indica “uma ação futura iminente”¹⁸, cujo significado é “vir sobre”, dando uma idéia de “vindo do alto, descendo sobre” Maria. É um verbo que denota uma ação *não-material*.¹⁹ Faz eco diretamente com Atos 1.8, onde nosso Senhor diz:

¹⁷ Na visão de Leonardo Boff, o Espírito Santo se uniu hipostaticamente a Maria, elevando-a a altura da deidade no momento da concepção de Jesus. Para uma compreensão dos argumentos equivocados de BOFF, sugiro ver suas obras: BOFF, L. *A Ave Maria, o feminino e o Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1979 e *O Rosto Materno de Deus - ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis, Vozes, 1979.

¹⁸ TAYLOR, W.C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Ed. Batista Regular, 2000, p.81.

¹⁹ TOLBERT, M. O. *Comentário Bíblico Broadman – o Evangelho de Lucas*. Rio de Janeiro, JUERP, 1983. p.38.

“recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas...”²⁰ Aparece dez vezes no Novo Testamento: sendo quatro em Lucas, quatro em Atos, uma em Efésios e outra em Tiago.²¹ Em todas, indica uma ação do Espírito Santo capacitando as pessoas para uma missão. No caso de Maria, é o único relato do Espírito descendo sobre uma mulher. Childers faz uma interessante observação quando diz que a resposta do anjo indicou o agente da ação, mesmo não esclarecendo o mistério.²² O Espírito Santo veio sobre Maria para levar a cabo a obra da encarnação do Filho de Deus.

Quando o Espírito “vem” sobre uma pessoa, ele “veste” a vida de tal pessoa. Ele a capacita, adequando-a a seus próprios propósitos sem a necessidade de mudar ontologicamente este ser humano. “Ao equipar uma pessoa com um padrão divino, há muito estabelecido, enfatizando a atividade monergística de Deus na história da redenção, o Espírito pode fazer com que uma mulher estéril se torne frutífera (Gn 17.15-19; 18.9-14; Jz 13.1-24; 1Sm 1.1-20; Is 32.15)”²³ Na história de Jesus encontra-se a ilustração máxima deste princípio. Quando o Espírito chega para marcar uma nova aurora da era messiânica, não é apenas uma mulher estéril que se torna frutífera, mas é uma virgem que é agraciada com um filho (Is 7.14; Mt 1.23). Entende-se, então, por que Morris, de forma impetuosa, garante que “esta expressão delicada *exclui* idéias grosseiras de uma união hipostática entre o Espírito Santo e Maria”²⁴.

A afirmativa de Boff – o Espírito Santo repousa sobre Maria e não sobre Jesus, a partir do verbo *epérchesthai* (vir sobre) – é, no mínimo precipitada, porque vai além do seu verdadeiro sentido. O tempo verbal indica uma ação futura, que é perfeitamente compreensível, pois se relacionava a Jesus, que estava por vir. A partir da concepção, a plenitude da divindade passou a repousar sobre o embrião e não sobre Maria, “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9).

²⁰ GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other*. Chicago: Early Christian Literature, 1979, p. 79.

²¹ PACKER, G. G. *Lexico-Concordância del Nuevo Testamento Griego y Espanol*. Texas: Editorial Mundo Hispano, 1989, p. 340.

²² CHILDERS, Charles L. *Comentário Bíblico Beacon*.

Missouri: Casa Nazarena de Pulicaciones, 1985. Tomo VI. P. 444.

²³ FERGURSON, Sinclair B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Puritanos, 2000, p. 47.

²⁴ MORRIS, L.L., *Lucas – Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1990, p. 71.

“A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente”.²⁵

O poder do Altíssimo “envolverá” Maria. O termo *episkiásei* significa “sombrear, cobrir”²⁶. “Embora em Lucas 1.35 falte a figura real da nuvem que lança sua sombra, há uma referência mais abstrata, porém mais direta, ao sujeito divino de *episkiázo*, “envolver na sombra”, quando Maria é informada”²⁷. O verbo relembra a presença de Yahweh na *shekináh* que a compara com as palavras de Rute: “estende a tua asa sobre a tua serva” (Rt 3.9).²⁸ “O termo nunca é usado na Bíblia com referência à relação sexual”²⁹ como o faz querer Boff em sua obra *Ave Maria*.³⁰

Este verbo é usado cinco vezes no NT. Três delas se referem à nuvem *coabrindo* os discípulos no alto do monte da transfiguração. Outra faz alusão à sombra de Pedro, que *coabria* os doentes, e estes ficavam sarados. E a última é o texto em foco que, no máximo, é uma sugestão da nuvem da glória do Senhor, a *shekináh*, que viria sobre Maria. Uma figura do poder de Deus que operaria o milagre da geração do Messias em seu ventre.

Ferguson vê nessa terminologia duas conexões: uma com a obra da criação e outro com o Êxodo. A primeira é uma obra divina da nova criação com o Espírito operando (não *exnihilo*) em matérias já existentes (humanidade de Maria) a fim de produzir o segundo homem e, por meio dele, restaurar a verdadeira ordem. Segundo, é o início da obra da redenção, o novo *êxodus*. O Espírito pairava sobre o Filho legítimo de Deus durante as suas tentações no deserto e ao longo de toda a sua vida e ministério (Lc 4.1; 22.28).³¹

²⁵ Confissão de Fé Batista de 1689, Cap. 1, seção 9 ver ainda as seções 7 e 10.

²⁶ GINGRICHN, F. Wilsbur. Op. cit. p. 83 e também TAYLOR, W.C. op. cit. p. 85 confirmam o mesmo significado.

²⁷ COENEN, Lothar e BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2428.

²⁸ DAUBE, D. *The New Testament and Rabbinic Judaism*. New York, Grand Rapid, 1956, p. 32-36.

²⁹ Barrett in *Comentário Bíblico Broadman* p. 38.

³⁰ BOFF, L. *Ave Maria, o feminino e o Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 23.

³¹ FERGURSON, S. B. *O Espírito Santo*. São Paulo, Ed. Puritanos, 2000, p. 49.

A terminologia paulina mostra que o Espírito de Deus é ativo em trazer à existência uma nova criação, um segundo Adão (Rm 4.12-21; 1Co 15.7), em quem se corporificará o novo Israel. Tolbert chega mesmo a dizer que o que acontece é criação, em vez de concepção, como geralmente se entende.³²

E “*por isso*”. Separadamente, *dio* é uma conjunção inferencial (dio é igual a di + o) que significa “*portanto, por isso, por esta razão*”³³. E *kai* significa “*também, outrossim, de fato*”³⁴.

A expressão *dio kai* aparece 11 vezes no NT e, em todas, a idéia é simplesmente de “*por esta razão também, portanto, por isso*”³⁵, indicando uma inferência auto-evidente. Thayer acrescenta que a conjunção “*kai*” dá “*uma idéia resultante de*”.³⁶ As duas conjunções, na realidade, são uma forma de evidenciar enfaticamente que Jesus seria santo por causa do poder do Altíssimo. Traduzindo literalmente seria: *por esta razão, de fato*. A relação é entre Jesus e o Altíssimo, e não entre Jesus e Maria. Portanto, não é a natureza divina que se une à humana de Cristo, pois desta forma as três pessoas divinas se tornariam encarnadas. Mas é a segunda pessoa da Trindade, e somente ela faz sua humanidade em Jesus. Mathew Henry chega a dizer que esse é o mesmo mistério da Trindade em ordem inversa: “na Santíssima Trindade três pessoas têm em comum uma só natureza; em Jesus, duas naturezas subsistem numa só pessoa, o Filho de Deus”.³⁷

Será chamado Filho de Deus. Esta parte do versículo não faz referência à eterna filiação de Cristo, à sua preexistência, porém ao milagre da encarnação, uma vez que Deus tomou o lugar de um pai terreno. Berkhof atribui um sentido natalício nesta expressão. Ele afirma que Jesus recebe o nome “Filho de Deus” pelo fato de seu nascimento ser consequência da paternidade de Deus. “De acordo com a sua natureza humana, ele foi gerado pela operação sobrenatural do Espírito Santo e, nesse sentido, é o Filho de Deus”.³⁸

³² TOLBERT, O.M. *Comentário Bíblico Broadman*, p. 38.

³³ GINGRICHN F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other*. p. 57.

³⁴ TAYLOR, W.C. *Dicionário do NT Grego*. p.106.

³⁵ São unânimes no mesmo significado: F. Wilbur Gingrich op. cit. p. 52; W.C. Taylor op. cit., p. 53,106.

e também Jay P. Green. *The Interlinear Bible*. p. 786.

³⁶ Thayer in W.C. Taylor. *Dicionário do N.T. Grego*. Op. cit. p. 106

³⁷ Matthew Henry. *Comentário Bíblico*. Op. cit., p. 1262.

³⁸ BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1990, p. 93.

O Espírito Santo, como agente do Pai, toma o lugar de esposo de uma forma inexplicável.³⁹ A resposta do anjo mostra que a onipotência de Deus é ilimitada. Ele ativou o poder de procriação da mulher, mesmo em sua mais completa pureza. Além de agente nesse grande mistério da encarnação, o Pneuma santificou a natureza humana de Cristo logo no início e assim a manteve livre da corrupção do pecado.⁴⁰ Deve-se observar, porém, que a influência santificante do Espírito Santo teve continuidade por toda a vida terrena de Jesus (Jo 3.34; Hb 9.14). Estas razões, entre outras, tornam evidente que a proeminência e a grandeza da afirmação do anjo em Lucas 1.35 são dadas ao Espírito Santo: “O Espírito Santo virá sobre ti... por esta razão, de fato,⁴¹ o santo que nascer, será chamado Filho de Deus...”⁴² Lucas, fazendo uso de uma expressão do Antigo Testamento, enfatiza a continuidade do ministério do Espírito Santo, agora atuando na encarnação.⁴³ Jesus seria chamado Filho de Deus da mesma maneira que um filho é chamado filho de seu pai.⁴⁴

Dagg, analisando aspectos ontológicos e epistemológicos sobre a terminologia “Filho de Deus”, faz a seguinte reflexão:

A concepção pelo Espírito Santo não produziu uma natureza intermediária entre a divina e a humana, como os semideuses dos pagãos supostamente possuíam. Neste caso, Cristo como Filho de Deus teria sido Filho do Espírito Santo, e não do Pai. Antes, o Espírito Santo foi o agente na preparação do corpo pelo qual o sacrifício pelos nossos pecados devia ser feito, e tal era a união entre esse corpo e a divindade, que o nome “Filho de Deus” pertencia a inteira pessoa de Jesus, desse modo constituída ⁴⁵ [sic].

A fim de fortalecer a fé e o ânimo de Maria, o anjo lhe revela que sua parenta Isabel, ainda que estéril e avançada em idade, “concebeu um filho em sua velhice...” (v. 36). Começa aqui uma época de feitos sobrenaturais: “e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril”. Para finalizar, o anjo conclui

³⁹ CHILDERS, C. L. *Comentário Bíblico Beacon*. Missouri: Casa Nazarena de Publicaciones, 1985, p. 444.

⁴⁰ Louis Berkhof. Op. cit. p. 336.

⁴¹ Usei no versículo a melhor tradução para expressão “dia kai”.

⁴² RYLE, J.C. *Comentário Expositivo do Evangelho de Lucas*, p. 19.

⁴³ Ver 1 Samuel 10.6,10 e 16.13.

⁴⁴ Charles L. Childers. Op. cit p. 444.

⁴⁵ DAGG, John L. *Manual de Teologia*. São Paulo, Ed. Fiel, 1989. p. 149

estabelecendo o princípio geral de que sua mensagem adquire certeza absoluta: “Porque para Deus nada é impossível” (v. 37). De fato, nenhuma Palavra de Deus é inacreditável já que não existe o impossível para ele.

Maria prontamente recebe e aceita a vontade de Deus para sua vida: “Eis aqui a serva (escrava) do senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra...” (v. 38). Uma pessoa com esperança no favor divino não apenas se contenta de que assim seja, mas deseja humildemente, que assim se realize. Da mesma forma com o fez Maria, devemos nós guiar-nos pela Palavra de Deus, alicerçando as nossas esperanças sobre a mesma. Ao cumprir sua missão, o anjo regressa a Deus em cuja presença assistia continuamente (v. 19).

1.4 - Versículos 39 a 45 – Maria visita Isabel

A visita de Maria a Isabel era perfeitamente natural, porque Deus havia visitado a mulher de Zacarias. O anjo tinha anunciado à Maria a bênção recebida por Isabel. Maria interessava-se pelas coisas de Deus, especialmente em relação à graça que havia recebido.

Da mesma maneira, Isabel, guiada pelo Espírito Santo, reconhece a glória que a liga a Maria em virtude do favor de Deus, que a tinha eleito para ser a mãe do Salvador. Sob a influência dessa mesma inspiração, reconhece fé piedosa de Maria relatando-lhe o cumprimento da promessa que Deus lhe fez. Toda a cena mostra algo grandioso acontecendo. Note que esses acontecimentos conferem a Jesus um testemunho de que ele é o Messias prometido por Deus.

O coração de Maria se derrama em ações de graça. Ela reconhece a ação de Deus como seu Salvador na graça, o que a faz transbordar de alegria. Maria tem plena consciência de que foi agraciada por Deus. Para ela, o Eterno é tudo. Ele realmente ocupa o primeiro lugar em sua vida, como deveria ser na vida de todos os que foram objetos da graça de Deus, os salvos. O caráter e a aplicação dos pensamentos que enchem o coração de Maria são inteiramente judaicos. Pode-se comparar o cântico de Maria ao de Ana em 1 Samuel 2, que celebra profeticamente essa mesma intervenção divina.

Um fato digno de nota: Lucas não escreve que Maria fosse cheia do Espírito Santo (mesmo que fosse por um determinado período de tempo). A meu ver, essa realidade é uma honrosa distinção para ela. O Espírito Santo visitara Isabel e Zacarias de modo excepcional. Mas, embora não se possa duvidar de que Maria estivesse sob a influência do Espírito de Deus, sua

resposta demonstrava um efeito mais profundo da atuação do Espírito Santo. Enquanto a visitação do Espírito Santo a Zacarias e Isabel dava-se em um intervalo de tempo, portanto, temporária como acontecia aos profetas do Primeiro Testamento. Em Maria era mais profundo porque ela carregava o Santo de Deus. Talvez se possa dizer que Maria, por carregar Jesus em seu ventre, fosse também o templo do Espírito Santo. De forma que o Espírito estava com ela e também nela, da mesma maneira que acontece com todos os salvos pós-pentecostes. Nessa perspectiva, foi a primeira “cristã” da nova dispensação do Novo Testamento.

A atuação do Espírito Santo em Maria ligava-se intimamente à sua própria fé, à sua devoção e às suas habituais relações com Deus, formadas por essa fé e essa devoção. Por conseguinte, Maria exprime-se em termos que eram a voz de todo o seu ser, de forma espontânea, alegre e muito feliz. Ela é muito grata ao Santíssimo Deus por sua bondade para com ela, por Deus ter-lhe agraciado de uma maneira muito especial, de forma que nunca houve e nem haverá outra pessoa com tamanha honra sobre a terra – ser a mãe do Salvador.

A humilde Maria, pobre financeiramente, agora é grande enquanto não é nada aos olhos dos homens. Mas sendo agraciada por Deus de uma maneira sem par, todas as gerações a chamarão bem-aventurada. Em seu cântico, sua devoção a Deus é o que exprime sua felicidade mas, também, é muito mais a sua resposta a Deus do que uma revelação do próprio Deus.

Maria limita-se ao que para ela deveria ser a esfera de sua devoção: Israel, suas esperanças e as promessas de Deus. Como se pode ver, Maria alcança o grau mais elevado concernente às relações de Deus com Israel, mas dali não passa.

Ela permanece, ainda, três meses com Isabel e depois retorna para seguir humildemente o seu próprio caminho, a fim de que os desígnios de Deus se cumpram em sua vida.

1.5 - Versículos 46 a 56 - O cântico de Maria

O cântico de Maria também pode ser chamado de “o salmo de Maria”. Esse cântico é tradicionalmente chamado de “magnificat” (nome que veio do latim). O salmo de Maria é rico em material do Primeiro Testamento, e tudo leva a crer que tenha recebido forte influência do hino entoado por

Ana, mãe do profeta Samuel, depois do nascimento do filho (1Sm 2.1-10).

As expressões utilizadas por Maria demonstram que Deus ocupava o centro de sua vida. Isso fica patente nas seguintes afirmações:

1) “*A minha alma engrandece ao Senhor*” (v. 46). Maria reverencia o Eterno. Note-se que quanto maior é a graça (o favor) do Senhor ao ser humano, tanto maior devem ser a honra e o louvor a ele tributados.

2) “*O meu espírito* exulta em Deus meu Salvador*” (v. 47). Aqui se pode observar que Maria recebe com grande alegria a salvação do Senhor. É possível que ela esteja fazendo referência ao Messias, de quem ela seria mãe. Ela o chama de Deus e Salvador porque o anjo lhe havia dito que seria Filho do Altíssimo.

Maria expõe os motivos que a levam tributar louvores a Deus. Em primeiro lugar, pelo que Deus fez em sua vida (v. 48,49). Sua alma e seu espírito (paralelismo de sinonímia) se alegram em Deus “porque atentou na condição humilde de sua serva” (v. 48).

Deus tem grande reserva de misericórdia (Lm 3.22,23), mas isso nunca havia sido demonstrado de forma tão especial como quando enviou seu Filho ao mundo para salvar os seres humanos (Tt 2.11-14; 3.4-7): “e a sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem” (v. 50).

Maria, em seu cântico, faz uma menção especial a Israel (v. 54,55). Havia uma forte esperança de que o Messias seria a força e a glória do povo de Israel, e assim o foi: “auxiliou a Israel seu servo” (v. 54). Infelizmente, só uns poucos aceitaram e receberam ajuda do Messias. A vinda do Ungido de Deus foi a maior misericórdia que o Eterno ofereceu a seu povo como cumprimento de sua promessa (v. 55).

Finalmente Maria regressou a Nazaré, local onde morava depois de ficar três meses com sua prima Isabel.

1.6 - Versículos 57 a 80 – O nascimento de João Batista

O que era conhecido em segredo por Maria e Isabel, por meio da devoção a Deus, agora precisa ser revelado ao mundo. O filho de Zacarias

e de Isabel é nascido. Seu pai, pela palavra do anjo deixa de ser mudo assim que o nome de João é anunciado e confirmado (v. 64).

As pessoas presentes se enchem de temor a Deus.⁴⁶ Uma reverência em face dos atos maravilhosos de Deus. É importante notar que as pessoas não se sentem chocadas, mas demonstram sua percepção de estarem compreendendo o significado profundo daquela realidade vivida pelo casal Isabel e Zacarias.

O cântico de Zacarias, da mesma maneira que o de Maria, apresenta uma cosmovisão de temas hebraicos de grande louvor e gratidão a Deus. Lucas descreve o salmo de Zacarias como profecia sob a inspiração do Espírito Santo. Nessa perspectiva, no sentido bíblico fundamental, a profecia não significa principalmente um presságio do futuro como no linguajar moderno, *mas uma proclamação divinamente iluminada dos acontecimentos presentes*, de forma que o entendimento do ouvinte seja pleno e total.

Zacarias vê no nascimento de João o cumprimento das promessas de Deus feitas a Davi (2Sm 7.8-16) e a chegada da salvação definitiva para todo povo de Israel. No final do cântico de Zacarias, a salvação é entendida como de modo mais profundo, como sendo a libertação do pecado.

Lucas termina seu relato do nascimento de João de uma maneira que mantém a atenção de seus leitores em um episódio de cada vez, embora vários eventos estejam conectados ao mesmo tempo. Observe: no versículo 80 ele mostra João passando da infância para a juventude indo até a fase adulta, quando assume seu lugar no deserto. João só volta à cena no capítulo 3.1-3, trinta anos depois.

⁴⁶ Há de se fazer a distinção entre “temor” e “terror”. Temor é um sentimento de reverência e de respeito. Terror é um estado de pavor e de grande medo.

Capítulo 2

Versículos 1 a 52

2.1 - Versículos 1 a 7 – O nascimento de Jesus

Jesus nasceu nos tempos de César Augusto. Uma época em que o império romano havia se expandido como nunca. Era um tempo em que toda Judéia era colônia de Roma. Jerusalém havia sido tomada por Pompeu uns 60 anos antes.

Nesse tempo o império romano gozava de uma paz universal. Era o tempo mais que apropriado para nascer o príncipe da paz (Is 9.6). Jesus nasceu na cidade de Belém (v. 4), conforme estava profetizado em Miquéias 5.2. Os escribas entendiam bem essa profecia (Mt 2.5,6). Belém significa “casa de pão”, o lugar ideal para nascer o pão vivo do céu (Jo 6.51).

A ordem do imperador fez com que José e Maria fossem desde a distante Nazaré até Belém. O que prova que todas as coisas

1 E ACONTECEU naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse.

2 (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio presidente da Síria.)

3 E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.

4 E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi),

5 A fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida.

6 E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.

7 E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Os pastores de Belém

8 Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

9 E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

10 E o anjo lhes disse: Não temais porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo;
11 Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador que é Cristo, o Senhor.
12 E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.

13 E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

14 Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.

15 E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos pois até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber.

16 E foram apressadamente, e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura.

17 E, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita;

18 E todos os que o ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam.

19 Mas Maria guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração.

20 E voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes havia sido dito.

A circuncisão e apresentação de Jesus

21 E, quando os oito dias foram cumpridos, para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto antes de ser concebido.

22 E, cumprindo-se os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor.

23 (Segundo o que está escrito na lei do Senhor: Todo o macho primogênito será consagrado ao Senhor).

24 E para darem a oferta segundo o disposto na lei do Senhor: um par de rolas ou dois pombinhos.

Simeão e Ana

25 Havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão, e este ho-

estão debaixo da soberania de Deus. A ida a Belém para alistar-se mostra que Jesus, também, estava debaixo da lei (Gl 4.4) nessa ocasião. Em vez dos reis lhe pagarem tributo, foi tributário do imperador.

Seu nascimento condiz com o seu estado de humilhação (Fp 2.6,7). O Filho de Deus foi o mais humilde de todos os homens. Que grande exemplo para ser seguido por todos cristãos, especialmente pela liderança! Apesar de ser proprietário legal de todas as coisas, nasceu numa família pobre, tendo uma vida sem apego às coisas materiais. Em seu nascimento passou pelas humilhações comuns a todas as famílias pobres. Sua *“mãe o envolveu em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem”* (v. 7).

2.2 - Versículos 8 a 20 – Os anjos e os pastores

O nascimento humilde do Messias é anunciado primeiro aos simples. Os pastores eram desconsiderados por serem pobres e simples. Mas eles estão prontos para receberem a mensagem das *“novas de grande alegria”*. A aparição do anjo resplandece no céu (Dt 33.2). No início há temor, mas logo vem a tranquilidade que só santíssimo Deus pode transmitir como na anunciação a Maria.

Foi por meio desses humildes pastores que a mensagem de salvação chega ao povo judeu. Mas tarde, os títulos Cristo, Senhor e Salvador serão o tema da igreja primitiva conforme descreve Atos 2.36.

mem era justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele.

26 E fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor.

27 E pelo Espírito foi ao templo, e, quando os pais trouxeram o menino Jesus, para com ele procederem segundo o uso da lei.

28 Ele então o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse:

29 Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra.

30 Pois já os meus olhos viram a tua salvação,

31 A qual tu preparaste perante a face de todos os povos;

32 Luz para alumiar as nações, e para glória de teu povo Israel.

33 E José, e sua mãe, se maravilharam das coisas que dele se diziam.

34 E Simeão os abençoou, e disse a Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado,

35 (E uma espada traspassará também a tua própria alma), para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

36 E estava ali a profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Esta era já avançada em idade, e tinha vivido com o marido sete anos, desde a sua virgindade;

37 E era viúva, de quase oitenta e quatro anos, e não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia.

38 E sobreindo na mesma hora, ela dava graças a Deus, e falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém.

O menino Jesus no meio dos doutores

39 E, quando acabaram de cumprir tudo segundo a lei do Senhor, voltaram a Galiléia, para a sua cidade de Nazaré.

40 E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.

41 Ora, todos os anos iam seus pais a Jerusalém, à festa da páscoa.

Naquela época, o imperador Augusto era respeitado por ter estabelecido a paz em todo o império em 29 a.C., depois de quase um século de luta. Aqui os anjos anunciam a paz como dádiva do favor de Deus, a paz que virá por meio de Jesus, mediante o seu evangelho. Não a *“paz”* obtida pela força bélica.

Os pastores seguem para Belém respondendo à boa-nova de salvação. Ao chegarem, relatam os miraculosos acontecimentos. Todos ficam admirados. Mais tarde essa admiração e espanto acompanharão a obra ministerial de Jesus e dos primeiros pregadores do evangelho (Lc 5.26; 8.56; At 8.13). Os que ouvem os pastores respondem glorificando a Deus. Maria, fiel receptora da Palavra de Deus, guarda em seu coração as palavras e ações de Deus.

2.3 - Versículos 21 a 24 – A circuncisão e apresentação de Jesus

Jesus nasceu debaixo da lei (Gl 4.4). Por ser filho de Abraão, por descendência, estava debaixo da lei de Moisés. Jesus se submeteu à lei: No dia prescrito pela lei ele foi circuncidado (v. 21). Ainda que fosse uma intervenção dolorosa, Jesus se submeteu à circuncisão. Tão novo e já começou a derramar seu precioso sangue.

Transcorrido o tempo especificado na lei judaica Jesus é apresentado no templo, isto é, aos 40 dias de nascido (o versículo 42 deve ser comparado a Levítico 12.2-6). Todo homem primogênito será considerado

42 E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa.

43 E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o souberam seus pais.

44 Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de um dia, e procuravam-no entre os parentes e conhecidos;

45 E, como o não encontrassem, voltaram a Jerusalém em busca dele.

46 E aconteceu que, passados três dias o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os.

47 E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas.

48 E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos,

49 E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?

50 E eles não compreenderam as palavras que lhes dizia.

51 E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas.

52 E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.

santo (separado, consagrado) ao Senhor (Ex 13.2; Nm 18.15). Jesus foi o verdadeiro santo como nenhum outro o foi.

Cumprindo a lei judaica, Maria apresentou a oferta como prescrevia a lei (v. 24). Se José e Maria tivessem posição econômica melhor teriam apresentado um cordeiro de um ano para holocausto (Lv 12.6). Portanto, Jesus, ao nascer debaixo da lei, a cumpriu por completo (Mt 3.15).

2.4 - Versículos 25 a 40 – Simeão, Ana e a infância de Jesus

O piedoso Simeão faz um honroso testemunho sobre Jesus. Simeão era justo diante de Deus (v. 25). Ele aguardava pela consolação de Israel, isto é, a vinda do Messias prometido.

Lucas relata que o Espírito Santo estava sobre ele, como Espírito de santidade e como Espírito de profecia. Simeão havia recebido uma preciosa promessa. Não morreria antes de ver o Ungido de Deus. Os que adquirem pela fé a visão de Cristo são os únicos a não terem o terror da morte, pois anelam partir e estar com Cristo porque isso é ainda muito melhor (Fp 1.23).

Simeão e Ana são judeus humildes e fiéis que esperavam no templo a revelação da salvação divina. Simeão profetiza que Jesus trará e será a luz para revelação aos gentios. Ao abençoar os pais de Jesus, ele adverte que a criança será um sinal contestado pelos judeus, levantará alguns e derribará outros. Alerta ainda que uma espada transpassará a alma de Maria. Os pronunciamentos de Simeão sugerem que, em Jesus, a salvação alcançará todos os povos. Ao mesmo tempo as dores da cruz atingirão a família de Jesus.

Os versículos 39-40 dão um breve informe sobre a infância de Jesus. Ele passou sua infância na Galiléia, mais precisamente em Nazaré após regressarem do Egito. Teve uma infância como os demais meninos de sua época. Crescia em estatura e fortalecia o seu corpo (v. 40). Contudo, era forte no entendimento pela obra do Espírito Santo. Era, em tudo, santo porque “a graça de Deus estava sobre ele” (v. 40b).

2.5 - Versículos 41 a 52 – O menino Jesus no meio dos doutores

Jesus sobe a Jerusalém com os seus pais para a festa da páscoa (v. 41,42). Esse era o costume a cada ano, conforme a lei do Senhor. Esse exemplo nos ensina a sermos assíduos nas ordenanças divinas. O jovem Jesus, quando fez doze anos, subiu com seus pais a Jerusalém.

Porém, Jesus permanece em Jerusalém sem que seus pais se dessem conta (v. 43). Ao regressarem, notam que Jesus havia ficado na cidade. Passado o intervalo de três dias, eles o encontraram no templo, sentado no meio dos mestres. Todos se admiravam da sua inteligência e de suas respostas. Seus pais o indagam: “Filho, porque procedeste assim para conosco?” Jesus era um filho obediente aos pais, por isso eles, de início, não entendem a atitude de Jesus. Ao que ele lhes responde: “porque me procuráveis? Não sabeis que eu devia estar na casa de meu Pai?” (v. 49). Maria e José não compreenderam a resposta de Jesus (v. 50). O que não deveria acontecer uma vez que, na concepção de Maria, José e Maria receberam a revelação angelical de quem seria Jesus.

É digno de nota salientar que Jesus era um filho obediente aos seus pais (v. 51). E que Maria guardava todos esses acontecimentos em seu coração (v. 51); ela foi verdadeiramente a primeira cristã. Mas Jesus continua crescendo em estatura e em graça diante de Deus e dos homens.

Capítulo 3

Versículos 1 a 38

1 E NO ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos presidente da Judéia, e Herodes tetrarca da Galiléia, e seu irmão Filipe tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene,

2 Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias.

3 E percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados,

4 Segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas.

5 Todo o vale se encherá, e se abaixará todo o monte e outeiro; e o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos escabrosos se aplanarão;

6 E toda a carne verá a salvação de Deus.

7 Dizia pois João à multidão que saía para ser batizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?

8 Produzi pois frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão.

3.1 - Versículos 1 a 20 – A pregação de João, o Batista

Lucas começa sua descrição identificando a data e os governantes políticos e religiosos daquele período. Ele o faz relacionando a data ao império romano. O décimo quinto ano do reinado de Tibério César e, também, os governadores que eram responsáveis pela Palestina daquela época. Pilatos era responsável pela Judéia, Herodes tetrarca¹ governava a Galiléia e seu irmão Filipe, tetrarca da região da Ituréia e de Traconites, e Lisânias, tetrarca da Abilene. A área religiosa era comandada pelos sumos sacerdotes Anás e Caifás.

¹ Tetrarca: esse título significava governador da quarta parte. As províncias como Galácia e Tesália, no início do império romano estavam divididas em quatro zonas ou áreas. Chamava-se tetrarca o governador de uma das partes. Mais tarde o termo generalizou-se significando o governador de uma área qualquer.

9 E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo.

10 E a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos pois?

11 E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos faça da mesma maneira.

12 E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer?

13 E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado.

14 E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo.

15 E, estando o povo em expectativa, e pensando todos de João, em seus corações, se porventura seria o Cristo,

16 Respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

17 Ele tem a pá na sua mão; e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.

18 E assim admoestando-os, muitas outras coisas também anunciava ao povo.

19 Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe, e por todas as maldades que Herodes tinha feito,

20 Acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere.

O batismo de Jesus

Mar. 3.13-17. João 1.32

21 E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu,

22 E o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba;

Foi nesse tempo que veio a palavra do Senhor a João Batista, o filho de Zacarias. A palavra de que João Batista recebeu diz respeito ao arrependimento para remissão dos pecados. Lucas chama essa pregação de João de batismo do arrependimento. Ele ainda faz questão de mostrar que a pregação de João era o cumprimento da profecia de Isaías descrita em Isaías 40.3-6, cuja principal ênfase e voz do que clama no deserto preparei o caminho do Senhor... E toda carne verá a salvação do Senhor.

João começa sua pregação no versículo 7 de uma maneira forte: “*raça de víboras*”. Imediatamente ele já faz a conexão com o juízo divino que viria sobre seus ouvintes que não se arrependessem: “*quem vos ensinou a fugir da ira vindoura*” (v. 7). Para João o arrependimento deveria ser evidenciado por meio de frutos que o exteriorizassem.

Havia naquela época a idéia de que todos os judeus já nasciam com a sua salvação garantida, o que era uma espécie de inconsciente coletivo entre eles. João, conhecedor desse pensamento coletivo alerta-os, para o fato de que a salvação deles não era apenas uma questão de genética. Se assim o fosse Deus poderia suscitar filhos de Abraão até das pedras (v. 8). A salvação sempre foi uma questão pessoal e não coletiva.

No versículo 9, João enfatiza mais uma vez a juízo de Deus. Usando a figura de linguagem do machado posto à raiz das árvores, ele diz: “toda árvore que não

e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és meu filho amado, em ti me tenho comprazido.

Genealogia de Jesus

23 E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava), filho de José, e José de Eli, 24 e Eli de Matate, e Matate de Levi, e Levi de Melqui, e Melqui de Janai, e Janai de José,

25 e José de Matatias, e Matatias de Amós, e Amós de Naum, e Naum de Esli, e Esli de Nagai,

26 e Nagai de Maate, e Maate de Matatias, e Matatias de Semei, e Semei de Joseque, e Joseque de Jodá,

27 e Jodá de Joanã, e Joanã de Resa, e Resa de Zorobabel, e Zorobabel de Salatiel, e Salatiel de Neri,

28 e Neri de Melqui, e Melqui de Adi, e Adi de Cosão, e Cosão de Elmodã, e Elmodã de Er,

29 e Er de Jesus, e Jesus de Eliézer, e Eliézer de Jorim, e Jorim de Matate e Matate, de Levi,

30 e Levi de Simeão, e Simeão de Judá, e Judá de José, e José de Jonã, e Jonã de Eliaquim,

31 e Eliaquim de Meleá, e Meleá de Mená, e Mená de Matatã, e Matatã de Natã, e Natã de Davi,

32 e Davi de Jessé, e Jessé de Jobede, e Jobede de Booz, e Booz de Salá, e Salá de Naassom,

33 e Naassom de Aminadabe, e Aminadabe de Admim, e Admim de Amí, e Amí de Esrom, e Esrom de Farés, e Farés de Judá,

34 e Judá de Jacó, e Jacó de Isaque, e Isaque de Abraão, e Abraão de Tará, e Tará de Naor,

35 e Naor de Seruque, e Seruque de Ragaú, e Ragaú de Faleque, e Faleque de Eber, e Eber de Salá,

36 e Salá de Cainã, e Cainã de Arfaxade, e Arfaxade de Sem, e Sem de Noé, e Noé de Lameque,

37 e Lameque de Matusalá, e Matusalá de Enoque, e Enoque de Jared, e Jared de Maleleel, e Maleleel de Cainã,

38 e Cainã de Enos, e Enos de Sete, e Sete de Adão, e Adão de Deus.

produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo” (v. 9). Note-se o uso do fogo para representar a punição às pessoas (árvores) que não produzissem bom fruto.²

Ao ouvirem a mensagem de João, seus ouvintes perguntam: “que faremos pois?” João responde instruindo-os sobre a maneira do viver segundo os preceitos de Deus. Para o relacionamento horizontal, ele destaca o amor ao próximo, representado pelo repartir do pão com aqueles que passam fome e necessidades básicas ao nosso lado, quando muitas vezes ficamos indiferentes (v. 11).

Segundo Lucas, o autor do Evangelho, os ouvintes de João eram de várias camadas sociais. Aos publicanos (cobradores de impostos) que chegavam para serem batizados, João os exorta a não cobrarem impostos além daquilo que havia sido estabelecido por Roma.³ Aos soldados, João alerta para o fato de que deveriam agir honestamente, sem extorquir ou receber propinas, nem fazerem denúncias falsas e precisavam se con-

² É interessante notar que João Batista usa sempre a figura do fogo para descrever o juízo divino, no sentido de castigo para as pessoas que rejeitassem a mensagem de Deus.

³ Os publicanos eram judeus coletores de impostos. Por serem judeus e trabalharem em favor de Roma, eram vistos pelo povo com uma certa antipatia e, também, porque muitos deles cobravam impostos além do valor prescrito pelo império romano. Se a cobrança de impostos para Roma já não os tornava muito simpáticos, imagine a antipatia popular para aqueles que, ilicitamente, se enriqueciam nessa função.

tentar com o soldo (salário) que recebiam.⁴ Vale acrescentar que João não exortava os seus ouvintes a abandonar seus trabalhos mas, sim, que cumprissem suas obrigações seculares da melhor maneira possível. Ao cobrador de impostos (publicano), João exortava que fosse um bom publicano; ao soldado, que fosse um bom soldado e, assim, sucessivamente. João estava convencido de que o nosso trabalho é local onde podemos melhor servir a Deus.

A convicção e autoridade com que João falava, levaram seus ouvintes a pensarem que ele fosse o Messias. Mas, o Batista sabedor desse comentário que se fazia entre o povo, tratou logo de corrigir tal equívoco: *“Eu, na verdade, vos batizo em água, mas vem aquele que é mais poderoso do que eu, de quem não sou digno de desatar a correia das alparcas; ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo”* (Lc 3.16).

O texto acima é muito importante para nossa teologia. Note-se que João está afirmando que Jesus batizaria no Espírito Santo e em fogo. A pergunta é: quem seria batizado no Espírito e quem seria no fogo? Os pentecostais afirmam que no passado os salvos são batizados nos dois, Espírito e fogo. Mas será que era isso mesmo que João estava falando? Conforme já descrito aqui anteriormente, João já alertara nos versículos 7 e 9 para um futuro juízo de Deus.

O contexto imediato dos versículos 16 e 17, João faz uso de outra figura de linguagem. Ele afirma que Jesus estaria com uma pá na mão para separar e recolher o trigo para o celeiro de Deus. Todavia, quanto à palha, essa seria queimada em fogo inextinguível. Vale lembrar que no Primeiro Testamento, era comum o uso do trigo para simbolizar o povo de Deus, e da palha para representar os incrédulos. Com esses indicativos, pode-se afirmar que João estava dizendo no versículo 16: Jesus viria para estabelecer a separação entre as duas classes de pessoas perante Deus, o salvo (o trigo) e o incrédulo (a palha). Portanto, o que João estava dizendo é que Jesus batizaria no Espírito Santo aqueles que cressem no evangelho e os recolheria ao celeiro de Deus, e também batizaria os incrédulos no fogo do juízo de Deus, e estes seriam queimados em fogo inextinguível.

⁴ Hoje, em meio a tantas promessas de prosperidades fácil, penso que atualmente deveria se enfatizar mais nas pregações a doutrina do contentamento.

Lucas conclui a narração afirmando que João ainda fez muitas outras exortações ao anunciar o evangelho ao povo, e finaliza esta narrativa falando sobre a prisão de João Batista, a mando de Herodes. Tal prisão se deu porque João reprovava veementemente o romance que Herodes mantinha com sua cunhada Herodias.

Sobre a prisão de João Batista, vale acrescentar:

1) João era tão arrojado em sua pregação que alcançou até o palácio de Herodes. João condenava veementemente o caso de Herodes Antipas com sua cunhada.

2) Segundo Josefo, Herodes Antipas encarcerou João temendo sua grande influência entre o povo, que lhe colocava em posição de liderar uma grande revolta popular.⁵

3) A relação de Herodes com Herodias era tremendamente repudiada pelos judeus. A razão de tal repúdio estava em Herodias ser ao mesmo tempo cunhada e sobrinha de Antipas. As relações dessa família eram muito confusas; observe-se: Herodias estava casada com o irmão de Antipas (por parte de pai) e também era sobrinha de Antipas, uma vez que seu pai era irmão de Antipas por parte de pai. Era uma relação totalmente contrária à lei judaica e a qualquer moral. Mas, por outro lado, era perigoso repreender um tirano oriental, no entanto, João o fez.

4) A conseqüência foi que Herodes Antipas mandou prender João nas masmorras de seu castelo. Finalmente, atendendo a um pedido de Herodias, Antipas decreta que João morra decapitado (Mt 14.5-12; Mc 6.17-29). Sempre é perigoso falar a verdade, mas mesmo que aquele que proclama a verdade seja preso, ou mesmo morto por causa da verdade, ao final será um vencedor. Porque *aos olhos de Deus a verdade será sempre verdade, afinal Deus é a Verdade.*

3.2 - Versículos 21 e 22 – O batismo de Jesus

Desde épocas mais remotas, a grande pergunta dos cristãos sempre foi: por que Jesus foi procurar João para ser batizado se o batismo de João era um sinal de arrependimento? O fato problemático é: Jesus não tinha do que se arrepender. Alguns sugerem que Jesus foi batizar-se com João a pedido de sua mãe.⁶ Mas esse entendimento carece de provas.

⁵ Josefo in BARCLAY W. *Comentário AL Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1994, p. 54.

⁶ BARCLAY W. *Comentário AL Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1994, p. 54.

João aparece pregando o arrependimento e grandes multidões o seguiam. Em todo o país havia um movimento em busca de Deus. E Jesus precisava identificar-se com aquele movimento popular. Não que Jesus se sentisse pecador ou necessitasse arrepender-se de alguma coisa. No entanto, para ele, o surgimento de João pregando às multidões era o chamamento de Deus para a ação, e seu primeiro ato foi identificar-se com as pessoas que buscavam Deus. Essa interpretação ganha mais força à medida que, no batismo de Jesus, Deus lhe confirma o seu chamado em uma experiência pessoal de Jesus com Deus. A voz de Deus – “*Tu és meu filho amado; em ti me comprazo*” – faz uma referência ao Rei e Messias do Salmo 2.7; e a segunda parte – “*me comprazo*” – a Isaías 2.1. Portanto, a ação de Deus no batismo de Jesus confirma ao próprio Jesus que ele era o Messias, o Rei Ungido por Deus ao mesmo tempo em que era também o Servo sofredor, cujo retrato foi profetizado por Isaías (Is 53).

3.3 - Versículos 23 a 38 – A genealogia de Jesus

Lucas, neste texto, fornece a genealogia de Jesus, e destaca o lado humano de Jesus. Vale citar que, enquanto a genealogia de Mateus pára em Abraão, Lucas vai até Adão. Para Mateus, Jesus pertencia ao povo judeu. Para Lucas, Jesus pertencia a toda humanidade. Isso mostra por que Lucas se reporta não apenas ao patriarca dos judeus, mas ao pai de toda raça humana. Nesse sentido, Lucas retira todas as barreiras raciais e nacionais em relação a Jesus.

Comparando com Mateus (1.1-17), a genealogia de Jesus apresenta uma grande diferença. Alguns sugerem que ambas as genealogias são apenas simbólicas. Outros dizem que o pai de José, aos olhos da lei, é Jacó, que era irmão de Eli. Na lei judaica quando um homem casado morria sem deixar filhos, seu irmão teria de casar-se com a viúva, se estivesse em condições de fazê-lo. Os filhos desse casamento eram considerados filhos do primeiro marido e também do segundo. Logo, segundo essa teoria, José era filho de Eli mas, também, era filho do falecido Jacó.

A terceira explicação é que Mateus, escrevendo aos judeus, traçou a genealogia de José, enquanto Lucas, escrevendo aos gentios, não se detém aos costumes judaicos e fornece a genealogia de Maria. Eu, particularmente, prefiro esta justificativa por ser mais simples e provável.

O ponto culminante da genealogia de Lucas é o destaque da humanidade e da linhagem real de Jesus. Ele foi um ser humano como todos nós e não um semideus da mitologia grega ou um fantasma fruto da imaginação humana.

Capítulo 4

Versículos 1 a 44

4.1 - Versículos 1 a 13 – A tentação de Jesus

Tudo leva a crer que esse relato só pode ter procedido dos próprios lábios do Mestre, o que aumenta a sua importância no contexto do Evangelho. Em segundo lugar, é muito provável que tenha sido nesse momento que Jesus tornou-se consciente de que possuía poderes especiais. Nessa perspectiva, não seria uma tentação para nós transformar pedras em pães ou pular do pináculo do templo, porque nós não podemos fazer tais coisas. Logo, essas tentações só fariam sentido para alguém que tivesse o poder de realizá-las.

Reconhecido como Filho de Deus na terra, Jesus, cheio do Espírito Santo, é conduzido ao deserto para sofrer a tentação do Diabo, a qual Adão havia sucumbido. Jesus foi tentado nas mesmas circunstâncias

1 E JESUS, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto;

2 E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e naqueles dias não comeu coisa alguma; e, terminados eles, teve fome.

3 E disse-lhe o diabo: Se tu és o Filho de Deus, dize a esta pedra que se transforme em pão.

4 E Jesus lhe respondeu, dizendo: Escrito está que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus.

5 E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo.

6 E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero;

7 Portanto, se tu me adorares, tudo será teu.

8 E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás.

9 Levou-o também a Jerusalém, e pô-lo sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo;

10 Porque está escrito: Mandará aos seus anjos, acerca de ti, que te guardem,

11 E que te sustentem nas mãos, para que nunca tropeces com o teu pé em alguma pedra.

12 E Jesus, respondendo, disse-lhe: Dito está: Não tentarás ao Senhor teu Deus.

13 E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo.

Jesus é expulso de Nazaré

14 Então, pela virtude do Espírito voltou Jesus para a Galiléia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor.

15 E ensinava nas suas sinagogas, e por todos era louvado.

16 E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler.

17 E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito:

18 O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração,

19 A apregoar liberdade aos cativos e dar vista aos cegos; a por em liberdade os oprimidos; e anunciar o ano aceitável do Senhor.

20 E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele.

21 Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos.

22 E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca, e diziam: Não é este o filho de José?

23 E ele lhes disse: Sem dúvida me direis este provérbio: Médico, curate a ti mesmo; faz também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum.

24 E disse: Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria.

25 Em verdade vos digo que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias, quando o céu se cerrou por três anos e seis meses, de sorte que em toda a terra houve grande fome;

26 E a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva.

27 E muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro.

em que nós nos encontramos,¹ e não naquelas em que se encontrava Adão.

Retirando a parte de que Jesus, não tinha pecado, ele sentia a tentação com toda a sua força – *“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”* (Hb 4.15).

Lucas relata a tentação numa espécie de ordem moral. Observe-se que, em primeiro lugar, ele descreve as necessidades do corpo; em segundo, as exigências do mundo e, finalmente, a sutileza espiritual. Contudo, em todas, Jesus mantém sua lealdade a Deus acima de tudo.

No combate à tentação, Jesus faz uso e reconhece o valor da Palavra de Deus. Esse é um simples princípio que nos coloca a nós, os salvos, ao abrigo do perigo. Trata-se apenas de obedecer à Palavra de Deus, de reconhecer a soberania de Deus e de sua Palavra sobre nossa vida. Neste sentido, é preciso fazer somente o que Deus quer que façamos. De fato, trata-se de depositar a absoluta confiança na fé em Deus e em sua Palavra. Por outro lado, é evidente que esse raciocínio supõe a existência da Palavra de Deus. Supõe, também, que possuímos essa Palavra para guiar a nossa vida, fazendo-nos conhecer a vontade de Deus. Nesta perspectiva, a Escritura Sagrada (a

¹Jesus foi tentado em todas as dificuldades da vida e da fé.

28 E todos, na sinagoga, ouvindo esta coisa, se encheram de ira.

29 E, levantando-se, o expulsaram da cidade, e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles estava edificada, para dali o precipitarem.

30 Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se.

31 E desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e os ensinava nos sábados.

32 E admiravam a sua doutrina porque a sua palavra era com autoridade.

Cura de um endemoninhado

Mar. 1.23-28

33 E estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um demônio imundo, e exclamou em alta voz,

34 Dizendo: Ah! que temos nós contigo, Jesus Nazareno? vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus.

35 E Jesus o repreendeu, dizendo: Calate, e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele sem lhe fazer mal.

36 E veio espanto sobre todos, e falavam entre si uns e outros, dizendo: Que palavra é esta, que até aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem?

A cura da sogra de Pedro

Mat. 8.14-17 e refs.

37 E a sua fama divulgava-se por todos os lugares, em redor daquela comarca.

38 Ora, levantando-se Jesus da sinagoga, entrou em casa de Simão; e a sogra de Simão estava enferma com muita febre, e rogaram-lhe por ela.

39 E, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou. E ela, levantando-se logo, servia-os.

40 E, ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, pondo as mãos sobre cada um deles, os curava.

41 E também de muitos saíam demônios, clamando e dizendo: Tu és o Cristo, o Filho de Deus. E ele, repreendendo-os, não os deixava falar, pois sabiam que ele era o Cristo.

42 E, sendo já dia, saiu, e foi para um lugar deserto; e a multidão o procurava,

Bíblia) é a expressão da vontade, do amor e da autoridade de Deus, aplicáveis à vida de todo ser humano, em todas as circunstâncias. Ela mostra que Deus se interessa por tudo que diz respeito ao ser humano.

No episódio da tentação, observa-se Jesus escolhendo o método pelo qual ele estava se propondo a ganhar os homens para Deus. Pode-se ver Jesus rejeitando o caminho do poder e da glória, e aceitando o caminho do sofrimento e da cruz. É oportuno lembrar que as tentações não se encerraram com esse episódio, *“retirou-se dele até ocasião oportuna”* (v. 13). Foi uma batalha que só terminou na cruz.

Uma análise das tentações que sofreu Jesus

A primeira tentação era converter pedras em pães. O deserto da Judéia é arenoso mas, também, tem muitas pedras. O tentador estava dizendo a Jesus: “se você quer que as pessoas te sigam, usa teus poderes para encher-lhes o estômago, transformando as pedras em pães”. Estava sugerindo a Jesus que subornasse as pessoas com bens materiais para segui-lo. Jesus refuta o ataque do inimigo com a Palavra de Deus registrada em Deuteronômio 8.3: “...o homem não vive só de pão, mas de tudo que sai da boca do Senhor...”

Na segunda tentação, Jesus é levado a um lugar alto de onde pode ver e imaginar todos os reinos de sua época, e o tentador lhe diz: *“Dar-te-ei toda autoridade e*

e chegou junto dele, e o detinham, para que não se ausentasse deles.

43 Ele, porém, lhes disse: Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do reino de Deus, porque para isso fui enviado.

44 E pregava nas sinagogas da Galiléia.

glória destes reinos... se tu me adorares” (v. 6,7). É como se dissesse: *tenho as pessoas destes reinos em minhas mãos e elas te seguirão se tu me adorares. Jesus o repreende com a Palavra de Deus: “ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás”* (Lc 4.8). Esta é uma palavra

descrita em Deuteronômio 6.13 e 10.20. Pode-se afirmar que esta é uma tentação presente em todas as gerações, a de tentar ganhar as pessoas fazendo-se um compromisso com os princípios do mundo.

Na terceira tentação, Jesus imagina-se que está no pináculo do templo onde se juntavam o pórtico de Salomão e o pórtico real. Daquele ponto até a parte baixo do Vale do Cedron havia uma queda de aproximadamente 140 metros. Essa era uma tentação fascinante: a de aparecer oferecendo às pessoas manifestações espetaculares de poder. O conhecimento dessa tentação é muito apropriado para os dias de hoje, onde o sensacionalismo religioso está muito em voga. Jesus, mais uma vez, responde com a Palavra de Deus em Deuteronômio 6.16: *“não tentarás o Senhor teu Deus”* (Lc 4.12). É como se Jesus estivesse dizendo: não se pode fazer experiências insensatas com o poder Deus.

Jesus tinha consciência de que, se desse aquele espetáculo, atrairia inicialmente muitas pessoas, mas ele sabia, também, que o sensacionalismo não dura muito e logo as pessoas iriam querer mais e mais num ciclo vicioso sem fim.

4.2 - Versículos 14 a 30 – Jesus é expulso de Nazaré

No Evangelho de Lucas, a ênfase é Jesus começando seu ministério na Galiléia,² que ficava na região norte da Palestina; tinha uma terra muito fértil, como muita água e um clima muito agradável. Também era a parte menos conservadora da Palestina.

Jesus começa na sinagoga. A sinagoga era o centro religioso de Israel. Vale lembrar que só havia um templo naquela época, mas a lei ia onde estava o povo. Qualquer lugar que tivesse mais de dez famílias judias

² Embora no versículo 23 faça referência à atuação poderosa de Jesus em Cafarnaum, esta também era uma cidade da Galiléia (Lc 4.31).

tinha de ter uma sinagoga. Nas sinagogas não se efetuavam sacrifícios, pois essa era uma prática religiosa que acontecia somente no templo. As sinagogas eram destinadas ao ensino. As reuniões se davam em três partes, a saber:

1) Na primeira parte se faziam as orações.

2) A segunda parte destinada a leituras das Escrituras Sagradas. Assim, sete homens da congregação liam o texto no hebraico antigo, que poucos conheciam na época. Os tradutores traduziam para o aramaico e grego, um versículo de cada vez, para o caso da lei, e de três em três no caso dos profetas.

3) A terceira parte era do ensino. Nas sinagogas não havia um ministério profissional do ensino ou da pregação. O dirigente convocava qualquer pessoa distinta que estivesse presente para falar. Assim, havia lugar para a participação dos presentes na exposição da Palavra. Foi dessa forma que Jesus, e os apóstolos mais tarde, tiveram oportunidades de falar nas sinagogas. O versículo 15 termina dizendo: *“e por todos era louvado”*. Esse foi um período do ministério de Jesus que ainda não havia oposição, e o povo estava sedento de ouvir a verdadeira Palavra de Deus.

Foi entregue a Jesus um rolo contendo o livro do profeta Isaías. Jesus, abrindo-o, leu: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar o ano aceitável do Senhor”* (Lc 4.18,19). Este texto é uma profecia de Isaías.

Jesus prossegue afirmando: *“hoje se cumpriu essa Escritura aos vossos ouvidos”* (v. 21). Quero destacar, em primeiro lugar, uma grande realidade da *“unção com o Espírito Santo”*. Observe que Jesus foi ungido com o Espírito Santo. Ele não foi batizado, mas foi ungido com Espírito. Há uma diferença entre ser batizado no Espírito Santo e ser ungido com o Espírito Santo.

O batismo no Espírito está diretamente ligado ao arrependimento e à salvação. A questão é que Jesus não tinha do que se arrepender, e não carecia de salvação, pois ele era e é a salvação. Mas Jesus precisava do poder do Espírito Santo para exercer o seu ministério. Sendo assim, Deus o ungiu com o Espírito Santo a fim de habilitá-lo para *“anunciar boas novas aos pobres... proclamar libertação aos cativos...”* capacitando-o para o ministério que ele teria de abraçar.

O uso da terminologia: “Senhor dá-me a unção com Espírito Santo” tem sido erroneamente usado nas igrejas. Visando ampliar os horizontes deste tema, tentarei deixar aqui minha contribuição fazendo uma explanação resumida sobre a unção no Novo Testamento.

Em primeiro lugar, a palavra *unção* vem do termo grego *chrisma*.³ Este substantivo aparece por apenas três vezes em todo o Novo Testamento, sempre na Primeira Epístola de João. O verbo “*chio*” significa “ungir com óleo” e ocorre cinco vezes no Novo Testamento (Lc 4.18; At 4.27; At 10.38; 2Co 1.21 e Hb 1.9); *chisma* era o óleo, ou a própria unção. No período do AT, os sacerdotes, os reis e profetas eram ungidos antes de assumirem os seus cargos (1Sm 16.13; Ex 40.13; Is 61.1).⁴ Dentre outros significados, essa unção simbolizava que o Espírito de Deus estaria sobre a pessoa. O texto de Isaías 61.1 apresenta o Messias como o *ho Chistós, O Ungido de Deus*. Já o adjetivo *christos* aparece mais de 500 vezes, de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.

A unção de Cristo (Hb 1.8,9; Sl 45.7; Lc 4.18; At 10.38)

A Epístola aos Hebreus 1.8,9, citando o Salmo 45.7, mostra que a unção de Jesus foi especial e a maior que poderia existir: “Mas do Filho diz: O teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos, e cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo da alegria, mais do que a teus companheiros” (Hb 1.8,9).

A esse respeito, o Evangelho de Lucas traz o seguinte relato de Jesus: “*o Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres...*” (Lc 4.18), no entanto, é o próprio Jesus quem afirma que esta profecia (de Isaías) se referia a ele: “*hoje se cumpriu esta Escritura aos vossos ouvidos*” (Lc 4.21). Mas, este texto não especifica o agente da unção e nem o ungidor.

Todavia, vale acrescentar que o próprio Lucas, em Atos 10.38, amplia os horizontes do nosso entendimento, fazendo-nos ver: o “ungidor” e o

³GINGRICH, F. W. e DANKER, F. W. *Léxico do NT Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 224.

⁴MACDOWEL, E. 1,2 e 3João: *in Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 241.

agente da unção, isto é, com que Jesus foi ungido. “*Concernente a Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder...*” Observe-se que o “ungidor” é Deus Pai e o agente da unção é o Espírito Santo. Não se sabe exatamente o que foi essa unção. Mas, não há dúvida que foi um ato de capacitação para a missão de Jesus: “*o Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos*” (Lc 4.18).

Portanto, Jesus foi ungido por Deus com o Espírito Santo para que pudesse estar capacitado a realizar sua missão de salvar o homem por completo. Por outro lado, Jesus não poderia ser batizado no Espírito, como os demais salvos, uma vez que o batismo no Espírito pressupõe regeneração. E Jesus não tinha do que ser regenerado, porque ele é a salvação, principalmente porque ele era e é Santo, Santo, Santo.

O Senhor tomou agora, por assim dizer, o seu lugar para realizar a obra do último Adão. Ele foi a perfeita manifestação da graça sobre os filhos de Israel. Seu país e seu povo o rejeitaram: “*nenhum profeta é aceito em sua terra*” (v. 24). Mas essa rejeição a Jesus dava lugar a uma graça que ultrapassava os limites que lhe queria impor um povo rebelde. A viúva de Sarepta, o leproso Naamã serviam como testemunhas de que essa graça ultrapassou os limites de Israel, conforme a vontade de Deus (v. 25-27).

Em seqüência, pode-se observar que a cólera se apodera do povo que rejeita a graça. Incrédulos e incapazes de verem a graça que os havia visitado, tentam impedi-la de chagar a outras partes, tentando matá-lo. É uma cena que descreve a história de Jesus entre o seu povo (v. 28-30).

4.3 - Versículos 31 a 37 – O demônio se submete a Jesus

Jesus desce a Cafarnaum, e ensinava na sinagoga no sábado. Lucas descreve que os presentes “*maravilhavam-se com a sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade*”. Jesus ensinava com autoridade porque vivia o que pregava. Ele sempre pregava mais alto com a própria vida.

Jesus não foi reconhecido por Israel como Cristo, mas os demônios o reconhecem: “*bem sei que és o Santo de Israel*”. Mas Jesus, com uma

simples palavra, expulsa os demônios (v. 35). O demônio no mesmo instante deixa aquele homem sem lhe provocar dano algum. Observe-se que todo o poder de Satanás e os tristes efeitos do pecado desaparecem diante de Jesus. Diante das suas palavras de autoridade e do milagre que ele acabara de realizar naquele momento, toda a multidão se espanta. Ele cura os enfermos, e depois se retira, porque ele procurava cumprir a sua obra, e não ser enaltecido.

4.4 - Versículos 38 a 44 – A cura da sogra de Pedro

Jesus acabara de sair da sinagoga, exausto. Os pregadores sabem como se sentem cansados após uma pregação. Todavia, Jesus estava sempre disposto a servir. Jesus saiu da sinagoga e entrou na casa de Simão Pedro, quando deparou com a necessidade humana. Ele não alegou que estava cansado, que precisava descansar. Ao contrário, prontamente atendeu a petição daquela que sofria. Outra grande verdade é que, para Jesus, não havia necessidade de uma grande platéia para ele realizar um milagre. Muitos estão dispostos a realizar grandes esforços diante de uma multidão, mas não fazem o mesmo diante de poucas pessoas. Outros são boas pessoas diante da igreja ou da comunidade onde vivem, contudo, em casa não são tão atenciosos!

Ao se sentir restabelecida, a sogra de Pedro não perdeu tempo e retribuiu servindo-lhe o alimento. Ela foi uma pessoa agradecida e demonstrou prontamente a sua gratidão a Jesus servindo-lhe. Esta é uma lição que devemos sempre ter em mente, ser agradecidos a Deus por tudo que acontece em nossa vida. Deus sempre tem e quer o melhor para nós.⁵

O Mestre prossegue com sua obra, e muitos enfermos e atormentados de espírito foram levados a ele. Lucas demonstra a atenção que Jesus dava a cada um: “e ele punha as mãos sobre cada um deles e os curava” (v. 40). No versículo 42, Lucas destaca que os demônios sabiam quem era Jesus, contudo Jesus não os deixava falar.⁶ Pela manhã bem cedo Jesus procura um lugar reservado onde possa estar a sós com Deus. Ele podia responder as insistentes necessidades humanas, porque antes buscava a companhia de Deus.

⁵ D'ALMEIDA Lael. *Conselhos cristãos*. Pregação.

⁶ Vale ressaltar a diferença de Jesus para algumas “igrejas” hoje, onde os “demônios são entrevistados”

Mas Jesus é parado pela multidão. O versículo 42 demonstra que a oração é muito importante para a vida de um salvo mas, também, demonstra que a necessidade humana pode ter uma importância ainda maior. Jesus atende a multidão sem reclamar, e diz-lhe: “é necessário que também às outras cidades eu anuncie o evangelho do reino de Deus; porque é para isso que fui enviado” (v. 43). Esta é a primeira vez que o Evangelho de Lucas faz menção ao reino de Deus. Segundo Marcos, Jesus chegou anunciando o reino de Deus em sua pregação (Mc 1.15) e o reino era a essência de sua mensagem. Mas o que realmente queria dizer Jesus com o reino de Deus? Pelo menos em relação ao tempo, três realidades:

Primeiro, o reino de Deus abrangia o passado. Abraão, Isaque e Jacó estavam no reino, embora tivessem vivido há vários séculos.

Segundo, era o presente. O reino de Deus está dentro de vós (Lc 17.21).

Terceiro, era futuro, algo que Deus nos daria, e pelo qual deveríamos orar. O versículo 44 afirma que Jesus pregava nas sinagogas da Judéia.⁷

⁷ A Imprensa Bíblica Brasileira, em sua versão revisada, informa que Lucas emprega o termo Judéia, ao que parece no sentido geral como hoje se usa Palestina.

Capítulo 5

Versículos 1 a 39

1 E ACONTECEU que, apertando-o a multidão, para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genezaré;
2 E viu estar dois barcos junto à praia do lago; e os pescadores, havendo descido deles, estavam lavando as redes.
3 E, entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco a multidão.
4 E, quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar.
5 E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre tua palavra, lançarei a rede.
6 E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompiam-se-lhes a rede.
7 E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram, e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique.
8 E, vendo isto Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus dizendo: Senhor ausentate de mim que sou um homem pecador.
9 Pois que o espanto se apoderara dele, e de todos os que com ele estavam, por

5.1 - Versículos 1 a 11 – A grande pesca

O capítulo 5 começa com a narrativa de Jesus pregando junto ao Lago de Genezaré. O Lago de Genezaré também é chamado de Mar da Galiléia ou Mar de Tiberíades. Está localizado numa depressão de 210 metros abaixo do nível do mar. Ao seu redor, a região é muito fértil. Lucas descreve a multidão apertando Jesus, para ouvi-lo falar das grandezas de Deus.

Vale lembrar que naquela época não se dispunha de um sistema de som eficiente com bons microfones. O orador falava com a força da voz, e falar para uma multidão naquelas condições não era fácil. Jesus vê dois barcos à margem do lago e sobe sobre um deles, o barco de Simão Pedro. Ele solicita a Simão que

causa da pesca de peixe que haviam feito;

10 E, de igual modo, também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante serás pescador de homens.

11 E, levando os barcos para terra, deixaram tudo, e o seguiram.

Cura dum leproso
Mat. 8.1-4 e refs.

12 E aconteceu que, quando estava numa daquelas cidades, eis que um homem cheio de lepra, vendo a Jesus, prostrou-se sobre o rosto, e rogou-lhe, dizendo: Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me.

13 E ele, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero; sê limpo. E logo a lepra desapareceu dele.

14 E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse. Mas vai, disse, mostra-te ao sacerdote, e oferece, pela tua purificação, o que Moisés determinou, para que lhes sirva de testemunho.

15 Porém a sua fama se propagava ainda mais, e ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades.

16 Porém ele retirava-se para os desertos, e ali orava.

Cura dum paralítico
Mat. 9.1-8 e refs.

17 E aconteceu que, num daqueles dias estava ensinando, e estavam ali assentados fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, e da Judéia, e de Jerusalém. E a virtude do Senhor estava com ele para curar.

18 E eis que uns homens transportaram numa cama um homem que estava paralítico, e procuravam fazê-lo entrar e pô-lo diante dele.

19 E, não achando por onde o pudessem levar, por causa da multidão, subiram ao telhado, e por entre as telhas o baixaram com a cama, até ao meio, diante de Jesus.

20 E, vendo ele a fé deles, disse-lhe: Homem, os teus pecados te são perdoados.

21 E os escribas e os fariseus começaram a arrazoar, dizendo: Quem é

afaste o barco um pouco, para ter uma melhor posição diante do povo. Simão prontamente atende ao pedido de Jesus. Jesus senta-se no barco e realiza a sua pregação.

Terminada a pregação, Jesus ordena a Simão que leve o barco para o meio do lago e lance suas redes. Simão resiste um pouco, porém atende a Jesus: *“Mestre, trabalhamos a noite toda, e nada apanhamos; mas sob tua palavra lançarei as redes”* (v. 5).

Analisando a atitude de Pedro, pode-se afirmar que ele teve um espírito disposto a fazer um esforço a mais, ainda que estivesse cansado. O desastre de muitas pessoas é entregar-se antes de realizar seus últimos esforços. Poderíamos dizer que, ainda que Pedro estivesse disposto a provar o que parecia inútil, a noite, que era o melhor momento para pesca, já havia passado. A princípio parecia que todas as circunstâncias estavam contrárias, contudo Pedro falou para si mesmo: *“Ainda que todas as circunstâncias estejam contra, mesmo assim, se Jesus disse, estou disposto a fazer mais uma vez”*.

O fato problemático é que, muitas vezes, deixamos de fazer grandes coisas na vida porque nos parece que a ocasião não é oportuna. Jesus está nos dizendo que, sob a sua palavra, todo tempo é oportuno e, se quisermos um milagre, temos de confiar na palavra de Jesus. Pedro experimentou essa realidade naquele dia. Ao tentar retirar a rede, ele nota que estava sobrecarregada de peixes, como nunca estivera antes. Pedro, impressionado até o mais profundo

este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão só Deus?

22 Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, respondeu, e disse-lhes: Que arrazoais em vossos corações?

23 Qual é mais fácil? dizer: Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: Levanta-te, e anda?

24 Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo: Levanta-te, toma a tua cama, e vai para tua casa.

25 E, levantando-se logo diante deles, e tomando a cama em que estava deitado, foi para sua casa, glorificando a Deus.

26 E todos ficaram maravilhados, e glorificaram a Deus; e ficaram cheios de temor, dizendo: Hoje vimos prodígios.

A vocação de Levi
Mat. 9.9-13 e refs.

27 E, depois disto, saiu, e viu um publicano, chamado Levi, assentado na recebedoria, e disse-lhe: Segue-me.

28 E ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu.

29 E fez-lhe Levi um grande banquete em sua casa; e havia ali uma multidão de publicanos e outros que estavam com eles à mesa.

30 E os escribas deles, e os fariseus, murmuravam contra os seus discípulos, dizendo: Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?

31 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos.

32 Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento.

Acerca do jejum
Mat. 9.14-17 e refs.

33 Disseram-lhe então eles: Por que jejuam os discípulos de João muitas vezes, e fazem orações, como também os dos fariseus, mas os teus comem e bebem?

34 E ele lhes disse: Podeis vós fazer jejuar os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?

35 Dias virão, porém, em que o esposo lhes será tirado, e então, naqueles dias, jejuarão.

de sua alma, confessa sua indignidade prostrando-se aos pés de Jesus e dizendo: *“Senhor, retira-te de mim, porque sou um homem pecador”*. Mas a graça salvadora do Senhor reanima-o e dispõe o seu coração a falar de Jesus aos outros, ou seja, *“pescar homens”*.

Lucas relata que, diante da pesca maravilhosa que haviam feito, foram tomados de espanto por parte de todos que estavam com Pedro, a saber: Tiago e João, filhos de Zebedeu, ambos sócios de Simão. Todos foram convocados por Jesus a segui-lo, ao que *“levando eles os barcos para terra, deixaram tudo e o seguiram”* (v. 11).

**5.2 - Versículos 12 a 16 –
A cura de um leproso**

Jesus, no caminhar de seu ministério, defronta com um homem *“cheio de lepra”*. Havia, pelo menos, dois tipos de lepra naquela época. Uma era mais uma doença dermatológica e menos grave. Mas a outra começava com um ponto e ia destruindo toda carne do doente até a destruição total dos braços, pernas e, finalmente, de todo o corpo. Essa era a mais grave.

Os leprosos, além da doença física, normalmente tornavam-se doentes mentais também, por causa das restrições de isolamento a que eram submetidos. Era uma espécie de morte em vida. As disposições referentes à lepra se encontram em Levítico 13 e 14. Além do isolamento, quando se aproximasse uma pessoa, os leprosos deveriam gritar: *“Imundo!*

36 E disse-lhes também uma parábola: Ninguém tira um pedaço dum vestido novo para o coser em vestido velho, pois que romperá o novo e o remendo não condiz com o velho.

37 E ninguém deita vinho novo em odres velhos; doutra sorte o vinho novo romperá os odres, e entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão;

38 Mas o vinho novo deve deitar-se em odres novos, e ambos juntamente se conservarão.

39 E ninguém tendo bebido o velho quer logo o novo, porque diz: Melhor é o velho.

Imundo!” Era uma vida terrível. Por outro lado, se uma pessoa sadia tocasse um leproso, corria o risco de infectar-se e deveria realizar todo um ritual de purificação. Portanto, todos se afastavam dos leprosos, tinham medo de contraírem a doença que ultrapassava a barreira física, que impedia o doente de ir ao templo e, também, o afastava da convivência familiar e social.

Jesus tinha plena consciência daquele sofrimento. O leproso diante de Jesus, com o rosto prostrado em terra, suplica-lhe a sua misericórdia: “Senhor, se quiseres, bem podes tornar-me limpo” (v. 12). Jesus, diante daquela alma desesperada, toca-lhe e responde-lhe: “Quero, sê limpo”. Lucas relata que “no mesmo instante desapareceu dele a lepra”. Vale lembrar que quando uma pessoa tocava um leproso, ficava impura. Mas, aqui, a graça de Deus opera, e Jesus, que não podia ser contaminado, toca o leproso. No entanto, Jesus, submetia-se aos estatutos da lei como um judeu obediente. Prescreveu ao homem curado que fosse e se apresentasse ao sacerdote e fizesse a sua oferta pela purificação como mandava a lei.

Lucas ainda relata que grandes multidões seguiam Jesus para ouvi-lo e, também, para serem curadas de suas enfermidades. Jesus sempre encontrava um tempo para sua comunhão a sós com Deus, retirando-se ao deserto para orar.

5.3 - Versículos 17 a 26 – A cura de um paralítico em Cafarnaum

O próximo texto fala de Jesus em Cafarnaum ensinando em uma casa. A casa estava cheia com muitos fariseus e doutores da lei para ouvir Jesus. O texto informa que eles eram de diversas partes da Palestina (Galiléia, Judéia e Jerusalém). Lucas afirma que o poder do Senhor estava com Jesus para curar.

Sabedores de que Jesus estava em Cafarnaum, um paralítico e seus amigos decidem ir até Jesus. Os amigos do paralítico o levam até Jesus, carregando-o em uma cama. Ao chegarem à porta da casa não puderam

entrar porque a casa estava cheia. Os amigos daquele paralítico eram pessoas que não desistem facilmente quando encontram uma dificuldade. Eles tiveram a idéia de introduzir o paralítico pelo telhado.

Vale ressaltar a obstinação daquelas pessoas usadas em prol de uma boa causa. Era necessário ter muita fé em Jesus para enfrentar as dificuldades que estavam à frente. Diante da impossibilidade de entrar pela porta, face o impedimento dos fariseus, os amigos do paralítico resolveram fazer com que o paralítico entrasse pelo telhado. Providenciaram cordas, uma escada e assim abriram o telhado e conseguiram descer o paralítico bem no centro da sala.

Jesus, vendo a fé daqueles homens, disse ao paralítico: “*Homem, são-te perdoados os teus pecados*” (v. 20). Jesus sabia que, na cosmovisão dos religiosos daquela época, todo sofrimento humano estava ligado ao pecado numa espécie de causa e efeito. Para eles todas as enfermidades eram conseqüências de pecado e, portanto, o que sofria, a princípio, tinha um sentimento de culpa, afinal essa também era a cosmovisão do paralítico. Nessa perspectiva, Jesus começa dizendo ao paralítico que seus pecados estão perdoados. Imediatamente os escribas e fariseus começam a arrazoar dizendo: “*Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão só Deus?*” Isso mostra como foram derrotados naquele discurso os escribas e fariseus quando Jesus imediatamente curou aquele paralítico.

Observando o paralítico, ele foi salvo pela fé de seus amigos (“...e vendo-lhes a fé...”). A fé realizadora¹ de seus amigos foi a fé que não se deteve diante das primeiras dificuldades, foi a mesma que obteve a saúde do paralítico. Há pessoas que recebem bênçãos pela fé de seus pais, pela fé daqueles que o amam. Isso nos encaminha ao dever de orar sempre pelos nossos entes queridos e amigos.

5.4 - Versículos 27 a 32 – A chamada de Mateus

Na época de Jesus, Israel era colônia de Roma e os coletores de impostos arrecadavam para o império romano. Os cobradores de impostos eram chamados de publicanos. Por serem judeus a serviço de Roma, eram odiados pelos demais israelitas. Sem contar ainda que naquela época

¹ Chamo de fé realizadora a fé que crer na atuação de Deus e parte para a ação na certeza de que o Senhor vai ajudar a realizar o trabalho ou a receber uma bênção.

a carga tributária era muito pesada e os cobradores, muitas vezes, também exorbitavam da sua função, agindo de forma desonesta. Isto porque a coletoria tinha um sistema que se prestava a abusos. Assim, o povo colocava em um mesmo nível os assassinos, ladrões e cobradores de impostos. Para o povo daquela época esses três grupos de pessoas pertenciam à mesma classe. Os publicanos estavam excomungados da sinagoga.

Jesus chamou um cobrador de impostos para ser seu discípulo, Levi que é o mesmo que Mateus. A primeira coisa que Mateus fez foi oferecer uma festa para Jesus. Ele convidou seus colegas de profissão e seus amigos principais para que conhecessem a Jesus. Mateus queria compartilhar com seus amigos a bênção que havia recebido ao conhecer Jesus. Nessa perspectiva, todo salvo tem o dever de compartilhar com seus amigos a bênção que recebeu de Deus, em especial a salvação.

Jesus e seus discípulos foram criticados pelos fariseus e escribas, por sentarem à mesa com os publicanos. Jesus fornece-lhes uma resposta irrefutável: “não necessitam de médico os sãos, mas sim os enfermos, eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento” (v. 31). Jesus os faz notar que pessoas como Mateus é que precisavam mais de salvação.

5.5 - Versículos 33 a 35 – O jejum

Os fariseus interpelam Jesus porque seus discípulos não jejuavam. A questão levantada por eles era que os seguidores de Jesus eram tão normais e comuns que lhes surpreendia. Knox certa vez falou: “não faças de tua religião uma agonia”². Para o religioso judeu, havia a idéia de que para ser um religioso teria de passar dificuldades, era como se estivesse meio morto para mundo. Jesus repudiou essa idéia da religião e, assim, fornece-lhes uma explicação com uma imagem da vida real.

O ponto alto nesse texto é a comparação que Jesus faz da vida cristã com uma festa de casamento.³ A alegria deve ser preponderante na vida cristã, assim como o é nas festas de casamento. Por isso Jesus, naquele

² BARCLAY, W. *Comentário Al Nuevo Testamento* Barcelona: Clie, 1999, p. 90. Volume 5.

³ Lamentavelmente, não são poucos os que pensam que a vida cristã deve ser de sofrimento e dificuldades, muitas vezes passam a vida reclamando das circunstâncias, só enxergam as dificuldades, são incapazes de ver as bênçãos diárias que cada salvo recebe de Deus, mesmo em meio as maiores lutas da vida.

momento, disse que seus discípulos não precisariam jejuar enquanto ele (o noivo) estivesse com eles. Todavia, Jesus tinha pleno conhecimento de que chegaria um momento em que ele não estaria mais com os discípulos. Jesus afirmou: “dias virão, porém, em que lhes será tirado o noivo; naqueles dias, sim, hão de jejuar”. É interessante notar como a morte não pegou Jesus de surpresa. A cruz sempre estava à vista do Senhor. Ainda, assim, nunca lhe faltaram as alegrias que cada momento da vida proporcionava. Em especial, a alegria da presença de Deus. Exemplos como esse nos encoraja a caminhar cada dia mais firmes como seguidores do Senhor Jesus.

5.6 - Versículos 36 a 39 – Um novo pensamento

Jesus apresenta aos escribas e fariseus um novo pensamento sobre a religião verdadeira. Os fariseus eram apaixonados pelo antigo. O grande problema para eles era que tudo que Jesus lhes apresentava era tão novo que não podiam aceitar. Nesta passagem, Jesus recomenda a não se fechar a mente para o novo, apenas por ser novo. Jesus fornece duas ilustrações para o seu ensino: o de colocar remendo de pano novo em roupa velha e a do vinho novo em odres velhos.

Jesus nos ensina que devemos ter liberdade de pensamento sem, contudo, negar nossa fé e nossas crenças na Palavra de Deus. Nesta perspectiva, pode-se dizer: Há um conservadorismo sábio e outro equivocado. Em outras palavras, não se deve temer novos métodos na igreja, apenas por serem novos. Se alguém acredita que um novo método de evangelização pode funcionar melhor, e se esse método é espiritual e moralmente correto, por que não testá-lo? É claro que estamos falando de métodos que não contrariam a práxis ensinada por Jesus e seus apóstolos no Novo Testamento.

Capítulo 6

Versículos 1 a 49

1 E ACONTECEU que, no sábado segundo-primeiro, passou pelas searas, e os seus discípulos iam arrancando espigas, e, esfregando-as com as mãos, *as* comiam.

2 E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito fazer nos sábados?

3 E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nunca lestes o que fez Davi quando teve fome, ele e os que com ele estavam?

4 Como entrou na casa de Deus, e tomou os pães da proposição, e os comeu, e deu também aos que estavam com ele, os quais não é lícito comer senão só aos sacerdotes?

5 E dizia-lhes: O Filho do homem é Senhor até do sábado.

Cura do homem que tinha uma das mãos mirrada
Mat. 12.9-14 e refs.

6 E aconteceu também noutro sábado que entrou na sinagoga, e estava ensinando, e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada.

7 E os escribas e fariseus atentavam nele, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar.

8 Mas ele bem conhecia os seus pensamentos, e disse ao homem que tinha

6.1 - Versículos 1 a 5 – Jesus é Senhor do sábado

O sábado era um sinal de aliança entre Deus e Israel. O descanso depois do trabalho concluído. Vale acrescentar que ter parte no descanso de Deus é o privilégio distinto dos salvos, do povo de Deus.¹ Os

¹ O homem, desde a queda, não possuía o descanso até a salvação oferecida por Jesus. Para os salvos, o dia de descanso não é o sétimo dia, o fim de semana mas, sim, o primeiro dia da semana, o dia depois do sábado. O começo de uma nova semana, de uma nova criação, o dia da ressurreição de Cristo, o ponto de partida de um novo estado para o homem. A criação que nos rodeia espera este cumprimento, enquanto nós estamos diante de Deus em Espírito, como Cristo está. É nesse contexto que o sábado, o descanso da primeira criação sobre um terreno humano e legal, sempre foi rejeitado no Novo Testamento. Ainda que não seja totalmente posto de lado, senão quando o julgamento final for executado. Mas, como ordenança, o sábado morreu com Cristo no sepulcro. O sábado havia sido dado ao homem apenas como um favor. O dia do Senhor é o nosso dia, antegozo bendito do descanso celeste.

a mão mirrada: Levanta-te, e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé.

9 Então Jesus lhes disse: Uma *coisa* vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou matar?

10 E, olhando para todos em redor, disse ao homem: Estende a tua mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra.

11 E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus.

Eleição dos doze Mat. 10.1-4 e refs.

12 E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus.

13 E, quando *já* era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos;

14 Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu;

15 E Mateus e Tomé; Tiago, *filho* de Alfeu; e Simão, chamado o zelador;

16 E Judas, filho de Tiago; e Judas Iscariotes, que foi o traidor.

O sermão da montanha Mat. caps.5, 6, 7

17 E, descendo com eles, parou num lugar plano, e também um grande número de seus discípulos, e grande multidão de povo de toda a Judéia, e de Jerusalém e da costa marítima de Tiro e de Sidom,

18 Os quais tinham vindo para o ouvir e serem curados das suas enfermidades, como também os atormentados dos espíritos imundos; e eram curados.

19 E toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude, e curava a todos.

20 E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.

21 Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.

fariseus censuravam os discípulos de Jesus porque debulhavam espigas com as mãos, para comerem os grãos. A crítica dos fariseus não era pelo fato dos discípulos comerem o milho que não lhes pertencia. A lei permitia que os viajantes pegassem o que fosse para comer (Dt 23.25). Portanto, o simples ato dos discípulos arrancarem espigas não era nenhum crime. A questão era porque faziam no dia de sábado. Fizeram a acusação e Jesus lhes contestou com uma citação do Primeiro Testamento.²

Essa porção do Evangelho de Lucas contem uma grande verdade geral: "*nem ao menos tendes lido o que fez Davi?*" É claro que a resposta dos fariseus teria de ser sim, todavia, com certeza eles não entendiam o real significado do texto. Nesta perspectiva é possível conhecer a Bíblia de capa a capa, e ainda assim desconhecer o seu verdadeiro significado para a vida. Para se conhecer o real significado das Escrituras Sagradas, é preciso:

1) Estudá-la com a mente aberta. Os fariseus não liam as Escrituras para procurar a vontade de Deus mas, sim, para confirmar suas próprias idéias. É freqüente, em nossa época, as pessoas tentarem levar suas teologias para Bíblia.

2) Devemos estudar a Bíblia com um coração necessitado. Aquele que não busca a Escritura com um sentimento de

² Conforme já citado anteriormente, prefiro o uso da terminologia Primeiro Testamento em lugar de termo Antigo Testamento em função do caráter depreciativo da palavra antigo.

22 Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.

23 Folgai nesse dia, e exultai; porque, eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas.

24 Mas ai de vós, ricos! porque *já* tendes a vossa consolação.

25 Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rídes, porque vos lamentareis e chorareis.

26 Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas.

27 Mas a vós, que ouvís, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem.

28 Bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam.

29 Ao que te ferir numa face, ²⁰ oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses.

30 E dá a qualquer que te pedir; e, ao que tomar o *que é* teu, não lho tomes a pedir.

31 E, como vós quereis ²² que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também.

32 E, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam.

33 E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo.

34 E, se emprestardes *àqueles* de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto.

35 Amai pois a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque Ele é benigno *até* para com os ingratos e maus.

36 Sede pois misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.

37 Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão.

necessidade e sede, certamente perderá o sentido mais profundo da Palavra de Deus. Quando se chega à Bíblia carente e necessitado, ela é cada dia mais nova para o leitor.

6.2 - Versículos 6 a 11 – O desafio de Jesus em mostrar o amor de Deus

Nesta passagem há três personagens principais:

1) O homem da mão atrofiada. Podemos fazer a seguinte suposição: era uma pessoa carente e necessitada. Talvez esse homem fosse um artesão, e tenha suplicado a Jesus que lhe restituísse a sua mão para que ele não viesse a mendigar o pão. Era um homem que queria ganhar a vida decentemente com o seu trabalho. Mas, também, como o texto nos narra, era um homem disposto a receber o impossível. Observe-se que ele não discutiu quando Jesus lhe disse "levanta e fica em pé aqui no meio" (v. 8). Aquele homem de pronto obedeceu a Jesus. O seu ato de obediência a Jesus o levou a receber a bênção de Deus. Quantas vezes Deus está nos falando ao coração que ele prefere mais a nossa obediência que o nosso vão sacrifício e muitas vezes não escutam!

2) Jesus é o segundo personagem. Jesus sabia que os fariseus o estavam espionando. Havia uma atmosfera de desafio naquela reunião. Mas Jesus não podia deixar de fazer o bem apenas para cumprir o ritual da lei. A verdade é que Jesus queria mostrar o real significado da

38 Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalçada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.

39 E dizia-lhes uma parábola: Pode porventura o cego guiar o cego? não cairão ambos na cova?

40 O discípulo não é superior a seu mestre, mas todo o que for perfeito será como o seu mestre.

41 E por que atentas tu no argueiro que está no olho de teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho?

42 Ou como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, não atentando tu mesmo na trave que está no teu olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão.

43 Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto.

44 Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos.

45 O homem bom do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.

46 E por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?

47 Qualquer que vem a mim e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante.

48 É semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa, e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre rocha.

49 Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa.

religião. Jesus estava mostrando que o amor a Deus é diferente do amor aos rituais.

3) Os fariseus. Esse grupo estranhamente odiava a Jesus porque ele acabara de curar um doente no dia de sábado. É lamentável o exemplo dos fariseus. Eram pessoas que amavam mais suas leis religiosas que a Deus. Devemos sempre estar atentos para não pôr nossa lealdade ao sistema eclesiástico acima da nossa lealdade a Deus. Ou amar mais o trabalho de Deus em detrimento do próprio Deus.

6.3 - Versículos 12 a 19 – Jesus escolhe os doze discípulos

Neste texto, Lucas relata a eleição dos doze discípulos por Jesus. Numa manifestação de total dependência do Pai, Jesus retira-se para passar toda a noite em oração, antes de escolher os discípulos. É importante entender por que Jesus escolheu homens e por que continua necessitando do ser humano.

Marcos afirma que Jesus os escolheu para que estivessem com ele e para que os mandasse a pregar. Aqui fica claro que Jesus os escolheu para que fossem seus amigos. Jesus, de certa forma, necessitava da amizade humana. Deus como Pai está sempre disposto a receber seus filhos. Por outro lado, Jesus também tinha conhecimento que a sua vida terrena estava limitada a pouco tempo. Ele precisava passar a esse grupo a mensagem de sua vida. Os discípulos ficariam de levar adiante a mensagem do evangelho.

Jesus escolheu os doze dentre os seus discípulos. Discípulo quer dizer seguidor de um mestre, ou aprendiz. Havia de ser dentre os que estavam todos os dias aprendendo e convivendo com o Mestre. De igual modo, a vida do salvo é uma vida de aprendizado, em que o objetivo é torná-lo mais e mais parecido com o Mestre, especialmente em seu caráter.

Jesus escolheu seus discípulos para que fossem apóstolos. A palavra apóstolo vem do grego “*apóstolos*” que significa *aquela a quem se envia ou enviado*. É mais que embaixador ou mensageiro. É verdade que os apóstolos também seriam embaixadores de Jesus no mundo. Mas eles, acima da mensagem falada, deveriam pregar com suas vidas a verdade do evangelho.

Dos doze discípulos escolhidos, há de se destacar que nenhum era famoso, ou rico, e nem havia tido nenhuma formação acadêmica. Eram pessoas simples do povo. Neste sentido, a obra de Jesus não está nas mãos das pessoas importantes do mundo, ou mesmo com os “grandes homens”. Porém, está nas mãos de pessoas simples. Outra característica é que o grupo escolhido por Jesus era bastante heterogêneo. Simão era um zelote, e Mateus um cobrador de imposto. Os zelotes eram nacionalistas extremados e juravam matar todos os traidores romanos. Era impressionante como Jesus pôde fazer viver em paz um ex-publicano e um ex-zelote. Portanto, a verdade que fica para nós é muito clara: Jesus pode resolver os conflitos do “viver juntos”. Nessa perspectiva, Israel e Palestinos, atualmente, estão perdendo muito por desconhecerem e renegarem a mensagem de Jesus.

Jesus sai com seus discípulos escolhidos e se junta a outros discípulos e a uma grande multidão do povo, em um planalto. Eram pessoas que vinham de todas as partes para ouvi-lo e, principalmente, para serem curados de suas dores. Lucas chega mesmo a citar que muitos procuravam tocá-lo porque sabiam que de Jesus saía poder que curava e, também, libertava atormentados de espíritos.

As curas efetuadas por Jesus eram miraculosas (v. 19). Isso pode ser constatado por meio do uso dos verbos *iaomai* e *therappeuo*, embora o último também fosse empregado em curas por atividades clínicas, mas aqui Lucas não faz essa distinção.

A multidão toda estava anelante de falar e muitos até de poderem tocar em Jesus. Alguns acreditavam que pelo simples tocar saía virtude

de Jesus, como foi o caso da mulher em Lucas 8.43. Porque saía dele um poder (grego *dinamis*) que curava a todos. É interessante notar que o Novo Testamento sempre relata Jesus curando a todos. Não existe um caso de alguém necessitado de uma cura, procurando Jesus, e ele não atender. Essa prontidão em atender ao necessitado seja do corpo, seja da alma, fazia com que Jesus fosse procurado continuamente.

6.4 - Versículos 20 a 26 – O Sermão do Monte

No versículo 20 começa o grande sermão do monte descrito de uma forma mais simplificada por Lucas. Em Mateus (capítulos 5-7), o sermão da montanha é mais completo. Lucas começa seu relato afirmando que Jesus olhava-lhes nos olhos (que bom exemplo para nós pregadores de hoje). Vale notar que Mateus (5.2) apenas diz que Jesus abrindo a boca ensinava-lhes, enquanto Lucas oferece mais detalhes, enriquecendo, assim, sua descrição.

Alguns pregadores não olham nos olhos de seus ouvintes, outros ainda falam baixo, olhando para baixo ou para seus manuscritos e, às vezes, vão falando entre os dentes. Isso dificulta a recepção da mensagem pelos ouvintes, levando-os a perderem o interesse pela pregação. Neste sentido Jesus oferece-nos um exemplo de boa homilética: ele falava diretamente olhando nos olhos de seus ouvintes; suas mensagens tinham muita relevância; ele ilustrava muito bem as verdades ensinadas com as parábolas e com experiências da vida cotidiana e, finalmente, ele aplicava de maneira prática a mensagem aos corações dos ouvintes.

Em relação ao relato de Lucas, vale acrescentar que é um discurso direto de quatro bem-aventuranças com os quatro “*ais*”. É inútil tentar explicar por que Lucas só apresenta quatro bem-aventuranças, enquanto Mateus apresenta oito, assim como Mateus não apresenta os quatro “*ais*”. A resposta pode ser porque nenhum deles pretende dar um relato exaustivo do que Jesus falou no sermão da montanha. Outra razão é a não existência de evidências de que ambos, Mateus e Lucas, tenham visto a narração um do outro. Comparando a narração de Lucas com a de Mateus, a primeira bem-aventurança de Lucas corresponde à de Mateus, mas sem a palavra espírito depois de pobres. A terminologia “reino de Deus” é favorita de Jesus para o governo de Deus aqui e agora nos corações.

Esse reinado começa no presente, prossegue pelo futuro e alcançará uma gloriosa consumação no escaton.³

Lucas mostra o contraste entre a vida atual e a vida no porvir pelo advérbio *agora*. “Bem aventurado vós que *agora*, tendes fome porque sereis fartos. Bem-aventurado que agora, choreis...” (v. 21). Jesus demonstra que o cidadão do reino de Deus é sempre feliz porque todos os seus sofrimentos são passageiros enquanto seu futuro será glorioso e isento de sofrimentos.

Prosseguindo, Jesus faz uma referência à exclusão da congregação judaica bem como, também, ao ostracismo social (v. 22) por serem seguidores de Jesus. Essa expulsão seria transformada em bênçãos para o seguidor do Mestre. Além disso, o nome de nazareno ou cristão viria a ser um sinal de desprezo como se vê em Atos. Inclusive, veio mesmo a ser ilegal durante a perseguição desencadeada por Nero. Observe-se que o Mestre predisse aos seus discípulos tudo que lhes sucederia no futuro por causa do reino de Deus. Jesus foi verdadeiro homem ainda que Filho de Deus e, com isso, o representante de toda raça humana, razão pela qual tem autoridade sobre todos os seres humanos.

Os ricos fariseus e saduceus eram os principais oponentes de Cristo, como o foram também em Atos dos Apóstolos. Jesus mostra que eles já estavam recebendo plenamente na vida atual a recompensa deles, e que na vida futura haveria um contraste entre eles e os pobres que receberam o reino de Deus. Para os ricos opressores haveria, no além túmulo, muito lamento e dores porque utilizaram mal os recursos, pior ainda, usavam seus numerários para oprimir o povo. Eles não serviam como instrumentos de Deus para abençoar os necessitados no uso de suas riquezas (Lc 16.19-31), ao contrário, juntavam as riquezas só para si (Lc 12.21). Não reconheciam a fonte de seus bens (Lc 21.3,4). Em suma, as riquezas impediam essas pessoas de confiarem em Deus (Lc 12.22-34). Jesus as compara aos falsos profetas (v. 26), que sempre faziam amigos por causa de suas afirmações falsamente otimistas (Jr 5.31; Mq 2.11). Razão pelas quais não tinham espaço no reino de Deus.

6.5 - Versículos 27 a 35 – A ética do cristão

Jesus mostra como deve ser a ética do salvo. Seu ensino pode ser dividido em três tópicos:

³ Escaton é transliteração do mesmo termo grego, o que significa a época em que Deus há de consumir seus eternos propósitos de forma completa e total (Hb 12.2; Jo 6.39; Ap 21.22).

1) *A ética do salvo deve ser positiva.* É uma ética fundamentada em fazer, em realizar; é uma ética prática e não teórica. No versículo 31, Jesus dá a regra áurea de sua ética: *fazer ao outro o que gostaria que ele fizesse com você.* É importante notar que essa regra aparece em muitos escritores de outros credos, porém de forma negativa. Filo, o grande filósofo judeu de Alexandria disse: “o que não gostaria de sofrer não faça a ninguém”.⁴ Assim, a grande diferença do verdadeiro cristianismo é: *a conduta cristã consiste em fazer coisas boas e não apenas abster-se de fazer coisas ruins.*

2) *A ética do salvo é alicerçada na graça de Deus.* Observe-se que Jesus mostra as boas maneiras de uma conduta equilibrada e do bom senso, ao mesmo tempo em que pergunta: “*que mérito há nisso?*” (v. 32). É verdade que, na maioria das vezes, nós, os seres humanos, pretendemos ser tão bons quanto as demais pessoas. Nesta perspectiva, a prova do discipulado é o amor aos inimigos, mas isto não faz sentido por nenhum padrão terreno. Para ser seguida, precisa basear-se exclusivamente na fé. De fato, amar, fazer o bem, e emprestar aos amigos é apenas boa política ou mesmo bom negócio. Para ser filho do Altíssimo é preciso mais... Dessa forma até a regra de ouro (v. 31) no meio dessa ética de Jesus parece pequena, contra um padrão tão fascinante. Nessa perspectiva, a pergunta de nosso Senhor é: “*quão melhor é você que a maioria das pessoas?*” O salvo não deve se comparar com o próximo, mas com Deus. Ser como o Pai é ser generoso. É não julgar nem condenar, mas perdoar as ofensas e dar sem medir o custo, como o próprio Deus fez. Ele não será superado na retribuição da generosidade.

3) *A ética do salvo nos conduz cada vez mais a sermos mais semelhantes a Deus.* Jesus afirma que Deus não faz acepção de pessoas com o seu amor. Ele manda chuva para justos e injustos. É bom para aqueles que lhe trazem alegrias e, também, para aqueles que lhe entristecem. Para o salvo, o padrão será sempre a divindade. É o amor de Deus que devemos imitar, no sentido de querer sempre o bem para os nossos inimigos. Assim procedendo, demonstraremos que somos filhos de Deus.

No versículo 38, a palavra *regaço* significava uma espécie de bolsa que era formada pela dobra do manto externo amarrado com um laço. Esse tipo de “bolsa” era muito antiga, já descrita em Êxodo 4.6 e Salmo 79.12.

⁴ BARCLAY, W. *Comentário El Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1999, p. 105. Vol 5.

6.6 - Versículos 39 a 45 – Orientações para vida

Aqui, ao que parece, Lucas recolheu citações de Jesus de várias ocasiões. Uma vez que este texto sugere vários ensinamentos isolados, contudo, como uma espécie de manual para a vida, agrupados em quatro partes.

Nos versículos 39 e 40 Jesus afirma que um professor só pode ensinar aos alunos até onde ele sabe. Portanto, o que não sabe nada pode ensinar. Aqui fica a advertência do Mestre: deve-se escolher para o discipulado cristão o melhor professor, para que seja aquele que possa guiar seus alunos na vida cristã. Também não se deve perder de vista que o professor cristão ensina não somente com palavras mas, principalmente, com a sua vida. Uma vez que o verdadeiro mestre cristão sempre será discípulo do Mestre maior. O mestre cristão não muda nem ultrapassa as ordens de Cristo.

Nos versículos 41 e 42, Jesus, usando de figuras de linguagem, disse que só se pode criticar as outras pessoas se não tiver falta alguma. Observe-se que esta imagem do cisco e da trave nos olhos insiste no ponto sobre julgar os outros (v. 37). Para Jesus, o hipócrita, cego pelo seu pecado, está apenas interessado em expor a fraqueza alheia. A realidade é: nunca se deve nem se tem o direito de criticar o próximo com condenação de prejudicamento.

Já nos versículos 43 e 44, Jesus usa duas imagens diferentes – de fruto e árvore – para falar sobre a fonte das ações das pessoas. Observe que no versículo 43 o fruto revela se a árvore é ou não saudável, enquanto que, no versículo 44, o fruto comprova as diversas naturezas das árvores. Para Jesus, as palavras bonitas não podem substituir ou, pelo mesmo, tomar o lugar das boas ações.

No versículo 45, Jesus afirma que as palavras que saem de nossos lábios são produtos do nosso coração. Quando os homens são naturais, o coração e a boca atuam em sincronia perfeita. De outra maneira, a boca professa em algumas ocasiões o que o coração não sente.⁵

6.7 - Versículos 46 a 49 – A edificação segura

Os que reconhecem o senhorio de Jesus precisam demonstrar isso por meio de suas vidas. Logo, para que a vida cristã seja edificada com segurança é preciso:

⁵ PLUMER, in ROBERTSON, A.T. *Comentário al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 2003, p. 139.

1) Não economizar em trabalho no reino de Deus. Nesta perspectiva, o homem que edificou sua casa na areia, de certa forma estava poupando trabalho e tempo. Sempre será mais fácil cavar uma vala na areia do que na rocha. Da mesma maneira, sempre será mais fácil seguir os próprios caminhos que seguir os caminhos de Deus. O fato problemático em seguir os nossos próprios caminhos é que, ao final, acabaremos em ruínas. Mas, o caminho de Jesus é o único que pode dar segurança no presente e, também, no futuro.

2) É preciso planejar para o futuro. Neste sentido, ser um seguidor de Cristo é pensar no bom futuro. É verdade que, em todas as decisões da vida, haverá sempre repercussões de curto prazo, médio prazo e longo prazo. O homem que edificou sua casa na areia não pensou que no inverno aquele terreno poderia se tornar no leito de um rio. Ele havia pensado apenas no presente, em ter pouco trabalho. Logo, usando a terminologia de Jesus, podemos afirmar que bem-aventurados aqueles que vêm as coisas não apenas com os olhos do presente, mas com os olhos da eternidade. Assim, a *previsão* será sempre melhor que a *improvisação*. Portanto, o melhor será sempre construir e edificar nossa vida sobre a rocha dos ensinamentos de Jesus, uma vez que não existem infortúnios que nos façam vacilar na fé.

Capítulo 7

Versículos 1 a 50

1 & 2 (v. 4b, 5) - Intenções, orações e humildade
 22 (v. 1) - Regra a seguir que eu preciso
 32 (v. 8, 9) - A autoridade de Jesus
 4 - Amor, graça e liberdade
 6 - Humilde -
 6 - Servo de Deus

1 E, DEPOIS de concluir todos estes discursos perante o povo, entrou em Cafarnaum.
 2 E o servo de um certo centurião, a quem muito estimava, estava doente, e moribundo.
 3 E, quando ouviu *falar* de Jesus, enviou-lhe uns *anciãos dos judeus*, rogando-lhe que viesse curar o seu servo.
 4 E, chegando eles junto de Jesus, rogaram-lhe muito, dizendo: É digno de que lhe concedas isto,
 5 Porque ama a nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga.
 6 E foi Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, enviou-lhe o centurião uns amigos, dizendo-lhe: Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado;
 7 E por isso nem ainda me julguei digno de ir ter contigo; dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará.
 8 Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu poder, e digo a este: Vai; e ele vai; e a outro: Vem; e ele vem; e ao meu servo: Faze isto; e ele o faz.
 9 E, ouvindo isto Jesus, maravilhou-se dele, e, voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos *que* nem ainda em Israel tenho achado tanta fé.

7. 1 - Versículos 1 a 10 - *frases*

O centurião e seu escravo

5 - Corbano, *magogo*, *era além do rio Jordão*
 (o *primo do povo*)

Nessa história há um importante aspecto a destacar: o fato de ser um centurião já mostra que aquele não era um homem qualquer. A patente de centurião era semelhante à de coronel do exército hoje. A nacionalidade do centurião não é citada, mas tudo leva a crer que não era judeu e, sim, um cidadão romano (v. 5). Normalmente os centuriões eram comandantes de uma centúria (cem homens), mas essa quantidade poderia variar de cinquenta a cem soldados. Cada companhia naquela época tinha seis centúrias, e cada legião tinha dez companhias.

6 - *Feiões?*
 É interessante notar que aquele centurião teve uma atitude diferente com o seu escravo, ele queria o bem do escravo, e teria feito o que fosse necessário

10 E, voltando para casa os que foram enviados, acharam sã o servo enfermo.

O filho da viúva de Naim

11 E aconteceu pouco depois ir ele à cidade chamada Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos, e uma grande multidão.

12 E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade.

13 E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores.

14 E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam), e disse: Mancebo, a ti te digo: Levanta-te.

15 E o defunto assentou-se, e começou a falar. E entregou-o a sua mãe.

16 E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo.

17 E correu dele esta fama por toda a Judéia e por toda a terra circunvizinha.

João envia dois discípulos seus a Jesus

Mat. 11.1-19 e refs.

18 E os discípulos de João anunciaram-lhe todas estas coisas.

19 E João, chamando dois dos seus discípulos, enviou-os a Jesus, dizendo: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?

20 E, quando aqueles homens chegaram junto dele, disseram: João Batista enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?

21 E, na mesma hora, curou muitos de enfermidades, e males, e espíritos maus, e deu vista a muitos cegos.

22 Respondendo então Jesus, disse-lhes: Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho.

23 E bem-aventurado aquele que em mim se não escandalizar.

24 E, tendo-se retirado os mensageiros de João, começou a dizer à multidão acerca de João: Que saístes a ver no deserto? uma cana abalada pelo vento?

para salvar-lhe a vida. O conceito do centurião cresce, aqui, na história já que, pela lei romana, o escravo não tinha nenhum direito; era uma espécie de ferramenta viva. Seu dono poderia maltratá-lo e até matá-lo se assim o quisesse. Naquela época era comum abandonar os escravos doentes que já não tinham condições de produzir. Mas a atitude daquele centurião não foi a da maioria. Ele era diferente.

Aquele centurião era um homem piedoso que buscava a compaixão de Jesus. E tinha ainda uma atitude pouco corrente na época: ajudar os judeus. Por isso, seus amigos judeus argumentam a seu favor, dizendo que ele fora bom para o povo judeu. A luz daquilo que Jesus acabou de dizer sobre a generosidade altruísta, esse não seria motivo obrigatório de seu ato de cura. Logo, é muito provável que aquele centurião tivesse mais que o interesse de somente agradar aos religiosos de Israel, ao construir aquela sinagoga. Sabe-se que os romanos consideravam a religião como o ópio do povo, porque sabiam que era boa para manter as pessoas de forma ordeira. Mas aquele centurião era diferente. Ele acreditava no Deus de Israel.

O centurião era um homem de fé. Observe-se que foi a fé do centurião, e não as suas boas obras, que o leva a ter o seu pedido atendido por Jesus. O próprio Jesus demonstra que foram as boas obras do centurião que cativaram seus amigos judeus, enquanto para Jesus o que valeu foi fé. A fé do centurião se baseava nos argumentos

25 Mas que saístes a ver? um homem trajado de vestidos delicados? Eis que os que andam com preciosos vestidos, e em delícias, estão nos paços reais.

26 Mas que saístes a ver? um profeta? sim, vos digo, e muito mais do que profeta.

27 Este é aquele de quem está escrito: Eis que envio o meu anjo diante da tua face, o qual preparará diante de ti o teu caminho.

28 E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele.

29 E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus.

30 Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele.

31 E disse o Senhor: A quem pois comparei os homens desta geração, e a quem são semelhantes?

32 São semelhantes aos meninos que assentados nas praças, clamam uns aos outros e dizem: Tocamo-vos flauta, e não dansastes; cantamo-vos lamentações e não chorastes.

33 Porque veio João Batista, que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demônio;

34 Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizeis: Eis aí um homem comilão, e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores.

35 Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

A pecadora que ungiu os pés de Jesus

36 E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele; e, entrando em casa do fariseu, assentou-se à mesa.

37 E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento;

38 E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungiu-lhos com o unguento

39 Quando isto viu o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fosse profeta, bem

mais sadios que poderiam existir. Para o centurião, se sua autoridade militar produzia efeitos, quanto mais a autoridade espiritual de Jesus. Senhor, “dize uma palavra, e seja o meu servo curado” (v. 7).

Em termos de qualidades, o centurião também era um homem humilde. Ele sabia que a lei judaica proibia um judeu religioso de entrar na casa de um gentio (At 10.28). Da mesma maneira que estava proibido de deixar um gentio entrar em sua casa. Por isso não foi diretamente a Jesus. Pediu esse favor a seus amigos judeus. O centurião demonstrou sua humildade com essa atitude, até por que era um homem acostumado a mandar, mas estava pedindo diante da verdadeira majestade, e foi atendido em sua humildade.

7.2- Versículos 11 a 17 – A compaixão de Jesus

Segue-se, neste texto relatado por Lucas, outro exemplo da grande compaixão de Jesus pelos que sofrem. A dor daquela mulher está estampada na frase “filho único de sua mãe, que era viúva” (v. 12). Naqueles tempos uma mulher viúva, sem filhos que pudessem trabalhar, enfrentava grandes dificuldades. Não havia trabalhos rentáveis para mulheres honestas. Sobreviver era muito difícil, e isso tornava a dor daquela mulher ainda maior. Easton afirmou que a morte de um único filho de uma viúva era a maior desgraça que se podia imaginar.¹ Outro aspecto que o texto mostra é a palavra

Jesus de vida em ate

¹ EASTON in ROBERTSON, A.T. op., cit., p.140.

saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora.

40 E respondendo Jesus, disse-lhe: Simão, uma coisa tenho a dizer-te: E ele disse: Dize-a, Mestre.

41 Um certo credor tinha dois devedores; um devia-lhe quinhentos dinheiros, e outro cinquenta.

42 E, não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Dize, pois, qual deles o amará mais?

43 E Simão, respondendo, disse: Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou. E ele lhe disse: Julgaste bem.

44 E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta regou-me os pés com lágrimas, e mos enxugou com os seus cabelos.

45 Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés.

46 Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento.

47 Por isso te digo que os seus muitos pecados *lhe* são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama.

48 E disse-lhe a ela: Os teus pecados *te* são perdoados.

49 E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa pecados?

50 E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.

grega “*chera*” usada para descrever viúva. É uma palavra que se deriva de “*cheros*” que significa desolado. Portanto, com a morte do filho único, aquela mulher estava literalmente desolada.

O segundo ponto demonstrado na narrativa é que aquela cena de dor despertou atenção e a compaixão de Jesus. Jesus encheu-se de compaixão por aquela mãe que sofria a perda de seu único filho. A compaixão de Cristo chegava ao ponto mais fraco da vida humana – a morte. E Jesus responde àquela dor.

Jesus toca no esquite da urna mortuária a fim de fazer os pranteadores pararem, e eles pararam. Naquele momento Jesus chama aquele jovem de volta à vida. Com isso Jesus demonstra ser o Senhor da vida e da morte. O texto relata que Jesus “*o deu a sua mãe*”, porque na verdade aquele rapaz já havia deixado de pertencer a sua mãe.

A multidão, ao ver que o rapaz ressuscitara, é tomada de um grande temor. Eles reconheceram a interferência imediata² de Deus naquela família. Todos glorificavam a Deus e anunciavam que Deus havia levantado um grande profeta. A prova disso foi a ressurreição daquele jovem.

7.3 - Versículos 18 a 30 – Os mensageiros de João Batista

João Batista fora encarcerado, mas seus discípulos o mantinham a par de tudo que acontecia em relação a Jesus. João enviou dois dos seus discípulos a Jesus para perguntar-lhe se ele era “o que havia de vir”³. Em

² Imediato, na teologia, significa direto e sem mediação.

³ “O que havia de vir” – esta expressão é originada na profecia de Malaquias.

1º mesmo grmado (pneus) de Jesus (Jesus) 2º João Batista (Jesus) 3º João Batista (Jesus) 4º João Batista (Jesus) 5º João Batista (Jesus) 6º João Batista (Jesus) 7º João Batista (Jesus) 8º João Batista (Jesus) 9º João Batista (Jesus) 10º João Batista (Jesus) 11º João Batista (Jesus) 12º João Batista (Jesus) 13º João Batista (Jesus) 14º João Batista (Jesus) 15º João Batista (Jesus) 16º João Batista (Jesus) 17º João Batista (Jesus) 18º João Batista (Jesus) 19º João Batista (Jesus) 20º João Batista (Jesus) 21º João Batista (Jesus) 22º João Batista (Jesus) 23º João Batista (Jesus) 24º João Batista (Jesus) 25º João Batista (Jesus) 26º João Batista (Jesus) 27º João Batista (Jesus) 28º João Batista (Jesus) 29º João Batista (Jesus) 30º João Batista (Jesus) 31º João Batista (Jesus) 32º João Batista (Jesus) 33º João Batista (Jesus) 34º João Batista (Jesus) 35º João Batista (Jesus) 36º João Batista (Jesus) 37º João Batista (Jesus) 38º João Batista (Jesus) 39º João Batista (Jesus) 40º João Batista (Jesus) 41º João Batista (Jesus) 42º João Batista (Jesus) 43º João Batista (Jesus) 44º João Batista (Jesus) 45º João Batista (Jesus) 46º João Batista (Jesus) 47º João Batista (Jesus) 48º João Batista (Jesus) 49º João Batista (Jesus) 50º João Batista (Jesus) 51º João Batista (Jesus) 52º João Batista (Jesus) 53º João Batista (Jesus) 54º João Batista (Jesus) 55º João Batista (Jesus) 56º João Batista (Jesus) 57º João Batista (Jesus) 58º João Batista (Jesus) 59º João Batista (Jesus) 60º João Batista (Jesus) 61º João Batista (Jesus) 62º João Batista (Jesus) 63º João Batista (Jesus) 64º João Batista (Jesus) 65º João Batista (Jesus) 66º João Batista (Jesus) 67º João Batista (Jesus) 68º João Batista (Jesus) 69º João Batista (Jesus) 70º João Batista (Jesus) 71º João Batista (Jesus) 72º João Batista (Jesus) 73º João Batista (Jesus) 74º João Batista (Jesus) 75º João Batista (Jesus) 76º João Batista (Jesus) 77º João Batista (Jesus) 78º João Batista (Jesus) 79º João Batista (Jesus) 80º João Batista (Jesus) 81º João Batista (Jesus) 82º João Batista (Jesus) 83º João Batista (Jesus) 84º João Batista (Jesus) 85º João Batista (Jesus) 86º João Batista (Jesus) 87º João Batista (Jesus) 88º João Batista (Jesus) 89º João Batista (Jesus) 90º João Batista (Jesus) 91º João Batista (Jesus) 92º João Batista (Jesus) 93º João Batista (Jesus) 94º João Batista (Jesus) 95º João Batista (Jesus) 96º João Batista (Jesus) 97º João Batista (Jesus) 98º João Batista (Jesus) 99º João Batista (Jesus) 100º João Batista (Jesus)

primeira mão, esse episódio parece sugerir que o Batista duvidara se Jesus era realmente o Messias. Para essa questão algumas soluções são propostas:

1) A primeira teria sido que João fez dessa forma não por si mesmo mas, sim, por causa de seus discípulos. João estava suficientemente seguro de que Jesus era o Cristo, pelo que seus discípulos nem tanto, e necessitavam de uma prova irrefutável.

2) Há também a idéia de que João estivesse querendo estimular a Jesus, porque acreditava que aquele era o momento para Jesus entrar em ação em seu ministério de uma maneira mais plena.

3) A terceira explicação vem do fato de que João estava com o seu coração apertado pelo encarceramento. Ele era um homem livre, que vivia pelos desertos com muito espaço e agora estava entre estreitas paredes daquele calabouço. Essa condição de prisioneiro lhe apertava muito o coração, ao mesmo tempo em que trazia à mente muitas perguntas.

4) É provável que João não visse o exercício do julgamento escatológico o qual profetizara para “aquele que havia de vir” que é “mais forte do que eu” (Lc 3.16,17) nas narrativas da compaixão de Jesus, e de sua mensagem de amor e perdão pelos inimigos. E por isso os manda a perguntar diretamente a Jesus.

Os discípulos de João chegam numa ocasião muito propícia. Jesus estava exercendo seu ministério de cura, como prevêem os textos de Isaías, os dias de libertação messiânica (Is 29.18,19; 35.5,6). Jesus ordena que os dois discípulos relatem a seu Mestre “o que tendes visto e ouvido” (v. 22). Os enfermos, os pobres e humildes estavam experimentando o poder de Deus e ouvindo o evangelho. Pode-se transcrever a resposta de Jesus para João nas seguintes palavras: “A misericórdia de Deus está aqui”.

A declaração do versículo 23 é dirigida não somente a João, mas às pessoas de todas as épocas. Felizes são aqueles que não se escandalizam de Jesus.

7.4 - Versículos 24 a 35 – Jesus dá testemunho de João Batista

Após a partida dos discípulos de João, Jesus dedica-lhe um grande elogio. Para Jesus, João não era apenas uma vara agitada pelo vento,

mas um grande profeta, muito mais que profeta, cuja fidelidade a Deus o leva para a prisão. Na afirmação de Jesus, ninguém nascido de mulher é maior do que João Batista, mas o menor no reino de Deus é maior que ele. Esta afirmação é um modo paradoxal de afirmar a importância de estar no reino de Deus (Lc 13.28).

As pessoas que tinham sido abençoadas com o ministério do Batista louvavam a Deus ao ouvirem o testemunho de Jesus sobre ele. Lucas vê na recusa dos fariseus e dos chefes judaicos um sinal de que estavam fechados ao plano que Deus tinha para eles. O evangelista compara essa atitude com o compromisso que Jesus tem de cumprir os desígnios de Deus (Lc 18.31). Os homens “desta geração” não estão dispostos a receberem a ação de Deus em Jesus e não colaboram mais que crianças obstinadas. Encontraram desculpas para rejeitarem a João e depois desculpas opostas para rejeitarem a Jesus. Entretanto, o plano de Deus encontrará validade na vida dos que o recebem.

7.5 - Versículos 36 a 50 – A humildade e o amor de uma pecadora

Lucas começa descrevendo o convite de um fariseu a Jesus para almoçar com ele. Pode-se dizer que Lucas é o Evangelho da hospitalidade. Jesus sempre estava disposto a comer com fariseus e publicanos (Lc 5.29; Mc 2.15; Mt 9.10) e, inclusive, se autoconvidou a ser hóspede de Zaqueu (Lc 9.5). No convite desta passagem, vale citar que não há motivos para se supor que esse fariseu tivesse algum motivo sinistro em seu convite, ao contrário, ele parece ter sido amistoso em seu convite a Jesus.

Naquela época, era de praxe fazer três coisas aos convidados:

1) O anfitrião colocava as mãos nos ombros do hóspede e lhe dava o beijo da paz. Esse era um sinal de respeito que não podia ser omitido especialmente quando se recebia um distinto rabino.

2) Havia, também, o costume de lavar os pés dos hóspedes, haja vista serem as estradas de terra e com muita poeira. Os calçados eram chinelos presos aos pés por tiras e isso fazia os pés sujarem muito, daí o costume de lavá-los.

3) Finalmente, colocava-se um pouco de essência de cheiro de rosas sobre a cabeça do hóspede. Essas três atitudes demonstravam boa educação do anfitrião, mas que não se cumpriram por parte daquele que recebeu Jesus.

Esse episódio, que possivelmente acontecera em Cafarnaum, descreve o encontro de uma mulher pecadora daquela cidade com Jesus. Uma possível tradução do versículo 37 é: “uma mulher da cidade que era conhecida como tal”. O pecado dessa mulher, que era conhecida por sua má vida, muito provavelmente era a prostituição. Ela havia sido uma prostituta e foi resgatada por Jesus. Seu ato de lavar e ungir os pés de Jesus era um gesto de gratidão por tudo que Jesus lhe havia feito. Nessa perspectiva, aquela era uma mulher agradecida, portanto, de bom caráter.

Embora fosse vergonhoso para uma mulher judia soltar seus cabelos em público, aquela mulher fez esse sacrifício. Abrindo um parêntese, Maria de Betânia também enxugou os pés de Jesus com seus cabelos (Jo 12.3).

A mulher dessa história demonstra um profundo sinal de reverência para com Jesus ao beijar-lhe os pés. A cena realizada pela mulher provoca uma revolta interior do fariseu, que não a expressa publicamente. Jesus responde ao pensamento não expresso do fariseu orgulhoso, contando a parábola dos dois devedores (v. 39-43), aplicando-a ao caso do fariseu e da mulher.

A indiferença do fariseu em relação a Jesus como hóspede e a sua conseqüente derrota como hospedeiro (v. 44-46) era um grande contraste com a afeição e comportamento da mulher (v. 47). Simão, o fariseu, não se reconhecia necessitado de nada e, logo, não sentia amor em seu coração por Jesus. Ele se considerava um homem bom e respeitável aos olhos dos demais e, principalmente, aos olhos de Deus. Por outro lado, aquela mulher reconhecia o seu pecado e sua maior necessidade e, portanto, estava cheia de amor e por isso recebeu o perdão. Infelizmente, o sentimento de auto-suficiência pode fechar a salvação de Deus para uma pessoa. O parecer estranho na lógica humana é que quanto melhor é uma pessoa mais ela sentirá o seu próprio pecado.

1º Vemos da mulher a Deus

2º Deus fez acontecer coisas boas que nos não temos quem agradeça e por isso agradeço

3º Por maior que nosso devedor ser humilde sendo Deus o maior

Capítulo 8

Versículos 1 a 56

1 E ACONTECEU, depois disto, que andava de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e os doze iam com ele.

2 E algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios;

3 E Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com suas fazendas.

A parábola do semeador Mat. 13.1-23 e refs.

4 E, ajuntando-se uma grande multidão, e vindo de todas as cidades ter com ele, disse por parábola:

5 Um semeador saiu a semear a sua semente, e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho, e foi pisada, e as aves do céu a comeram;

6 E outra caiu sobre pedra, e, nascida, secou-se, pois que não tinha humidade;

7 E outra caiu entre espinhos, e crescendo com ela os espinhos, a sufocaram;

8 E outra caiu em boa terra; e, nascida, produziu fruto, cento por um. Dizendo ele estas coisas, clamava: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

8.1 - Versículos 1 a 3 – As mulheres que ajudavam Jesus

O texto descreve um lado do ministério de Jesus não descrito por nenhum outro evangelista e somente neste texto de Lucas. Jesus e os doze se tornaram um grupo viajante, levando de um lugar a outro a mensagem do reino de Deus. Aqui já não lhes estão abertas as sinagogas, como antes. Jesus começa a enfrentar a oposição dos religiosos daquela época¹, que

¹ *Fariseus*: surgiram por volta do segundo século antes de Cristo, numa época em que os costumes gregos ameaçavam os costumes judaicos. Os fariseus eram leigos que formavam uma das seitas religiosas mais forte de Israel.

Saduceus: formavam o partido sacerdotal, político e aristocrático de Israel, e exerciam suas atividades no templo.

Escribas: surgiram quando os judeus voltaram do cativeiro da Babilônia. Eles eram os mestres da lei em Israel, seu trabalho consistia em copiar e estudar a lei de Moisés, traduzir e ensinar ao povo a lei de Moisés, dar o significado da lei, ensinar ao povo a tradição oral e aplicar a lei e as regras da tradição oral.

9 E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Que parábola é esta?

10 E ele disse: A vós vos é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas aos outros por parábolas, para que, vendo, não vejam, e, ouvindo, não entendam.

11 Esta é pois a parábola: A semente é a palavra de Deus;

12 E os que *estão* junto do caminho, estes são os que ouvem; depois vem o diabo, e tira-lhes do coração a palavra, para que se não salvem, crendo;

13 E os que estão sobre pedra; estes são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria, mas, como não têm raiz, apenas crêem por algum tempo, e no tempo da tentação se desviam;

14 E a que caiu entre espinhos, esses são os que ouviram, e, indo por diante, são sufocados com os cuidados, e riquezas e deleites da vida, e não dão fruto com perfeição;

15 E a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom, e dão fruto com perseverança.

A parábola da candeia Mar. 4.21-25 e refs.

16 E ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso, ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram vejam a luz.

17 Porque não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz.

18 Vede pois como ouvis; porque a qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver até o que parece ter lhe será tirado.

A família de Jesus Mat. 12.46-50 e refs.

19 E foram ter com ele sua mãe e seus irmãos, e não podiam aproximar-se dele, por causa da multidão.

20 E foi-lhe dito: Estão lá fora tua mãe e teus irmãos, que querem verte.

21 Mas, respondendo ele, disse-lhes: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a executam.

procuravam achar algum delito em Jesus para delatá-lo.

O grupo descrito no texto é composto de mulheres de bens que providenciavam o que era necessário para manutenção de Jesus e seus doze discípulos. Naquela época, era considerada uma obra piedosa o ato de sustentar um rabino. Mas é interessante notar que aquele grupo de mulheres era heterogêneo. No grupo estava Maria Madalena, assim chamada porque pertencia ao povo de Magdala, da qual Jesus havia retirado sete demônios.² Havia também Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes. Os procuradores eram altos funcionários que cuidavam dos interesses pessoais dos reis e governadores. Eram funcionários da maior confiança e importância. Jesus conseguira que vivesse em harmonia, Maria Madalena (com seu passado tenebroso) com Joana, a dama da corte.

Vale notar que as mulheres não podiam pregar, mas elas ajudavam no sustento do ministério de Jesus com o que tinham (posses, atenção, preparação de alimentos, recepção...).

Muitos pastores e líderes cristãos não poderiam realizar seus trabalhos se não houvesse pessoas que lhes dessem respaldo em casa, com orações, planejamento e também no transfundo. São pessoas que, muitas vezes, estão invisíveis, porém essenciais ao reino de Deus.

² É evidente que o passado de Maria Madalena não era nada bom, havia sido terrível.

Jesus acalma uma tempestade Mat. 8.25-27 e refs.

22 E aconteceu que, num daqueles dias, entrou num barco com seus discípulos, e disse-lhes: Passemos para a outra banda do lago. E partiram.

23 E, navegando eles, adormeceu; e sobreveio uma tempestade de vento no lago, e enchiam-se *d'água*, estando em perigo.

24 E, chegando-se a ele, o despertaram dizendo: Mestre, Mestre, receemos. E ele, levantando-se, reпреendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança.

25 E disse-lhes: Onde está a vossa fé? E eles, temendo, maravilharam-se, dizendo uns aos outros: Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem?

O endemoninhado gadareno Mat. 8.28-34 e refs.

26 E navegaram para a terra dos gadarenos, que está defronte da Galiléia.

27 E, quando desceu para terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo estava possesso de demônios, e não andava vestido, nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros.

28 E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando, e dizendo com grande voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peça-te que não me atormentes.

29 Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impellido pelo demônio para os desertos.

30 E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios.

31 E rogavam-lhe que os não mandasse para o abismo.

32 E andava ali pastando no monte uma vara de muitos porcos; e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho.

8.2 - Versículos 4 a 15 – A parábola da semente

Jesus fala, nestes versículos, sobre a resposta à mensagem do evangelho. A parábola em si está aberta a mais de uma interpretação, mas o comentário é interpretado pelo próprio Jesus, definindo-a objetivamente. A semente é a Palavra de Deus que frutificará em um coração receptivo, “a boa terra”, mas que pode não ser tão eficaz em outros terrenos, por várias razões: os pássaros, que representam a ação contrária do diabo; a aridez (falta de água), representada pelas perseguições e dificuldades da vida; e os espinhos, simbolizando os cuidados, riquezas e prazeres da vida.

Após contar a parábola, Jesus chama a atenção para o significado mais profundo de sua pregação. Talvez essa parábola tenha sido usada por Jesus como uma palavra de alento aos discípulos que, naquela altura, não poderiam desanimar frente às correntes perseguições engendradas pelos fariseus.

Quando explica aos discípulos o significado da parábola, Jesus assegura-lhes que os desígnios ocultos, os mistérios de Deus, são revelados a eles. Nesse momento o Mestre lhes faz a espantosa declaração de que as parábolas são destinadas a impedir que os outros entendam. O propósito de Cristo era ensinar a Palavra de tal forma que ela fosse escondida daqueles que não desejassem acolhê-la, contudo a Palavra é para ser cheia de sentido àqueles que a desejassem compreender. Sabe-se que,

33 E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despeinhado no lago, e afogou-se.

34 E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos.

35 E saíram a ver o que tinha acontecido, e vieram ter com Jesus. Acharam então o homem, de quem haviam saído os demônios, vestido, e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram.

36 E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemo-ninhado.

37 E toda a multidão da terra dos gada-renos ao redor lhe rogou que se retirasse deles, porque estavam possuídos de grande temor. E, entrando ele no barco, voltou.

38 E aquele homem, de quem haviam saído os demônios, rogou-lhe que o deixasse estar com ele, mas Jesus o despediu, dizendo:

39 Torna para tua casa, e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito.

*A filha de Jairo;
a mulher que tinha um fluxo de sangue*

Mar. 5.21-43 e refs.

40 E aconteceu que, quando voltou Jesus, a multidão o recebeu, porque todos o estavam esperando.

41 E eis que chegou um varão de nome Jairo, que era príncipe da sinagoga; e, prostrando-se aos pés de Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa;

42 Porque tinha uma filha única, quase de doze anos, que estava à morte. E, indo ele, apertava-o a multidão.

43 E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada,

44 Chegando por detrás dele, tocou na orla do seu vestido, e logo estancou o fluxo do seu sangue.

45 E disse Jesus: Quem é que me tocou? E, negando todos, disse Pedro e os que estavam com ele: Mestre, a multidão te aperta e te oprime, e dizes: Quem é que me tocou?

para poder compreender a mensagem do evangelho, é preciso primeiro receber espiritualmente a Jesus nos corações. Este texto é uma referência a Isaías 6.9.

Nos versículos 13-15 Jesus compara os ouvintes à semente e não à terra. O versículo 15 enfatiza a perseverança, como uma característica de Lucas (ver também Lucas 21.19; At 11.23).

8.3 - Versículos 16 a 18 – A parábola da candeia

O texto ensina que as pessoas que são iluminadas pela Palavra de Deus devem se tornar lâmpadas que iluminam o mundo (v. 16). Para Jesus, uma luz feita para dissipar as trevas da ignorância e do pecado não se pode colocar debaixo de um vaso ou de uma cama.

Os salvos devem ser lâmpadas para o mundo. Devem ser não apenas bons cidadãos, mas também devem difundir a bondade, “porque não há coisa encoberta que não haja de manifestar-se” (v. 17).

Jesus exorta outra vez aos seus ouvintes: “vede como ouvis”, pois os que estão abertos à Palavra de Deus ficarão cada vez mais ricos na vida que ele engendra e nutre (v. 8). Mas os que não ouvem, descobrem que a vida espiritual que parece ter germinado, secou (v. 6).

8.4 - Versículos 19 a 21 – A família de Jesus

Jesus mostra aos seus seguidores que o relacionamento maior com ele não se

46 E disse Jesus: Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude.

47 Então, vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se tremendo, e, prostrando-se ante ele, declarou-lhe diante de todo o povo a causa por que lhe havia tocado, e como logo sarara.

48 E ele lhe disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz.

49 Estando ele ainda falando, chegou um dos do príncipe da sinagoga, dizendo: A tua filha já está morta, não incomodes o Mestre.

50 Jesus, porém, ouvindo-o, respondeu-lhe, dizendo: Não temas; crê somente, e será salva.

51 E, entrando em casa, a ninguém deixou entrar, senão a Pedro, e a Tiago, e a João, e ao Pai e à mãe da menina.

52 E todos choravam, e a pranteavam; e ele disse: Não choreis; não está morta, mas dorme.

53 E riam-se dele, sabendo que estava morta.

54 Mas ele, pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina.

55 E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer.

56 E seus pais ficaram maravilhados; e ele lhes mandou que a ninguém dissessem o que havia sucedido.

dá pelos laços de sangue ou outras ligações terrenas, mas ouvindo e vivendo a prática da Palavra de Deus.

É digno de nota que seus familiares tentavam falar-lhe e não conseguiram porque Jesus estava rodeado de ouvintes, contudo seus irmãos não estavam ali para ouvi-lo pregar o evangelho. Os seus mais próximos parentes eram os menos interessados em escutá-lo. Em lugar de estarem dentro do grupo para ouvi-lo, estavam fora com o mero desejo de apenas vê-lo (v. 20).

Jesus preferiu continuar sua obra de evangelização a conversar com os seus parentes. Por isso estava prestes a reconhecer como seus parentes os que se dispunham a ouvir a Palavra de Deus e a praticá-la.

8.5 - Versículos 22 a 56 – Quatro grandes milagres de Jesus

Os quatro milagres descritos por Lucas, também são registrados por Mateus (8.23-34; 9.18-26), e por Marcos (4.35-5.43). Sendo que Marcos apresenta a maior e a mais completa narração. Esses milagres são demonstrações do poder e autoridade de Jesus sobre quatro diferentes domínios.

No primeiro milagre (8.22-25), *Jesus mostra seu poder sobre a natureza*. Quando acalma a tempestade no mar, Jesus comprova que tem autoridade sobre a natureza. Lucas afirma que Jesus repreendeu o vento. Aqui é empregada a mesma palavra usada quando Jesus repreendeu a febre da sogra de Pedro (4.39). Nestes versículos, nosso Senhor é associado aos seus discípulos nas dificuldades e nas tormentas em que se encontravam. Muitas vezes os discípulos de Cristo podem ser conscientes de sua presença em meio às maiores dificuldades e aflições mas, às vezes, parece que Jesus está dormindo, já que não se apressa em prestar socorro. A verdade é que Jesus estava testando a fé de seus discípulos, da mesma forma em que somos também testados.

Os discípulos gritam pelo socorro de Cristo. O melhor meio de silenciar os nossos temores é apresentá-los aos pés de Jesus. Ao passar o perigo, os discípulos convenientemente oferecem toda a glória e gratidão a Cristo que os socorreu na aflição. Jesus, no versículo 25, os adverte por seus “infundados” temores: “onde está a vossa fé”? Realmente, havia motivos para não temerem: levavam consigo o Senhor do céu e da terra. Levavam consigo a ordem de Jesus “passemos ao outro lado”.

“Onde está a vossa fé?” Alguns que possuem a fé parece tê-la bem escondida em seus corações e é preciso um grande inconveniente para fazê-la brotar. A manifestação do poder de Jesus deixa todos atemorizados, pois nunca tinham visto tamanha demonstração de poder. Eles reconhecem o senhorio de Jesus.

Em segundo lugar (8.26-39), *Jesus mostra seu poder sobre os demônios*. Os demônios que se mostram nessa porção eram muito numerosos, já que se chamavam “legião, porque tinham entrado nele muitos demônios” (v. 30). E era um homem que estava endemoninhado há muito tempo (v. 27). Os demônios eram inimigos inveterados daquele homem, pois lhe obrigavam a viver sem roupas e pelos sepulcros, a fim de aterrorizá-lo e também aos demais que o cercavam. O texto mostra que aqueles demônios possuíam grande força, pois “guardavam-no preso com grilhões e cadeias”, mas ele as quebrava (v. 29). Quem não se deixa governar e a se controlar por nada, mostram que são governados por Satanás. Observe-se que aquele homem “era impelido pelos demônios para os desertos” (v. 29). Jesus nos leva à comunhão com o Pai e com os irmãos. Os demônios impelem as pessoas ao isolamento e à depressão.

O demônio reconhece que Jesus é muito superior a eles. Os demônios têm muito medo do poder e da ira de Jesus – “rogo-te que não nos atormentes” (v. 28). Observe-se a linguagem de quem tem medo do inferno, mas não têm desejo do céu como lugar de descanso, santidade e amor. Eles ainda reconhecem que estão totalmente debaixo da autoridade de Jesus, pois “rogava-lhes que não os mandassem para o abismo” (v. 31). Este é um grande consolo para nós, os salvos, saber que os poderes do nosso inimigo estão debaixo da autoridade de Cristo.

Os demônios têm prazer em provocar danos. Quando vêem que não podem mais continuar atormentando aquele homem, rogam a Jesus que lhes deixem entrar numa manada de porcos (v. 32). Já que não podiam destruir o homem, ao menos poderiam destruir os porcos, colocando seu proprietário contra Jesus. E toda manada se precipitou no lago, afogando-se.

Quando o poder de Cristo quebra o poder do diabo numa pessoa, essa pessoa imediatamente recobra seu estado anterior (v. 35). Aquele homem, que antes era atormentado pelos demônios, agora está em paz aos pés de Jesus.

Muitas pessoas ali preferiram os porcos a Jesus. Infelizmente, perderam a grande oportunidade de salvação que o Senhor lhes oferecia. Aquele que antes possuía os demônios, agora prefere ficar junto de Jesus. Mas Jesus envia-lhe aos seus familiares e amigos, para que testemunhasse de tudo quanto Deus lhe fizera.

Jesus ressuscita a filha de Jairo (8.40-56), demonstrando seu poder sobre a morte. No intervalo cura uma mulher hemorrágica, mostrando também o seu poder sobre as enfermidades.

Jesus havia sido expulso de Gadara por seus habitantes, todavia, quando regressou à Galiléia foi muito bem recebido pela multidão que o esperava (v. 40). Assim que chegou, encontrou novas tarefas.

Ao chegar, apresenta-se a ele o chefe da sinagoga, Jairo, suplicando-lhe ajuda a favor de sua filha que estava morrendo (v. 41,42). Jairo, prostrando-se aos pés de Jesus, rogou-lhe que fosse à sua casa. Já que não tinha a mesma fé do centurião, o qual se contentava que Jesus pronunciasse à distância uma palavra curativa. Jesus aceita a súplica de Jairo e vai em direção à sua casa.

Aqui vale observar o seguinte detalhe: Ainda que Jesus valorize a grande fé, não é por isso que desconsidere a fé pequena; ele conhece as nossas fraquezas.

À medida que Jesus caminhava com Jairo, a multidão lhe apertava cada vez mais. Nesse intervalo, uma mulher, que há doze anos sofria de uma hemorragia, lhe toca em suas costas (v. 43,44). Apesar de ser médico, Lucas mostra sua honra em descrever esse milagre fornecendo detalhes que Mateus não fornece. Lucas afirma que a mulher “gastara com os médicos todos os seus haveres e por ninguém pudera ser curada” (v. 43). Devido à natureza da enfermidade, da qual nem o próprio Lucas dá mais detalhe, aquela mulher preferiu chegar de forma oculta a Jesus, misturada com a multidão.

Aquela era uma mulher afastada do templo porque, segundo a lei, uma mulher em seu período menstrual era considerada imunda e não podia cultuar no templo e quem tocasse nessa mulher também se tornava imundo (Lv 15). Vale destacar que, além da doença em si, as conseqüências da mesma eram tão ruins, ou pior que a própria doença porque afastava a mulher da comunhão social. Mas a fé daquela mulher era valiosa. Ela estava certa de que, se apenas tocasse no manto de Jesus, seria curada

(Mc 5.28). Ela via em Jesus uma fonte de vida tão forte que, se lhe tocasse para receber a cura, Jesus nem sentiria o pouco de poder que ela “retirara” dele. Assim são muitas pessoas que, às vezes, estão perdidas na multidão em nossas igrejas e são tocadas pela graça de Deus, sendo curadas de seus pecados e salvas da condenação. A mulher foi imediatamente curada. Muitas vezes sentimos o consolo da comunhão com o Espírito de Deus, ainda que pareça que estamos sós.

Contudo, esta cura secreta é logo descoberta pelo Mestre e Senhor: *“alguém me tocou pois percebi que de mim saiu poder”*. Os que são curados pela virtude de Jesus devem reconhecê-lo porque Jesus os conhece. Jesus não pronunciou aquelas palavras em tom de repreensão. Ele tinha prazer que saísse de si mesmo o poder para curar. A pobre mulher confessa o seu caso e o benefício que havia recebido. A mulher aproxima-se de Jesus com muito temor e tremor. Declara diante de todo o povo a causa de seu sofrimento e por que o havia tocado.

O maior médico de corpos e de almas lhe confirma a cura e lhe despede com palavras de conforto e consolo: *“filha, a tua fé te salvou, vai-te em paz”* (v. 48). Aqui Jesus demonstra seu completo poder sobre as enfermidades. Após terminar o episódio com aquela mulher, alguém vem dar a Jairo a triste notícia de que sua filha não resistiu e morreu. Mas Jesus reanima-o dizendo: *“crê somente, e será salva”*. A nossa fé em Jesus há de ser ousada e sem medo ainda que as dificuldades pareçam impossíveis de serem solucionadas.

Ao chegar à casa de Jairo, Jesus, acompanhado da multidão, só permite entrar com ele no quarto para servir de testemunhas, Pedro, Tiago, João e os pais da menina (v. 51). Jesus manda que os pranteadores se calem porque a menina dorme (v. 52). Jesus dava a entender, nesse caso particular, que a moça voltaria à vida. Logo, para seus familiares e amigos, era como se estivesse dormindo por pouco tempo. Mas os pranteadores riam de Jesus porque sabiam que moça estava morta. Faziam isso porque não acreditavam no poder de Jesus. Não havia sinceridade em seus prantos; eles eram pagos para chorar, por isso Jesus lhes deixa de fora (Mc 5.40), já que eram indignos de presenciar o milagre.

A moça volta à vida – *“e tomando-lhe a mão, exclamou: menina, levanta-te”* (v. 54). “E o seu espírito voltou, e ela se levantou imediatamente” (v. 55). Onde estava nesse intervalo o espírito daquela moça? O texto não nos fornece essa resposta. A grande verdade é que com esse milagre Jesus mostra que seu poder é maior que morte.

Capítulo 9

Versículos 1 a 62

9.1 - Versículos 1 a 6 – A missão dos doze

Essa era uma missão destinada a Israel e, como mensageiros do Messias, os discípulos eram dignos de apoio do povo. Vamos analisar o que Jesus ordenou aos discípulos para cumprirem e completarem a missão.

1) Não deviam se preocupar com a aparência ao se apresentarem aos homens, a fim de impressionar-lhes com sua aparência exterior. Deviam ir como estavam, sem levar roupas ou caçados sobressalentes.

2) Deviam depender da providência de Deus por meio de seus amigos, sem levarem estoques de alimentos e nem dinheiro.

3) Não deviam trocar de hospedagem, mesmo quando desconfiassem que seus hospedeiros estivessem cansados deles

1 E, CONVOCANDO os seus doze discípulos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demônios; e para curarem enfermidades;

2 E enviou-os a pregar o reino de Deus, e a curar os enfermos.

3 E disse-lhes: Nada leveis convosco para o caminho, nem bordões, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; nem tendes dois vestidos.

4 E, em qualquer casa em que entrardes, ficai ali, e de lá saireis.

5 E, se em qualquer cidade vos não receberem, saindo vós dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles.

6 E, saindo eles, percorreram todas as aldeias, anunciando o evangelho, e fazendo curas por toda a parte.

Herodes o tetrarca e João Batista
Mat. 14.1, etc.

7 E o tetrarca Herodes ouvia tudo o que se passava, e estava em dúvida, porque diziam alguns que João ressuscitara dos mortos;

8 E outros que Elias tinha aparecido; e outros que um profeta dos antigos havia ressuscitado.

9 E disse Herodes: A João mandei eu degolar; quem é pois este de quem ouço dizer tais coisas? E procurava vê-lo.

A primeira multiplicação dos pães
Mat. 14.13-21 e refs.

10 E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida.

11 E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura.

12 E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos lugares e aldeias em redor, se agasalhem, e achem que comer, porque aqui estamos em lugar deserto.

13 Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes; salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo.

14 Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse então aos seus discípulos: Fazei-os assentar, em ranchos de cinquenta em cinquenta.

15 E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos.

16 E, tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porém diante da multidão.

17 E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços.

A confissão de Pedro
Mat. 16.13, etc.

18 E aconteceu que, estando ele só, orando, estavam com ele os discípulos; e perguntou-lhes, dizendo: Quem diz a multidão que eu sou?

19 E, respondendo eles, disseram: João Batista; outros, Elias, e outros que um dos antigos profetas ressuscitou.

20 E disse-lhes: E vós, quem dizeis que eu sou? E, respondendo Pedro, disse: O Cristo de Deus.

21 E, admoestando-os, mandou que a ninguém referissem isso,

22 Dizendo: É necessário que o Filho do homem padeça muitas coisas, e seja rejeitado dos anciãos e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia.

(v. 4). Assim, as pessoas saberiam onde achá-los em caso de necessidade.

4) Deviam pregar com autoridade, admoestar severamente quem não lhes recebessem, e confortar e consolar os que lhes recebessem. E, saindo, fizeram tudo como o Mestre lhes ordenara. Seus trabalhos eram os mesmos que os do Mestre, porque curavam a alma e os corpos.

**9.2 - Versículos 7 a 9 –
A perplexidade de Herodes**

A transferência de poder de Jesus aos seus comissionados era uma grande prova de que ele era o Messias. Isso fez com que sua fama se estendesse cada vez mais. Com isso, logo aparece a perplexidade de Herodes. Notem-se as especulações que surgiam nas mentes das pessoas a respeito de Jesus.

Herodes chegou mesmo a pensar na possibilidade de que João Batista, a quem mandara decapitar, havia ressuscitado. Herodes falava consigo mesmo: “Que farei agora? Quem é este que segue os passos de João?” Para Herodes, Jesus era ou o Batista ressuscitado ou alguém que veio para vingar a sua morte. Os que se opõem à vontade de Deus, sempre estarão à espera do juízo de Deus em suas pobres vidas.

9.3 - Versículos 10 a 17 – A primeira multiplicação dos pães e peixes

Após retornarem os doze discípulos da missão que Jesus lhes tinha dado (Lc 9.1-6), o Mestre os levou para um retiro. Aqui se

Cada um deve levar a sua cruz
Mat. 16.24-28 e refs.

23 E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.

24 Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará.

25 Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?

26 Porque, qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem quando vier na sua glória, e na do Pai e dos santos anjos.

27 E em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não verão a morte até que vejam o reino de Deus.

A transfiguração
Mat. 17.1-13 e refs.

28 E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar.

29 E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e o seu vestido ficou branco e mui resplandecente.

30 E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias,

31 Os quais apareceram com glória, e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém.

32 E Pedro e os que estavam com ele estavam carregados de sono; e, quando despertaram, viram a sua glória e aqueles dois varões que estavam com ele.

33 E aconteceu que, quando aqueles se apartaram dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui, e façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias; não sabendo o que dizia.

34 E, dizendo ele isto, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e, entrando eles na nuvem, temeram.

35 E saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho; a ele ouvi.

36 E, tendo soado aquela voz, Jesus foi achado só; e eles calaram-se, e por aqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto.

pode tirar uma palavra de cuidado para aqueles que têm um ministério que os absorve muito, e que necessitam, com frequência, se retirarem um pouco para descansar a fim de recarregarem suas energias. Esse descanso é importante para reflexão e auto-avaliação, o que certamente ajudará nas atividades ministeriais que virão.

Todavia, durou muito pouco aquele retiro de Jesus com os discípulos, porque “as multidões percebendo isto, seguiram-no e ele as recebeu”. Mesmo que aquela visita fosse inoportuna, Jesus lhes recebeu. De Jesus devemos aprender a sermos cordiais com aqueles que necessitam de nossa ajuda. Nessa perspectiva, pode-se observar: a preocupação maior de Jesus não era consigo mesmo, mas em resgatar os perdidos, porque seu alimento era fazer a vontade do Pai (Jo 4.34).

Jesus lhes falava do reino de Deus e curava a todos que necessitavam de cura (v. 11). Jesus tem esse poder, mas a questão é que muitas vezes é preciso uma enfermidade para o bem do corpo. Para Jesus, o ser humano precisa muito mais que a cura física, pois que a maior necessidade do ser humano é a cura espiritual.

O milagre da multiplicação dos pães descrito neste texto está contido nos quatro evangelistas. A narrativa mostra que quem segue Jesus diligentemente é atendido por ele de um modo todo especial. Jesus alimenta seus seguidores com o pão físico e espiritual.

Cura dum jovem lunático
Mat. 17.14-21 e refs.

37 E aconteceu, no dia seguinte, que, descendo eles do monte, lhes saiu ao encontro *uma* grande multidão;

38 E eis que um homem da multidão clamou, dizendo: Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único que eu tenho.

39 Eis que um espírito o toma, e de repente clama, e o despedaça até espumar; e só o larga depois de o ter quebrantado.

40 E roguei aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam.

41 E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei? Traze-me cá o teu filho.

42 E, quando vinha chegando, o demônio o derribou e convulsionou; porém Jesus repreendeu o espírito imundo, e curou o menino, e o entregou a seu pai.

43 E todos pasmavam da majestade de Deus. E, maravilhando-se todos de todas as *coisas* que Jesus fazia, disse aos seus discípulos:

44 Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos, porque o Filho do homem será entregue nas mãos dos homens.

45 Mas eles não entendiam esta palavra, que lhes era encoberta, para que a não compreendessem; e temiam interrogá-lo acerca desta palavra.

O maior no reino dos céus
Mat. 18.1, etc. e refs.

46 E suscitou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior.

47 Mas Jesus, vendo o pensamento de seus corações, tomou um menino, pô-lo junto a si,

48 E disse-lhes: Qualquer que receber este menino em meu nome, receba-me a mim; e qualquer que me recebe a mim, recebe o que me enviou; porque aquele que entre vós todos for o menor, esse mesmo é grande.

Quem não é contra nós é por nós
Mar. 9.38-40

49 E, respondendo João, disse: Mestre, vimos um que em teu nome ex-

Outro ponto de destaque é a generosidade de Jesus. Enquanto seus discípulos diziam: “despede a multidão... e achem o que comer”, Jesus ordena: “*dai-lhes vós de comer*”. A obra de Jesus é sempre completa. Ele não apenas provê a cura mas, também, provê o alimento para o nosso espírito. Não apenas nos cura com o perdão dos nossos pecados mas, também, nos alimenta com provisão para vida eterna (Jo 6.35-58).

Jesus nos ensina que todos os dons recebidos no reino de Deus devem ser usados de forma ordenada – “*fazei-os reclinar-se em grupos de cinquenta cada um*”. Assim dispostos, era fácil contar o grupo de 5000 homens em 100 grupos de 50 cada. Jesus abençoa os pães e peixes. Quando recebemos as bênçãos do céu é importante sermos gratos a Deus, mostrando-lhe a nossa dependência dele. Na verdade, o que a terra produz é fruto da bênção de Deus. Deus envia sua bênção sobre todos, todavia, o que cada alma regenerada produz de bom é também produto de sua graça. “*Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para boas obras*” (Ef 2.10).

Lucas relata a capacidade de Jesus em saciar a quem alimenta (v. 17), tendo o suficiente para todos e o bastante para cada pessoa. Os doze cestos das sobras testificam a fartura da mesa do Senhor. Em suma, em Jesus se suprem todas as necessidades humanas (Fl 4.19).

pulsava os demônios, e lho proibimos, porque não *te* segue conosco.

50 E Jesus lhes disse: Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós.

Os samaritanos não recebem a Jesus

51 E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém.

52 E mandou mensageiros diante da sua face; e, indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem *pousada*,

53 Mas não o receberam, porque o seu aspecto era *como de quem* ia a Jerusalém.

54 E os seus discípulos, Tiago e João, vendo *isto*, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?

55 Voltando-se, porém, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois.

56 Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia.

Acerca dos que seguem a Jesus
Mat. 8.19-22

57 E aconteceu que, indo eles pelo caminho, lhe disse um: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores.

58 E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.

59 E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá a enterrar meu pai.

60 Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o reino de Deus.

61 Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa.

62 E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus.

**9.4 - Versículos 18 a 22 –
A confissão de Pedro a Jesus**

A descrição de Jesus concentrando-se na oração assinala aproximação de mais um momento decisivo, conforme 3.1 e 6.12, em sua vida aqui na terra. Mas, dando seqüência em seu ministério, Jesus está pronto a confrontar seus seguidores com a pergunta que vem sendo dest*aque entre o povo desde o início de seu trabalho: “quem é este?” (Lc 8.25). Os discípulos, inicialmente, dão a resposta que a multidão pensava e falava: Uns dizem que és João, outros, Elias; há também aqueles que pensam que és um grande profeta (v. 7,8).

Jesus quer saber, ainda, a opinião dos discípulos. Pedro, respondendo pelos doze, diz: “O Cristo de Deus”. A resposta está correta, todavia, pode ser interpretado de forma errada (Lc 23.35), por isso Jesus impõe-lhes silêncio (v. 21) até o momento de poder ensiná-los sobre o verdadeiro significado da sua messianidade. Seguindo-se, Jesus faz o primeiro dos três anúncios de sua morte sacrificial (v. 22); os outros estão em Lucas 9.44 e 18.31-33. Jesus parece preferir para si o título Filho do homem, que no texto pode ser permutável com Messias ou Cristo. Para Jesus, não pode haver nenhum erro de identidade em relação à sua pessoa. Ele não será o Messias guerreiro da expectativa popular que poderia se aproveitar do patriotismo popular para libertar Israel do jugo de Roma, restaurando-lhe o governo davídico.

9.5 - Versículos 23 a 27 – As condições do ministério de Jesus para seus seguidores

Jesus será rejeitado pelos anciãos, pelos religiosos que finalmente promoverão a sua morte na cruz. Mas, seus seguidores deverão tomar “a cada dia a sua própria cruz”. Renunciar a si mesmo, nas palavras de Jesus, significa desistir do controle sobre o destino próprio e abrir-se ao verdadeiro autoconhecimento ensinado pelo Mestre. Deixando de lado as imagens formadas por ilusões mundanas sobre o sentido da vida, Jesus reconhecia que os riscos são imensos. Mas aquele que recebe o reino de Deus, sua resposta a Jesus, enquanto se vive (ou viveu) aqui nesse mundo, determinará o resultado do grande julgamento do juízo final (v. 26).

Embora os expositores difiram quanto ao significado da observação de Jesus de que alguns não morrerão antes de ver o reinado de Deus, essa observação muito provavelmente se referia ao cenário de Marcos na experiência da transfiguração, cuja glória seria uma antecipação da glória que manifestará em sua segunda vinda (compare com 2Pedro 1.16-18). Lucas amplia essa visão para a ressurreição e para o dom do Espírito Santo (At 2.32-36). Particularmente, entendo que reino chegou para aqueles que receberam a mensagem de Jesus. Esses viram e já desfrutam da ação do reino de Deus.

9.6 - Versículos 28 a 36 – A transfiguração de Cristo

A transfiguração do Senhor abrange mais de um significado. Dentre esses, estava destinada a ser uma antecipação da glória que anteriormente Jesus havia falado. A transfiguração forma um fascinante contraste com a mensagem de sofrimento e humilhação descrita por Jesus anteriormente, e poderosa glória do porvir.

Lucas afirma que o fato aconteceu oito dias seguintes, enquanto Mateus e Marcos relatam que foram seis dias depois. Mesmo assim não há contradição entre Lucas, Mateus e Marcos.

Lucas não usa o termo grego “*metamorfôo*” que Mateus e Marcos utilizam e que significa literalmente transformar. Esse é o mesmo termo usado por Paulo em Romanos 12.2. Lucas afirma que essa honra foi conferida a Cristo enquanto ele orava (v. 29). Quanto mais Jesus se humilhava para orar mais era glorificado pelo Pai. É importante notar que

Jesus, mesmo como homem puro e santo, necessitava obter poder e graça por meio da oração. Assim sendo, ele honrava a importância da oração, exortando-nos com o seu exemplo sobre o dever de orarmos constantemente. Nessa perspectiva, a oração é algo que nos transforma, pois por ela obtemos a sabedoria, a graça e o gozo que fazem com que resplandeça o nosso rosto diante de Deus (2Co 3.18; 4.4).

Lucas diz que a aparência do rosto de Jesus mudou-se, e a sua roupa tornou-se branca e resplandecente (v. 29). A idéia que Lucas passa, em seu texto, é como se todo o ser de Jesus estivesse revestido de luz brilhante. Nesse evento, Moisés e Elias aparecem “em glória” (v. 31) falando com Jesus. Bliss diz que esse aparecimento em glória era como convinha as pessoas que deviam ter comunhão com o Salvador glorificado e, também, como indicativo da felicidade eterna, em estado celestial, dos que fielmente haviam servido a Deus na terra.¹

O tema da conversa de Moisés e Elias com Jesus era sobre sua partida (literalmente êxodo, saída) que Jesus iria cumprir em Jerusalém (v. 31). Essa partida compreendia não apenas a sua morte mas, também, a ressurreição e a ascensão aos céus (compare com João 13.3; 16.18). Portanto, a morte de Jesus chama-se aqui de sua saída. A morte do salvo é como sua saída da escravidão do “Egito” que é esse mundo, pois é casa de escravidão. Essa saída de Cristo tinha de cumprir-se, pois assim estava fixada nos propósitos de Deus (At 2.23). Tinha de cumprir-se em Jerusalém, como disse Jesus mais adiante: “*não convém que morra um profeta fora de Jerusalém*” (Lc 13.33). Moisés e Elias estavam ali para mostrar que os padecimentos de Jesus estavam profetizados por ele, Moisés, e demais profetas (Lc 24.26-27).

Outro aspecto a ser observado é que em meio à transfiguração, estava ali o Salvador disposto a falar sobre suas dores e padecimentos. Com isso ele nos ensina que, mesmo nos melhores momentos que temos aqui na terra, não podemos nos esquecer de que aqui não é o nosso lugar de permanência (Hb 13.14).

Outro detalhe desse evento é que Lucas relata os discípulos dormindo antes da transfiguração: “despertando, porém viram a sua glória, e os dois varões que estavam com eles” (v. 32). Isso mostra que quando tiveram a visão, os três discípulos (Pedro, João e Tiago) estavam completamente despertos.

¹ BLISS, IN HENRY, M. *O Comentário Bíblico*. Barcelona: Clie, 1999, p. 1290.

Quando Moisés e Elias já se apartavam de Jesus, Pedro lhe diz: “Mestre, bom é estarmos aqui: façamos, pois três cabanas...” (v. 33). Ocorre, muitas vezes, o não nos dar conta dos favores que recebemos de Deus, até que os tenhamos perdido. Lucas afirma que Pedro “não sabia o que dizia”. Porque Moisés e Elias, em estado glorificado aqui na terra, não necessitariam do abrigo de cabanas.

“*Enquanto ele ainda falava veio uma nuvem que os cobriu...*” (v. 34). A nuvem era símbolo da presença de Deus. A nuvem luminosa era sinal da presença de Deus mas, ainda assim, inspirava temor aos discípulos. Mas não há o que temer se Jesus está presente. Sobre a voz que veio do meio da nuvem, Mateus dá mais detalhes que Marcos e Lucas: “*Este é meu filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi*” (Mt 17.5). Espertando, por dormindo, “sc aqui ns melhores momentos que temos aqui na terra n por Moiso a Deus na terra. Vale citar que Marcos e Lucas suprimem a oração intermediária ao passo que Pedro omite a última frase (2Pe 1.17).

Finalmente, Lucas relata que os discípulos por aqueles dias mantiveram um total silêncio sobre a transfiguração. Sabe-se que o próprio Jesus os havia admoestado para que não contassem a ninguém sobre o acontecido, até que ele houvesse ressuscitado dos mortos.

9.7 - Versículos 37 a 45 – Jesus atende a súplica de um pai desesperado

Nota-se o quão desejosas as pessoas estavam de receber Jesus. Em seu regresso do monte “veio-lhe ao encontro uma grande multidão” (v. 37). Lucas relata a súplica de um pai desesperado por causa de seu filho que estava sob o domínio do demônio (v. 38). Em seu pedido, ele solicita a Jesus para “olhar” pelo seu filho, isso já seria suficiente para o jovem ser libertado.

Pela ótica humana, a situação daquele jovem era deplorável, era um caso sem solução. Ele estava debaixo do jugo de um espírito imundo que o tomava fazendo-o gritar, convulsionar e até espumar pela boca. Aqui se observa os danos que Satanás e seus demônios fazem com aqueles que caem em suas garras. Mas felizes são aqueles que encontram Cristo.

Os discípulos, diante desse quadro, tiveram uma atuação lamentável: não conseguiram libertar o jovem das garras do demônio. Vale citar que anteriormente Jesus havia lhes dado poder para expulsar demônios. Isso mostra duas coisas: ou não tiveram fé suficiente para executar o poder

outorgado pelo Senhor, ou se deixaram levar pela autoconfiança em si mesmos, sem a dependência de Cristo. Penso que podem ter acontecido as duas coisas em conjunto com ênfase maior na autoconfiança.

Jesus entra em cena e cura de maneira eficaz aquele jovem. Em primeiro lugar Jesus pode fazer por nós o que os seus discípulos, de todas as épocas, não podem. O demônio o derrubou, mas Jesus interceptou o espírito maligno e o expulsou. Ainda que o demônio tenha se esforçado para impingir todo mal àquele jovem, bastou uma palavra de Jesus para afugentá-lo e restabelecer a saúde do jovem. Livrando-o de todo mal que o maligno lhe fizera, Jesus o “entregou a seu pai”. Aqui fica uma lição para os pais: quando nossos filhos se restabelecem de suas enfermidades devemos recebê-los como se Deus no-los entregasse de novo. Com a ação miraculosa de Jesus, todos se maravilharam. O Mestre aproveita para preparar os seus discípulos para sua paixão, “*cujo sentido lhes era encoberto para que não o compreendessem, e temiam interrogá-lo a esse respeito*” (v. 45). Esse versículo é de difícil interpretação. O relato de Lucas libera os discípulos, pelo menos em parte, da total responsabilidade pelo desconhecimento acerca da morte de Jesus como Marcos 9.32 observa. Plummer disse: “não lhes foi permitido compreender estas palavras, afim de que pudessem recordá-las depois, e ver que Jesus havia confrontado seus sofrimentos com pleno conhecimento e de livre vontade”.²

9.8 - Versículos 46 a 48 – O maior no reino de Deus

Os discípulos seguiam pensando que o reino de Deus, o qual Jesus trazia consigo, era segundo os padrões do mundo. Assim era inevitável que almejassem altas posições nesse reino.

Jesus conhecia os pensamentos deles (v. 47), e tomou uma criança e colocou-a junto a si, isto é, no lugar de máxima honra. Jesus lhes diz: “Qualquer que receber esta criança em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que me receber a mim, recebe aquele que me enviou” (v. 48b). O que Jesus queria dizer?

Jesus estava dizendo que se uma pessoa está disposta a ter uma vida de serviço, de ajuda e de amor pelos seus semelhantes, que aos olhos do mundo têm pouca importância, essa pessoa estará servindo a Jesus e a

² PLUMMER in ROBERTESON. A.T. op. cit., p.

Deus. Em suma, se uma pessoa está disposta a seguir a vontade a Deus, independentemente dos “olhos” do mundo, essa pessoa será grande diante de Deus. “...pois aquele que entre vós todos é o menor, esse é grande aos olhos de Deus”. Sigamos esse ensino do Mestre.

9.9 - Versículos 49 a 56 – Uma lição de tolerância

Lucas mostra a ação de um exorcista que atuava em nome de Jesus. João, o discípulo, mais uma vez parece ficar com ciúmes e proíbe aquele homem de atuar. Mas Jesus não estava de acordo com a atitude de João. Jesus lhe corrige: “Não lho proibais; porque quem não é contra vós é por vós” (v. 50).

O caminho mais perto entre a Galiléia e Jerusalém era passando por Samaria, mas os judeus o evitavam em face da antiga rivalidade que existia entre judeus e samaritanos (Jo 4.9). Vale destacar que os samaritanos procuravam sempre causar alguma dificuldade aos grupos de peregrinos judeus que intentassem passar por seu território. Para Jesus, esse trajeto também não fazia parte de seu itinerário, muito menos buscar pousada entre os samaritanos. Ao fazê-lo, naquele dia, Jesus estava oferecendo aos samaritanos uma porta para paz e união.

Os samaritanos negam hospitalidade a Jesus e assim rejeitam o gesto amistoso que o Senhor lhes ofereceu. Tiago e João, julgando que lhes parecia agradar a Jesus, oferecem-se para pedir aos céus fogo para erradicar a aldeia samaritana, todavia Jesus os repreende. Jesus ensina o dever da tolerância. A verdade, infelizmente, em muitos casos a tolerância passou a ser uma virtude esquecida. No lado ideológico, a questão da tolerância pode ser crítica. Há pessoas que se você pensa diferente dela... Na visão de Jesus, não se pode repudiar, menosprezar, ou mesmo excluir uma pessoa porque ela tem uma opinião diferente da nossa.³

Jesus admoesta Tiago e João afirmando que sua missão consistia em salvar vidas e não em aniquilá-las. A tolerância cristã deve basear-se no amor cristão e jamais na indiferença. A grande lição do Mestre para nós é: ainda que alguém esteja totalmente equivocado não se deve considerá-

³ É claro que, na igreja, opiniões que negam ou contrariam a Palavra de Deus, ou mesmo o próprio Deus, não devem ser admitidas, porque a igreja se fundamenta sobre a fé bíblica. Estamos falando de opiniões sobre questões de vida, prática cristã e relacionamento horizontal – humano-humano.

lo um inimigo que se tem de destruir mas, sim, como um amigo extraviado o qual se deve recuperar com amor.

9.10 - Versículos 57 a 62 – A renúncia de si mesmo

Jesus depara com três tipos de seguidores e, ao mesmo tempo, aconselha a cada um. Para o primeiro, ele disse: “antes de se tornar meu seguidor você deve considerar o preço que isso lhe custará”. A grande verdade é que Jesus jamais induziu as pessoas a segui-lo com falsas promessas. Muitas vezes a igreja passa despercebida na comunidade, na qual está inserida, porque as pessoas de fora não percebem que há uma diferença entre o membro do corpo de Cristo e o que não é.

A igreja deveria mostrar e dizer, principalmente por meio da vida de seus membros, que existe uma grande diferença entre os salvos e os não-salvos. É verdade que, talvez, tivéssemos menos pessoas em nossas igrejas, mas as que estivessem na igreja, sem dúvida nenhuma, estariam mais comprometidas com o evangelho do Senhor. Os membros estariam mais comprometidos em viver o cristianismo diariamente.

Ao segundo seguidor, a resposta de Jesus, à primeira vista, parece forte e até mesmo dura. Mas não foi assim. É muito provável que o pai do segundo seguidor (desta passagem) não estivesse morto, nem mesmo doente. Sendo assim, é possível que aquele homem estivesse dizendo: “Jesus, eu te seguirei assim que meu pai morrer”.

Mas, para Jesus, não se pode perder as oportunidades que Deus coloca em nossa vida, porque essas oportunidades poderão não voltar mais. Na vida sempre haverá momentos de decisões importantes, que não devem ser ignorados. É preciso coragem e decidir.

Observe-se que esse segundo homem do relatado de Lucas deixou de sair de um ambiente morto espiritualmente, no momento em que seu coração lhe chamava a sair. Ele deixou a grande oportunidade de sua vida passar. Quantas pessoas perdem as oportunidades espirituais e materiais que Deus lhes concede! A grande verdade aqui é: não se pode deixar para amanhã aquilo que é para ser feito hoje.

Ao terceiro, Jesus lhe traz uma verdade arrasadora: aquele que ara a terra não pode olhar para trás. Se o fizer, não poderá cortar a terra de

forma alinhada, na profundidade correta. Há pessoas que só vivem do passado; para elas o passado; é sempre melhor que o presente. Mas os salvos não marcham para trás, mas para frente. Para aquele homem, Jesus não lhe disse segue-me e nem volte. Jesus não aceitou um seguidor que não lhe desse a primazia, o primeiro lugar.

Capítulo 10

Versículos 1 a 42

1 E DEPOIS disto designou o Senhor ainda outros setenta, e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir.

2 E dizia-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos: rogai pois ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara.

3 Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos.

4 Não leveis bolsa, nem alforje, nem alpacas; e a ninguém saudeis pelo caminho.

5 E, em qualquer casa onde entrardes, dizei primeiro: Paz seja nesta casa.

6 E, se ali houver algum filho de paz, repousará sobre ele a vossa paz; e, se não, voltará para vós.

7 E ficai na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem, pois digno é o obreiro de seu salário. Não andeis de casa em casa.

8 E, em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei do que vos puserem diante.

9 E curai os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a vós o reino de Deus.

10.1 - Versículos 1 a 16 – A missão dos setenta discípulos

Essa missão é mais ampla que a missão dos 12 descrita por Lucas anteriormente. A quantidade de 70 tinha um valor simbólico na mente do judeu. Note-se que era o número da quantidade de anciãos que foram eleitos para assessorar a Moisés (Nm 11.16,17,24,25). Era, também, o número dos membros do conselho supremo dos judeus, o sinédrio. Havia a crença de que foram 70 os tradutores do Primeiro Testamento para o grego, daí o nome Septuaginta. Eles ainda acreditavam que 70 era o número de todas as nações da terra.

Corazim e Betsaida são citadas por Jesus como péssimo exemplo e, por isso, serão alvo do juízo severo de Deus. É de se supor que Jesus tenha realizado muitos

10 Mas em qualquer cidade, em que entrardes e vos não receberem, saindo por suas ruas, dizeis:

11 Até o pó, que da vossa cidade se nos pegou, sacudimos sobre vós. Sabei, contudo, isto, que *já* o reino de Deus e chegado a vós.

12 E digo-vos que mais tolerância haverá naquele dia para Sodoma do que para aquela cidade.

13 Ai de ti, Corazim, ai de ti, Betsaida! que, se em Tiro e em Sidom se fizessem as maravilhas que em vós foram feitas, já há muito, assentadas em saco e cinza, se teriam arrependido.

14 Portanto, para Tiro e Sidom haverá menos rigor no juízo, do que para vós.

15 E tu, Cafarnaum, serás levantada até ao céu? até ao inferno serás abatida.

16 Quem vos ouve a vós, a mim me ouve; e, quem vos rejeita a vós, a mim me rejeita; e, quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou.

17 E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam.

18 E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu.

19 Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum.

20 Mas não vos alegréis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.

21 Naquela mesma hora se alegrou Jesus no Espírito Santo, e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste às criancinhas; assim é, ó Pai, porque assim te aprouve.

22 Tudo por meu Pai me foi entregue; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

23 E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes em particular: Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes.

24 Pois vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvís, e não o ouviram.

milagres nessas cidades, todavia em relação à Corazim, esta é a única citação nos Evangelhos.

Jesus afirma que o pregador do evangelho deve estar com o seu coração independente das coisas materiais, e deve atuar rapidamente (viajar ligeiro) porque a missão é urgente. Afinal, vidas estão correndo risco de irem para o inferno. Logo, o pregador do evangelho deve se centrar em sua tarefa de pregação, e não deveria gastar o seu precioso tempo com saudações pelo caminho (naquela época as saudações dos judeus seguiam um grande ritual fazendo com que fossem demoradas). Jesus não nos manda que sejamos mal-educados mas, sim, que não se pode perder tempo com questões menores quando há grandes questões de vida eterna falando mais alto.

Para Jesus, o pregador não pode ser um mercenário. Deve comer o que a família da casa que lhe hospeda põe a mesa. Não deve ficar mudando de casa em casa em busca de maiores confortos. Há um livro chamado “Tratado dos Doze Apóstolos” escrito por volta do ano 100 d.C. Esse livro adverte que se um profeta passasse mais de três dias num povoado, sem trabalhar, é porque é um falso profeta; e se fala das coisas espirituais para pedir dinheiro ou comida, é um falso profeta.¹ Ah! Como esse livro é atual e se aplica perfeitamente hoje às “igrejas” que comercializam a fé. Jesus afirmou que o obreiro é digno de

¹ BARCLAY.W op. cit p.169.

A parábola do bom samaritano

25 E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

26 E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?

27 E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

28 E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e viverás.

29 Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?

30 E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.

31 E ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.

32 E de igual modo também um levita, chegando aquele lugar, e, vendo-o, passou de largo.

33 Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;

34 E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;

35 E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.

36 Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

37 E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faz da mesma maneira.

Marta e Maria

38 E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa;

39 E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.

seu salário mas, também, não pode pregar o evangelho, para visar lucro e vantagens pessoais.

Aos ouvintes do evangelho, nosso Senhor adverte:

1) O que ouve a Palavra de Deus tem uma grande responsabilidade porque será julgado por Deus pelo que ouviu e rejeitou não recebendo o evangelho.

2) É um grande erro recusar o convite gracioso de Deus. A recusa às promessas de Deus se tornará por condenação no juízo final.

10.2 - Versículos 17 a 20 – A alegria dos discípulos e o alerta de Jesus

Ao voltarem, os 70 missionários mostram-se admirados com o poder que Jesus lhes outorgou. Expulsaram demônios, curaram enfermos e iniciaram o ataque de Jesus ao domínio de Satanás nesse mundo. A vitória dos discípulos sobre os demônios confirma a vitória de Jesus sobre Satanás.

Jesus lhes anuncia a queda de Satanás mediante o ministério de Jesus. Aqui fica patente que a grande batalha escatológica estava começando naquele instante. A vitória estava sendo conseguida em nome de Jesus (Jo 12.31; Rm 16.20). O coração da autoridade que Jesus deu está nas palavras “eis que vos dei autoridade para pisar serpentes e escorpiões, e sobre todo poder do inimigo; e nada vos fará dano algum” (v. 19). Observe-se que a vitória sobre os demônios era apenas uma das faces da autoridade outorgada por Jesus. Mas os discípulos não deveriam perder a perspectiva do reino de

40 Marta, porém, andava distraída em muitos serviços, e, aproximiando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe pois que me ajude.

41 E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afa-digada com muitas coisas,

42 Mas uma só, é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.

Deus. O prêmio não seria a glória humana por meio de façanhas de poder, mas a glória celeste por seguir Jesus.

10.3 - Versículos 21 a 24 – Jesus, a Revelação do Pai

Jesus fala intimamente com Deus como Pai,² louvando-o por deixar estes “pequeninos” compreenderem o que se passa realmente no mundo: não um ciclo interminável de atividades superficiais, mas uma decisiva batalha entre o reino dos céus e o reino das trevas. O discípulo humilde pode ver e ouvir o que profetas e reis aguardaram ansiosamente, uma verdade que graças à sua simplicidade, muitas vezes oculta-se dos “inteligentes” sábios deste mundo. A revelação, no sentido da existência, está sob total controle de Deus; não pode ser comprada nem deduzida pela inteligência humana.

Os versículos 23 e 24 nos afirmam que Jesus é a consumação de toda história. Jesus assevera, nestes versículos, que ele é o que todos os profetas e reis anelaram ver e conhecer. Foi isso o que queria dizer Mateus quando afirma: “para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta” (Mt 2.15,17,23). Jesus é o clímax da história humana e a revelação máxima de Deus ao homem.

Jesus é a revelação do Pai. Aqui a linguagem de Lucas é muito semelhante à linguagem do Evangelho de João (Jo 1.18; 6.46). O Filho é o mediador do conhecimento do Pai conforme ele deseja. Todavia, Jesus ainda pode partilhar com os homens a sua relação especial com o Pai.

10.4 - Versículos 25 a 37 – O bom samaritano

Esta parábola, juntamente com a próxima, dá uma excelente imagem do discipulado cristão em termos de amor ao próximo. A parábola mostra o caminho da vida eterna perguntado pelo doutor da lei. O doutor da lei

² Para os gregos, era impossível conhecer a Deus. Havia um abismo intransponível entre a matéria e o espírito, entre o homem e Deus. Diziam que é muito difícil conhecer a Deus e, se alguém chega a conhecê-lo, é impossível que consiga transmitir às outras pessoas esse conhecimento. Mas Jesus, ao falar sobre Deus, mostrou-nos Deus.

pergunta as condições em que poderá adquirir a vida eterna. Note-se que a pergunta dele não se reporta nem ao reino nem ao céu, mas a uma parte da revelação judaica que dizia respeito às relações do homem com Deus. A posse da vida era apresentada aos judeus pela lei. Vale citar que pelos desenvolvimentos escriturísticos posteriores à lei, essa vida havia sido reconhecida como sendo a vida eterna.³

Quando o doutor da lei responde com a declaração de amor a Deus e ao próximo, ele está citando a oração hebraica antiga, o *shema* (Dt 6.4,5), ligando-a a um dito de Levítico 19.18, ele demonstra que conhecia bem o assunto. Mas, essa combinação era evidentemente original com Jesus (Mc 12.29-31) e conhecida do doutor da lei, que a usou quando Jesus devolveu-lhe a pergunta. O doutor da lei tenta se justificar, uma vez que Jesus fez parecer que sua pergunta fosse fácil. Todavia, o doutor da lei levanta a discutida questão de quem era o seu próximo, já que nos escritos de Levítico, o próximo era o compatriota israelita. Jesus responde com a parábola do samaritano.

A parábola do bom samaritano tem o propósito de desafiar um modo de pensar errôneo, embora aceito. O objetivo de Jesus era que os valores do reino de Deus pudessem penetrar no sistema fechado dos judeus. Ela mostra a mudança moral e espiritual que se instaurou pela introdução da graça no homem através da pessoa do próprio Salvador. Os nossos deveres de relação com os outros se medem, agora pelo que deve produzir em nós a natureza divina. E a base dessa natureza é o amor. Sob a lei, o homem avalia-se pela importância que podia atribuir a si próprio. O que é sempre o oposto do amor.

Jesus mostra um samaritano, que pertencia a um povo desprezado e ridicularizado pelos judeus daquela época, mas que presta um grande serviço de amor que os chefes judaicos não fizeram. O lado humano, limitado, glorificava-se de uma proximidade com Deus, que não era real, porque não consistia numa participação de sua natureza. Observe-se que o sacerdote, o levita, vendo o pobre homem ferido e semimorto, passam de largo. Porém, o samaritano, desprezado, sob o ponto de vista de sua proximidade com Deus, não pergunta quem era o seu próximo. O amor

³ É importante notar que Jesus nunca emprega as palavras *vida eterna* ao falar do resultado da obediência. O dom da graça de Deus é a vida eterna. Se eles tivessem sido obedientes, esta vida poderia ter sido sem fim. Mas, com efeito, uma vez que o pecado sobreveio, a obediência já não era o caminho para se alcançar a vida eterna. Por isso Jesus não a enuncia.

levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação, e lhe dará tudo o que houver mister.

9 E eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrirem-se-vos-á;

10 Porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrirem-se-lhe-á.

11 E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente?

12 Ou também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?

13 Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?

A blasfêmia dos fariseus

Mat. 12.22-32 e refs.

14 E estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou, e maravilhou-se a multidão.

15 Mas alguns deles diziam: Ele expulsa os demônios por Beelzebú, príncipe dos demônios.

16 E outros tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu.

17 Mas, conhecendo ele os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino, dividido contra si mesmo, será assolado, e a casa, dividida contra si mesma, cairá.

18 E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Beelzebú.

19 E, se eu expulso os demônios por Beelzebú, por quem os expulsam vossos filhos? Eles pois serão os vossos juizes.

20 Mas, se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o reino de Deus.

21 Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem;

22 Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte os seus despojos.

23 Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.

24 Quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares

Esse ensino de Jesus faz uma referência à fase em que eles agora entravam, antes de receberem o dom do Espírito Santo. Lucas começa mostrando que o próprio Senhor orava como homem dependente sobre a terra. Os discípulos de Jesus percebem que o relacionamento correto com Deus passa pela oração. Então solicitam que Jesus lhes ensine a orar. Assim como João Batista, Jesus tinha um nítido discernimento do valor da oração para um bom relacionamento com Deus.

A oração começa com o termo *Pai*, característico de Jesus para falar com Deus. Passou, também, a ser um termo característico do cristão de se dirigir a Deus (Gl 4.6; Rm 8.15; 1Pe 1.17). A oração primeiramente faz um reconhecimento da santidade do nome Deus. Que este Nome seja santificado em toda a terra e a plena instituição do seu reinado. E, então, volta-se para as necessidades dos discípulos; a contínua proteção de Deus a cada dia e o seu apoio sustentador em face da prova final no fim dos tempos. Da oração podemos retirar algumas verdades práticas para o nosso viver diário:

1) Que na oração devemos nos aproximar de Deus como os filhos do Pai. Um Pai comum a todos que se tornaram seus filhos (Jo 1.13; Rm 8.14). Vale ressaltar a idéia popular que Deus é Pai de todas as pessoas é totalmente contrária aos ensinamentos da Bíblia (Jo 8.41-44).

2) Que devemos lembrar dos nossos irmãos em nossas orações, posto que

secos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Tornarei para minha casa, donde sai.

25 E, chegando, acha-a varrida e adornada.

26 Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.

27 E aconteceu que, dizendo ele estas coisas, uma mulher dentre a multidão, levantando a voz, lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste.

28 Mas ele disse: Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.

O sinal do profeta Jonas

Mat. 12.38-42 e refs.

29 E, ajuntando-se a multidão, começou a dizer: Maligna é esta geração; ela pede um sinal; e não lhe será dado outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas;

30 Porquanto, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, assim o Filho do homem o será também para esta geração.

31 A rainha do sul se levantará no juízo com os homens desta geração, e os condenará; pois até dos confins da terra veio ouvir a sabedoria de Salomão; e eis aqui está quem é maior do que Salomão.

32 Os homens de Ninive se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão; pois se converteram com a pregação de Jonas; e eis aqui está quem é maior do que Jonas.

A candeia do corpo

33 E ninguém, acendendo uma candeia, a põe em oculto, nem debaixo do alqueire, mas no velador, para que os que entram vejam a luz.

34 A candeia do corpo é o olho. Sendo pois o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso.

35 Vê pois que a luz que em ti há não sejam trevas.

36 Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te alumia com o seu resplendor.

Jesus ensinou a pedir “Pai nosso” e não “Pai meu”.

3) Para fortalecer o nosso hábito de dirigir os nossos pensamentos ao céu (Cl 3.1-3), temos de direcionar para lá os olhos da nossa fé.

4) Em nossas orações devemos buscar primeiro os interesses do reino de Deus e a sua justiça, e dar a devida honra ao seu santo nome e ao poder de seu justo governo.

5) Aquele que tem os seus pensamentos voltados para o reino de Deus pode estar certo de que as demais coisas lhe serão acrescentadas e, assim, orar com fé por elas.

6) Que em nossas orações por bênçãos temporais devemos ser moderados e nos ajustar às nossas necessidades de cada dia, pois basta a cada dia o seu próprio mal (Mt 6.34). Por outro lado, ao pedirmos ao nosso Pai celestial o nosso pão de cada dia, reconhecemos nossa constante dependência dele.

7) A oração do Senhor nos ensina que os nossos pecados são dívidas que contraímos a cada dia e, por isso, devemos também orar diariamente para que ele nos perdoe.

8) Se não perdoarmos aqueles que nos magoaram, injuriaram, ofenderam, não temos nenhuma razão para crer que Deus nos perdoará os pecados.

9) Que devemos temer a tentação ao pecado, quanto à ruína do próprio pecado.

Jesus censura os fariseus e os escribas

Mat. 23.1, etc. e refs.

37 E estando ele *ainda* falando, rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele; e, entrando, assentou-se à *mesa*.

38 Mas o fariseu admirou-se, vendo que se não lavara antes de jantar.

39 E o Senhor lhe disse: Agora vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade.

40 Loucos! o que fez o exterior não fez também o interior?

41 Dai antes esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo.

42 Mas ai de vós, fariseus, que dizíeis a hortelã, e a arruda, e toda a hortalíça, e desprezais o juízo e o amor de Deus. Importava fazer estas coisas, e não deixar as outras.

43 Ai de vós, fariseus, que amais os primeiros assentos nas sinagogas, e as saudações nas praças.

44 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que sois como as sepulturas que não aparecem, e os homens que sobre *elas* andam não o sabem.

45 E, respondendo um dos doutores da lei, disse-lhe: Mestre, quando dizes isso, também nos afrontas a nós.

46 E ele lhe disse: Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas.

47 Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram.

48 Bem testificais, pois, que consentis nas obras de vossos pais; porque eles os mataram, e vós edificais os seus sepulcros.

49 Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão *uns*, e perseguirão *outros*;

50 Para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo foi derramado;

51 Desde o sangue de Abel, até ao sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo; assim, vos digo, será requerido desta geração.

Portanto, devemos orar pedindo a Deus que nos livre da tentação.

10) Finalmente, devemos viver na dependência de Deus para que nos livre de todo mal, principalmente. Às nossas orações, devemos adicionar a vigilância e a resistência ao diabo (Tg 4.7).

11.2 - Versículos 5 a 13 –**A parábola do amigo importuno**

Jesus ensina sobre a importância da perseverança e da oração por meio da parábola do visitante no meio da noite. Deus sempre responde as nossas orações e sabe o que é melhor para nós, nem sempre como esperamos ou gostaríamos. Os exemplos extravagantes do amigo que está dormindo e do pai que não daria serpentes e escorpiões aos filhos, insistem no absurdo de considerar o Pai celestial severo ou cruel. Deus sempre tem e quer o melhor para nós. O que, em última instância, é o Espírito Santo, a dádiva dos últimos dias (conforme Atos 2.17). Mas em relação à oração devemos “Pedir... procurar... bater”, são três descrições da oração de suplicante; todavia, “procurai” também significa a busca pelo reino de Deus e a união com o Pai. Portanto, não é apenas orar para pedir somente, mas para agradecer, louvar e adorar a Deus. Em suma manter a comunhão com Deus.

Jesus nos ensina que Deus atende as nossas orações à medida que nos dispusermos a pedir e a buscar a resposta em nosso Pai. Entretanto, estabelece uma condição: As nossas orações não devem

52 Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam.

53 E, dizendo-lhes ele isto, começaram os escribas e os fariseus a apertá-lo fortemente; e a fazê-lo falar acerca de muitas coisas.

54 Armando-lhe ciladas, a fim de apañarem da sua boca alguma coisa para o acusarem.

ser egoístas, e ainda devem estar de acordo com a oração-modelo. Assim feito, não devemos apenas nos contentar em pedir mas, também, devemos buscar com fé a resposta do nosso Pai.

**11.3 - Versículos 14 a 28 –
A blasfêmia dos fariseus**

Os fariseus colocam as duas grandes armas do testemunho de Jesus em relevo: a expulsão de demônios e a autoridade da Palavra. Jesus Cristo tinha manifestado o seu poder ao expulsar os espíritos malignos, mas os fariseus atribuíram esse poder ao príncipe dos demônios! No entanto, Jesus tinha amarrado o valente e repartido os seus despojos.

Ora, o poder de Deus estava ali na pessoa de Jesus. O reino de Deus havia realmente chegado, confirmando que Deus tinha vindo livrar o homem da morte eterna, isto é, aqueles que recebessem o evangelho de Jesus Cristo. Cada coisa se colocava agora no seu devido lugar. Tudo era do demônio ou era de Deus. Além disso, ainda que o espírito imundo tivesse saído da casa (do ser humano), se Deus lá não estivesse, o espírito que tinha saído voltaria e traria consigo outros sete espíritos piores do que ele. Com isso, o último estado daquele homem seria pior que o primeiro (v. 26).

Lucas deixa claro que quem não está de acordo com Jesus está contra ele. Logo, aquele que não ajudar a unir o rebanho está dispersando. Não há lugar para neutralidade na vida cristã. Ou se estar do lado de Cristo, ou do lado do inimigo de Jesus. Aquele que se mantém à margem do bem, automaticamente ajuda o mal.

Essa manifestação do poder do reino de Deus, por meio de Jesus, cumpria-se naquele momento. Mas não eram apenas os milagres que se cumpriam. O Senhor tinha anunciado a Palavra. E uma mulher, sensível à alegria que devia sentir toda mãe de ter um filho como Jesus, declara em alta voz a felicidade de ter um parentesco, segundo a carne, com ele. Porém, o Senhor, tal como tinha feito no caso de Maria (Lc 10), declara que essa bênção é para todos aqueles que ouvem e observam a sua Palavra. E diz: “bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus, e a observam” (v. 28).

11.4 - Versículos 29 a 32 – O sinal do profeta Jonas

Os judeus pediam a Jesus que ele fizesse algo sensacional para demonstrar-lhes que ele era o Messias. Jesus responde as observações daquelas pessoas mostrando-lhes que ele era o grande sinal vivo que estava entre eles. Jesus era o sinal suficiente para aquela geração.

Jesus compara-se a Jonas que, quando chegou a Nínive, levou os seus habitantes a reformarem as suas vidas recebendo a Palavra de Deus (Jn 3.5). Jesus tem uma mensagem de salvação, basta que o povo preste atenção a ela e a receba.

A rainha de Sabá viera investigar os rumores sobre a sabedoria e a riqueza de Salomão (1Rs 10.1-13). No futuro, todos esses “pagãos” como, também, os habitantes de Sidom e Tiro (Lc 10.13-14), serão reconhecidos como mais abertos à vontade de Deus do que o povo judeu daquela época.

A verdade é que os habitantes de Nínive tinham escutado Jonas; a rainha de Sabá tinha dado ouvido a Salomão, sem que qualquer milagre tivesse acompanhado seus testemunhos. E ali estava quem era maior do que Jonas e Salomão!

11.5 - Versículos 33 a 36 – A candeia do corpo

Nesse texto duas realidades se mostram bem forte aos nossos olhos, nas relações de Jesus com Israel: o testemunho de Jesus prestado em favor da verdade de Deus (v. 33) e os verdadeiros motivos das pessoas que o ouviam. Isso por que, se por um lado, a verdadeira luz brilhava no coração do homem, não haveria ali trevas nenhuma. Por outro lado, se a verdade plena é apresentada conforme a sabedoria do próprio Deus e se acha repelida por uma pessoa, é porque esse coração a rejeita, mas o coração que tem como alvo Deus e sua glória serão plenos de luz. A luz não apenas se mostra, mas ilumina tudo que a rodeia. Se a luz de Deus brilha em uma alma, essa alma estará cheia da luz divina e nela não haverá trevas nenhuma (v. 34-36). Jesus e o evangelho por ele proclamado são a luzes que Deus oferece ao seu povo. Recusá-la é preferir as trevas na vida pessoal ou comunitária.

11.6 - Versículos 37 a 54 – Jesus censura fariseus e escribas

Jesus se senta à mesa na casa de um fariseu que o havia convidado para comer em sua casa (v. 37). Não se conhece exatamente a verdadeira

intenção desse fariseu ao convidar Jesus para almoçar em sua casa, mas quaisquer que fossem as intenções daquele fariseu, Jesus as conhecia. O fariseu “*admirou-se, vendo que ele não se lavara antes de almoçar*” (v. 38). A lei cerimonial consistia de várias abluções (Hb 9.10), porém, não incluía lavar as mãos antes de comer. Assim, Jesus não quis observar essa prática, muito possivelmente para provocar o diálogo.

Jesus repreende severamente os fariseus por dar importância demasiada às práticas exteriores, porque são objetos da observação pública, em detrimento das práticas mais importantes que são as interiores. Essas, sim, são observadas exclusivamente por Deus (v. 39,40). Diante disso, Jesus destaca para os fariseus algumas realidades, observe:

1) A loucura das práticas que praticavam: “Ora vós, os fariseus, limpais o exterior do corpo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade” (v. 39). Em nosso culto diário a Deus, o estado de nossa mente e a intenção do nosso coração constitui o interior. As impurezas do interior afetam todo nosso culto a Deus. Uma vida pecaminosa afronta a santidade de Deus. Segundo Jesus, o mesmo Deus que ordenou as abluções cerimoniais (exteriores) também ordenou a purificação do coração, isto é, a pureza interior. Deus deu as leis para o exterior, mas seu intento era chegar ao interior das pessoas. Se Deus fez os corpos, também fez as almas. Portanto se ele fez ambas as coisas, há de se esperar que as pessoas cuidem bem de ambas (corpo e alma).

2) Existe uma maneira prática de limpar o interior: “*Dai, porém, de esmola o que está dentro do copo e do prato, e eis que todas as coisas vos serão limpas*” (v. 41). Este versículo pode, à primeira vista, soar um pouco estranho. Mas Jesus queria demonstrar o contraste entre a generosidade e rapinagem praticada pelos fariseus (v. 39). Bliss afirma que Jesus não estava estabelecendo um caminho para santificação, mas estava colocando em contraposição a legalidade exterior dos fariseus, com a natureza espiritual interior, altruísta e benéfica do serviço de Deus, uma vez que amor é o cumprimento da lei (Rm 13.8).¹ Jesus cita a lei de Moisés que previa um provimento aos “*levitas, aos estrangeiros, aos órfãos, e as viúvas*” (Dt 26.12) e, assim, o que ficava para uso próprio ficava limpo, porque havia observado “*conforme tudo o que Deus havia mandado*” (Dt 26.13). Para nós, a lição que fica é: só conseguimos

¹ BLISS in HENRY, M. op. cit.

desfrutar dos bens que Deus nos deu e ter uma consciência limpa, corações alegres, quando compartilhamos os nossos bens com o nosso próximo.

3) Na seqüência de repreensões vem, também, a demasiada importância que os fariseus davam à observância de leis que estavam ligadas aos meios da religião, mas se descuidavam com as leis ligadas ao essencial da religião: “*dais o dizimo da hortelã, e da arruda, e de toda hortaliça...*” (v. 42). Isso fazia com que, aos olhos do povo, os fariseus fossem vistos como fiéis praticantes da lei. Todavia, Jesus não lhes condena por serem fiéis nessas práticas, mas por omitirem o essencial: “*desprezais a justiça e o amor de Deus. Ora, estas coisas importava fazer, sem deixar aquelas*” (v. 42b). É comum que pessoas, que são muito detalhistas em coisas de pequena importância, descuidem de obrigações mais importantes e fundamentais.

4) Jesus repreende a vaidade e o orgulho dos fariseus. Eles gostavam de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas, de praticar saudações grandiosas (v. 43). Vale ressaltar que Jesus não estava reprovando o sentar-se em assentos preferenciais, nem receber saudações respeitadas mas, sim, usar estas coisas para autopromoção pessoal. Deve-se ter certo cuidado nessa questão do orgulho pessoal, principalmente entre os líderes. Às vezes, alguém, por estar a serviço do Deus poderoso e inerrante, acredita na ilusão de que também é inerrante, infalível, e aí não admite que erre. É lamentável quando um servo de Deus erra diante da igreja, sabe que está errado mas, por puro orgulho pessoal, não reconhece publicamente que errou, permanecendo no erro. Não se deve seguir o exemplo dos fariseus...

5) *Jesus expõe publicamente a hipocrisia dos fariseus: “Ai de vós, porque sois como as sepulturas que não aparecem, sobre as quais andam os homens sem o saberem”* (v. 44). Uma sepultura não sinalizada era um risco para qualquer pessoa. Imagine se estivesse ali enterrado um corpo infectado por uma doença contagiosa. Nesta perspectiva, os fariseus estavam interiormente contaminados com abominações, em estado de putrefação como cadáveres. Mas cuidavam para ocultar suas maldades interiores com astúcia. Sendo assim, suas perversidades não eram vistas, de sorte que os seus aprendizes, sem se aperceberem dos perigos, eram infectados com as suas maldades.

Na segunda parte do texto, Jesus faz uma repreensão ao estilo de vida dos escribas, os quais ensinavam à lei, mas eram infiéis na observância da mesma.

1) Estava presente naquele almoço um escriba que também se ofende com as repreensões de Jesus: “*Mestre, quando dizes isso também nos afronta a nós*” (v. 45). Observe que parece haver uma necessidade por parte daqueles que estão afeiçoados aos seus pecados, de se ofenderem diante de admoestações fiéis, e conselhos amistosos. Essas pessoas normalmente ficam iradas diante da correção da Palavra de Deus lhes direciona. Aquele intérprete da lei tomou para si a prática dos fariseus.

2) Jesus repreende os escribas por fazerem pesados, aos demais, a observância da lei. Em contra partida, faziam para si mesmos a observância da lei um jugo suave e fácil. “*Ai de vós também doutores da lei! Porque carregais os homens com fardos difíceis de suportar, e vós mesmos nem ainda com um de vossos dedos tocais nesses fardos*” (v. 46). Os escribas colocavam as duas mãos para dispensar a si mesmos dos mandamentos de Deus, mas não colocavam um dedo para diminuir o rigor das tradições dos anciãos.

3) Jesus repreende os escribas pelo pretense respeito que pareciam terem pela memória dos profetas, os quais seus pais haviam matado. Jesus lhes faz ver que eles também odiavam a aqueles que lhes eram enviados no mesmo objetivo dos profetas (v. 47-49).

4) Jesus ainda os repreende porque os escribas impediam o povo de conhecer o evangelho de Cristo (v. 52). As Escrituras do Primeiro Testamento apontava para vinda do Messias prometido, e os escribas não ensinavam essa realidade ao povo. Assim os escribas corromperam o seu lugar com glosas na Palavra de Deus. Tãmanha era a proporção dessas omissões que Jesus chega a usar a expressão: “*Ai de vós doutores da lei! porque tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes aos que entravam*” (v. 52). Em lugar de usar, de forma correta, essa chave em benefício do povo, eles a esconderam das pessoas. Isso é o que Mateus chamou de “fechar o reino de Deus aos homens” (Mt 23.13).

Finalmente, Lucas termina o texto expondo a intenção dos escribas e fariseus e armar uma cilada “a fim de o apanharem em alguma coisa que dissesse” (v. 54). Aquele que é fiel em repreender o pecado como amigo pode ter a certeza de que ganhará muitos inimigos.

Capítulo 12

Versículos 1 a 59

1 AJUNTANDO-SE entretanto muitos milhares de pessoas, de sorte que se atropelavam uns aos outros, começou a dizer aos seus discípulos: Acautelai-vos primeiramente do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.

2 Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido.

3 Porquanto tudo o que em trevas dissés-tes, à luz será ouvido; e o que falastes ao ouvido no gabinete, sobre os telhados será apregoado.

Não devemos temer os homens
Mat. 10.28-33 e refs.

4 E digo-vos, amigos meus; Não temais os que matam o corpo, e depois não têm mais que fazer.

5 Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer; teme aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse teme.

6 Não se vendem cinco passarinhos por dois ceitis? E nenhum deles está esquecido diante de Deus.

7 E até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos.

12.1 - Versículos 1 a 12 – Discipulado corajoso

Enquanto os escribas e fariseus buscavam ocasião para acusá-lo, o povo o admirava, e o honrava ouvindo-lhe. Se por um lado os fariseus e escribas esforçavam-se para afastar o povo de Jesus, por outro lado, tanto mais lhe procuravam as pessoas. O texto mostra que estavam ali muitas pessoas, “de sorte que se atropelavam uns aos outros” (v. 1).

Jesus começa instruindo o povo contra a hipocrisia. Primeiramente ensinou isso aos seus discípulos, porque eles estavam prioritariamente debaixo do seu cuidado e por isso admoestou-lhes em especial. Os discípulos precisavam ser prevenidos contra a hipocrisia. Pelo visto, nosso Senhor faz essa advertência também diante da multidão para reforçar sua

8 E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus.

9 Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus.

10 E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á perdoada, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado.

11 E, quando vos conduzirem às sinagogas, aos magistrados e potestades, não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder nem do que haveis de dizer.

12 Porque na mesma hora vos ensinará o Espírito Santo o que vos convenha falar.

A parábola do rico insensato

13 E disse-lhe um da multidão: Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança.

14 Mas ele lhe disse: Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?

15 E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.

16 E propôs-lhes uma parábola, dizendo: A herdade dum homem rico tinha produzido com abundância;

17 E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos.

18 E disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens;

19 E direi à minha alma: Alma tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, e folga.

20 Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?

21 Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus.

Solicitude pela nossa vida Mat. 6.25-34 e refs.

22 E disse aos seus discípulos: Portanto vos digo: Não estejais apreensivos pela

admoestação particular aos discípulos. A hipocrisia é um grande mal dentro das igrejas, precisa ser combatida sem trégua.

Jesus assegura que o pecado de hipocrisia é como fermento; um pouco leveda toda massa. A hipocrisia toma toda a pessoa, infla-lhe de orgulho nas práticas religiosas, tornando-a inaceitável para Deus e ofensiva ao próximo. Jesus oferece um bom motivo contra essa prática: *"nada há encoberto, que não haja de ser descoberto..."* (v. 2). Mais cedo ou mais o pecado será exposto. Quando prego sobre o pecado, eu costumo dizer: o diabo ajuda a fazer, mas não ajuda a esconder.

Se a fé que uma pessoa professa não é capaz de dominar e curar a maldade de seu coração, tão pouco poderá lhe servir de capa para cobrir a sua hipocrisia. Jesus estende sua exortação de serem fiéis à verdade, para que a verdade não seja traída pela maldade da hipocrisia. Jesus alerta para o fato de que a causa da verdade pode trazer algum tipo de sofrimento, mas assegura que os inimigos não prevalecerão (v. 4). O hipócrita é um inimigo do evangelho, mas o poder dos inimigos do evangelho é limitado e não prevalece.

Tudo isso leva uma exortação aos discípulos, aqui chamados de "amigos" pela única vez nos Evangelhos Sinóticos, conforme em João 15.13-15. A fim de que sejam francos e sinceros na adesão a Jesus e ao seu evangelho. Não deveriam deixar que o temor humano os impedisse

vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis.

23 Mais é a vida do que o sustento, e o corpo mais do que o vestido.

24 Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despesa nem celeiro, e Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves?

25 E qual de vós, sendo solícito, pode acrescentar um côvado à sua estatura?

26 Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras?

27 Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.

28 E, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, *homens de pouca fé?*

29 Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e nãoandeis inquietos.

30 Porque as gentes do mundo buscam todas essas *coisas*; mas vosso Pai sabe que mister delas.

31 Buscai antes o reino de Deus, e todas estas *coisas* vos serão acrescentadas.

32 Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino.

33 Vendei o que tendes, e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não rói.

34 Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.

Parábola do servo vigilante Mat. 24.45-51

35 Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias.

36 E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier, e bater, logo possam abrir-lhe.

37 Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará

de serem sinceros e corretos na práxis cristã.

Ao contrário, deveriam temer a Deus, mais que aos mais poderosos homens deste mundo, pois só Deus, depois de haver tirado a vida, tem autoridade para enviar a alma ao inferno. Ao confessar Cristo pode-se incorrer na ira dos homens, mas negar a Cristo incorre-se na ira de Deus, que é infinitamente mais poderosa, que faz a diferença entre o temporal e o eterno.

Jesus assegura que a vida dos salvos fiéis está debaixo da providência de Deus (v. 6,7). Se a providência de Deus cuida das criaturas menores que eram vendidas por pouco valor, como não cuidará ele de nós que somos à sua imagem e semelhança? Nessa perspectiva, Jesus disse que até os fios do nosso cabelo são contados por Deus, e é certo que ele conta também as gotas de lágrimas, as gotas de suor, e até as gotas de sangue que são derramadas por amor a Cristo, e nos recompensará. Portanto, diante de Deus, toda pessoa será reconhecida ou rejeitada por Jesus, de acordo com adesão ou rejeição que essa pessoa tenha feito a Cristo, aqui na terra diante dos homens. Jesus reconhece que ele padeceu por nós mas, também, que nós padecemos por ele.

Destacando o extremo a que podem chegar as pessoas em sua oposição a Jesus e ao evangelho, nosso Senhor destaca aqui o pecado contra o Espírito Santo sobre o qual afirma: *"ao que*

assentar à mesa, e, chegando-se, os servirá.

38 E, se vier na segunda vigília, e se vier na terceira vigília, e os achar assim, bem-aventurados são os tais servos.

39 Sabei, porém, isto: que, se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa.

40 Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais.

41 E disse-lhe Pedro: Senhor, dizes essa parábola a nós, ou também a todos?

42 E disse o Senhor: Qual é pois o mordomo fiel e prudente, a quem o Senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração?

43 Bem-aventurado aquele servo a quem o senhor, quando vier, achar fazendo assim.

44 Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá.

45 Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir; e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se,

46 Virá o senhor daquele servo no dia em que o não espera, e numa hora que ele não sabe, e separa-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis.

47 E o servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites;

48 Mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado. E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou muito mais se lhe pedirá.

Jesus traz fogo e dissensão à terra

49 Vim lançar fogo na terra; e que mais quero, se já está aceso?

50 Importa, porém, que seja batizado com um certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se!

51 Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas antes dissensão;

52 Porque daqui em diante estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três.

blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado" (v. 10). Esse pecado não é perdoado porque fecha toda a possibilidade de arrependimento. É o Espírito Santo quem convence o homem do pecado e do juízo (Jo 16.8) e, uma vez que o homem renega, o Espírito, não há como salvar-se, porque é o Espírito Santo quem opera a obra do arrependimento. Uma vez que o arrependimento é a condição necessária para o perdão dos pecados (Lc 13.3,5; At 2.38), o que morre sem essa condição morre sem o perdão de Deus (Jo 8.24).

Em quaisquer dificuldades que poderiam enfrentar pela frente os discípulos de Jesus, não poderiam se envergonhar de segui-lo. Jesus os havia equipado para enfrentar a oposição com honra (v. 11,12). Os fiéis discípulos do Senhor sempre terão de testemunhar das verdades ensinadas pelo Mestre, mesmo diante de padecimentos e sofrimentos. Jesus fala da ajuda do Espírito Santo no dia em que os discípulos estariam sendo julgados pelos magistrados e religiosos.

12.2 - Versículos 13 a 21 – O lugar das riquezas na vida

Na Palestina da época de Jesus, não era estanho se levar aos rabinos os pleitos de famílias para que fossem julgados. Contudo, Jesus se negou a envolver-se em questões de dinheiro. Jesus aproveita a ocasião para estabelecer qual seria a atitude de seus seguidores em relação a valores materiais.

53 O pai estará dividido contra o filho, e o filho contra o pai, a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra sua nora, e a nora contra sua sogra.

Os sinais dos tempos

54 E dizia também à multidão: Quando vedes a nuvem que vem do ocidente, logo dizeis: Lá vem chuva, e assim sucede.

55 E, quando assopra o sul, dizeis: Haverá calma; e assim sucede.

56 Hipócritas, sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis então discernir este tempo?

57 E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?

58 Quando pois vais com o teu adversário ao magistrado, procura livrar-te dele no caminho; para que não suceda que te conduza ao juiz e o juiz te entregue no meirinho, e o meirinho te encerre na prisão.

59 Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o derradeiro ceitil.

Ao que parece, Jesus responde com indignação: "*homem, quem me constituiu a mim juiz ou repartidor entre vós?*" (v. 14). Jesus não veio para assumir questões temporais, ou mesmo judiciais entre o povo. E importa que seus ministros também não se centrem em questões temporais, e especialmente questões políticas.¹

O reino dos Deus não é deste mundo (Jo 18.36). Seu principal objetivo não é assunto temporal, mas, sim, as coisas eternas e espirituais. Ao cristianismo, não compete focar o ministério com coisas materiais ligadas às autoridades civis. É claro que não há como não se envolver com as atividades ligadas à nossa cidade, estado, e país. Porém, o centro do ministério da igreja deve ser o reino de Deus.

Jesus expõe a parábola do rico insensato para os que têm muitos bens nesse mundo. O rico insensato era uma pessoa que não conseguia enxergar além de si mesmo. Pode-se notar que é a parábola onde aparecem mais palavras na primeira pessoa do singular. Aquele era um homem egoísta, se sobrava alguma coisa, e sobrava muito, ele não pensava em ajudar a um necessitado, pois queria tudo para si mesmo. Era um homem que, ao invés de negar-se a si mesmo, como ensina o evangelho, ele afirmava-se a si mesmo. Sua felicidade estava em guardar para si e não em dar. Suas preocupações estavam centradas em ganhar cada vez mais, e ainda nunca se lembrava de agradecer a Deus.

Todos os planos daquele rico insensato eram para esta vida. Mas Jesus tinha algo importante a dizer em relação à preocupação e à ansiedade em adquirir bens materiais. É verdade que Jesus não disse que seus seguidores devem ser mendigos, paupérrimos. Mas ele nos ensinou que devemos

¹ Vale citar aqui que, particularmente, sou desfavorável à candidatura de pastor que esteja exercendo o ministério pastoral a cargos políticos. Se assim o fizer, penso que deveria entregar o ministério.

fazer o melhor possível para vivermos bem, depositando nossa confiança unicamente em Deus. De que maneira? Fazendo bom uso dos bens que Deus nos tem concedido, colocando-os, nas oportunidades que Deus nos disponibiliza, a serviço do seu reino.

12.3 - Versículos 22 a 34 – Libertando-se da ansiedade pela vida material

Depois de apresentar a parábola do rico insensato, Jesus ensina aos seus discípulos os grandes princípios que eles deveriam observar: não deveriam pensar com demasiada preocupação pelo dia de amanhã, mas confiar na santa providência de Deus. Uma vez que eles, os discípulos, e nós também, não poderíamos acrescentar nem um pouquinho mais em suas estaturas. Portanto, quanto às demais coisas, os discípulos nada poderiam fazer (v. 26). O que Jesus ensina aqui sobre como conduzir nossa vida vai de encontro ao costume humano típico: lutar para ter vida sob seu controle, providenciando a satisfação de todas as necessidades e debelando todas as contingências.

Para Jesus, a preocupação com essas coisas é sinal de falta de fé (v. 28) ao mesmo tempo em que induz a uma falsa compreensão do nosso Deus em seu caráter provedor. Vale acrescentar que Jesus não condena aqui a previdência e o esforço, mas o modo ansioso de encarar a vida que, inconscientemente, nega que Deus Pai tem todas as coisas sob seu controle.

No episódio do deserto, Jesus vencera sua batalha com essa tentação afirmando que a vida é mais que o alimento (Lc 4.4). A questão fundamental é: por mais solícitos que estejamos por nossa saúde e por nossa segurança, a duração de nossa vida está sob o absoluto controle de Deus. O Eterno cuida dos pássaros, enfeita os campos com as mais lindas flores que logo perecerá. Considerando que fomos criados para viver no reino de Deus para sempre como, então, ele não cuidará de nós?

Para Jesus, a libertação da ansiedade frenética é sinal de fé na providência de Deus. Podemos preocupar-nos sim com a vida material, mas sem exageros ou obsessão. Para ele, nossa preocupação principal deve vir do reino de Deus (Lc 11.2) e não do nosso. É absurdo deixar que a nossa vida seja consumida na construção de um reinado efêmero, quando nosso Pai celestial nos oferece um reino eterno. Finalmente, nosso Senhor volta à admoestação: *“vendei o que possuíis, e dai esmolas”* (v. 33).

Em lugar de viver pensando no que haveis de conseguir, liberta-te do que tens, das coisas que te distraem a mente, dando-as como esmolas e elas se converterão como uma fonte do favor divino. Separar-nos daquilo que perece é a melhor maneira de apreender a liberdade do reino. A nossa atitude para com os nossos bens materiais não é insignificante nem irrelevante; é a bússola que indica o que realmente é importante para nós: *“Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”* (v. 34).

12.4 - Versículos 35 a 48 – A espera pela volta do Mestre

O desafio de estar sempre pronto para a volta de Jesus é fundamental para prova de fé. Jesus mostra de várias maneiras que a época e o dia de sua volta serão grande surpresa (Lc 17.20). Na parábola, são feitas comparações com um homem voltando depois das núpcias, quando a vinda é certa, mas não o momento da chegada. Também compara com a vinda de um ladrão em que nem mesmo a vinda é certa.

Acerca do pedido de Pedro, que deveria saber para quem Jesus dirigia suas instruções (v. 41), Jesus lhe remete às responsabilidades daqueles a quem ele confiava a missão durante a sua ausência, isto é, aos líderes cristãos. Aqui se tem duas características dos discípulos após a partida de Jesus: o serviço a efetuar e a espera de sua segunda vinda. A espera vigilante se faz preparando-se para receber Jesus, e encontrará sua recompensa no descanso do Senhor.

Os discípulos de Jesus devem estar preparados para *“lhe abrir a porta instantaneamente assim que ele chegar”*. O cuidado com aquilo que foi confiado aos discípulos é importante para cada discípulo porque mede o grau de comprometimento com o evangelho que cada um tem. As parábolas sobre a distribuição de responsabilidades ou dons no versículo 48 são particularmente apropriadas para os salvos investidos de autoridades na igreja, mas têm uma aplicação mais ampla para todos à quem foram concedidos dons espirituais e não fizeram ou fizeram mau uso desses dons.

12.5 - Versículos 49 a 53 – A urgência do reino de Deus

Jesus dá aos discípulos uma luz tênue da culminância de sua missão na volta do Filho do homem por ocasião do juízo final. O julgamento acontece à medida que as pessoas decidem aceitá-lo ou rejeitá-lo. A

presença de Jesus acendia antes de ser cumprida a sua rejeição pelo batismo de morte, pelo qual ele deveria passar. Não obstante, seria após a crucificação que seu poder em amor teria plena liberdade. Também o seu coração, que era cheio de amor, estava disposto a cumprir todos os desígnios de Deus predeterminados, onde o seu poder seria manifestado de acordo com esse amor. A reconciliação promovida por Deus, por meio de Jesus, era absolutamente necessária para reconciliação de todas as coisas nos céus e na terra.²

Nos versículos 51-53 Jesus nos mostra em detalhe as divisões que resultariam da sua missão: o mundo já não irá tolerar mais a fé no Salvador e, também, não tolerará o próprio Salvador, porque o Salvador faz sair o mal do coração humano. Vale acrescentar que o estado do homem descrito aqui encontra-se, também, em Miquéias. É o pior estado do mal que se pode conceber (Mq 7.1-7).

12.6 - Versículos 54 a 59 – Os sinais dos tempos

Em seguida, Jesus dirige-se ao povo para adverti-los dos sinais que distinguem o tempo em que eles viviam. Jesus coloca o seu testemunho em duplo terreno: em primeiro lugar nos sinais evidentes que Deus dava desse tempo; e em segundo lugar nas provas morais que, em sinais, se deveriam recomendar a consciência e, desse modo, levar o povo a receber o testemunho. Fosse qual fosse à cegueira do povo e de seus líderes religiosos, eles estavam no caminho para irem ao justo Juiz. E uma vez entregues a ele, não sairiam dali enquanto o castigo de Deus não fosse plenamente executado a seu respeito (comparar com Isaías 40.2).

Em suma, o desafio evangélico é claro. Quem vê a nuvem e sente o vento com certeza vê os sinais dos tempos. É hipocrisia cegar-se aos sinais evidentes da vinda do reino. Ao tentar enganar os outros, o hipócrita engana-se a si mesmo. Ainda há tempo para tomar uma decisão, adverte Jesus, mas não se deve adia-la.

² Aqui se verifica que quaisquer que sejam as maldades das pessoas, elas contribuem sempre para expressar o cumprimento dos desígnios de Deus. A incredulidade do homem reprímia o amor divino no coração de Jesus. É verdade que ele não era enfraquecido por isso, mas não podia expandir-se exteriormente nem exprimir-se. Mas o pleno efeito dessa incredulidade na cruz abre os diques do amor divino, que se expande sem constrangimento, mesmo em favor do mais vil pecador, numa graça que reina pela justiça.

confronto entre Jesus
e as autoridades religiosas

Capítulo 13

Versículos 1 a 35

↓ *Jesus poderia voltar se não arrependeu (v.3,5)*

1 E NAQUELE mesmo tempo estavam presentes ali alguns que lhe falavam dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios.

2 E, respondendo Jesus, disse-lhes: Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas?

3 Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

4 E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém?

5 Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

A parábola da figueira estéril

6 E dizia esta parábola: Um certo *homem* tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando;

7 E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho; corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?

13.1 - Versículos 1 a 5 – O sofrimento e o pecado

Aqui se tem a notícia de que chegou a Jesus o informe acerca da recente morte dos galileus, “*cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios deles*” (v. 1). Esse episódio trágico apenas Lucas o descreve em seu Evangelho. É muito provável que esse incidente tenha provocado a inimizade entre Pilatos e Herodes mencionada em Lucas 23.12, uma vez que Herodes era o governador da Galiléia.

A situação agravante nesse episódio era que Pilatos havia misturado o sangue daquelas pessoas com o sangue “*dos sacrifícios deles*” (v. 1b). O suposto crime desses bravos galileus não é mencionado. A perplexidade é que nem a santidade do lugar nem o culto que os galileus estavam

8 E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque.
9 E, se der fruto, ficará, e, se não, depois a mandarás cortar.

Cura duma mulher paralítica

10 E ensinava no sábado, numa das sinagogas.
11 E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; e andava curvada, e não podia de modo algum endireitar-se.
12 E, vendo-a Jesus chamou-a a si, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade.
13 E pôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou, e glorificava a Deus.
14 E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga indignado porque Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes pois vinde para serdes curados, e não no dia de sábado.
15 Respondeu-lhe porém, o Senhor, e disse: Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou o jumento, e não o leva a beber?
16 E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa?
17 E, dizendo ele isto, todos os seus adversários ficaram envergonhados, e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele.

Parábola do grão de mostarda e do fermento
Mat. 13.31-33 e refs.

18 E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei?
19 É semelhante ao grão de mostarda que um homem, tomando-o, lançou na sua horta; e cresceu, e fez-se grande árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu.
20 E disse outra vez: A que compararei o reino de Deus?
21 É semelhante ao fermento que uma mulher, tomando-o, escondeu em três medidas de farinha, até que tudo levedou.

prestando com o sacrifício foram considerados pelo injusto governador Pilatos, que não temia a Deus. O altar que antes era lugar de refúgio se converte agora em lugar de perigo e assassinato.

Com base nesse trágico episódio, e também no caso da torre de Siloé que havia caído e matado várias pessoas, Jesus admoesta seus ouvintes a que não interpretem mal esses acontecimentos. Historicamente, os judeus supunham que os grandes sofrimentos e acidentes eram castigos de Deus por pecados cometidos. Jesus mostra que tal suposição tem fundo pagão e supersticioso: *“Pensais vós que esses foram maiores pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, eu vos digo...”* (v. 2,3a). Não se pode julgar os pecados das pessoas tomando por base o que elas sofrem aos nossos olhos. Recordemos sempre o preceito de Jesus: *“não julgueis para que não sejais julgados”* (Mt 7.1).

Jesus faz um chamamento ao arrependimento, adverte sobre as graves conseqüências da dureza de coração: *“Se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis”* (v. 5). Pode-se destacar que Jesus estava nos dizendo:

- 1) Que todos nós merecemos perecer iguais a eles.
- 2) Que todas as pessoas precisam arrepender-se de seus pecados. Os juízos de Deus sobre nossos semelhantes são intimações de Deus para que nós nos arrependamos.

A porta estreita

22 E percorria as cidades e as aldeias, ensinando, e caminhando para Jerusalém.
23 E disse-lhe um: Senhor, são poucos os que se salvam? E ele lhe respondeu:
24 Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão.
25 Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta, e começardes a estar de fora, e a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos; e, respondendo ele, vos disser: Não sei donde vós sois;
26 Então começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas.
27 E ele vos responderá: Digo-vos que não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade.
28 Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaac, e Jacó, e todos os profetas, no reino de Deus, e vós lançados fora.
29 E virão do oriente, e do ocidente, e do norte, e do sul, e assentar-se-ão à mesa no reino de Deus.
30 E eis que derradeiros há que serão os primeiros; e primeiros há que serão os derradeiros.

Jesus é avisado do ódio de Herodes

31 Naquele mesmo dia chegaram uns fariseus, dizendo-lhe: Sai, e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te.
32 E lhes respondeu: Ide, e dizei àquela raposa: Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia sou consumado.
33 Importa, porém, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém.
34 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste?
35 Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. E em verdade vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor.

- 3) Que o arrependimento é a única porta para escapar da perdição.
- 4) Se não nos arrependermos certamente pereceremos.

13.2 - Versículos 6 a 9 – Fazendo um balanço de nossa vida

Há pelo menos quatro sugestões desta parábola importantíssimas para nós:

1) Deus espera frutos de nós (v. 6). Isto explica e justifica nossa elevada natureza e os propósitos divinos que Deus tem para cada um de nós. É muito natural que o Criador busque os frutos em nossa vida. Os pais sempre alimentam a esperança de colherem frutos por meio dos filhos. Os agricultores lavram a terra, deixam as sementes nos sulcos abertos, esperam certo tempo e colhem os frutos, o produto de seus trabalhos.

A figueira em questão estava em uma situação privilegiada. É verdade que não era raro ver figueiras e outras árvores frutíferas nas mesmas plantações de vinhas. Mas é, também, verdade que a boa terra sempre foi limitada e escassa, assim, era preciso aproveitá-la muito bem. A figueira desta história tinha boas possibilidades, e uma ótima oportunidade de produzir frutos, mas não aproveitava essa oportunidade. Há pessoas que têm ótimas possibilidades, bons potenciais e não produzem frutos...

Repetidamente Jesus nos adverte que cada um de nós será julgado pelas oportunidades que temos recebido de Deus,

no importante dentro de uma base de...
que não fomos logo...
138

no confronto deve-se, 139...
de...
139

nesta vida. Nós somos como a boa árvore plantada no jardim de Deus. É nossa obrigação darmos frutos, essa é a intenção de nosso Criador, ele não espera ter seus propósitos frustrados. A cada período, ou melhor, diariamente ele espera frutos de nós. Deus nos dá sete dias por semana, 365 dias por ano para produzirmos frutos.

O escritor inglês C.E.M. Joad disse certa vez que “temos quase poderes de deuses, e os usamos como crianças brincalhonas e irresponsáveis”.¹ Nunca houve uma geração que tivera tido tantas oportunidades, na qual se confiara mais do que a nossa geração atual mas é, também, igualmente verdade que sobre a nossa geração a cobrança divina será maior.

2) Os frutos devem ser conforme as capacidades e oportunidades de cada pessoa (v. 7). Nesta vida, nem todos têm as mesmas características, os mesmos dons, ou mesmos talentos. O que é talento? O que é dom? Talento é aquela aptidão que a pessoa adquire pela aprendizagem e conhecimento. Os dons são recebidos, e dividem-se em naturais e espirituais. Os dons naturais vêm na nossa engenharia genética, é transmitido de pai para filho na concepção. Já os dons espirituais são dádivas especiais dados pelo Espírito Santo de Deus aos salvos, para capacitá-los ao trabalho de Deus, na igreja e no reino de Deus. Os dons espirituais são dados aos salvos por ocasião do nascimento espiritual, isto é, na conversão

Jesus mostra na parábola que a inutilidade atrai o desastre. Há a pretensão de que todo processo de evolução neste mundo consiste em produzir coisas úteis, e que o útil irá de fortaleza em fortaleza, enquanto o inútil será eliminado. A pergunta mais inquietante de Jesus nesta parábola é: “qual a nossa utilidade neste mundo?” Para que nós servimos?

Por outro lado, não se pode deixar de considerar que cada pessoa tem o seu raio de ação e o seu campo para o serviço. Nessa perspectiva, os frutos guardam relação proporcional com as nossas oportunidades e capacidades. Sem dúvida, Deus levará isto em conta em seu juízo.

A figueira dessa parábola estava capacitada para produzir frutos, recebia cuidados do viticultor, chuvas, e estava numa terra fértil, e também recebia os raios do sol. Contudo, quando o proprietário procurava por

¹ JOAD in BARCLAY, W. *Comentário Al Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1994, p. 216.

frutos não encontrava. Era uma planta linda, mas só estava coberta de aparências. Ela não cumpria as finalidades para as quais havia sido criada. Com isso trouxe mais tristezas ao viticultor que alegria.

Os frutos são as manifestações do caráter interno da pessoa e da sua relação com Deus por Jesus. Portanto, o salvo ao produzir frutos revela o seu caráter e sua relação com Jesus. É por isso que em outra ocasião Jesus disse: “Pelos frutos os conhecereis” (Mt 7.20).

3) Nesta vida uns dão frutos, outros não, mas a vontade de Deus é que todos dêem frutos. Voltando a questão agrícola, em um pomar de laranjas, alguns pés ficam tão carregados que é preciso escorar os galhos para não se quebrarem, enquanto outras dão apenas algumas laranjas. Notem que todas as árvores estão no mesmo terreno, recebe a mesma chuva, o mesmo sol. Mas uma produz 100 dúzias, a outra 3 dúzias e, às vezes, até menos.

Há irmãos que são espetaculares, ganham almas, trabalham na zeladoria da igreja, outros cuidam da segurança e introdução, das crianças, uns tocam, cantam no coro, outros oram, visitam, mas lamentavelmente há alguns que nem participam do que está acontecendo. Vão ao templo da igreja para serem servidos... Mas Deus espera frutos de nós.

A parábola ensina a dura verdade de que aquele que vive só para receber não deve sobreviver. Notem que aquela figueira estava sugando os nutrientes da terra, secando a terra ao seu redor e, no entanto, não produzia nada. Aí estava o seu pecado. Usar os recursos de Deus em proveito próprio e não devolver nada. Passando da parábola para nós, em última instância não há mais que duas classes de pessoas no mundo: os que tiram da “vida” mais do dão (só aportam) e os que doam, contribuem mais para a vida (e sociedade) do que tiram.

É verdade que, em certo sentido, todos nós estamos em dívida com a vida. Se hoje estamos vivos foi graças a alguém que arriscou a sua vida para nos gerar, nos criar e nos educar. Neste ponto, não poderíamos ter sobrevivido a não ser pelo cuidado daqueles que nos criaram, amaram e nos amam. Além disso, herdamos uma civilização cristã e uma liberdade pela quais outros deram as suas vidas. Tudo isso nos mostra que temos a obrigação de deixar as coisas melhores do que encontramos neste mundo.

4) Esta parábola também nos apresenta o evangelho da segunda oportunidade (v. 8). Antes do julgamento final, Deus oferece ao ser humano

Deus espera que todos nós produzamos frutos;
 C.E.M. JOAD diz que “temos poderes de deuses”
 mas usamos como crianças brincalhonas;

Op do m'hablado no v. 7, alguns dos irmãos
 Jesus um tempo limitado p'cia frutos (v. 7)
 fu bond. São depon en statemento

uma segunda oportunidade. Note-se que é normal que uma figueira levasse três anos para alcançar a sua maturidade mas se, ao final de três anos não produz frutos, é muito provável que jamais produza. Porém, à figueira da parábola foi dada outra oportunidade, mais um ano.

Jesus sempre deu oportunidades que traziam outras oportunidades. Pedro, Marcos e Paulo nos dariam encantados seus testemunhos das oportunidades que receberam de nosso Senhor. A grande verdade é que o nosso Deus é infinitamente amável com aquele que cai e levanta-se.

5) A parábola em questão também deixa claro: há uma última oportunidade (v. 8). Se não aproveitarmos as oportunidades de Deus, se recebermos em vão o seu chamado, chegará o dia em que Deus nos fechará as portas, ou mesmo perderemos a força de querermos entrar! Que Deus nos livre dessa terrível condição!

6) Deus pedirá contas a todas as pessoas pelas oportunidades que lhes deu nessa vida (v. 9). Não há dúvida de que um dia nosso Senhor pedirá contas de todos os dons, talentos e oportunidades que cada um nós teve na vida. Temo que a maior cobrança seja para omissão. Nesta perspectiva, muitas pessoas receberão a reprovação do justo Juiz não pelo que fizeram de errado, mas pelo certo que deixaram de fazer, aqui reside um grande perigo.

13.3 - Versículos 10 a 17 – A cura da mulher encurvada

Em Lucas, esta é última vez que Jesus esteve em uma sinagoga. Com Jesus aprendemos a não deixarmos de congregarmos (Hb 10.25). O objeto de sua obra misericordiosa nesse dia foi uma mulher “que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos” (v. 11). Era uma enfermidade causada por um espírito maligno (v. 16). Jesus se oferecera para curá-la sem que ela pedisse (v. 12). Era a ação de sua graça e misericórdia em favor daquela que padecia com a enfermidade.

Aquela mulher foi à sinagoga para aprender e receber benefícios para sua alma, mas Jesus, também, lhe deu alívio para seu corpo. Neste sentido, pode-se afirmar que aqueles que procuram benefícios espirituais são os que conseguem mais benefícios para o corpo.

A mulher é curada miraculosamente (v. 12b-13). Essa cura representa a obra da graça de Cristo na regeneração dos pecadores, cujo coração

pecador estava debaixo de um espírito de enfermidade (do pecado). A cura da mulher produz efeito imediato na alma, pois ela “glorificava a Deus” (v. 13.b). Assim, quando um coração retorcido é endireitado, a primeira coisa que sai do coração regenerado é um sentimento de gratidão a Deus por sua libertação.

Seguindo-se, vem a reação contrária do chefe da sinagoga por causa da misericórdia de Jesus. Ele se indignou “porque Jesus curava no sábado” (v. 14). Aqui se vê a cegueira do fanatismo daquele fariseu, que o leva a se opor à luz graciosa de Jesus. Aos seus olhos, o milagre realizado por Jesus era comum, porque ele disse: “você podem vir durante os outros dias da semana para serem curados, mas no sábado não!” Ora esse milagre era obra de Deus. Jesus se justifica: “Hipócrita”. Jesus conhecia os corações das pessoas (Jo 2.25); nós só conhecemos o exterior.

No entanto, Jesus apela primeiramente para prática comum entre os judeus: “No sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou jumento, para o levar a beber?” (v. 15). Não dar de beber aos animais no sábado seria um ato de crueldade pior do que os fazer trabalhar nesse dia. Jesus aplica esse ato de piedade com os animais à situação daquela mulher, “e não devia ser solta desta prisão, no dia de sábado, esta que é filha de Abraão” e, portanto, tem direito às bênçãos messiânicas. Ela é vossa irmã, vocês não podem negar a ela o mesmo favor que vocês prestam aos animais que são propriedade de vocês.

A intervenção de Jesus mostra que não é da vontade de Deus que nenhum ser humano sofra nem um minuto a mais do que é absolutamente necessário. A lei judaica estabelecia que fosse correto ajudar uma pessoa no sábado se essa pessoa estivesse em perigo de morte. Se Jesus dissesse à mulher que lhe curaria no dia seguinte ao sábado não teria recebido as críticas. Entretanto, para Jesus, não se deve permitir que o sofrimento de uma pessoa se prolongue até o dia seguinte se podemos dissipar o seu sofrimento hoje. Ora, não se pode deixar para amanhã o que se pode fazer hoje, principalmente se for um bem ao próximo.

Os críticos de Jesus ficaram envergonhados com a sua sabedoria (v. 17). Infelizmente, não foi uma confusão que levou ao arrependimento, mas a vergonha e indignação. Mas para os sinceros do povo, houve reconhecimento e alegria. “O povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele” (v. 17).

13.4 - Versículos 18 a 21 – As parábolas do reino de Deus

Estas duas parábolas enfatizam os grandes resultados que podem ser obtidos com pequenos começos no reino de Deus. O pequeno grão de mostarda torna-se uma árvore que chega a quase quatro metros de altura.

A ação de uma pequena porção de fermento pode aumentar a massa levedada várias vezes o seu tamanho original. Jesus usa essas ilustrações para dar uma visão geral do reino de Deus. É verdade que o reino não pode ser descrito de forma completa em linguagem humana, mas o mundo está cheio de sinais do reino.

As parábolas são, para nós, fagulhas de entendimento e compreensão. Nessas duas parábolas, Jesus ensinou àquelas pessoas que elas deveriam esperar o começo do reino de Deus, não apenas nas coisas grandiosas, mas principalmente nas pequenas. Talvez essa fosse a grande dificuldade para os sábios e entendidos daquela época. O próprio nascimento de nosso Senhor foi numa manjedoura, portanto, cercado de simplicidade. A cura da mulher enferma no texto anterior, por exemplo, é sinal da chegada do reino de Deus. Era uma mulher simples do povo.

A idéia do fermento pode simbolizar a influência positiva da igreja no mundo. Portanto, o reino de Deus é semeado pela Palavra, e não introduzido pela força. O reino crescerá no mundo até se tornar um poder universal no escatón. E, como práxis de vida, penetrará toda massa humana para levar o evangelho da salvação a todas as pessoas, mas nem todos o recebem. Entretanto, a todos que o recebem é dado o poder de se tornarem filhos de Deus (jô 1.14).

13.5 - Versículos 22 a 30 – A porta estreita

Jesus percorria as cidades e aldeias, realizando a obra da graça, fosse qual fosse o desprezo dos líderes religiosos de Israel. Ele viajava em direção a Jerusalém para a festa da *dedicação* que era celebrada no inverno.²

Alguém chega para Jesus e faz-lhe uma pergunta: “Senhor, são poucos os que se salvam?” (v. 23). Lucas não descreve quem fez a pergunta a

² Vale lembrar que o inverno era a pior estação do ano para se viajar naquela época.

Jesus, se era amigo ou inimigo. É provável que, para o perguntador, o reino de Deus era para Israel e que os gentios ficariam de fora.

Jesus não responde a pergunta da maneira que o indagador gostaria, mas a resposta de Jesus deve ter lhe deixado perplexo. Até por que não estava nos planos de Jesus satisfazer as curiosidades de incrédulos e, sim, despertar consciências. Por isso não diz quantos vão se salvar, mas o que teriam de fazer para garantir a salvação.

Jesus dá ao indagador uma exortação estimulante: “*Porfiai por entrar pela porta estreita*” (v. 24a). A porta é estreita porque só tem um Salvador, um só Deus, um só Evangelho, um só caminho, uma só mensagem, e só tem uma porta de entrada, a conversão. Assim sendo, todo aquele que quer se salvar há de entrar pela porta estreita e submeter-se à disciplina de Jesus. Há de se esforçar, pois a salvação é uma realidade de suma importância e deve ser tomada como prioridade porque é questão de vida ou morte para eternidade.

Jesus admoesta aquele homem com considerações despertadoras:

1) Pense nas pessoas que fazem alguma coisa para entrar no reino de Deus, porém, não fazem o suficiente. “Porque eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão” (v. 24.b). Literalmente traduzindo a última parte deste versículo, tem-se: “*e não terão força*”. São dos que buscam, mas não se esforçam. A razão pelas quais muitas pessoas não alcançam ou não se firmam na graça é porque se contentam com uma busca preguiçosa. Têm boa leitura da felicidade, alguma estima pela santidade, e chegam até dar alguns passos em boa direção, mas infelizmente suas convicções são frágeis, incapazes de mantê-las firmes no evangelho.

2) Pense no dia da diferenciação. Aquele dia em que Deus fará a diferença entre os seus filhos (os quais receberam o evangelho) e os que não são seus filhos (aqueles que recusaram o plano de Deus para a salvação). “Quando o dono da casa se tiver levantado e cerrado à porta” (v. 25a). Mas que porta é essa? É uma porta de distinção entre os salvos e os perdidos.³ Agora, a porta da misericórdia e da graça está aberta a

³ Vale acrescentar que, como no templo de Jerusalém, também dentro das igrejas há falsos crentes que adoram no átrio exterior, e genuínos crentes que adoram dentro do velador. A porta entre essas duas estâncias agora está aberta. Mas quando o dono da casa se levantar, ele fechará a porta entre as duas estâncias, e os que estiverem no átrio exterior estarão fora definitivamente (Ap 21.27).

todos. Os que não entrarem por ela, ou os que tentam entrar com seus próprios méritos, se verão excluídos do reino.

3) Pense naqueles que têm se alimentado com uma falsa fé, ou a presunção de serem salvos sem terem produzidos frutos dignos de arrependimento. Esses serão repelidos no dia do juízo. Pode-se dizer que esses são quase cristãos, ouviram a mensagem, não retrucaram, acompanharam seus familiares à igreja, mas não se decidiram. Quantos têm arruinado a sua eternidade por não haverem parado para pensar se o caminho que seguiam era reto diante de Deus.

4) Apesar dos judeus rejeitarem Cristo, “muitos virão do oriente e do ocidente, e do norte e do sul, e reclinar-se-ão à mesa do reino de Deus” (v. 29). Nessa palavra de nosso Senhor aos judeus daquela época, em especial aos religiosos, seriam poucos os que se salvariam. Em compensação, dos quatro cantos da terra virá o fruto do evangelho, uma multidão inumerável de todas as nações (Ap 7.9).

Finalmente, Jesus afirma que haverá surpresas no reino de Deus. Pessoas que não têm importância nesse mundo poderão ter muita importância no mundo vindouro. Em contra partida, haverá pessoas importantes desse mundo que ficarão de fora.

13.6 - Versículos 31 a 35 – O lamento sobre Jerusalém

Sob pretexto de consideração por Jesus, alguns fariseus sugerem que ele vá embora dali. Essa atitude dos fariseus, que fazem advertência sobre Herodes, não é descrita por Lucas, todavia a intervenção deles deve ser entendida como hostilidade em vez de ajuda (conforme Lucas 11.53,54).⁴ Herodes poderia ter demonstrado o desejo de pôr o “desordeiro” para fora da Galiléia, mas isso não é comprovado por nenhum dos Evangelhos. Jesus conforma-se com o cumprimento da vontade de Deus e, assim, para ele o poder do homem sobre si estava fora de questão.

Para tanto, a referência de Jesus a “essa raposa” talvez fosse um jeito de reconhecer a esperteza na ameaça que o apressa para o lugar onde tradicionalmente os profetas encontraram a morte. Jesus descreve sua missão em termos de três dias, “hoje, amanhã, e no terceiro dia” (v. 32),

⁴ Alguns comentaristas, William Barclay op. cit. p. 228, argumentam que esses fariseus que avisaram a Jesus eram bons. Barclay ainda classifica os fariseus em sete grupos. Particularmente não concordo com essa interpretação porque a mesma carece de provas bíblicas.

que Lucas menciona como prenúncio da ressurreição, “e no terceiro dia serei consumado” (v. 32b).

No entanto, Jesus precisava terminar o trabalho e depois partir para Jerusalém, porque esta cidade ainda não tinha conhecido o tempo de sua visitação. Visitação realizada por ele próprio, seu verdadeiro Senhor, o Eterno. Portanto, o tema da tarefa de atribuição divina é muito forte aqui nas palavras de Jesus. Não importava o que queriam os governantes humanos, Jesus tinha de seguir os propósitos estabelecidos pela Santíssima Trindade na eternidade. Além disso, também está subentendido nas palavras do Mestre, a advertência de que Deus não permitirá interferências nesse plano, embora reis possam ser instrumentos de Deus para colaborar na execução de seu plano (At 4.27,28).

O confronto entre os profetas e os inimigos de Deus aconteceu muitas vezes em Jerusalém e até no templo (Lc 11.51; Jr 26.20-24).⁵ Pode-se dizer que Jerusalém, aqui, simboliza a teimosia que se opunha aos profetas (At 7.51,52). Lembrando essa sinistra hostilidade aos mensageiros de Deus, Jesus faz uma lamentação sobre a cidade. Ele queria juntar sob suas asas os filhos dessa cidade rebelde! Mas eles o rejeitaram. Jesus se vê ali como último profeta a encontrar a destruição. Ele profetiza o abandono da casa “*eis aí, abandonada vos é a vossa casa*” (v. 35), que deve ser interpretado como toda a cidade. Jesus não será visto em Jerusalém antes do tempo indicado. O último esforço de sua graça estava feito e sua casa ia ficar-lhes deserta, até que se arrependessem e se tornassem para o Senhor, dizendo, como no Salmo 118: “Bendito seja o que vem em nome do Senhor”.

⁵ Vale ressaltar, também, que muitas vezes esse confronto se deu também fora de Jerusalém conforme descreve 1Reis 18.14.

Capítulo 14

Versículos 1 a 35

1.º - Deve ser no confronto fariseus, entendo -to, mostra que eles estão vindo, apesar de não, com os telam duros -
2.º - mas no num coração & Deus está presente e opera.

14.1 - Versículos 1 a 6 -

A cura de um hidrópico no sábado

memorizastes de Deus mesmo nas adversidades

Vale lembrar que essa é a terceira vez que Lucas apresenta Jesus na casa de um fariseu (Lc 7.36; 11.37). É bem provável que o homem com hidropisia¹ fosse um dos comensais. Portanto, a possibilidade de cura para esse homem deveria ter provocado no anfitrião e nos demais convidados ao menos discutir a conveniência dessa cura no sábado. “Eles porém ficaram calados”. Então Jesus “pegando no homem, o curou” (v. 4). Isto é, agarrou-o nas mãos como indica o verbo no grego, e o curou instantaneamente.

1 ACONTECEU num sábado que, entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus para comer pão, eles o estavam observando.

2 E eis que estava ali diante dele um certo homem hidrópico.

3 E Jesus, tomando a palavra, falou aos doutores da lei, e aos fariseus, dizendo: É lícito curar no sábado?

4 Eles, porém, calaram-se. E, tomando-o, o curou e despediu.

5 E disse-lhes: Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo?

6 E nada lhe podiam replicar sobre isto.

Parábola dos primeiros assentos e dos convidados

7 E disse aos convidados uma parábola, reparando como escolhiam os primeiros assentos, dizendo-lhes:

8 Quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar; não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu,

9 E, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então,

¹ Hidropisia, segundo o dicionário Aurélio, é “acumulação anormal de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo”, fazendo-o inchar demasiadamente. In: Aurélio CD digital.

com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar.

10 Mas, quando fores convidado, vai, e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então terás honra diante dos que estiverem contigo à mesa.

11 Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.

12 E dizia também ao que o tinha convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tomem a convidar, e te seja isso recompensado.

13 Mas quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos.

14 E serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos.

Parábola da grande ceia
Mat. 22.1-14 e refs.

15 E, ouvindo isto um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus.

16 Porém ele lhe disse: Um certo homem fez uma grande ceia, e convidou a muitos.

17 E à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado.

18 E todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo, e importa ir vê-lo; rogo-te que me hajas por escusado.

19 E outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; rogo-te que me hajas por escusado.

20 E outro disse: Casei, e portanto não posso ir.

21 E, voltando aquele servo, anunciou estas coisas ao seu senhor. Então o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos.

22 E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste; e ainda há lugar.

23 E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.

Para finalizar, Jesus se dirige aos fariseus para justificar o que acabara de fazer, ao mesmo tempo em que silenciava as objeções que eles pudessem abrigar (v. 5,6). A resposta de Jesus foi ao pensamento dos fariseus, fazendo com que se calassem por vergonha, os que antes se calaram por maldade (v. 4). Jesus mostra o absurdo de negar a cura com base em uma lei do sábado, um dia concedido como dádiva de Deus para revigorar seu povo. Nesta perspectiva, ele apela para a obra que os fariseus faziam no dia de sábado: "qual de vós, se lhe cair num poço um filho, ou um boi, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado"? (v. 5). Ainda que fizessem isso por compaixão, o faziam a um animal, e também essa era uma atitude do interesse do fariseu (seu boi, seu jumento). A resposta de Jesus cala a todos.

**14.2 - Versículos 7 a 14 -
Cultivando a humildade**

Jesus nota que os fariseus gostavam de ocupar os primeiros lugares nos eventos e festas em que eram convidados (v. 7). Já anteriormente (Lc 11.43), o Mestre lhes havia repreendido pelo afã de gostem de aparecer forma demasiada. Note-se que todos os nossos "maus costumes" na vida, são observados por Deus.

O conselho de Jesus ensina que o orgulho pode acabar em vergonha, enquanto a humildade em bênçãos de exaltação. "Quando por alguém fores convidado... não te reclines no

24 Porque eu vos digo que nenhum daqueles varões que foram convidados provará a minha ceia.

Parábola acerca da previdência

25 Ora ia com ele uma grande multidão; e, voltando-se, disse-lhe: 26 Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

27 E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo.

28 Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar?

29 Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele.

30 Dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar.

31 Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil?

32 Doutra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz.

33 Assim, pois, qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo.

34 Bom é o sal; mas, se o sal degenerar, com que se adubará?

35 Nem presta para a terra, nem para o monturo; lançam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

primeiro lugar; não aconteça que seja convidado outro mais digno do que tu; e vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá lugar a este, e então com vergonha, tenha de tomar o último" (v. 8,9). O argumento de Jesus é simples e compreensível; seu propósito era pronunciar: "porque todo o que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado" (v. 11). A auto-exaltação não deve ser procurada, nem pública nem secretamente. Antes, Jesus já havia repreendido os discípulos por disputar posições (Lc 9.46-48).

Um motivo indigno semelhante aparece nas palavras de Jesus ao anfitrião por ter convidado apenas pessoas ricas e importantes, quando seria melhor convidar os pobres. A impressão é que um convite para jantar era feito pela recompensa recíproca de ser convidado em outro evento. No entanto, a questão levantada por Jesus é que, ao se fazer o bem, deve-se fazer livremente, sem perspectivas, deixando as recompensas nas mãos de Deus. Essa era a maneira pela qual Jesus fazia o bem; esvaziando-se para os outros sem considerar o preço.

O princípio do reino de Deus é que, quando se dá para receber uma recompensa, não se recebe nenhuma recompensa; e quando se dá sem se pensar em receber uma recompensa, aí sim se é recompensado.² Neste sentido, as obras de caridade nem sempre são recompensadas na terra, já que as coisas da terra nem sempre são as melhores, mas serão recompensadas no mundo vindouro, onde tudo tem o máximo valor.

² BARCLAY, W. op. cit., p. 234.

14.3 - Versículos 15 a 24 – Coisas boas que podem impedir a entrada no céu

Esta parábola de Jesus veio em resposta à exclamação de um dos convidados, o qual comentou: “bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus”. Havia muitas histórias entre os judeus sobre o que aconteceria na era messiânica. Uma delas falava que o banquete messiânico seria servido com o monstro marinho leviatã (Jó 41.1), e o hipopótamo seria o prato de carne (Jó 40.15).³ Certamente, era nesse banquete que estava pensando o convidado que dirigiu a pergunta a Jesus.

Naquela época, quando se dava uma festa, convidava-se com antecedência os convivas, que confirmavam ou não suas presenças. Todavia, era um insulto ter aceitado o convite e não comparecer à festa. A não ser que fosse por um motivo muito expressivo.

Para Jesus, nesta parábola, o dono da casa representava Deus, e os convidados iniciais os judeus. Da mesma maneira, Cristo convidou a todo povo de Israel a participar das bênçãos do reino e dos benefícios do evangelho. A casa do Senhor é uma casa aberta a todos. O convite de Deus é um convite de bênçãos: “vinde, porque tudo já está preparado” (v. 17).

Os convidados respondem de forma descortês e depreciativa: “mas todos a uma começaram a escusar-se” (v. 18a). Cada um encontrou o seu pretexto para recusar o convite. Assim respondeu Israel como nação ao convite do evangelho (Jo 1.11). Muitos não têm coragem de recusar diretamente o chamado do evangelho, mas colocam toda sorte de desculpas para não se entregarem ao Salvador.

Analisemos, agora, cada um daqueles convidados:

O primeiro convidado se desculpou porque estava preocupado com um negócio imobiliário: “...Comprei um campo e preciso ir vê-lo; rogo-te que me tenhas por escusado...” (v. 18). Esse homem provavelmente era um negociante de terras, e que havia comprado a terra sem a ver. Ou, talvez ele simplesmente quisesse um terreno sobre o qual construiria uma casa para a sua família. Ora, não é pecado especular com terras. Nem é pecado construir uma casa. Ambas as

coisas são boas, e legítimas. Afinal de contas, antes de cair o julgamento sobre Judá, Elias adquiriu um pedaço de terra, devido a uma revelação que havia recebido. Mas o ponto aqui não é a compra de terra. O ponto é o seguinte: esse homem havia se concentrado na coisa errada! Concentrou-se nos seus interesses, em seus negócios ou nos negócios da família e colocou de lado o convite, recusando a intimidade com o Senhor. Disse: “Depois eu cuido disto. Primeiro vou resolver os meus interesses”. Mas, o fato é que aquela terra não iria sair de lá. Ele poderia ter ido no dia seguinte!

O segundo convidado negociava gado. Disse ao servo: “...Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me tenhas por dispensado” (v. 19). Esse, talvez, fosse do ramo da pecuária. Parece que ele não havia visto os bois antes de adquiri-los e, provavelmente, estavam bem, na ocasião. Mas, agora, ele precisava testá-los, para confirmar se havia feito um bom negócio.

Não existe pecado no ato desse homem. Testar os bois era uma coisa legítima a ser feita, e até de responsabilidade. Abraão e Jó, sem dúvida, fizeram a mesma coisa muitas vezes, sendo ricos em gado. Esse homem estava apenas fazendo o que a Palavra de Deus recomenda a qualquer negociante sério.

Mas, outra vez, o cerne do problema não é este. Onde estava o pecado desse homem? Ele agia como que dirigir a fazenda fosse mais importante do que se dirigir a igreja. Os bois poderiam ser testados no dia seguinte. Mas ele não queria deixá-los esperando; em vez disto, ele fez com que o Senhor esperasse!

O último convidado disse: “...Casei-me e, por isso, não posso ir” (v. 20). Bem, nada poderia ser mais legítimo do que se casar. Segundo Provérbio, o homem que acha uma esposa, acha o bem (Pv 18.22). E ainda tinha uma lei que dizia assim: “quando um homem for recém-casado, não sairá à guerra, nem se lhe imporá cargo público; por um ano inteiro ficará livre na sua casa, para se regozijar com a sua mulher, que tomou” (Dt 24.5). Observe que a lei o dispensava da guerra, de cargos públicos, mas não de um banquete.

Mais uma vez, o problema não é se casar. Esse homem pecou ao colocar a sua família em primeiro lugar, acima de Deus.

³ BARCLAY, W. op. cit., p. 236.

Esse homem poderia ter trazido a sua esposa à festa. Esta teria sido uma boa maneira de começar o seu casamento. Ele poderia ter dito: “Meu bem, o Senhor sempre foi o primeiro na minha vida. Ninguém toma o seu lugar. Todas as vezes que as suas portas estiverem abertas para mim, sempre irei ter intimidade com ele. Os interesses dele têm prioridade na minha vida. Agora, eu desejo que os meus valores sejam os seus valores. Então, tornemos os seus interesses uma prioridade nossa”. O ambiente familiar se torna maravilhoso quando os seus membros estão conscientes de que, também, são membros da família de Deus.

O convite para o banquete da salvação não é uma coisa que se possa fazer pouco. Jesus dá a entender que alguns que estão à mesa com ele não compreendem a urgência da situação. O anfitrião manda o servo ir “depressa” encher os lugares. Portanto, o desejo de Deus de encher a sua casa é urgente; ele quer que o maior número possível participe do banquete messiânico.

A última declaração é dirigida aos que estão presentes na casa do fariseu: “pois eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia” (v. 24).

14.4 - Versículos 25 a 33 – Quanto custa seguir a Cristo

Jesus prossegue em direção a Jerusalém. Ele diz que a cruz o esperava. Quanto ao povo, é muito provável que esperasse que ele fosse aclamado rei. Por isso lhes falou dessa maneira. Jesus fala da seriedade do discipulado. Ele disse que aquele que quisesse segui-lo não trilharia um caminho de glórias terrenas, todavia, deveria estar disposto a sacrificar todas as coisas que mais amasse na vida.

Jesus retorna ao tema da divisão da família que pode acontecer por causa do evangelho (Lc 12.51-53). Ele afirma que os discípulos devem “odiar” os pais e a família. Esse é um exagero semítico para enfatizar a necessidade de renunciar a todos que fiquem no caminho do compromisso total com Jesus, mesmo que sejam os parentes mais próximos. Neste sentido, “odiar” significa “preferir menos”. É a mensagem radical da cruz.

O uso dos exemplos do construtor sábio que não começaria uma obra sem avaliar os custos antecipadamente e de que nenhum rei, em sua consciência, iria para uma guerra sem avaliar todas as possibilidades, foi para mostrar que o cristão tem a obrigação de calcular o que lhe vai

custar seguir Cristo. Na verdade em todas as esferas da vida há de se calcular o custo. Quanto a seguir Cristo, o preço é a renúncia (v. 33).

14.5 - Versículos 34 e 35 – O sal sem gosto

Estes dois versículos parecem sugerir que Jesus estava alertando seus seguidores contra a apostasia, porque tal condição tornaria o discípulo totalmente inútil (v. 34,35). Os bons crentes, em especial os bons ministros de Cristo, são o sal da terra (Mt 5.13).

O sal é indispensável à vida humana e tem muitos usos. Todavia os cristãos apóstatas se apegam mais às coisas do mundo que as de Deus. São como um sal que se tornou “insípido” (v. 34). É uma das coisas mais inúteis do mundo. O crente hipócrita, o qual dá mau testemunho, é o mais insípido animal que pode existir. Como não serve para Cristo, e nem serve para o mundo, ao final será “lançado fora” (v. 35). Mas o salvo, conseqüente na fé, ainda que seja odiado, é respeitado. Mas o que se comporta diferente do que prega, ninguém lhe dará crédito em suas palavras. Tais indivíduos devem ser postos para fora da igreja, pois há o perigo de contaminar outros.

- Já a par. suscitada para os fariseus e escribas
- Verdadeiros Espirituais. Por isso, dirigiu-se ao mesmo tempo
- Entanto Jesus p' ensinar sobre (17, 18)

O Trecho das parábolas

Capítulo 15

Versículos 1 a 32

- O mundo dos seus dias era marcado por duas grandes forças (17, 18)
- Uma era a preocupação com os pecados (17)
- A outra a preocupação com o dinheiro e o comércio (17)

1 E CHEGAVAM-SE a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir.
 2 E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores, e come com eles.
 3 E ele lhes propôs esta parábola, dizendo:
 4 Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e não vai após a perdida até que venha a achá-la?
 5 E, achando-a, a põe sobre seus ombros, gostoso;
 6 E, chegando à casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.
 7 Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.
 8 Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar?
 9 E, achando-a, convoca as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo porque já achei a dracma perdida.

15.1 - Versículos 1 a 10 - Recuperando o que estava perdido

Este texto mostra o contraste entre a justiça de Deus e a miserável justiça humana. Os publicanos e os pecadores aproximavam-se de Jesus, para ouvi-lo. Para os que estavam carentes da graça de Deus, essa graça que emanava de Jesus tinha a verdadeira dignidade e atraía-os ao evangelho. Mas a justiça dos fariseus repelia tudo o que não fosse tão desprezível como ela própria e, ao mesmo tempo, repelia Deus na sua natureza de amor.

Jesus dirige-se diretamente aos ouvintes: "qual de vós é o homem..." O que ele sugere que todos farão, não é o que muito de nós faríamos mas, sem dúvida, era o de praxe naquela época. Por outro lado, a atratividade dessa

10 Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

Parábola do filho pródigo

11 E disse: Um certo homem tinha dois filhos

12 E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda.

13 E, poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente

14 E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.

15 E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos.

16 E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.

17 E, tomando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!

18 Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti;

19 Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.

20 E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.

21 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.

22 Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés;

23 E trazei o bezerro cevado, e matai-o, e comamos, e alegremo-nos;

24 Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se.

25 E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as dansas.

extravagante preocupação individual, proposta por Jesus, faz o ouvinte querer concordar. O Mestre mostra que a alegria do pastor é como a alegria de Deus pela recuperação do que estava perdido. Note que a dedicação do pastor à ovelha reencontrada, carregando-a de volta ao redil, é o reflexo do amor de Deus.

Mas tanto a ovelha com a moeda não colaboram em nada.¹ O pastor procura, e da mesma forma a mulher também procura a moeda até encontrar, porque tem interesse no objeto pretendido. A sua ovelha, e a sua moeda. Como a ovelha está cansada de suas vãs correrias para retornar ao aprisco, o pastor a coloca sobre seus ombros e a carrega. O pastor se encarrega de tudo e está muito feliz por ter reavido sua ovelha. Esse é o espírito do céu, seja qual for o coração do homem aqui na terra. Essa é obra de Cristo, o bom Pastor, no resgate dos pecadores. A alegria no Céu é pela conversão do pecador.

Olhando mais de perto a segunda parábola, se vê uma imagem diferente, mas com o mesmo objetivo da parábola da ovelha perdida. Observe-se que a mulher perdeu uma das dez dracmas, moedas gregas de prata. Ela "varre a casa, buscando com diligência até encontrá-la" (v. 8). Uma entre dez. Talvez essa moeda fosse parte de seu dote e, assim,

¹ Embora a ovelha e a dracma das parábolas não colaborem em nada, em relação ao ser humano há, no entanto, uma obra real da graça de Deus, operada em todo o seu ser, regenerando-o por completo. Esta obra de salvação é exclusivamente de Deus, e não é por méritos humanos.

26 E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo.

27 E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo.

28 Mas ele se indignou, e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele.

29 Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos;

30 Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes mataste-lhe o bezerro cevado.

31 E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas;

32 Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se.

também tivesse valor sentimental. A alegria dela simboliza a alegria no céu por causa de um único pecador que se arrepende. Essa alegria precisa ser compartilhada. É grande demais para uma só pessoa. Ela e o pastor convidam os amigos e vizinhos para a festa de ação de graças.

A pergunta que surge é: e as outras 99 ovelhas e as nove moedas não são importantes também? Sim, são muito importantes. Mas a alegria do reino foge às categorias da razão e dos bons negócios. O que estava perdido foi encontrado, e precisa ser celebrado como uma nova vida. Vale citar, ainda, que o trabalho da mulher pode ser uma imagem dos cuidados que Deus tem no seu amor para com aqueles que estão perdidos.

15.2 - Versículos 11 a 32 – A parábola do filho pródigo

Esta é a mais famosa das parábolas de Jesus. Seu conteúdo literário impressiona, mas são as suas circunstâncias que explicam, de maneira mais ampla e melhor as riquezas do Evangelho da graça de Deus. Na parábola, Deus é o Pai dos justos e pecadores, de toda humanidade (2Co 5.19-21).

Dois filhos duas personalidades. Esse "pai tinha dois filhos" (v. 11) muito diferentes. O mais velho caracterizava-se por ser austero, reservado, sóbrio, e pode-se dizer também mal humorado com as pessoas que o rodeavam, contudo, era rígido no cumprimento das normas nas quais havia sido educado e dificilmente as abandonaria.

O filho mais novo era frívolo, inquieto, impaciente, libertino e desejoso de colocar suas mãos na herança para esbanjá-la livremente como bem lhe conviesse.² Aplicando diretamente esta parábola a Israel, pode-se dizer que o filho mais moço representava os publicanos e pecadores e,

² É dessa característica que vem o nome pródigo em seu pior sentido.

num sentido mais amplo, os gentios. Já o filho mais velho representava diretamente os sacerdotes, escribas e fariseus, embora, em um sentido mais lato, represente o povo judeu.

O filho mais novo é pródigo e podem se destacadas algumas de suas características:

1) A exigência do jovem

Era uma pessoa desenfreada e inconseqüente. Assim, ele exige de seu pai a parte que lhe pertence: "Pai dá-me". Poderia ter sido um pouco mais cortez no falar: "te peço que me adiantes". Mas, em tom de exigência, dirige-se ao pai como se estivesse cobrando uma dívida. Nessa perspectiva, é muito ruim quando as pessoas consideram os dons e dádivas de Deus como sendo algo que Deus lhes devesse. A grande loucura do pecador está em se contentar em receber e desfrutar as coisas boas apenas pensando no hoje, no agora, sem pensar nas coisas espirituais que pertencem à esfera da felicidade eterna. Mas, o que teria levado aquele jovem a querer receber antecipadamente a herança de seu pai? Vejamos

a) Ele almejava a liberdade (falsa liberdade) porque estava cansado de obedecer ao pai. Aquele rapaz representa a loucura de muitos jovens que não se sentem livres até que tenham quebrado todos os mandamentos de Deus e se vejam amarrados com cadeias de seus próprios desejos carnis. Aqui se tem um modelo de toda rebeldia humana contra Deus. O ponto central é: não se submetem ao governo de Deus porque no fundo, consciente ou inconscientemente, querem ser como Deus (Gn 3.5).

b) Desejava, de certa forma, fugir da vigilância cuidadosa de seu pai. Desde o pecado de Adão, o pecador, da mesma maneira que um avestruz o que esconde a cabeça acreditando que todo o seu corpo não será visto, sempre tenta, de maneira inútil, esconder-se de Deus. Esquece que Deus é onisciente e onipresente, de cuja presença é impossível fugir.

c) Não tinha confiança na administração de seu pai. Neste sentido, ele queria ter nas mãos os seus recursos para gastar livremente, sem o freio do bom senso do pai para suas extravagâncias.

d) Tinha um grande sentimento de auto-suficiência. Acreditava que poderia gerir seus próprios bens melhor que seu pai. Vale citar que "os bens daquele jovem" não foram ganhos com o seu próprio esforço, mas

com o esforço e administração de seu pai. Ele não havia gasto um minuto da sua vida na aquisição daqueles bens, mas se considerava no direito de exigi-los antecipadamente, o que já demonstra grande insensatez.

2) A resposta amável do Pai

Mesmo diante de um pedido arrogante do filho mais moço, aquele pai de forma amável "repartiu-lhe, pois os seus haveres" (v. 12). Calculou o que cabia a cada filho na herança e deu ao mais novo o que lhe pedia. Provavelmente tenha oferecido ao mais velho a sua parte também, mas esse preferiu que o pai continuasse administrando a sua parte, com a qual saiu ganhando, pois ao final "tudo o que é meu é teu" (v. 31).

Segundo a lei judaica, o filho mais velho recebia uma parte da herança em dobro (Dt 21.17). Em tal caso, o filho mais moço tinha direito a um terço dos bens. Em geral, a divisão dos bens só acontecia depois da morte do pai e havia cláusulas rígidas para possíveis penalidades quando o quinhão era recebido antes da hora, caso o pai assim o quisesse. Todavia, aqui na parábola, isso não é importante.

Exigindo sua parte e partindo, o filho mais moço corta os laços com sua família sem tristezas. Leva tudo consigo, e não há esperanças que ele volte um dia.

De todos os lados pode-se ver a amabilidade daquele pai e a insensatez do filho mais moço, que rapidamente irá esbanjar a herança recebida. Vale destacar, de modo semelhante a esse pai, Deus se comporta com o pecador. Não o força a permanecer em sua casa, debaixo de seu domínio paterno e amoroso. Aos insatisfeitos, Deus os entrega aos desejos de seus próprios corações (Sl 82.12; Rm 1.24; 26,28; 2.4-11), e aqui está o perigo.

O pródigo, que pensava poder fazer muito melhor que seu pai, exerceu uma desastrosa administração de sua herança. Gastou todos os seus bens de maneira irresponsável e desregrada, como se tivesse uma fonte inesgotável de bens. Tão grande foi a insensatez que, pouco tempo depois estava mendigando naquela cidade, longe de sua casa. A condição desse pródigo representa muito bem a condição do pecador longe da casa de Deus.

O pecador está afastado e distante de Deus, porque o pecado separa o ser humano de Deus (Is 59.2). Assim como o pródigo afastou-se de sua casa, o pecado leva a pessoa para longe de Deus.

A partir do pródigo, tentarei, listar algumas características do pródigo espiritual:

a) O estado do pecador é de prejuízo e mau uso dos recursos.³ Ele utiliza mal os recursos recebidos de Deus – dons, talentos – como fez o pródigo “que desperdiçou com as meretrizes” (v. 30) até gastar tudo (v.14). Nessa perspectiva, o pecador não apenas emprega mal suas faculdades mas, também, a emprega a serviço do mal, o que é pior. Não apenas enterra seu talento, porém o “gasta” mal. O ser humano, que se torna escravo da carne e do mundo, gasta mal os seus bens e vive dissolutamente.⁴

b) O estado do pecador também é de miséria e necessidade: “*E havendo dissipado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a passar necessidades*” (v.14). Uma vida inconsequente de perdição conduz as pessoas à completa miséria. A situação do pródigo representa a grande miséria do mundo: a falta de comunhão com o Eterno Criador.

c) O estado do pecador é de escravidão. Quando o pródigo caiu em pobreza, sua necessidade o fez cair em escravidão voluntária. Talvez por autopunição: “*Então foi encostar-se (literalmente agarrou-se) em um cidadão daquele país...*” (v.15). A consequência de ter levado a vida de maneira dissoluta foi ter de servir de forma vil. Quando já estava sem um “centavo”, o pródigo foi e “segurou” aquele cidadão economicamente estável, até que este lhe desse um trabalho, mesmo que fosse o mais baixo, mas que fosse suficiente para ele sobreviver. E quão baixo foi o ofício que obteve esse pródigo, agora paupérrimo jovem. Aquele cidadão não lhe deu um bom trabalho, “*o qual o mandou para seus campos a apascentar porcos*” (v.15). O pródigo não iria apascentar ovelhas mas, sim, porcos. Cuidar de porcos era uma tarefa indigna para um judeu. Contudo, essa é a recompensa de Satanás a quem lhe serve, o mais indigno pagamento. Nesse sentido, aquele jovem chegou a ponto de cobiçar a comida dos porcos, “*e desejava encher o estômago com as alfarrobas*

³ Em relação à má utilização dos recursos, meu foco principal são os dons, talentos, boa educação, amor e, também, todos os recursos recebidos de Deus, sejam os espirituais principalmente, sejam os materiais. De qualquer maneira, não se pode esquecer que tudo o que se tem de bom, recebe-se de Deus. Na parábola, isto fica muito claro na imagem da herança que o pródigo recebeu. Note que ele não gastou o “seu suor” pela aquisição da herança, quem o fez foi o pai.

⁴ O vocábulo grego para dissolutamente é “*asotos*” e significa contrário de salvação.

que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada” (v. 16). Que terrível estado caiu aquele pródigo.

d) O estado do pecador é de constante e permanente insatisfação. Observe-se que ele ganha o trabalho, mas esse é insuficiente. O jovem faminto e insatisfeito “*desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam...*” Um ser à imagem e semelhança de Deus desejava comer as alfarrobas nos “pratos” dos porcos, comer juntamente com eles. Quando uma pessoa se afasta de Deus visando desfrutar dos prazeres do mundo, o melhor que consegue é desilusão e sofrimento. Oxalá lhe sirva de arrependimento pois está gastando seus recursos naquilo que não tem proveito e não sacia (Is 55.2).

e) O estado do pecador não pode ser aliviado por nenhuma criatura. Nada, exceto Deus, pode satisfazer as necessidades do pecador. Satanás e seus demônios não o podem, os demais seres humanos não podem. Quando o pródigo não consegue obter o mínimo de alimento para sua subexistência, a alternativa foi buscá-la na ração dos porcos e “*ninguém lhe dava nada*” (v. 16). O pecador, separado de Deus, em vão clama pela ajuda do mundo.

f) O estado do pecador é de morte. “*Este meu filho estava morto*” (v. 24,32). O pecador espiritualmente está morto “*em seus delitos e pecados*” (Ef 2.1-5), porque está separado de Deus e desligado de Cristo, em quem está a fonte da vida. Naquela província distante, o pródigo estava morto para seu pai, para sua família e para a sua própria alma. Assim é o pecador distante de Deus.

g) O estado do pecador é de perdição: “*este meu filho estava morto e reviveu, tinha se perdido, e foi achado*” (v. 24). Nessa perspectiva, o pródigo estava perdido para tudo de bom que havia na casa de seu pai. O pecador está perdido para tudo de bom que Deus tem para ele. Sem a preciosa misericórdia de Deus na sua graça salvadora, o pecador estará perdido para sempre.

h) O estado do pecador é um estado de grande loucura. Isto pode ser deduzido na expressão “*caindo, porém, em si*” (v. 17). Pode-se afirmar que antes de se arrepender, o pródigo, de certa forma, estava fora si. Os pecados do orgulho e da cobiça lhe haviam cegado o entendimento (2Co 4.4). Ele estava fora de si quando deixou a sua casa para aventurar-se no mundo. Os pecadores, como loucos, se destroem

a si mesmo com seus desejos carnis e, ainda, enganam-se com suas falsas esperanças.

3) O arrependimento do pródigo

a) O motivo de sua conversão: reconhecer o seu erro. Ao se dar conta de seu estado miserável e perdido, o pródigo se viu na necessidade de retornar à sua antiga casa e, então, *“caindo, porém em si”* partiu em busca do socorro e perdão do pai (v. 17). Igualmente ao pecador que é alcançado pela graça de Deus o Espírito Santo convence-lhe de seu pecado e de seu estado miserável. Quando se esgotam as possibilidades de satisfação da alma mediante prazeres da carne, é um bom momento para refletir sobre o amor de Deus. Nesse sentido, as aflições e dificuldades podem vir a ser bênçãos na regeneração do pecador.

b) O primeiro passo para o seu regresso foi a reflexão. No momento em que passou a utilizar sua inteligência corretamente para se lembrar que *“quantos empregados de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome”* (v. 17). Pode-se afirmar que a reflexão sadia é o primeiro passo para a conversão. Ele considerou a abundância de pão que havia na casa de seu pai em contra partida ao seu precário estado de miséria, a ponto de quase morrer por falta de pão. Na casa de Deus há abundância de pão espiritual.

c) A reflexão o levou a uma ação correta: *“Levantar-me-ei, irei ter com o meu pai”* (v. 18). É de grande importância na vida de uma pessoa os momentos de reflexão acompanhados de decisões firmes. Não adiantaria o pródigo reconhecer o seu erro, ter como propósito corrigi-los sem que tomasse a firme decisão de voltar à casa de seu pai: *“levantou-se, pois, e foi para seu pai”* (v. 20).

O pródigo reconhece os seus pecados, sem desculpas. Ao contrário, assume as responsabilidades sobre seu erro. A confissão dos pecados é necessário para restabelecer a comunhão com Deus (1Jo 1.7-10). Aquele jovem declara a seu pai: *“Pai, pequei contra o céu e diante de ti”* (v. 18), aqui vale destacar que, ao pecar contra o pai, o pródigo também pecava contra o céu. Isso ensina aos filhos desobedientes e insubmissos que as ofensas contra os pais são pecados contra Deus.

Aquele jovem estava disposto a reconhecer que havia perdido todos os seus direitos relativos aos privilégios dos filhos: *“já não sou digno de*

ser chamado teu filho, trata-me como um dos teus empregados” (v. 19). Ele reconhece a paternidade de seu pai, tanto que ainda o chama de pai, porém, ao mesmo tempo, reconhece também que não tem mais direito de usufruir das vantagens inerentes aos filhos. Ele mesmo sabia que, à sua própria exigência, já havia recebido o que era seu por direito, e agora não lhe restava mais nada.

O pecador necessita reconhecer-se indigno de receber o favor de Deus. O pródigo contentava em ter na casa do pai, o lugar menos importante: *“trata-me como um dos teus empregados”* (v. 19). Com isso ele já se conformava porque já seria muito melhor que a humilhação de seu estado miserável.

É digno de nota que, em todo o processo de reflexão e arrependimento, aquele pródigo pensou em seu pai como pai. Para o pecador, reconhecer que Deus é Pai, ajudará muito em seu processo de arrependimento e retorno à casa de Deus. A partir de agora analisar-se-á a recepção do pai ao pródigo.

4) A recepção do pai ao filho pródigo

O pai antecipa-se e recebe aquele filho de braços abertos. Antes mesmo de o filho chegar à casa, o pai vai ao seu encontro – *“seu coração enche-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou”* (v. 20). O recebimento do pai não é segundo o merecimento do filho, mas segundo o seu coração de pai. Esta é a única medida dos caminhos de Deus para conosco. Esse grande afeto e amor com o qual aquele pai recebe seu filho devem servir de exemplo a todos os pais que têm filhos que abandonaram as casas paternas.

Mas, acima de tudo, esta parábola ilustra a graça e a misericórdia de Deus com os pecadores que se arrependem e se convertem. Deus está pronto a perdoá-los. Todas as ações daquele pai estavam sob a égide do amor e da misericórdia de sua condição de pai. Nessa perspectiva, a posição daquele filho não dependia de sua condição anterior. A sua posição estava fixada pelo coração do pai, pelos sentimentos do pai, pelo seu amor ao filho. Portanto, a posição do pai decidia a posição do filho.

O pai amava demais aquele filho independentemente de sua conduta, mas não o introduziria em casa tal como ele estava. O mesmo amor que o acolhia como filho queria que ele ali entrasse, sim, todavia, tal como

deveria entrar um filho de tão excelente pai. Assim ordena a seus servos que tragam roupas belas e o vistam; que ponham o anel em seu dedo (símbolo de poder) e sapatos nos pés.

De igual modo somos amados de Deus, acolhidos nas nossas misérias. Somos revestidos por Cristo, para sermos introduzidos na casa do Pai como filhos. O pecador não leva consigo a melhor roupa, mas nosso Pai celestial as fornece. É uma roupa totalmente nova, é o próprio Cristo, e por ele nos tornamos justificados por Deus.

A última parte da história mostra o ressentimento do irmão mais velho. Ele estava insatisfeito com a volta de seu irmão pródigo. O irmão mais velho representa os fariseus e escribas, que acreditavam que eram justos e santos diante de Deus.

Na atitude do irmão mais velho pode-se notar que os anos que estivera servindo e cumprindo as ordens de seu pai foram muito mais por obrigação que por amor. Sua atitude foi de absoluta falta de compaixão. Observe que ele se refere ao pródigo como “teu filho” (v. 30) e não como meu irmão.

O filho mais velho, símbolo do verdadeiro judeu, não está em casa mais anda perto. Ao chegar, não quer aceitar a graça que faz de um pobre filho pródigo o motivo de alegria e de amor. Mas a graça atua sempre, o pai sai e pede-lhe que entre. Mas a justiça do homem é egoísmo e pecado, repele a graça. De fato, Deus não pode abandonar a graça, por ser inerente à sua própria natureza.

É grande o desejo de Deus de que todos os pecadores deixem suas vidas de pecado e se convertam (literalmente que retornem para Deus). O que nos dá a paz interior não são os próprios sentimentos agindo nos nossos corações, embora eles realmente existam, mas os sentimentos de Deus agindo, pela graça na conversão do ser humano.

Capítulo 16

Versículos 1 a 31

1 E DIZIA também aos seus discípulos: Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar os seus bens.
2 E ele, chamando-o, disse-lhe: Que é isto que ouço de ti? Dá contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo.
3 E o mordomo disse consigo: Que farei, pois que o meu senhor me tira a mordomia? Cavar, não posso; de mendigar, tenho vergonha.
4 Eu sei o que hei de fazer, para que quando for desapossado da mordomia, me recebam em suas casas.
5 E, chamando a si cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu se-nhor?
6 E ele respondeu: Cem medidas de azeite. E disse-lhe: Toma a tua obrigação, e, assentando-te já, escreve cinquenta.
7 Disse depois a outro: E tu quanto deves? E ele respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-lhe: Toma a tua obrigação, e escreve oitenta.
8 E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente, porque os filhos deste

16.1 - Versículos 1 a 13 – A parábola do mordomo infiel

Jesus volta ao tema das riquezas. Esta história tem sido difícil para os intérpretes, afinal Jesus incentiva a desonestidade? Certamente que não. Conforme demonstrado no versículo 8, Jesus está comparando a habilidade astuta dos filhos do mundo com a apatia dos filhos do reino.

O ponto de comparação não é a imoralidade ou moralidade dos atos do mordomo. Aquele administrador havia sido infiel na gestão dos bens do empregador. Neste sentido, todos nós somos réus neste quesito, pois não temos empregado como deveríamos os dons, talentos e bens que Deus nos tem dado nessa vida.

Aquele mordomo foi despedido de seu serviço por causa de sua deslealdade (v. 2).

mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz.

9 E eu vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.

10 Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito, quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito.

11 Pois se nas riquezas injustas não fostes fieis, quem vos confiará as verdadeiras?

12 E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?

13 Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de aborrecer um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

A autoridade da lei

14 E os fariseus, que eram avaros, ouviam todas estas coisas, e zombavam dele.

15 E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação.

16 A lei e os profetas duraram até João, desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele.

17 E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei.

18 Qualquer que deixa sua mulher, e casa com outra, adultera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido adultera também.

A parábola do rico e do Lázaro

19 Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente.

20 Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele;

21 E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lambe-lhe as chagas.

22 E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado.

Para nós, o ensino é: todos nós teremos um dia de deixar a nossa mordomia neste mundo.

Diante da ameaça de perder seu emprego, sabedor de que não será recomendado para outro de igual valor, aquele mordomo começa a refletir sobre o que há de fazer (v. 3). Quão melhor teria sido se tivesse usado sua inteligência reflexiva antes do acontecido. Aquele mordomo, diante da realidade de que não tinha força física para trabalhos braçais e mendigar lhe seria vergonhoso demais, aproveita enquanto ainda está na posse dos bens do seu senhor, e os usa para fazer amigos para seu incerto futuro. Assim, o mordomo falsifica as dívidas dos devedores do seu senhor, para que as mesmas fossem menores. Com isso intentava que os devedores se tornassem seus amigos.

Aqui se nota que esse mordomo, apesar de ser despedido por trabalhar desonestamente, continua no erro, portando-se de maneira indigna. Mas o seu senhor "louvou... ao injusto mordomo por haver procedido com sagacidade" (v. 8a). Vale notar que o senhor não louvou a conduta imoral daquele mordomo para qual ele considerava injusta. Mas louvou a sua sagacidade com que havia trabalhado em favor de si mesmo cobrando dos arrendatários as dívidas com valores menores que em realidade o eram: "Porque os filhos desse mundo são mais sagazes para com a sua geração do que os filhos da luz" (v. 8b). A única interpretação correta para este versículo parece ser de que os filhos do mundo, dentro de sua falta de

23 E no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio

24 E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

25 Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado.

26 E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quiserem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá.

27 E disse ele: Rogo-te pois, ó pai, que o mandes a casa de meu pai

28 Pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.

29 Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.

30 E disse ele: Não, pai Abraão, mas se algum dos mortos fosse ter com eles arrepender-se-iam.

31 Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.

escrúpulos e sem temor a Deus, são mais sagazes, para tirar proveito de suas relações com outros semelhantes, que os filhos de Deus deveriam ser "sóbria, justa e piedosamente" (Tt 2.12) em suas relações com os irmãos na fé que se encontram em necessidades.¹ Ora, se nas coisas temporais os filhos do mundo são sagazes, quanto mais deveriam ser os filhos do reino com as coisas eternas e corretas.

As aplicações que Jesus faz da parábola:

Ainda que seja pouco o que se tem neste mundo, deve-se tirar delas o maior proveito possível para vida eterna. Mas o que estava dizendo Jesus com a afirmação "granjeai amigos por meio das riquezas da injustiça"? A sagacidade do mundo é tamanha que eles trabalham para que seus lucros sejam duradores, mesmo sabendo que um dia terão de deixar suas riquezas, na terra

para seus sucessores. Nesta perspectiva, os filhos do reino deveriam ser mais sagazes ainda, uma vez que o bom uso das riquezas materiais se tornarão em riquezas espirituais que os acompanharão por toda a eternidade. A grande sabedoria do salvo nesta área é retirar o proveito espiritual de onde a maioria das pessoas abusa para "gastar em seus deleites" (Tg 4.3). Outra grande realidade: o melhor proveito para os recursos é socorrer os irmãos necessitados.

Os argumentos de Jesus para justificar sua exortação são: se não fazemos bom uso dos dons da providência divina, como poderemos fazer com os dons da graça de Deus? Por outro lado, as riquezas do mundo são pequenas se comparadas às riquezas espirituais. Ainda, se não somos fiéis nas riquezas injustas e passageiras; até mesmo falsas, como seremos

¹ HENRY, M. op. cit., p. 1319.

fiéis nas riquezas espirituais, as quais são verdadeiras (v. 11), justas e perfeitas?

Em segundo lugar, só se pode ser servo de Deus, entregando a ele o controle de nossas possessões. Caso contrário, em vez de nos servirmos dos bens que Deus nos deu, passaremos a ser servos desses bens, o que seria uma grande insensatez para um filho do reino. O fato problemático é que nenhum servo pode servir a dois senhores (v. 13). Uma vez que as riquezas terrestres não são verdadeiramente nossas, é uma ilusão passar a vida toda focada nessas riquezas. Entretanto, as riquezas celestes nos acompanharão durante toda a eternidade.

16.2 - Versículos 14 a 18 - A lei, os profetas e o reino

As parábolas de Jesus, e especialmente sua declaração de que uma pessoa não pode servir a dois senhores, isto é, a Deus e ao dinheiro provoca discursão e zombaria dos fariseus na platéia. Isto porque eles eram descritos como os que gostavam do dinheiro. Nesta perspectiva, acreditavam que poderiam juntar o culto a Deus com a busca pelas riquezas. Tinham até a falsa ilusão de que a riqueza sempre era um sinal da sua santidade.

Jesus acusou os fariseus de tentar provar que eram justos diante dos homens por meio de suas grandes ofertas e esmolas (Lc 21.1-4). Eles repudiam Jesus porque seu ensinamento sobre as riquezas é duro e rigoroso. Jesus afirma claramente que Deus despreza a escala de valores deles (v. 15).

Os versículos 15, 16 e 17 parecem interromper a fluência do capítulo. Jesus mostra que a lei tem sido a norma; ele não veio para apresentar uma nova lei. Mesmo na proclamação do reino de Deus, a lei continua em vigor. Todavia, o ensinamento do reino infere verdades da lei que os fariseus abandonaram por conveniência.

No versículo 16, João Batista passa a ser o ponto principal. É o último dos profetas do Primeiro Testamento. Jesus afirma categoricamente que a lei e o ofício profético vigoraram até João Batista.² O Batista foi a ponte

² É digno de nota que João foi o último profeta do Primeiro Testamento mas, como arauto de Jesus, também faz parte dos pregadores do Evangelho. Desta forma, nos últimos dias, não existe mais o ofício profético em seu sentido "strito sensu" mas, sim, o dom da profecia que está diretamente ligado à pregação da Palavra de Deus. Os últimos dias compreendem o período entre o nascimento de Jesus e a sua volta com o juízo final.

entre a antiga dispensação (lei) e nova (dispensação da graça). A partir de João, "todo homem forceja para entrar nele" (no reino de Deus). O reino de Deus está aberto a todas as pessoas (Lc 3.10-14; 13.29) que recebem o santo evangelho de Jesus, e muitos precisam tomar atitudes fortes para romperem com suas cosmovisões de crenças familiares (pagãs).

O caminho para o reino também está aberto aos fariseus e escribas desde que recebam o evangelho de coração, adorem a Deus sobre todas as coisas, abandonem o egoísmo, o orgulho, a autopromoção individual substituindo pelo verdadeiro amor ao próximo.

Para que ninguém pensasse que com a pregação do evangelho, já estava tudo cumprido e que a chegada do novo pacto anulava tudo o que a lei mandava, Jesus afirma: "É mais fácil passar o céu e a terra, do que cair um til da lei" (v. 17). Logo, a validade da lei é permanente. Mas Jesus, com autoridade, a interpreta de forma correta. Assim, o Mestre dava entender duas coisas: que tudo que fora profetizado haveria de cumprir-se; que os aspectos morais da lei seriam ratificados e aperfeiçoados pelo evangelho.³

Se os fariseus pensaram que o ensinamento de Jesus atenuava a lei, eles estiveram completamente equivocados. Os ensinamentos de Jesus referentes aos aspectos morais eram muito mais rigorosos que o ensino pregado pelos rabinos. Os rabinos permitiam os maridos divorciarem-se das suas mulheres por quaisquer motivos. Mesmo os mais banais, com base em Deuteronômio 24.1. Jesus diz que o divórcio sem motivo justo é errado e, portanto, pecado. A época do reino deverá ser como no princípio. No princípio criou Deus homem e mulher, e estabeleceu uma unidade entre eles, que só seria quebrada com a morte (Mc 10.12; Mt 5.31,32; 19.7-10).

16.3 - Versículos 19 a 31 - A parábola do rico e de Lázaro

O uso apropriado da riqueza é exemplificado por Jesus nesta parábola. Duas personagens são apresentadas para representar dois extremos da

³ A lei cerimonial era para ser cumprida no culto sacrificial do templo em Israel. Uma vez que Jesus fez seu único e último sacrifício na cruz, encerrou o culto sacrificial nos moldes do Primeiro Testamento. É o efeito da graça sobre o procedimento ritualista do judaísmo.

sociedade humana: o anônimo e malvado rico, e o pobre e piedoso Lázaro.⁴ O rico estava totalmente alheio e desatento às necessidades do pobre Lazaro. O texto informa que Lázaro se alimentava do que caía da mesa do rico. Naquela época, o pão era usado como guardanapo pelos ricos, que o jogavam para debaixo da mesa após usá-lo.

Diante de todo aquele quadro, o rico não percebeu a seriedade da oportunidade presente para construir seu futuro na eternidade (v. 8,9). Ele era cego para as realidades espirituais. Porém, não foram as riquezas que mantiveram o rico afastado do seio de Abraão, mas o mau uso dela.

Em vida, aqueles dois homens foram totalmente diferentes, o mesmo aconteceu em suas mortes. Lázaro morre e é levado pelos anjos de Deus para o seio de Abraão, o rico morre, e é apenas enterrado. É o fim para ele, porém o começo para Lázaro.

Lázaro é descrito “cheio de úlceras” (v. 20b). Ser mendigo já era uma situação terrível, e ainda doente agrava ainda mais o seu sofrimento. As esperanças de Lázaro de alívio material se resultavam em nada “o qual desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico” (v. 21a). Lázaro não aspirava participar da mesa do rico, que muito bem poderia lhe dar um prato de comida. Todavia, Lázaro se contentava com aquelas migalhas que jogavam debaixo da mesa, as usadas como guardanapos... Mas a ele não era dado nada.

Esta parábola mostra um pouco do interior desses dois indivíduos, Lázaro e o rico. Lázaro era pobre em dinheiro, porém, rico em espírito; ele não estava ali gritando e nem reclamando de sua má condição. Antes, esperava humildemente e em silêncio pela compaixão de alguém, para dar-lhe o que dariam aos porcos da casa. Do outro lado está um herdeiro do inferno sentado em sua mesa abarrotada de comida.

Os dois morreram (v. 22). A morte não tem respeito por rico e nem por pobre, nem piedosos ou incrédulos: “Veio a morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão, morreu também o rico e foi sepultado” (v. 22).

O rico foi apenas sepultado. No sepulcro, acabou-se tudo que desfrutava. É muito provável que ele tenha tido um pomposo funeral, uma

⁴ Lázaro é a forma grega do hebraico *Eleazar* que significa Deus ajuda

bela oração fúnebre. Ai terminou os seus dias de glória, sua alma desce diretamente ao inferno: “No hades, ergueu os olhos estando em tormentos...” Há de se notar que a alma do rico existia após a separação do corpo. Sua alma não morreu e nem estava dormindo, mas estava consciente e “em tormentos” (v. 23). Em todo contexto do Novo Testamento afirma-se à consciência da alma após a morte, conforme Lucas 23.43; 2Coríntios 5.6-8; Filipenses 1.21-23.

A palavra hades, tecnicamente, é o mundo invisível, o *sheol* hebraico, a terra dos mortos, ou mundo dos mortos. Para os hebreus, o mundo dos mortos se dividia em *geena* e *sheol*.⁵ Aqui na parábola, o *hades* é o mundo do mortos. Nesse sentido tanto Lázaro quanto o rico estão no *hades*. No entanto, na figura de linguagem de Lucas, o *hades* se divide em duas partes: o tormento eterno simbolizando o inferno,⁶ e o seio de Abraão, ou paraíso, que simboliza o céu. Esta parábola nos incita a uma pergunta: o salvo no céu sabe o que está acontecendo aqui na terra?⁷

De Lázaro, o texto fala que morreu e foi levado a “seio de Abraão” pelos anjos. Os salvos são levados à casa do Pai com segurança e com honras. Note-se o contraste: na terra, o funeral de Lázaro foi simples, talvez tenha sido enterrado como indigente. Todavia, invisível aos olhos humanos, quão grandes honras recebeu Lázaro em seu funeral, ao ser levado ao céu nos braços dos anjos de Deus.

O rico em tormentos, faz seu primeiro pedido a Abraão, rogando-lhe algo para atenuar os tormentos que padecia (v. 24). O título pelo qual se dirige a Abraão – *pai Abraão* – mostra que no inferno há muitas pessoas que chamavam Abraão de pai. Nessa perspectiva, embora o rico se dirija a Abraão como pai, seu parentesco se dá somente pelos laços de sangue, e não pelo verdadeiro parentesco operado pela salvação.

⁵ ROBERTSON, A.T. op. cit., p. 47.

⁶ HENRY, M. Comentário Bíblico. Op. Cit. p.1321.

⁷ FRANKLIM, W. *Os salvos no céu sabem o que está acontecendo aqui na terra?* Artigo, Jornal Batista, 2004. Que os salvos que estão no Céu estão conscientes e adorando a Deus em excelente gozo, não há dúvida nenhuma. A verdade sobre o estado de consciência dos nossos irmãos no céu é indiscutível. Mas, até onde vai essa consciência? Apocalipse 6.9-11 demonstra que nossas memórias passadas permanecem. Hebreus 12.1 sugere: quem está no céu é expectador e testemunha do que acontece conosco na terra. *Lucas 9.28-32 é uma prova clara de que Moisés e Elias sabiam do que estava acontecendo, e ainda iria acontecer com Jesus na Terra.* Portanto, eles tinham conhecimento do futuro, o que faz muito sentido, uma vez que eles já faziam parte da eternidade estando acima (fora) da esfera temporal.

A forma como se expressa “*porque estou atormentado nesta chama*” (v. 24b), cuja tradução poderia ser: “porque estou em angústia dolorosa”,⁸ pelo qual se aplica também as dores de parto, de acordo com Romanos 8.22 e Gálatas 4.19. A chama é símbolo do arrependimento desesperador do rico (ou queimar-se de arrependimento) por haver-se conduzido pessimamente em vida de forma a ter caído naquele lugar.

A petição que faz a Abraão – “*tem misericórdia de mim*” (v. 24a) – contrasta com a atitude que teve em vida. Nunca teve compaixão de Lázaro e agora espera que Abraão tenha compaixão dele por intermédio de Lázaro. Pede que Lázaro lhe refresque a língua com a ponta do dedo molhado. O tormento daquele rico era principalmente o da língua, o principal órgão da fala, seguramente ele havia proferido palavras ofensivas a seu próximo e a Deus. Em conseqüência, sua língua é atormentada. Contenta-se com apenas uma gota de água e não consegue. Abraão nega todos os pedidos do rico. Mas a grande realidade é que *nenhuma* oração do inferno é atendida por Deus.

Em relação à preocupação com as outras pessoas, o primeiro sinal de que o rico se preocupa com alguém que não seja ele mesmo, demonstra-se apenas após sua morte, no pedido a Abraão, para que Lázaro vá à casa de seu pai (v. 27). Mas é tarde demais. A ação seria inútil e imprópria, até por que a salvação não se dá por meio de manifestações sensacionalistas (no caso, a ida de um morto). Neste sentido, as palavras de Matthew Henry são um alerta para os nossos dias: Quem apela a “visões” ou “vozes audíveis”, fora da pregação bíblica, será vítima de sua própria auto-sugestão, porque deseja se apresentar diante dos demais como “privilegiado” com tais favores sobrenaturais, a qual é escancarada soberba espiritual”.⁹

Abraão nega-lhe o pedido afirmando que eles (os familiares do rico) têm Moisés e os profetas. Moisés representava a Torah, isto é, a Palavra de Deus. Os profetas são os pregadores da mesma. Em suma, a Palavra de Deus, proclamada em Israel há séculos, bastava. Essa declaração de Abraão concentra o foco nas palavras de Jesus no centro deste capítulo (Lc 16.16,7).

Jesus ainda está se dirigindo aos fariseus, advertindo-lhes de que a adoração da boca para fora, juntamente com a observância superficial da lei, não significam seguir e viver os estatutos de Deus proclamados em sua Palavra. A parábola é encerrada mostrando que nem mesmo um milagre de ressurreição poderá convencer os que não estão dispostos a seguir a “lei e os profetas”.

⁸ BIBLE WORKS CD Digital

⁹ HENRY, M. O Comentário Bíblico. Op. cit., p. 1322.

a sombra do cruz

- Imp. ~~por~~ *independente*
- Aprender a *orar certo*;
- Dar graças a Deus / *luto*

Capítulo 17

Versículos 1 a 37

O crente deve dar graças a Deus (Lucas) e Crente de dar graças a Deus p' obrija - não esquecer nunca - pense mais antes de ligar a lâmpada e não lhe dar nas mãos (10)

17.1 - Versículos 1 a 10 -

Verdades sobre o discipulado

Jesus continua ensinando os seus discípulos enquanto segue para Jerusalém. Ele afirma que é inevitável “*que não venham os tropeços*” (v. 1) contra a fé e a vida cristã. A razão é a interferência de Satanás e o abuso humano da liberdade de escolha. Contudo, aquele que atrapalha o caminho do discípulo cristão há de prestar contas a Deus.

Usando a figura da “pedra de moinho”. Seria impossível a um ser humano sobreviver no mar tendo-a amarrada ao pescoço. Nosso Senhor está afirmando que é melhor morrer a ser causa de queda dos outros. Esse “melhor lhe fora” pode ser literalmente traduzido por “é proveitoso para ele”.¹

¹ ROBERTSON, A.T. Comentário Al Texto Grego do N.T. op.cit, p. 167. Ver também F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker. *Léxico do N.T. Grego Português*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

1 E DISSE aos discípulos: É impossível que não venham escândalos, mas ai *daquele* por quem vierem!

2 Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma *mó de atafona*, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos.

3 Olhai por vós mesmos. E, se teu irmão pecar contra ti, repreende-o, e se ele se arrepender, perdoa-lhe.

4 E, se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes no dia vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me; perdoa-lhe.

5 Disseram então os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé.

6 E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar: e ela vos obedeceria.

7 E qual de vós terá um servo a lavar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chegate, e assenta-te *à mesa*?

8 E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, depois comarás e beberás tu?

9 Porventura dá graças ao tal servo porque fez o que lhe foi mandado? Creio que não.

10 Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei:

Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer.

Cura de dez leprosos

11 E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio da Samária e da Galiléia

12 E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe;

13 E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós.

14 E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos.

15 E um deles, vendo que estava são voltou glorificando a Deus em alta voz;

16 E caiu-se aos seus pés, com rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano.

17 E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?

18 Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?

19 E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou.

A vinda súbita do reino de Deus

20 E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus respondeu-lhes, e disse: O reino de Deus não vem com aparência exterior.

21 Nem dirão: Ei-lo aqui, ou Ei-lo ali porque eis que o reino de Deus está entre vós.

22 E disse aos discípulos: Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do homem, e não o vereis.

23 E dir-vos-ão: Ei-lo aqui, ou, Ei-lo ali; não vades, nem os sigais.

24 Porque, como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho do homem no seu dia. 25 Mas primeiro convém que ele padeça muito, e seja reprovado por esta geração.

26 E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem.

27 Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em

Olhando para o lado do ofendido, Jesus mostra a atitude correta para quem foi ofendido, ou escandalizado. É um ato de amor corrigir o irmão que está sendo empecilho para o outro. Nesse sentido, é falsa tolerância deixar um irmão seguir no caminho da pertinácia e do erro. Jesus encoraja a correção e o perdão sete vezes no dia (v. 4). Aqui, sete simboliza sempre. Embora sete vezes ao dia já seja uma coisa bastante difícil para o mesmo ofensor.

Os discípulos solicitam a Jesus que lhes aumente a fé. A resposta de Jesus lança dúvidas sobre a realidade de eles possuírem alguma fé. É possível que haja por parte dos discípulos alguma presunção por estarem acompanhando o Mestre a Jerusalém. Jesus respondendo-lhes usa uma figura de exagero para descrever a eficácia maravilhosa da fé: "Se tivésseis fé como um grão de mostarda..." (v. 6a), tão pequena, e insignificante, mas tão picante. Uma fé que desse vigor e força a todas as demais graças.

Aqui está demonstrado que, por muito que se faça no serviço do Deus, é ele quem dá tudo quanto temos e somos. Por isso jamais devemos pensar que o Senhor nos seja devedor de algo, uma vez que:

1) Somos servos de Deus. Todos nós, salvos, somos escravos de Deus, portanto, todas as nossas forças devem se empregadas no serviço do Senhor e de seu reino.

2) Nosso principal interesse deverá ser cumprir com o nosso dever em relação a

que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os consumiu a todos.

28 Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: comiam bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam

29 Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os consumiu a todos.

30 Assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar.

31 Naquele dia quem estiver no telhado, tendo as suas alfaias em casa, não desça a tomá-las; e, da mesma sorte, o que estiver no campo não volte para trás.

32 Lembrai-vos da mulher de Ló.

33 Qualquer que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, salvá-la-á.

34 Digo-vos que naquela noite estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado.

35 Duas estarão juntas, moendo; uma será tomada, e outra será deixada.

36 Dois estarão no campo; um será tomado, o outro será deixado.

37 E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? E ele lhes disse: Onde estiver o corpo, aí se juntarão as águias.

Deus. Só podemos sentar à mesa após ter servido ao Senhor, se tivermos cumprido à risca todo o nosso trabalho. Assim, a recompensa virá no seu devido tempo.

3) É perfeitamente natural que Jesus seja servido antes de nós: "prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que eu tenha comido e bebido, e depois comerás tu e beberás?" (v.8).

4) Os servos de Jesus não devem pensar que merecem alguma coisa por servirem a ele, nem sequer merecem receber graças (v. 9).²

5) Os maiores e melhores servos de Deus confessarão com toda humildade que são servos inúteis (v. 10). Isso não quer dizer que sejamos sem proveito, ou que não sirvamos para nada. Isso significa que, por mais que façamos para Deus, sempre daremos a ele muito menos do que recebemos, portanto, nunca poderemos fazer Deus nosso devedor.

17.2 - Versículos 11 a 19 - O leproso agradecido

Em Lucas 5.12-16 já descrevi a terrível situação dos leprosos naquela época. O grupo de dez leprosos que vêm a Jesus era composto de judeus galileus e samaritanos. O clima amistoso que existia entre esses inimigos se dava pelo desespero de suas situações, levando-os a depender uns dos outros. Eram obrigados a evitar o contato com os sãos (Lv 13.45,46), mas dependiam da caridade deles para sobreviverem.

Os leprosos, a uma distância apropriada, gritam pela compaixão de Jesus. Ele os manda aos sacerdotes. Era o mesmo que dizer-lhes: *estais*

² Neste sentido, não existem obras humanas que possam merecer alguma atenção por parte de Deus. Isaías afirmou que todas nossas "obras justas são como trapos de imundícia" (Is 64.6).

O Reino de Deus está do lado dos humildes, mansos e sóbrios e não do lado dos orgulhosos, orgulhosos e soberbos. Toda obra feita ao Senhor em segredo é recompensada.

curados. O Senhor não lhes manda ao sacerdote para lhes fazer reconhecer a sua impureza, pois eles bem sabiam que tinham lepra. A questão é: crendo na palavra de Jesus partem certos de que se apresentarão limpos aos sacerdotes, e a caminho, ficam inteiramente curados. Felizes por terem sido curados, nove prosseguem em direção aos sacerdotes.

Porém, o décimo leproso, estrangeiro, samaritano, reconhece a boa ação de Deus, volta agradecido, cantando abertamente seus louvores, e se prostra diante de Jesus dando-lhe graças. O Mestre lhe diz: “*Vai, a tua fé te salvou*” (v. 19). O samaritano não tem necessidade de ir aos sacerdotes, porque encontrou Deus e a fonte da vida em Jesus Cristo. Partiu liberto do jugo do pecado, recebeu a salvação em Cristo. O reino de Deus estava ali para quem podia discerni-lo, e o seu Rei estava no meio de Israel.

É digno de nota que os dez tinham a mesma doença – a lepra. Os dez fizeram o mesmo pedido – a cura. Os dez receberam a cura. Mas só um foi agradecido e com isso recebeu a bênção maior, a salvação. De fato, a ingratidão dos nove é uma nota dissonante nessa história, todavia, o fato de um samaritano ser o único a voltar para agradecer fosse mais chocante ainda naquela ocasião. Para o samaritano, a cura trouxe-lhe salvação, por seu relacionamento apropriado com Deus.

17.3 - Versículos 20 a 37 – A vinda do reino de Deus

Na missão dos setenta, no início da viagem a Jerusalém, Jesus manda-lhes pregar que o reino é chegado (Lc 10.11). Antes enviara os doze para anunciar o reino de Deus (Lc 9.2). Em sua caminhada, em direção a Jerusalém, os fariseus perguntam-lhe quando virá o reino de Deus. Jesus responde primeiramente dirigindo-se aos fariseus que o reino já está presente (v. 20,21) e, depois, fala da vinda definitiva no *escaton* (fim do mundo).

Para Jesus o reino de Deus é principalmente um reino espiritual. Quanto ao tempo em que haveria de vir, ele afirma: “*não vem com aparência exterior*” (v. 20). Não viria com grandes aparatos externos, como acontecem com os reinos do mundo. Quando o Messias inaugurasse o reino não diria “*ei-lo aqui, ou ei-lo ali*” (v. 21). Nesse sentido, aqueles que se proclamam a verdadeira igreja por meio de ostentação e pompas, comete um grande erro e um grande desacato ao Rei.

“O reino de Deus está dentro de vós” (v. 21b). A palavra grega “*entos*” foi corretamente traduzida pela palavra “*dentro*”.³ É totalmente incorreto traduzi-la por “*entre*”.⁴ O que Jesus disse aos fariseus, os quais se opunham à pregação dele, é que eles deveriam buscar o reino de Deus dentro de si mesmos, não em exibições externas e manifestações sobrenaturais. Não está em uma exibição localizada de aqui ou ali. É nesse sentido que Jesus falou em Lucas 11.20 do reino de Deus como chegado a vós. Por essa razão o reino de Deus começa com uma mudança de mentalidade – o arrependimento – que acontece no interior da pessoa. Não se manifesta em fenômenos externos para excitar as fantasias dos homens.

Jesus afirma que a iniciação do reino de Deus encontraria muita oposição por parte dos homens (v. 22). Os discípulos de Jesus hão de passar por muitas dificuldades e tribulações que lhes façam aspirar a volta do Senhor.

Os versículos 23 e 24 dizem que Cristo e seu reino não podem ser esperados em determinado lugar porque sua aparição será geral e em todos os lugares. Da mesma maneira que “*relâmpago fuzilando em uma extremidade do céu, ilumina até a outra extremidade*” (v. 24). Todos devem estar preparados, pois a volta de Cristo será visível para todas as pessoas.

Mas antes que Filho do homem retorne, é “*necessário que ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por essa geração*” (v. 25). Se Jesus seria tratado dessa forma, seus discípulos não deveriam esperar melhor trato. A vinda definitiva e plena do reino de Deus também seria precedida de uma catástrofe sem precedentes.

Da mesma maneira que ocorreu uma corrupção generalizada na época de Noé, na abominação de Sodoma de Gomorra, em todas as ocasiões, eles foram avisados do juízo de Deus, mas só se preocupavam com as coisas materiais: comer, beber, divertir-se, até que o castigo os destruiu (v. 26-29).

O mesmo ocorrerá nos dias que precedem a volta de Cristo (v. 30). Aqui fica a advertência do Senhor aos pecadores. Tudo que tem acontecido

³ BibleWorks Cd.

⁴ É incorreta a tradução da palavra grega *entos* por *entre* como fez a NVI em sua versão “moderna” da Bíblia. Para maiores detalhes, ver a excelente obra de A.T. Robertson – The Greek New Testament, p. 168.

nestes últimos 50 anos nos faz crer que a volta de Jesus está próxima. Note-se que o comportamento da humanidade está muito parecido com os pré-diluvianos e pré-sodoma.⁵ Entretanto, os filhos do reino hão de se diferenciar dos incrédulos de sua geração, afinal os discípulos de Cristo são luz do mundo. A tentação de olhar para trás é grande. Olhar para trás conduz muitas vezes ao voltar atrás.

É melhor deixar tudo para trás que arriscar a própria vida (v. 33), porque a volta de Jesus é certa e será inconfundível. Nesse espaço de tempo não se deve gastar as energias com cálculos e sinais, mas viver como se o Senhor voltasse daqui a instantes.

⁵ Vale acrescentar que a reação da sociedade quanto aos valores familiares, o sexo livre, o homossexualismo, o lesbianismo está mudando rapidamente para pior. Note-se que na sociedade mundana tais coisas já são consideradas normais. Outro aspecto, também digno de nota, é grau de individualismo das pessoas, primeiro eu, segundo eu. O deus do mundo capitalista é o dinheiro na sua capacidade de proporcionar consumo e entretenimento.

Capítulo 18

Versículos 1 a 43

*Daremos ser p/ser perante em nome de Deus e de Jesus
Deus n'os faz p/obrigação mas p/misericórdia e amor*

1 E CONTOU-LHES também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer,

2 Dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia nem respeitava o homem.

3 Havia também naquela mesma cidade *uma* certa viúva, e ia ter com ele dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário.

4 E por algum tempo não quis; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens.

5 Todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito.

6 E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz.

7 E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?

8 Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?

A parábola do fariseu e do publicano

9 E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros:

18.1 - Versículos 1 a 8 – O juiz corrupto e a viúva

Jesus conta esta parábola aos discípulos cujo objetivo é dito por Lucas “sobre o dever de orar sempre” (v. 1). O contexto é de conforto e incentivo aos discípulos, enquanto esperam a vinda do Senhor. Nessa porção da Palavra de Deus, a exortação a orar sempre está destinada a preservar nossas súplicas para obtermos as graças necessárias a fim de suportar vitoriosamente a luta contra os inimigos espirituais. Dentre os quais destaco o egoísmo pelas concupiscências e corrupções.

O juiz citado na parábola é corrupto. Não se sujeita nem à lei humana nem à divina. Ele não temia a Deus. Não é de se entranhar: se uma pessoa não tem temor a Deus tampouco terá respeito pelo ser humano. Tal carência de piedade é ruim

10 Dois homens subiram ao templo, a orar; um fariseu, e o outro publicano.

11 O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.

12 Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.

13 O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!

14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.

Jesus abençoa os meninos

Mat. 19.13-15 e refs.

15 E traziam-lhe também meninos, para que ele lhes tocasse; e os discípulos, vendo isto, repreendiam-nos.

16 Mas Jesus, chamando-os para si, disse: Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus.

17 Em verdade vos digo que, qualquer que não receber o reino de Deus como menino, não entrará nele.

O manco de qualidade

Mat. 19.16-30

18 E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?

19 Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, *que é Deus*.

20 Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe.

21 E disse ele: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade.

22 E quando Jesus ouviu isto, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me.

23 Mas, ouvindo ele isto, ficou muito triste, porque era muito rico.

24 E, vendo Jesus que ele ficara muito triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

em qualquer pessoa, mas é muito pior em um juiz. A causa da viúva era uma causa justa; ela estava peticionando ao juiz apenas os seus direitos. Na lei judaica, os indefesos, classe a que pertencia a viúva (Dt 24.17-22), deveriam ter prioridade.

O não atendimento do juiz à causa da viúva, pode ter sido inicialmente por preguiça, ou por temer o adversário dela, ou ainda porque a viúva não tinha importância aos seus olhos. A viúva enfrentou a dificuldade e o desalento da negativa do juiz que “por algum tempo não quis atendê-la” (v. 4). Conforme seu mau costume, não fez caso da viúva, porque era uma pessoa simples e nem lhe dava dinheiro para suborno.

A viúva insiste em seu pedido, chega mesmo a importuná-lo com suas petições. Finalmente, o juiz é levado a fazer justiça para se ver livre da viúva insistente. Assim, essa mulher, ao não deixar em paz aquele juiz, consegue o que desejava. Jesus retira dessa história aplicações de alento aos salvos.

Jesus garante que Deus ouve todas as orações de seu povo: “*E então não fará Deus justiça aos seus escolhidos (?)...*” (v. 7). O pressuposto é que a petição não deixa de se fazer ouvir. Ela vem para ficar. Esta é a nossa parte.¹ Observe-se que o desejo dos salvos se resume na justiça. É certo que no mundo há os escolhidos de Deus. Essa realidade

¹ WILLARD, D. *A Conspiração Divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 279.

25 Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

26 E os que ouviram isto disseram: Logo quem pode salvar-se?

27 Mas ele respondeu: *As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus*.

28 E disse Pedro: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos.

29 E ele lhes disse: Na verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus,

30 E não haja de receber muito mais neste mundo, e na idade vindoura a vida eterna.

Jesus anuncia a sua paixão

Mat. 20.17-19 e refs.

31 E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito;

32 Pois há de ser entregue às gentes, e escarnecido, injuriado e cuspido;

33 E, havendo-o açoitado, o matarão; e ao terceiro dia ressuscitará.

34 E eles nada disto entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se *lhes* dizia.

O cego de Jericó

Mat. 20.29-34 e refs.

35 E aconteceu que, chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando.

36 E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo.

37 E disseram-lhe que Jesus Nazareno passava.

38 Então clamou, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim.

39 E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse; mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim.

40 Então Jesus, parando, mandou que lho trouxessem; e, chegando ele, perguntou-lhe,

41 Dizendo: Que queres que te faça? E ele disse: Senhor, que eu veja

42 E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou.

43 E logo viu, e seguia-o, glorificando a Deus. E todo o povo, vendo isto dava louvores a Deus.

é inegável (v. 7) nas palavras de Jesus. Ele afirma que Deus está atento aos seus escolhidos, para protegê-los e preservá-los em meio à oposição que enfrentam nesse mundo, pois os adversários são muitos (1Co 16.9).

Deus requer que seu povo lhe clame dia e noite. Temos o dever de orar sempre, seja a oração pública nos cultos da igreja, seja a oração individual em particular. Seja como for, a oração nos prepara para vencermos os nossos inimigos espirituais. Outra realidade ensinada por nosso Senhor é que temos de orar por nossos irmãos que são perseguidos por causa do evangelho, para que Deus lhes faça justiça.

Em relação à resposta de Deus a nossas orações se, pensarmos que, está demorando, não devemos desanimar. Assim como Deus tem paciência com os seus inimigos, ele também exercita a paciência de seu povo. Todavia, Jesus assegura que, ao final, o servo de Deus receberá a graça pedida. Se a viúva prevaleceu por importunar aquele injusto juiz, muito mais fará o justo Senhor Deus pelos seus escolhidos. Vale citar que a importunação da viúva incomodava o juiz, contudo a nossa oração agrada substancialmente a Deus. Portanto, a oração de um justo pode muito em seus efeitos (Tg 5.16b). “*Digo-lhes que depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do homem porventura achará fé na terra?*” (v. 8). Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que Deus responde a todas as orações dos salvos, porque ele tem e quer o melhor para cada um de nós, os seus escolhidos. Sua resposta às nossas orações será uma das

três alternativas: sim, não e espere. A questão que “o não” e especialmente o “espere” podem fazer com que alguns seguidores desanimem e até desistam do seu pedido. Em segundo lugar, conforme a predição de Jesus, quando ele voltar em sua segunda vinda, haverá poucas pessoas piedosas. Talvez haja muitos com aparência de piedade, mas poucos que tenham fé genuína. Face ao amplo crescimento da apostasia, a ponto de não se converter mais nenhuma alma, muitos terão perdido a fé. Nesse momento Jesus voltará. Quando se cumprir o tempo fixado pela deidade será manifesto que a incredulidade dos homens jamais invalidará as promessas do eterno.

18.2 - Versículos 9 a 14 – A parábola do fariseu e do publicano

Esta parábola tem como objetivo combater o orgulho, o inimigo funesto do progresso espiritual (Lc 5.32; 15.7). Observe-se que o fariseu e o publicano são estereótipos do justo e do pecador. Os dois homens subiram ao templo para orar. Entre os adoradores de Deus há uma mistura de bons e maus. O fariseu, com todo o seu orgulho, ora com franca gratidão por seu estado espiritual “saudável”. Os fariseus faziam jejum duas vezes por semana, as segundas e quintas-feiras para o bem de Israel. O fato problemático é que a devoção dos fariseus era para ser *vista pelos homens*, isso tornava a sua oração imperfeita e sem resposta, e enganavam a si mesmos. O fariseu ainda se considerava merecedor da graça de Deus por seus próprios méritos; ele se imaginava santo pela sua própria justiça. O fariseu não se considerava servo de Deus, mas alguém que merece a graça de Deus por um trabalho bem feito na observância da lei. Acrescente-se a esse inútil orgulho, o desprezo do fariseu pelo publicano.

O publicano, com toda sua humildade, não ficou excluído da oração. Ele estava consciente do seu pecado. Diferentemente do fariseu que fixa-se no pecado alheio e ora por ostentação. O publicano fixou-se em si mesmo e ora por sua necessidade. Reconhece que não merece a consideração de Deus por nada que tenha feito. Sua oração está cheia de arrependimento e humildade. Ele se mantém à distância (v. 13), com profundo sentimento de indignidade própria. Seus olhos dirigidos ao chão indicavam o pesar de seu coração. O publicano não apela para nenhuma coisa que tenha feito, mas apela para o favor de Deus. Dirige-se a Deus como um mendigo consciente de sua indigência espiritual (Rm 3.23): “*Ó Deus, sê propício a mim, o pecador*” (v. 13). Foi esse desamparo e essa dependência que abriram a graça Deus para o publicano. O publicano foi aceito perante Deus por sua humildade e dependência dele. O orgulhoso

fariseu foi rechaçado por Deus; não foi aceito como justo diante de Deus porque se apoiava em sua própria justiça.

Finalmente, Jesus afirma que, quando os soberbos se enaltecem a si mesmos, tornam-se rivais de Deus e, por conseguinte, serão abatidos por ele. Mas aqueles que a si mesmo se humilham serão aceitos por Deus e exaltados por ele. Era muito bom o fariseu não ser um ladrão, um adúltero nem um injusto, mas Satanás levou à ruína.

18.3 - Versículos 15 a 17 – Jesus abençoa as crianças

Os que são abençoados por Deus desejam que seus filhos também o sejam. O texto mostra que as pessoas traziam seus filhos para serem abençoados por Jesus (v. 15). Eles os traziam porque eram demasiados pequenos para virem por si sós, mas ninguém é demasiado pequeno que não possa ser trazido a Jesus. Um pequeno toque de Jesus faz uma criança feliz.

Não é raro que quem venha a Jesus para rogar-lhe por si mesmo, ou por seus filhos, encontre resistência e obstáculos de outras pessoas no acesso ao Senhor Jesus. Os discípulos de Jesus estão contagiados pelas atitudes do fariseu e do rico. Não toleram as crianças e o que elas representam. Na opinião deles, Jesus estava perdendo tempo com aquelas crianças, pois elas não eram capazes de entender o reino e o ministério de Jesus.

Jesus surpreende os discípulos ao afirmar que o reino de Deus pertence justamente aos que são como essas crianças, em humildade e dependência absoluta de Deus: “*Em verdade vos digo que, qualquer que não receber o reino de Deus como criança, de modo algum entrará nele*” (v. 17).

18.4 - Versículos 18 a 30 – O jovem rico

Este texto descreve a conversa de Jesus com um jovem principal que parecia disposto a seguir o caminho que Jesus indicasse. Naquela época, poucos dos principais judeus tinham interesse em ouvir Jesus. Sua pergunta a Jesus é muito séria: “*Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?*” (v. 18). Essa é uma pergunta que todas as pessoas devem fazer um dia na vida. Aqueles que desejam a vida eterna devem buscá-la em Jesus, o Mestre, o Salvador.

Jesus contesta o uso da palavra “bom”, não porque duvide de sua própria bondade, mas porque esse era um jeito incomum de se dirigir a um mestre naquela época e, com certeza, tinha um propósito de bajular o Senhor. Quando aquele jovem não obedeceu à instrução do *bom* Mestre ficou comprovado que a percepção de Jesus estava correta.

A resposta daquele jovem demonstra sua crença de que já estava justificado: *“Tudo isso tenho guardado desde minha juventude”* (v. 21). As pessoas acreditam que são inocentes quando são ignorantes. Assim aconteceu com aquele jovem que se gabava de haver cumprido a lei desde cedo. Porém, ele também tinha um alto conceito pelas coisas desse mundo, a ponto de não enxergar o tesouro de Cristo.

É digno de nota que Jesus não chame de imediato aquele jovem para um relacionamento espiritual mais íntimo. Mas, quando percebe o desejo dele em prosseguir a sua maneira, Jesus oferece o seu modo de vida. Aquele moço não consegue dar esse passo ao lado de Jesus, por causa do seu amor à sua riqueza. Ao que tudo indica, parece que ele reconhece exatidão na resposta de Jesus, mas está escravizado pelos seus bens materiais, impedindo-o de seguir o Mestre. As riquezas são, para muitas pessoas, grandes obstáculos dificultando que elas entrem no caminho do céu.

Na realidade, na visão humana, o caminho do céu é difícil para todos, assim o entenderam os discípulos ao comentar: *“quem pode então ser salvo?”* (v. 26). A magnífica resposta de Jesus nos tranquiliza: *“as coisas que são impossíveis aos homens são possíveis para Deus”* (v. 27). A graça irresistível de Deus, na salvação do ser humano, tem força mais que suficiente para inclinar o coração do homem a seguir a Cristo, renunciando tudo do mundo. Nenhum poder humano pode resistir ou neutralizar essa força da poderosa graça de Deus.

Em seqüência, diante da recusa daquele jovem, nosso Senhor faz notável observação sobre o camelo e o buraco de uma agulha. Aqui Jesus usa um exagero semítico para gravar na memória de seus ouvintes sobre a influência negativa que a riqueza pode exercer em algumas pessoas que desejam sinceramente entrar no reino de Deus. Vale acrescentar que Jesus não estava negando a possibilidade de salvação para os ricos. Seja como for, as dificuldades no caminho da salvação não poderiam ser superadas se não fosse a graça de Deus.

18.5 - Versículos 31 a 34 – Jesus prediz sua morte novamente

Jesus, mais uma vez, prediz os sofrimentos que padeceria ao final de sua gloriosa obra da redenção. Seus sofrimentos são apresentados como cumprimento das Escrituras: *“se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito”* (v. 31). Aqui é demonstrado que as Escrituras Sagradas são a Palavra de Deus, uma vez que o seu cumprimento foi total e exato na predição da vida de Cristo.

As ignomínias que Jesus havia de padecer são descritas por Lucas com maior detalhe (v. 32). Em compensação ao terceiro dia a grande vitória de Jesus aconteceria: *“ressurgirá”* (v. 34b) e ascenderá aos céus (Is 53.11; Fp 2.9-11; Hb 12.2).

Os discípulos ficaram confusos com a declaração da paixão de Cristo, uma vez que essas predições eram contrárias as suas visões do reinado messiânico. Portanto, *“nada compreenderam”* das palavras de Jesus. Muitas pessoas só crêem na Bíblia quando a mensagem está de acordo com seus interesses.

Vale acrescentar que até a descida do Espírito Santo, no dia de pentecostes, a mente dos discípulos permanecia muito ocupada pela glória que os profetas haviam predito acerca do Messias. Isso fazia com que eles estivessem fechados para as outras profecias que também prediziam os sofrimentos do Messias antes que entrasse na glória de sua ressurreição. Trazendo para os nossos dias, pode-se dizer: esse mesmo erro acontece com aqueles que lêem a Bíblia *“pela metade”*.

18.6 - Versículos 35 a 43 – O cego de Jericó

A chegada a Jericó assinala a última etapa da viagem de Jesus a Jerusalém. Nesse episódio, da mesma forma que no incidente com as crianças, os discípulos tentam impedir uma pessoa *“insignificante”* chegar a Jesus.

O pobre cego não era apenas cego, mas pobre porque não podia ganhar a vida devido à sua cegueira. Ele se colocava à beira do caminho a mendigar a compaixão dos viajantes.

Aquele cego era um bom observador das boas oportunidades que lhe saíam ao encontro: *“Este, ouvindo passar a multidão perguntou o que*

era aquilo” (v. 36). Ao que lhe responderam: “Jesus, o nazareno ia passando” (v. 37). Diante da proximidade de Jesus, o cego clama: “Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!” (v. 38). Ele tem fé que o Messias pode socorrê-lo e apela com fervor pela compaixão de Jesus.

A pessoa que se dirige a Jesus com fé poderá encontrar pelo caminho alguma resistência: “e os que iam à frente repreendiam-no, para que se calasse, ele porém clamava ainda mais...” (v. 39). Mas a dificuldade enfrentada pelo cego serviu-lhe para redobrar sua petição e sua fé em Jesus pelo que “clamava ainda mais: Filho de Davi, tem compaixão de mim” (v. 39). Jesus veio para esses humildes que expressam suas necessidades de salvação. Este capítulo é uma galeria deles: a viúva, o coletor de impostos, as crianças e, agora, o mendigo cego.

Jesus é compassivo com a necessidade daquele cego, e pára a sua viagem a fim de atendê-lo. A atitude de Jesus demonstra mais atenção pelos sofredores que todos os que o acompanhavam. Assim, os que o impediam agora têm de dar-lhe a mão para que vá ao encontro de Jesus.

Jesus pergunta ao cego: “que queres que te faça?” Vale notar que, embora nosso Senhor conheça todas as nossas necessidades, ele nos quer ver apresentar pessoalmente a ele as nossas necessidades por meio de nossas petições. O cego abriu o coração diante de Jesus: “Senhor que eu veja” (v. 41b). O Mestre prontamente responde a petição daquele homem: “vê, a tua fé te salvou” (v. 42). Dessa frase de Jesus, como em outras semelhantes (Lc 8.48,50), não se pode deduzir aqui diretamente a salvação eterna, mas, sim, a cura do corpo, ainda que seja correto que em muitos casos, dentro do texto bíblico e fora do mesmo, à cura do corpo prepara para a cura da alma. Entretanto, o grego do Novo Testamento emprega a mesma palavra “sozo” para descrever ambas as coisas. Na verdade, Jesus veio salvar corpos e almas de todos o que se haviam perdidos (Lc 19.10). Contudo, faz-se necessário distinguir entre a fé em Jesus no seu poder para curar, como no caso desse cego, e a fé na graça de Cristo para salvar eternamente (Ef 2.8).

Ao ser curado, o ex-cego “foi seguindo, glorificando a Deus. E todo o povo vendo isso, dava louvores a Deus” (v. 43). Ele respondeu com grande agradecimento a graça que Jesus lhe tinha dispensado.

Capítulo 19

Versículos 1 a 48

1 E, TENDO Jesus entrado em Jericó, ia passando.

2 E eis que havia ali um varão chamado Zaqueu, e era este um chefe dos publicanos, e era rico.

3 E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura.

4 E, correndo adiante, subiu uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali.

5 E, quando Jesus chegou aquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa.

6 E, apressando-se desceu, e recebeu-o gostoso.

7 E, vendo todos isto, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador.

8 E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor: Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado.

9 E disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão.

10 Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.

19.1 - Versículos 1 a 10 – Zaqueu, o publicano

Esta história conta a admirável conversão de Zaqueu, o chefe dos publicanos (cobradores de impostos) em Jericó. Vale citar que esse relato é exclusivo de Lucas. Nele são enfatizados alguns importantes temas do discipulado, quando o Mestre se aproximava de Jerusalém. Zaqueu era um homem rico, provavelmente muito rico como chefe dos coletores de impostos. Em virtude de sua posição profissional, era visto pelos chefes judeus como chefe dos pecadores, responsável direto pela desonestidade de todos os seus subordinados.

Jesus passava por Jericó (v. 1), a cidade que havia sido edificada sob maldição, mas Jesus honrou com sua presença, porque seu evangelho quebra todas as maldições (Gl 3.13). Jesus veio

Parábola dos dez servos e das dez minas

Mat. 25.14-30

11 E, ouvindo eles estas coisas, ele prosseguiu, e contou uma parábola; por quanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus.

12 Disse pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois.

13 E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha.

14 Mas os seus concidadãos aborreciam-no, e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.

15 E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando.

16 E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas.

17 E ele lhe disse: Bem está servo bom porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade.

18 E veio o segundo, dizendo: Senhor a tua mina rendeu cinco minas.

19 E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades.

20 E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está tua mina, que guardei num lenço;

21 Porque tive medo de ti, que es homem rigoroso, que tomas o que não puseste, e segas o que não semeaste.

22 Porém ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei; sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus, e sego o que não semeei;

23 Por que não meteste pois o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros?

24 E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tem dez minas.

25 (E disseram-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas).

26 Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado.

27 E, quanto aqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim.

salvar o chefe dos publicanos da mesma forma que veio salvar todos os pecadores. Aqui se encontra o caso de um rico que estava perdido e foi encontrado, um rico que recebeu a salvação de Cristo.

Zaqueu tinha grande curiosidade por “ver quem era Jesus” (v. 3a), mas não podia satisfazer sua curiosidade porque “era de pequena estatura” (v. 3b) e a multidão era imensa. Há muitos que são pequenos de estatura, mas são grandes de coração e enxergam longe. Esse era o caso de Zaqueu. Ele buscou os meios apropriados para ver Jesus – “e correndo adiante, subiu em um sicômoro a fim de vê-lo” (v. 4a).

Jesus chama Zaqueu. Esse foi um chamamento eficaz. Jesus se convida para ficar na casa dele. Ele queria apenas ver Jesus, e agora terá a oportunidade de estar familiarmente com Jesus. Às vezes os que vêm ouvir a Palavra de Deus, por curiosidade, sentem que sua consciência é despertada e alcançam a salvação.

A honra de hospedar Jesus em sua casa encheu o coração de Zaqueu de alegria (v. 6). “Ao verem isso, todos murmuravam dizendo: Entrou para ser hóspede de um homem pecador” (v. 7). Será que esses murmuradores não eram pecadores? O objetivo do Senhor não era restaurar os pecadores?

Zaqueu publicamente dá provas de seu arrependimento (v. 8). As suas boas obras indicavam a sinceridade da sua fé e de seu arrependimento. Por outro lado, ele

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém

Mat. 21.1-11 e refs.

28 E, dito, isto, caminhando adiante, subindo para Jerusalém.

29 E aconteceu que, chegando perto de Betfagé, e de Betânia, ao monte chamado das Oliveiras, mandou dois dos seus discípulos,

30 Dizendo: Ide a aldeia que está defrente, e aí, ao entrar, achareis preso um jumentinho em que nenhum homem ainda se assentou, soltai-o e trazei-o;

31 E, se alguém vos perguntar: Por que o soltais? assim lhe direis: Porque o Senhor o há de mister.

32 E, indo os que haviam sido mandados, acharam como lhes dissera.

33 E, quando soltaram o jumentinho, seus donos lhes disseram: Por que soltais o jumentinho?

34 E eles responderam: O Senhor o há de mister.

35 E trouxeram-no a Jesus; e, lançando sobre o jumentinho os seus vestidos, puseram Jesus em cima.

36 E, indo ele, estendiam no caminho os seus vestidos.

37 E, quando já chegava perto da descida do Monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, regozijando-se, começou a dar louvores a Deus em alta voz, por todas as maravilhas que tinham visto.

38 Dizendo: Bendito o Rei que vem em nome do Senhor; paz no céu, e glória nas alturas.

39 E disseram-lhe dentre a multidão alguns dos fariseus: Mestre, repreende os teus discípulos.

40 E, respondendo ele, disse-lhes: Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão.

41 E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela,

42 Dizendo: Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! mas agora isto está encoberto aos teus olhos.

43 Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todas as bandas;

44 E te derribarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e

havia adquirido uma boa fortuna (v. 2), o que era natural sendo chefe de um negócio próspero. Todavia, resolve empregar sua riqueza de acordo com a vontade Deus, fazendo bem aos semelhantes necessitados: “Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens” (v. 8). O verbo dar está no presente ingressivo, uma atitude que está ingressando agora, não como algo que já vinha fazendo.

Zaqueu está consciente de que um cidadão do reino só adquire seus bens por meios honestos. Todavia, há quem entenda que nem tudo o que Zaqueu possuía fora adquirido por meios honestos,¹ e justificam na promessa que ele faz a Jesus de restituir quadruplicado “se alguma coisa tenha defraudado a alguém” (v. 8). Zaqueu restituiria devolvendo quatro vezes mais. Valor esse mais alto que a lei demandava (Nm 5.6,7).

Jesus declara que a salvação chegou à casa de Zaqueu (v. 9). Ao se converter, Zaqueu torna-se bênção para sua casa, porque traz à sua casa os meios da graça de Deus. Ao ser caridoso com os pobres, traz as bênçãos de Deus para sua família. Ao entrar na casa de Zaqueu, Jesus estava buscando e salvando que se havia perdido (v. 10).

19.2 - Versículos 11 a 27 – A parábola dos dez servos e das dez minas

Jesus aproxima-se de Jerusalém, e a expectativa de seus amigos se eleva nessa

¹ Matthew Henry tem essa visão. In HENRY, M. Op. cit. p. 1329.

não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitação.

A purificação do templo
Mat. 21.12-17 e refs.

45 E, entrando no templo, começou a expulsar todos os que nele vendiam e compravam,

46 Dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela covil de salteadores.

47 E todos os dias ensinava no templo; mas os principais dos sacerdotes e os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo.

48 E não achavam meio de o fazer, porque todo o povo pendia para ele escutando-o.

ocasião, porque pensavam que o “reino de Deus se havia de manifestar imediatamente” (v. 11b). Nesse ínterim, o Mestre conta esta parábola. O fato problemático é que os discípulos acreditavam que Jesus iria inaugurar imediatamente o reino, com toda pompa e poderes temporais. Mas Jesus quer esclarecer aos discípulos, mais uma vez, sobre a realidade do seu reino contando-lhes esta parábola.

A parábola aparentemente tem uma base histórica em Arquelao que realmente foi de Jerusalém a Roma com o intuito de receber um reino na Palestina

e voltar. Isso sucedeu quando Jesus ainda era criança, mas era uma história bem conhecida de todos.

Certo senhor vai a um país distante para receber um reino na intenção de voltar (v. 12). Deve receber primeiro o reino, e voltar. Jesus voltará naquele dia em que aguardamos ansiosamente (Tt 2.3). Os discípulos, por serem os seguidores mais próximos de Cristo, acreditavam que seriam promovidos a postos do mais alto escalão. Jesus os adverte que, em vez de honra, eles deveriam trabalhar com o tesouro (o evangelho) que ele deixaria em suas mãos (dos discípulos). Enquanto está fora confia a alguns de seus empregados os seus bens² para que os façam render durante sua partida. Divide seus bens igualmente entre dez servos, de forma que os dez recebem igualmente.

Vale citar que esta parábola se distingue da parábola dos talentos (Mt 25.14-30) em que o talento significa a capacidade de cada servo e, conseqüentemente, a retribuição é proporcional a capacidade de cada um. Mas, aqui, a mina (os bens) é igual para cada servo, porque representa o tesouro da graça, isto é, a Palavra de Deus. Robertson corretamente afirmou “não há nenhuma razão com fundamento sólido de que seja a mesma parábola, sem contar a grande versatilidade de Jesus”.³

² Embora alguns acreditem que possam interpretar esses bens como dons do Espírito, no meu entender esses bens contemplam melhor a mensagem do evangelho.

³ ROBERTSON, A.T. Comentário Al Texto Grego NT. Op. cit. p. 171.

Mas há diferença entre a parábola descrita por Mateus e esta de Lucas. Observe-se: Mateus apresenta a soberania de Deus e a sabedoria daquele que distribui as suas dádivas (dons) de acordo com a capacidade receptiva dos seus servos, enquanto Lucas evidencia mais particularmente a responsabilidade dos servos que receberam cada um a mesma soma (o evangelho). Por isso a parábola nos ensina a lançar mãos dos meios que Deus nos proporciona (em especial a sua Santa Palavra) com a maior diligência possível, e estes não se limitam aos pastores e líderes, mas a todos os salvos.

O fato relatado no versículo 14 sucedeu a Arquelao. Uma delegação judaica foi até César Augusto e conseguira restringir o governo de Arquelao a apenas parte do reino original. Contudo, a crueldade e a má administração de Arquelao levaram a sua expulsão de Roma, posteriormente.

O senhor retorna e manda chamar seus servos para que estes lhes prestem contas de seus bens (v. 15). Dos dez, apenas três são mencionados na prestação de contas. É possível que Lucas tenha mencionado o mais eficiente, o segundo melhor e o pior que nada ganhou. É preciso ter em mente que um dia todos prestaremos contas a Deus de nossos atos em relação ao evangelho. Os servos empreendedores, que trabalharam fielmente, são recompensados com mais responsabilidades. Cada alma que se converte mediante um bom testemunho do evangelho é um ganho para Jesus Cristo e, também, para o servo de Deus usado como seu instrumento.

Na parábola, os servos ganhadores não perderam o que ganharam, embora os recursos pertençam a seu senhor. Mesmo assim, o senhor é generoso, e eles desfrutam do que ganharam. Isto nos indica que tudo quanto tivermos adquirido, de espiritual, neste mundo, em inteligência e conhecimento de Deus pelo Espírito Santo, não nos será tirado no mundo vindouro.

Por outro lado, o servo que não trabalhou e procurou livrar-se de riscos é condenado por sua conduta e perde o recurso que recebeu para o que tinha dez moedas. Aquele servo mau pensava que se apenas guardasse os recursos do seu senhor, e não os gastasse, seria suficiente. Este servo representa o que se passa por salvo, mas nunca aproveita uma oportunidade de dar bom testemunho. Como se mensagem estivesse encapsulada e escondida secretamente. Desculpa-se com a expressão injuriosa “*porque és homem severo*” (v. 21). Como se a Palavra do Senhor não fosse uma semente destinada a germinar nos corações (Mc 4.14).

Os juros descritos no versículo 23 não se referem a juros de usuras, mas aos juros de interesse legal e adequado de investimento. Finalizando, nosso Senhor afirma: os que não se submetem ao jugo suave do Rei eterno serão contados como inimigos declarados do Soberano Divino e destruídos (v. 27).

19.3 - Versículos 28 a 40 – A chegada triunfal em Jerusalém

Após longa viagem, Jesus chega a Jerusalém entrando pelo leste, passando pelos pequenos povoados de Betfagé e Betânia. Lucas parece seguir o relato de Marcos, mas acrescenta material valioso nos versículos 39.40. Jesus estava disposto e decidido a sofrer pelos salvos. Foi até Jerusalém, mesmo sendo sabedor de tudo que iria enfrentar.

Sua maneira de entrar em Jerusalém, de forma triunfal, não foi inconseqüente com seu estado de humilhação, pois ele estava cumprindo as profecias (Mt 21.4,5). Quanto mais triunfal fosse sua entrada em Jerusalém, mais terríveis seriam sua paixão e a sua morte cinco dias depois.

Jesus conhecia os corações das pessoas. Assim, sem coação de sua parte, o dono do jumento não fez nenhuma objeção ou protesto. Aquele homem cede de bom grado o animal para ficar a serviço de Jesus. Para todos que estão dispostos a cumprir voluntariamente e, sem demora a vontade de Deus podem observar que tudo sai conforme o Senhor prediz. Partiram, pois, os que tinham sido enviados, e acharam conforme lhes dissera (v. 32).

Os seguidores de Jesus cumprem seus mandamentos e desígnios com boa vontade. Têm prazer em seguir os passos do Mestre, da mesma forma que têm prazer em obedecer às doutrinas de Deus (Tt 2.10).

A vitória de Cristo é como bênção para seus seguidores: “Bendito o Rei que vem em nome do Senhor; paz no céu e glória nas alturas” (v. 38). Consiste em glorificar Deus o mais alto possível. É uma porção parecida com Lucas 2.14. Ambas coincidem em glorificar a Deus nas maiores alturas, onde Deus reina desde seu trono. No nascimento, os anjos diziam paz na terra. Agora, a multidão dizia “paz no céu” que o sacrifício da cruz iria trazer (Rm 5.1).

Jesus aceita as bênçãos dos humildes e rejeita o menosprezo dos soberbos fariseus. Estes gostariam que Jesus não recebesse os louvores

do povo, mas ele os recebeu. Jesus deve ser louvado por todos, porque se os discípulos não lhe renderem adoração até as pedras clamarão (v. 40).

19.4 - Versículos 41 a 44 – Jesus chora sobre Jerusalém

“E quando chegou perto e viu a cidade, chorou sobre ela” (v. 41). Jesus estava vendo por antecipação a ruína que estava por vir sobre Jerusalém. Da mesma forma que Jeremias anteriormente lamentou (Jr 8.18-23), Jesus lamenta a cegueira de Jerusalém em recusar o plano de Deus. Jerusalém não recebe a paz que Jesus oferece com a sua entrada. Ah! se essa cidade tivesse conhecido “ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz!” (v. 42). Mas, lamentavelmente, Jerusalém não conheceu o “tempo da tua visita” (v. 44).

Diante disso, Jesus antevê os dias da destruição de Jerusalém por Roma no ano 70 d.C. Jerusalém não escapará dos dias de desolação que descenderão sobre ela como sentença do juízo de Deus. Por recusar a Jesus, o dia de salvação tornou-se oculto aos olhos da maioria dos judeus. O evangelho foi pregado em Jerusalém pelos apóstolos (At 2.38) e grandes multidões se converteram, mas a grande parte da nação recusou o plano de Deus.

Ainda naquela geração vieram os romanos e sitiaram a cidade (v. 43). Tito havia mandado seus soldados derrubarem a cidade. Exatamente como previu Jesus: “E te derribarão a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem”. As pessoas foram cruelmente assassinadas. Na correta predição de Jesus, Jerusalém foi culpada por sua ruína. A destruição veio outrora quando a cidade não ouviu a Jeremias e aos demais profetas; agora, veio por recusar o Messias de Deus.

19.5 - Versículos 45 a 48 – A purificação do templo

O relato de Lucas da purificação do templo é mais curto que os outros Sinóticos. Seu relato abranda a violência e não descreve as atividades que Jesus repudia.

Jesus limpou o templo daqueles que o profanavam: “Então entrando ele no templo, começou a expulsar os que ali vendiam” (v. 45). A glória do templo estava focada em sua pureza muito mais que em sua riqueza. O motivo da revolta de Jesus foi porque “a sua casa será casa de oração” (v. 46). O templo é a casa destinada à comunhão com Deus

por meio da oração. E na contramão estavam os vendilhões, porque eles faturavam em cima do povo que ia adorar a Deus. Dessa maneira, em vez de servirem a Deus, eles se serviam do povo de Deus.

A descrição de Lucas dá a entender que as citações de Isaías (Is 56.7) e Jeremias (Jr 7.11) foram razões suficientes para Jesus promover a limpeza do templo. Além do mais, o comércio no templo retirava a atenção das pessoas que ali iam para orar e adorar a Deus.

Para Jesus, o templo passa a ser o centro de seu ministério em Jerusalém. Jesus usa o templo da melhor forma possível, ensinando todos os dias (v. 47). Enquanto isso, os líderes religiosos maquinavam perseguição e morte contra ele (v. 47). Mas a Palavra de Jesus atingia os corações dos seus ouvintes de maneira tal que *“o povo ficava enlevado ao ouvi-lo”* (v. 48).

Lucas, nos versículos que concluem os ensinamentos do templo (Lc 21.37,38), descreve Jesus ensinando todos os dias e passando a noite no Monte das Oliveiras. Ali ele mantinha uma maior comunhão com o Pai à medida que o dia do seu sacrifício se aproximava.

Capítulo 20

Versículos 1 a 47

1 E ACONTECEU num daqueles dias que, estando ele ensinando o povo no templo, e anunciando o evangelho, sobrevieram os principais dos sacerdotes e os escribas com os anciãos.

2 E falaram-lhe, dizendo: Dize-nos, com que autoridade fazes estas coisas? Ou, quem é que te deu esta autoridade?

3 E, respondendo ele, disse-lhes: Também eu vos farei uma pergunta: dizei-me pois:

4 O batismo de João era do céu ou dos homens?

5 E eles arrazoavam entre si, dizendo: Se dissermos: Do céu, ele nos dirá: Então por que o não crestes?

6 E se dissermos: Dos homens, todo o povo nos apedrejará, pois ² têm por certo que João era profeta.

7 E responderam que não sabiam donde era.

8 E Jesus lhes disse: Tampouco vos direi com que autoridade faço isto.

Parábola dos lavradores maus
Mat. 21.33-46 e refs.

9 E começou a dizer ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra por muito tempo;

20.1 - Versículos 1 a 8 – A autoridade de Jesus e o batismo de João

Jesus ocupa seu lugar de Mestre no templo. Mas os chefes religiosos não dão trégua. Eles desafiam a autoridade de Jesus. O grupo que vem interrogar Jesus é uma delegação oficial do sinédrio. O conselho supremo, representando as três classes que o compunham, a saber: os sumos sacerdotes, os escribas da seita dos fariseus, e os anciãos das principais famílias judaicas.

Jesus honrou os pregadores do evangelho, porque ele foi pregador de seu próprio evangelho. No templo, sua principal função era ensinar o povo, pela pregação do evangelho (v.1).

Contudo, seus inimigos começam o ataque contra ele em Jerusalém. Eles pensavam apanhar Jesus de surpresa –

10 E no tempo próprio mandou um servo aos lavradores, para que lhe dessem dos frutos da vinha; mas os lavradores, espancando-o, mandaram-no vazio.

11 E tornou ainda a mandar outro servo; mas eles, espancando também a este, e afrontando-o, mandaram-no vazio.

12 E tornou ainda a mandar terceiro; mas eles, ferindo também a este, o expulsaram.

13 E disse o senhor da vinha: Que farei? Mandarei o meu filho amado; talvez que, vendo-o, o respeitem.

14 Mas, vendo-o os lavradores, arrazoaram entre si, dizendo: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, para que a herança seja nossa.

15 E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará pois o senhor da vinha?

16 Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: Não seja assim?

17 Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto pois que esta escrito? A pedra, que os edificado-res reprovaram, essa foi feita cabeça da esquina.

18 Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó.

A questão do tributo
Mat. 22.15-22 e refs.

19 E os principais dos sacerdotes e os escribas procuravam lançar mão dele naquela mesma hora, mas temeram o povo; porque entenderam que contra eles dissera esta parábola.

20 E, trazendo-o debaixo de olho, mandaram espias, que se fingissem justos, para o apanharem *alguma* palavra, e o entregarem à jurisdição e poder do presidente.

21 E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente, e que não consideras a *aparência* da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus.

22 É-nos lícito dar tributo a César ou não?

23 E, entendendo ele a sua astúcia, disse-lhes: Por que me tentais?

24 Mostrai-me uma moeda. De quem tem a imagem e a inscrição? E, respondendo eles, disseram: De César.

“*sobrevieram os principais sacerdotes*” – (v. 1) e, pelo menos assustar Jesus com a pergunta: com que autoridade faz isso: purificar o templo e assumir um papel de ensino oficial. Vale ressaltar: no momento em que as questões passam para o nível pessoal, mesmo as realidades mais evidentes tornam-se invisíveis. Note-se que os milagres de Jesus mostravam claramente “*com que autoridade ele fazia estas coisas*” (v. 2). Mas aqueles saduceus não viam isso.

Jesus replica os saduceus com pergunta: “*O batismo de João era do céu ou dos homens?*” (v. 4). Esta pergunta os deixou desconsertados. Eles saíram derrotados diante do povo, porque sabiam que o batismo de João era do céu, mas negavam publicamente uma vez que não o tinham recebido. Eles não podem responder a pergunta de Jesus, o que é prova para Jesus de que não têm o direito de julgar a sua autoridade.

Aqueles que negam o conhecimento que têm das coisas de Deus merecem que lhes seja negado um conhecimento superior das verdades divinas.¹

20.2 - Versículos 9 a 19 –
A parábola dos lavradores maus

Jesus apresenta essa parábola contra os chefes religiosos que não reconheciam a sua autoridade. A parábola tem como objetivo mostrar como a nação de Israel provocou a Deus e por isso Deus a abandonou para ruína.

¹ HENRY, M. op. cit p.1332

25 Disse-lhes então: Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

26 E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, maravilhados da sua resposta, calaram-se.

Os saduceus e a ressurreição
Mat. 22.23-33 e refs.

27 E, chegando-se alguns dos saduceus, que dizem não haver ressurreição, perguntaram-lhe,

28 Dizendo: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se o irmão de algum falecer, tendo mulher, e não deixar filhos, o irmão dele tome a mulher, e suscite posteridade a seu irmão.

29 Houve pois sete irmãos, e o primeiro tomou mulher, e morreu sem filhos;

30 E o segundo,

31 E o terceiro, também a tomaram, e igualmente os sete; todos eles morreram, e não deixaram filhos.

32 E por último, depois de todos, morreu também a mulher.

33 Portanto, na ressurreição, de qual deles será a mulher, pois que os sete por mulher a tiveram?

34 E, respondendo Jesus, disse-lhes: Os filhos deste mundo casam-se, o dão-se em casamento;

35 Mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dos mortos, nem hão de casar, nem ser dados em casamento;

36 Porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.

37 E que os mortos hão de ressuscitar também o mostrou Moisés junto da sarça, quando chama ao Senhor Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó.

38 Ora Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para ele vivem todos.

39 E, respondendo alguns dos escribas, disseram: Mestre, disseste bem.

40 E não ousavam perguntar-lhe mais coisa alguma.

O Cristo Filho de Davi
Mat. 22.41, etc. e refs.

41 E ele lhes disse: Como dizem que o Cristo é filho de Davi?

Os salvos são como arrendatários, desfrutam dos privilégios do reino, tendo sob seus cuidados a vinha de Deus. Em contrapartida hão de pagar-lhe “*o resultado do arrendamento*”, uma vez que é estritamente necessário apresentar ao Senhor da seara os frutos dessa vinha.

Os que desfrutam dos privilégios de pertencer à igreja de Cristo devem render-lhe os devidos frutos espirituais. Nessa perspectiva, os trabalhos dos ministros de Jesus são como os servos enviados aos lavradores para chamar a atenção de que o dono da terra quer os devidos resultados (v. 10-12).

A parábola mostra que, frequentemente, os ministros fiéis encontram oposição e resistência por parte de alguns membros da congregação quando estes são admoestados por não se comportarem devidamente ou por não cumprirem com o seu dever cristão.

Deus enviou seu Filho ao mundo para recolher os frutos da vinha. Ao enviar seu próprio Filho, havia de se esperar que tivessem respeito e entregassem os frutos dos quais eram devedores. Aqui se pode ver: os que rejeitam e desprezam os fiéis ministros de Deus estão rejeitando o próprio Deus (Lc 10.16). Neste sentido, aqueles lavradores maus disseram: “*este é o herdeiro, matemo-lo, para que a herança seja nossa*” (v. 14). Na ótica daqueles lavradores, se eles seguissem matando os servos, sempre existiriam outros que poderiam ser enviados, mas se matassem o filho único do proprietário da vinha não haveria outro herdeiro. Assim o fizeram “*e lançando-o fora da vinha, o*

42 Visto como o mesmo Davi diz no livro dos Salmos: Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,

43 Até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.

44 Se Davi lhe chama Senhor como é ele seu filho?

Jesus censura os escribas
Mat. 23.1, etc. e refs.

45 E, ouvindo-o todo o povo, disse Jesus aos seus discípulos:

46 Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestidos compridos; e amam as saudações nas praças, e as principais cadeiras nas sinagogas, e os primeiros lugares nos banquetes;

47 Que devoram as casas das viúvas, fazendo, por pretexto, largas orações. Estes receberão maior condenação.

mataram” (v. 15). Vale lembrar: Jesus foi morto fora de Jerusalém.

Os judeus chegaram ao cume da perversidade ao matarem Jesus. O que poderiam esperar: Deus “*virá e destruirá esses lavradores*” (v. 16). O juízo de Deus visitou Jerusalém no ano 70 d.C. através do ataque promovido por Roma. O historiador Josefo relata que poucos escaparam. O pedido deles “*que o seu sangue caia sobre nós*” foi literalmente atendido. Deus é justiça. Logo, aqueles que se descuidam dos trabalhos de Deus, ou os fazem de forma relapsa, podem estar puxando sobre si a ruína.

A reação dos religiosos da parábola de Jesus mostra como se enganavam a si mesmos: “*Ouvindo eles isso, disseram: Tal não nos aconteça*” (v. 16). Nada faziam para precaver-se do iminente juízo de Deus. Jesus lhes responde:

1) Com seu olhar perscrutador confronta-os com as Escrituras: “*A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular*” (literalmente no grego significa “cabeça de ângulo” comparando com Salmo 118.22). Esta expressão é um hebraísmo para uma pedra muito importante. Essa pedra nas construções fazia a amarração de canto para dar segurança a toda estrutura.² Paulo, em Efésios 2.20 e Pedro, em 1Pedro 2.6, usam esse termo de maneira mais ex-pressiva. Dando a idéia de cabeça de esquina. Jesus é para nós uma rocha forte na qual podemos alicerçar nossa vida.

2) Jesus adverte aqueles religiosos maus para o terrível destino que lhes aguardava por negligenciarem a voz de Deus. “*Todo o que cair sobre essa pedra será despedaçado*” (v. 18). Todavia, “*aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó*”.

O versículo 19 retrata como ficaram incomodados aqueles saduceus, porque sabiam que a parábola era contra eles (v. 19). Procuravam “*deitar-*

² BLISS in HENRY. M. op. cit. p. 1332.

lhe as mãos”. Se não o fizeram é porque temiam a multidão. Com isso mostravam que estavam dispostos a cumprir o que Jesus havia falado na parábola: matar o filho.

20.3 - Versículos 20 a 26 – A questão do imposto

Neste texto observa-se que os espiões do sinédrio passaram diretamente para o ataque após serem repreendidos por Jesus na parábola anterior. Passando-se por piedosos, como se realmente estivessem preocupados com a questão que iriam perguntar ao Mestre. O imposto pago a César era de um denário por pessoa, que teriam de pagar todos os homens de 14 a 65 anos, e todas as mulheres de 12 a 65 anos de idade. Era um imposto simplesmente pelo privilégio de existir.

Entre os judeus, esse imposto era uma questão de polêmica, e já havia sido a causa de várias rebeliões. Não era uma mera questão econômica. Era considerada uma imposição ofensiva aos judeus como povo de Deus. Nessa perspectiva, os judeus mais radicais só reconheciam Deus como rei, e ainda tinham a antiga visão da teocracia. Logo, era contra a religião deles pagar aquele imposto a César. Na realidade, para aquele grupo de judeus, essa era uma questão religiosa importantíssima, pela qual estavam dispostos a morrer.

Aqui já se percebe que aqueles emissários queriam colocar Jesus entre a “cruz e a espada”. Se Jesus dissesse que não deveriam pagar o tributo a César, eles o denunciariam às autoridades romanas e ele seria imediatamente entregue a Pilatos. Por outro lado, se Jesus dissesse que os judeus deveriam pagar aquele imposto, Jesus certamente ficaria desgastado com o povo que lhe seguia regularmente, especialmente os da Galiléia.

Jesus sabiamente lhes contestou com os seus próprios termos. Jesus pede-lhes um denário do imposto. Para o mundo antigo, o poder de cunhar (imprimir) uma moeda era sinal de grande autoridade, praticamente suprema. Um exemplo foi que os Macabeus cunharam a sua própria moeda pela ocasião da libertação de Jerusalém das mãos dos sírios. Entretanto, também era reconhecido universalmente que aquele que cunhava uma moeda tinha o direito de cobrar imposto. Assim, se um homem tinha o direito de pôr sua imagem em uma moeda, teria o direito de impor um tributo sobre os que a usavam.

Jesus, de forma brilhante, lhes responde: “*de quem é a imagem e a inscrição que ele (denário) tem? Responderam: de César. Disse-lhes então: dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*” (Lc 20.24,25). O que Jesus estava dizendo era: se aceitais e usais a moeda de César, estais obrigados a aceitar o seu direito de cobrar imposto. Mas Jesus não ficou apenas na metade da resposta. Ele continua e afirma que existe uma área da vida em que a autoridade de César não tem vigência, porque pertence somente a Deus, a alma, ou melhor, a parte imaterial do ser humano.

Em suma, se uma pessoa vive em um estado e goza de todos os seus direitos, não pode isentar-se de suas obrigações e responsabilidades. A verdade é que quanto melhor o cristão, melhor o cidadão. Uma das grandes tragédias da vida atual é que a maioria dos cristãos se nega a participar do governo de suas cidades, e até do país. Contudo, ainda há uma coisa muito pior, dentre os que têm assumido cargos públicos, especialmente no Brasil,³ muitos têm tido um comportamento desastroso, acusados pela mídia de participação em corrupções. É um escândalo para o evangelho.

A grande verdade, como cristãos, quando não assumimos nossas responsabilidades, seja de votar corretamente, seja de exercer honestamente um cargo público, deixamos a tarefa de governar nas mãos de políticos materialistas. Dessa maneira, não adianta apenas criticar esses políticos materialistas por não fazerem nada, ou por governarem mal; é preciso que assumamos nossa posição de cidadãos do reino de Deus e, também, da nossa pátria participando ativamente dos governos. Sobretudo, participando como cidadãos do reino, sendo o bom exemplo.

Em qualquer situação, fica claro que, na vida dos todos salvos a última palavra é, e sempre será de Deus, e não do Estado. Pedro, diante do sinédrio, proclamou corajosamente esta afirmação: “*importa antes obedecer a Deus que aos homens*” (At 5.29). A voz da consciência cristã do salvo deve sempre falar mais alto que a voz das leis feitas pelos homens. Nesta perspectiva, o salvo que ocupa cargo público é ao mesmo tempo servidor e consciência do Estado. Especialmente por ser o melhor cidadão, o cristão se negará a fazer tudo que não seja digno de um cidadão salvo fazer. Em sua vida temerá a Deus e honrará as autoridades (1Pe 2.17).

³ Esse lamentável fato aconteceu com a “safra” política denominada de “bancada evangélica” do mandato entre 2002 a 2006 no congresso nacional.

Após esgotar a pergunta capciosa dos emissários do sinédrio, aparecem em cena os saduceus.

20.4 - Versículos 27 a 40 – Os saduceus e a ressurreição

A pergunta dos saduceus dependia de duas coisas: a primeira era a lei do levirato conforme Deuteronômio 25.5. Segundo essa lei, quando um homem casado morria sem deixar filhos, seu irmão teria de casar com a viúva, e o filho que viesse a ter era considerado descendência legal do primeiro marido. Entretanto, embora essa lei fizesse parte do legado mosaico, e fosse seguida pelo grupo dos saduceus, é bastante provável que os demais judeus não a seguissem.

A pergunta que levou a Jesus estava diretamente ligada à crença dos saduceus em relação à ressurreição, crença essa que era contrária à crença dos fariseus. Os fariseus constituíam uma denominação de caráter religioso, sem ambições políticas, e aceitavam qualquer governo que lhes permitisse cumprir a tradição da lei mosaica. Os saduceus, comparados aos fariseus, eram um grupo bem menor, porém, eram ricos e influentes. Os aristocratas e sacerdotes eram quase todos saduceus. Formavam a classe que estava no governo, logo, colaboravam com as autoridades romanas porque queriam conservar suas riquezas, posição e privilégios.

Os fariseus aceitavam as Escrituras do Primeiro Testamento, e a tradição dos antepassados, que incluíam centenas de normas e regras que lhes haviam sido transmitidas oralmente. Entre elas, incluíam as leis referentes aos sábados e às abluções⁴. Já os saduceus não aceitavam nada além da lei escrita no Primeiro Testamento, especialmente o Pentateuco e a Torá. Eles davam mais importância à lei que aos escritos referentes aos profetas e aos outros livros do Primeiro Testamento.

A questão era que os fariseus criam na ressurreição dos mortos, na existência de anjos e espíritos. Os saduceus não criam em nenhuma dessas coisas. Os fariseus criam na vinda do Messias e esperavam por isso, mas os saduceus não criam nisso, porque essa realidade perturbava seus planos materiais de poder.

⁴ A ablução era um ritual de purificação constituído basicamente de banho especial por todo o corpo.

Outro ponto interessante é que os fariseus acreditavam na predestinação, que a vida humana já estava planejada e ordenada por Deus. Os saduceus acreditavam na liberdade de escolha.⁵

Os saduceus trouxeram a pergunta sobre os seis irmãos que casaram com a cunhada, portanto, os sete irmãos estiveram casados com a mesma mulher (é claro que em épocas diferentes). Aí perguntam ao Mestre: já que pelas circunstâncias da lei do levirato, todos foram maridos da mesma mulher. Sendo assim, na ressurreição dos mortos de qual marido, ou de qual irmão, aquela mulher será esposa? Antes de abordar a resposta do Senhor, vale citar que a pergunta deles tinha por finalidade ridicularizar a crença na ressurreição.

É importante notar que a resposta de Jesus tem um valor permanente para todas as épocas. Jesus afirma que o céu não é como a terra, que a vida futura será diferente da vida atual, porque nós os salvos seremos diferentes. Jesus foi enfático e completo, acima de tudo respondendo questões relativas às Escrituras com a própria Escritura quando cita Moisés (v. 37,38).

Os saduceus não acreditavam na ressurreição do corpo, e afirmavam que as Escrituras não ensinavam isso e, muito menos, a lei de Moisés. Até aquele momento nenhum fariseu havia tido sucesso em argumentar com eles, mas o Mestre Jesus os fez calar, literalmente. Jesus lhes expõe claramente a passagem da sarça ardente em que o mesmo Moisés ouviu o que o Santíssimo Deus Yahweh lhe dissera: “*Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e Jacó*” (Ex 3.1-6). Note a sapiência de nosso Senhor. Ele mostrou que Abraão, Isaque e Jacó não estavam mortos para sempre, porque Deus não é Deus de mortos e, sim, de vivos. Não nos surpreende que a resposta de Jesus arranque um grito de aprovação dos escribas que

⁵ Faço aqui uma distinção entre liberdade de escolha e livre arbítrio: Livre-arbítrio é a capacidade de escolher e realizar todas as escolhas, portanto, quem tem livre-arbítrio tem o poder para realizar todas as suas escolhas. Nessa perspectiva só o Eterno Deus tem livre-arbítrio. Os seres humanos, como imagem e semelhança de Deus têm liberdade de escolha, podem escolher os caminhos em suas vidas, entre o bem e o mal. Mas, observe-se com atenção: a capacidade humana de realizar aquilo que escolhe é limitada, porque não somos Deus. Por exemplo, posso escolher sair do planeta terra, todavia conseguir realizar essa escolha e sair da terra é outra conversa... Posso escolher viver 200 anos aqui na terra, mas conseguir realizar essa proeza. Portanto, conclui-se que o ser humano tem liberdade de escolha *limitada*. Livre-arbítrio, no sentido absoluto, só Deus o tem, porque ele é o único Soberano Senhor do universo.

ouviam a conversa. Jesus havia rebatido os argumentos do saduceus usando a mesma autoridade que eles reconheciam como autêntica e correta. O Mestre usa argumentos irrefutáveis que seus interlocutores podiam compreender perfeitamente e ao fim teriam de aceitá-lo. Jesus lhes respondia dentro de sua própria linguagem, razão pela qual o povo de seu tempo lhe ouvia e aceitava seus argumentos de bom grado.

Vale acrescentar que Jesus não satisfaz a curiosidade acerca de como ressuscitarão os corpos. Ou mesmo se será um reaparecimento, ou ainda com que corpo ressuscitarão (1Co 15.35). Mas a grande resposta do Senhor oferece uma base sólida para nossa confissão; “*creio na ressurreição dos mortos e na vida eterna*”. Amém.

20.5 - Versículos 41 a 44 – O senhorio do Messias

Esta é uma passagem de difícil entendimento, mesmo sendo breve. O título mais popular do Messias era filho de Davi. Foi desta maneira que o cego de Jericó se dirigiu a Jesus (Lc 18.38,39). Da mesma maneira fez a multidão que presenciou sua entrada triunfal em Jerusalém (Mt 21.9). Todavia, parece que Jesus põe em dúvida neste texto a validade de tal título. Ele apresenta uma citação do Salmo 110.1, que é o versículo do Primeiro Testamento mais citado no Novo Testamento.

É verdade que muitos salmos atribuíam a Davi e este, em especial, acreditava-se que falava do Messias. No salmo Davi afirma: Disse “o Senhor ao meu Senhor”, portanto: Deus dizia ao seu Ungido, o Messias, que se sentará à sua direita até que todos os seus inimigos estivessem aos seus pés. Observe, Davi chama o Messias de meu Senhor. O fato problemático é: como pode o Messias ao mesmo tempo ser filho e Senhor de Davi?

Jesus faz nesse episódio o mesmo que em outras ocasiões: corrigir o inconsciente coletivo do povo, isto é, a idéia popular de um Messias como rei terreno, conquistador que faria do povo de Israel o povo mais poderoso da terra e iniciaria a idade de ouro aqui no mundo. Essa idéia equivocada estava incutida como certa. Jesus, fazendo uma leitura perfeita das crenças e intenções do povo, responde-lhes: “vós pensais no Messias como filho de Davi, e na verdade ele é mesmo.⁶ Mas vocês se esquecem que o Messias é muito mais que isso. O Messias é Senhor.

⁶ Essa afirmação de Jesus refere-se à sua descendência carnal por parte de Maria. Maria, mãe de Jesus, era descendente de Davi, portanto, Jesus também o era.

Jesus estava dizendo a eles que precisavam revisar seus conceitos incompletos e pequenos a certa do Messias, acerca do que significava a expressão filho de Davi. Eles precisavam abandonar seus sonhos mirabolantes de poder terreno, e reconhecer o Messias como o Senhor dos corações e das vidas dos homens. Jesus lhes diz que a idéia que eles têm dele é demasiadamente pequena. Infelizmente, durante toda história da humanidade sempre houve predominância à idéia de fazer Deus à nossa imagem e semelhança. Lamentavelmente essa idéia equivocada retira a nossa compreensão de sua verdadeira majestade.

20.6 - Versículos 45 a 47 – Guardai-vos dos escribas

Os escribas e rabinos sempre esperavam receber as maiores honras. Eles estabeleciam toda classe de regra que lhes fosse favorável. Nos centros de ensinamentos, os rabinos eram os mais eruditos e, portanto, os que tinham a primazia e preferência nos banquetes. Há uma história de que os rabinos daqueles dias estavam muito enciumados porque o povo lhes havia saudado “que tenhais muita paz” sem o costumeiro “mestre meu”, em razão de, nessa festa, Jesus estar participando.

A pretensão dos escribas era sempre de que o povo lhes considerasse acima dos pais. Os rabis (escribas) sempre diziam ao povo que o respeito devido a eles era quase o mesmo respeito que deviam a Deus. O respeito que uma pessoa devia a um mestre devia sempre estar acima do respeito que devesse a seus pais. Tanto o pai quanto os filhos devem respeitar o mestre.⁷ Nessa perspectiva, se o pai e o mestre pedissem alguma coisa, o pedido do mestre era mais importante. Porque o pai não fez mais do que trazer o filho a esse mundo, todavia o mestre lhe ensina a sabedoria a qual lhe permitirá entrar no mundo vindouro. Se o pai e o mestre carregam

⁷ Os escribas tinham uma espécie de síndrome de Deus, especialmente no quesito inerrância. Talvez fosse porque ensinavam sobre as coisas do Eterno, pensavam que, também, pudessem ser como Deus. Orgulho é o nome desse pecado, o mesmo pecado de Satanás, e, também, está presente na atualidade. É lamentável vê alguns dos “grandes” obreiros da seara do Senhor, que agem como se fossem “inerrantes”. Tenho visto alguns pastores (graças a Deus bem poucos) os quais, em suas mentes, nunca erram. Acreditam na ilusão de que são perfeitos em tudo. O resultado desse lamentável equívoco são injustiças com o povo e subordinados diretos. O pior é que eles são incapazes de se retratarem na igreja diante de evidências irrefutáveis e, principalmente, de pedir perdão ao errarem. A meu ver, esse comportamento pode ser caracterizado como egolatria, a adoração de si mesmo.

algo pesado, o filho deve ajudar em primeiro lugar o mestre e, em seguida, o seu pai. Se seu pai e mestre estão escravizados, o filho deve redimir em primeiro lugar a seu mestre, e em seguida a seu pai.

Pode-se observar que os escribas haviam ocupado, no inconsciente coletivo do povo, um lugar de muito destaque. Na realidade explorava demasiadamente o povo. Observe-se que essas prerrogativas soam mesmo inacreditáveis, era um jugo muito pesado para o povo. Nesse sentido, para os escribas, Jesus constituía-se uma ameaça aos seus privilégios usurpadores. Note-se que Jesus os acusa de destruírem as fazendas das viúvas, “por pretexto, longas orações...” (v. 47).

Vale citar que a lei obrigava os rabinos a não cobrarem por ensinar. Porque todos os rabinos, em geral, tinham seus comércios e trabalhos para manter-se a fim de ensinar gratuitamente. Mas os rabinos, de forma ilegal, criaram a idéia de que manter financeiramente um rabino era um ato de suprema piedade. Diziam eles: “todo aquele que põe parte de suas rendas na carteira dos sábios é merecedor de um sítio na academia celestial”. Tinham também o conveniente ditado: “ao que dá amparo em sua casa ao discípulo do sábio, se conta como se oferece um sacrifício todos os dias” e também: “deixa que tua casa seja um lugar de reunião dos sábios todos os dias” e, claro, alimente-os com o seu melhor. Infelizmente, muitas mulheres se tornavam presas fáceis desses rabinos inescrupulosos que, na maioria das vezes, cobiçavam e tomavam os bens dessas mulheres, principalmente as viúvas.

Jesus tinha total consciência dessa execrável realidade, e isso o repugnava, principalmente porque era um ato criminoso de homens que detinham o conhecimento e a cultura. Homens que ocupavam postos de autoridade espiritual na comunidade. Jesus sentenciava ao afirmar que Deus não terá por inocente aquele que usa sua posição de confiança, seu dom pastoral, para aproveitar-se e abusar das pessoas que lhes dedicam confiança. Os membros do sinédrio se retiram derrotados.

Capítulo 21

Versículos 1 a 38

1 E, OLHANDO ele, viu os ricos lançarem as suas ofertas na arca do tesouro;
2 E viu também uma pobre viúva lançar ali duas pequenas *moedas*;
3 E disse: Em verdade vos digo que lançou mais do que todos, esta pobre viúva;
4 Porque todos aqueles deitaram para as ofertas de Deus, do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deitou todo o sustento que tinha.

*O sermão profético:
o princípio das dores
Mat. 24.1-14 e refs.*

5 E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse:
6 Quanto a estas *coisas* que vedes, dias virão em que se não deixará pedra sobre pedra, que não seja derribada.
7 E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre quando serão pois estas *coisas*? E que sinal *haverá* quando isto estiver para acontecer?
8 Disse então ele: Vede não vos enganem, porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu, e o tempo está próximo; não vades portanto após eles.

21.1 - Versículos 1 a 4 – A oferta perfeita

Após o embate com os membros do sinédrio, nosso Senhor sentou-se para descansar em frente aos gazofilácios¹. Jesus estava observando como os ricos deixavam suas ofertas, como uma distração depois de horas de tensão com o debate com os saduceus. Logo Jesus viu uma viúva pobre, que depositou tudo que tinha no mundo: dois leptos.² Ao ver esse quadro, Jesus afirma que a oferta da viúva valia muito mais que a oferta dos ricos, porque a

¹ ROBERTSON, A.T. *Comentário al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 2003, p. 174. Explica que a palavra gazofilácio vem do termo grego *gazophylakion* que é formado da junção de *gaza*, um termo persa que significa tesouro real, e *phulakē* que significa guarda ou proteção.

² O lépto era a moeda de menor valor, branca e fina.

9 E, quando ouvirdes de guerras e sedições, não vos assusteis. Porque é necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo.

10 Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino;

11 E haverá em vários lugares grandes terremotos, e fomes e pestilências; haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu.

12 Mas ⁵ antes de todas estas coisas lançarão mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e presidentes, por amor do meu nome.

13 E vos acontecerá isto para testemunho.

14 Proponde pois em vossos corações não premeditar como haveis de responder;

15 Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem.

16 E até pelos pais e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós.

17 E de todos sereis odiados por causa do meu nome.

18 Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça.

19 Na vossa paciência possui as vossas almas.

**O sermão profético continua:
a grande tribulação**
Mat. 24.15-18

20 Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeí então que é chegada a sua desolação.

21 Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e, os que nos campos, não entrem nela.

22 Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.

23 Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo.

24 E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e

viúva havia dado tudo que possuía. Esse incidente não é registrado por Mateus.

Com essa afirmação, Jesus queria mostrar que o valor de uma oferta determina a intenção com que se dá. Por exemplo, uma oferta feita por obrigação, ou para aparecer diante dos outros, ou por coação, certamente perde quase todo o seu valor. Nessa perspectiva, a única oferta que realmente tem valor é aquela que sai de um coração de amor, que a entrega com total liberdade e liberalidade.

Outro aspecto de importante valor na oferta é o sacrifício que esta representa para o ofertante. Assim, em se tratando de valores absolutos, o que pode ser uma miséria para algumas pessoas, pode ser uma fortuna para outras menos abastadas. Observe-se que as ofertas que os ricos deixam cair no gazofilácio para que todos ouvissem o tinar das moedas não lhes era nenhum sacrifício, porque davam das suas sobras. Por outro lado, a viúva, dando seus dois léptos brancos de valor absoluto muito pequeno, constituía uma grande oferta, de valor significativo maior para Deus que as ofertas dos ricos opulentos. A viúva havia entregado com a máxima generosidade tudo que tinha.

Ao entregar para Deus tudo que possuía, aquela mulher estava dando um grande exemplo de fé, de submissão e de confiança na santa providência de Deus. Nesse sentido, era uma grandiosa oferta. A verdade é que são poucos os que ofertam a Deus com esse sentimento.

Este acontecimento é muito bom para se fazer um auto-exame de nossa

Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.

**O sermão profético continua:
a volta do Filho do homem**
Mat. 24.29-35

25 E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas;

26 Homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas.

27 E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória.

28 Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.

29 E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira, e para todas as árvores;

30 Quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão.

31 Assim também vós, quando virdes acontecer estas coisas, sabeí que o reino de Deus está perto.

32 Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça.

33 Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar.

O sermão profético continua: a vigilância
Mat. 24.36-44

34 E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia.

35 Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra.

36 Vigiai pois em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem.

O pacto da traição
Mat. 26.1-5, 14-16

37 E de dia ensinava no templo, e à noite, saindo, ficava no monte chamado das Oliveiras.

38 E todo o povo ia ter com ele ao templo, de manhã cedo, para o ouvir.

consciência, daquilo que vivenciamos dia a dia como servos de Deus. A grande lição que o Mestre nos deixa é: o que expressa a verdadeira generosidade de uma pessoa não é o que essa pessoa dá, mas o que ela guarda para si.

21.2 - Versículos 5 a 19 – O sermão profético: o princípio das dores

Esta é uma das passagens mais difíceis de Lucas e dos demais Sinóticos. Em face da dificuldade que existe em separar, no texto, a destruição de Jerusalém e a segunda vinda de Jesus.³ Antes de iniciar o comentário desse texto, faço a seguir uma breve exposição do ambiente social no qual Jesus e seus discípulos estavam inseridos.

É muito importante conhecer o contexto em que foi proferida esta mensagem de Jesus. Esse diálogo do Mestre com os seus discípulos aconteceu em uma terça-feira à tarde, na mesma semana da sua crucificação. Falando do templo, alguns de seus discípulos lhe chamavam a atenção para a suntuosidade e arquitetura do templo. Era uma grande construção, o orgulho de Israel. Champlin diz que “o templo era familiar para Jesus, um belíssimo logradouro... Era um memorial e um monumento”⁴. Para nós, o grande ensino é que quando falamos de um grande templo para nos reunirmos, deveríamos primeiro pensar na presença do Senhor entre nós.

³ SUMERS, Ray. *A Vida no Além*. Rio de Janeiro: Juerp, 1979, p.107.

⁴ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995, p. 555. Vol. 1.

Os discípulos ficaram perplexos e temerosos, quando Jesus disse: *“Quanto a isto vedes, não se deixará aqui pedra sobre pedra, que não seja derribada”* (Lc 21.6). Por um pouco, todos silenciaram. Eles conheciam bem a exuberância do templo. Havia um lugar, uma espécie de mirante, próximo ao cume do Monte das Oliveiras, onde o povo, que seguia de Jerusalém para Betânia e vice-versa, parava para descansar após ter subido o morro. Deste local olhavam para trás e viam o sol se pondo, iluminando sobre o mármore branco e as faces de ouro dos edifícios do templo, formando-se uma linda visão.

Diante da afirmativa de Jesus de que tudo seria destruído, Pedro (Mt 24.3), o mais impaciente, dirigiu a pergunta dos discípulos: *“Mestre, quando, pois, sucederão estas coisas? E que sinal haverá, quando elas estiverem para se cumprir”* (Lc 21.7). É natural o desejo humano de conhecer o futuro, o anelo de saber quais são nossos deveres ante o anúncio de tais coisas. Ou como teremos de nos preparar para elas.

Vale observar que as perguntas dos discípulos são apresentadas como uma unidade; eles não podiam pensar na continuação do mundo após a destruição do templo.⁵ Isso justifica o clima de perplexidade entre eles por causa da afirmação de Jesus de que o templo seria destruído. Fazendo um paralelo, isso fora verdade quando o templo de Salomão ainda estivera de pé: os israelitas sentiam-se seguros por causa da promessa divina. Jeremias já havia alertado para a ilusão de confiar no templo terreno (Jr 7.4). Essa ligação da queda do templo com o fim do mundo leva Jesus a conectar as duas idéias ao responder a pergunta dos discípulos. Mas o Mestre começa pela destruição de Jerusalém.

Jesus afirma que eles devem estar preparados porque surgirão falsos cristos, que usurparão o nome e o caráter do Messias dizendo: *“sou eu”*; *“o tempo é chegado”* (v. 8), quer dizer, o tempo em que será restaurado o reino de Israel (At 1.6). Jesus lhes previne e adverte: *“não sejais enganados”* (v. 8). Nesse contexto, a grande realidade da vida tem sido: os mais desejosos de conhecer o futuro são os mais expostos a serem enganados por pessoas *“amigas”* e conhecedoras da propensão humana para o sensacionalismo.

⁵ SUMERS, Ray. *A Vida no Além*. Rio de Janeiro, Juerp, 1979. p.10 – Summer afirma que o povo judaico não poderia imaginar a continuação da história humana após uma coisa tão devastadora como seria a destruição de Jerusalém com o seu magnífico templo. Para eles isso seria o fim do mundo (p.105).

Vale citar que durante grande parte da história da igreja cristã, e principalmente no século 20 com a preponderância do pentecostalismo e seus descendentes diretos, eventos como pseudoprocias, acontecimentos, nomes, sinais, foram sempre adaptados e moldados à realidade vivenciada naquele momento, a fim de satisfazer a insensata curiosidade das pessoas. Infelizmente, não são poucas as vezes em que essas coisas causaram e continuam causando descrédito aos verdadeiros ensinamentos da Palavra de Deus. Jesus adverte: *“não vades após eles”*. Uma coisa é certa: se estamos seguros de que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e sua doutrina é único e verdadeiro evangelho de Deus, temos de nos fazer surdos a quaisquer anúncios de outros cristos ou mesmo de outros evangelhos.

Lamentavelmente, essa é uma questão que está muito presente entre os chamados *“evangélicos”* do século 21, em que existem as maiores distorções com o nome de igrejas evangélicas: (a) Seja no sentido comercial, onde algumas denominações tornaram-se verdadeiros shoppings centers da religião, os vendilhões do século 21. (b) Seja no sentido místico, em que práticas umbandistas, espíritas e outras anticristãs proliferam abertamente sob o *“guarda chuva chamado evangélico”*. São tempos difíceis para nós se pautamos nosso viver somente pelas Escrituras Sagradas, nossa única regra de fé e prática.

Jesus prossegue na descrição da destruição de Jerusalém, afirmando que os discípulos deveriam esperar grande comoção nas nações: guerras, catástrofes extraordinárias de toda classe (v. 9-11). De fato, Deus tem muitas maneiras para castigar aqueles que provocam a sua ira.⁶ Ainda que naquele tempo os judeus mais terríveis fossem os religiosos, onde o pecado era muito mais de ordem espiritual. Por outro lado, isso não impediu que Deus castigasse o povo com calamidades sociais e até de ordem temporal. Entretanto, o Santo Senhor anima os seus: *“não vos assusteis”* (v. 9).

Jesus prossegue afirmando aos seus discípulos que eles mesmos serviriam de sinal e testemunho diante dos homens: *“Mas antes de todas estas coisas, vos hão de prender e perseguir, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por causa*

⁶ Vale lembrar que o martírio e a crucificação de Cristo foi um ato de inigualável crueldade em toda história da humanidade. Diante de tal insanidade, os judeus ainda disseram: *“o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”* (Mt 27.25). Portanto, o juízo de Deus sobre aqueles escarnecedores era inevitável e iminente, e assim aconteceu.

⁷ No grego clássico, este verbo indica o susto de um animal diante de algo inusitado.

de meu nome” (Lc 21.12). Observe-se que, aqui, Jesus faz ver tanto o martírio glorioso dos perseguidos, quanto o terrível pecado dos perseguidores.

Cristo anima-os a suportar as perseguições e martírios que estavam por vir. Promete-lhes assistência divina, afim de que não tenham de preocupar-se com o que haveriam de falar em tais circunstâncias porque ele mesmo lhes daria sabedoria (Lv 21.15). Ainda que alguns dos discípulos padecessem, Jesus é a segurança espiritual, o que aqui se promete tal com Paulo afirmou acerca da morte em Filipenses 1.21.

Em suma, a resposta de Jesus separa as três perguntas iniciais dos discípulos, tornando-as duas. Explica aos discípulos que a destruição de Jerusalém é um evento destinado a vir ainda naquela geração, e que sua volta e fim do mundo é outro evento a acontecer juntos no futuro. Berkhof corretamente afirma que a volta de Cristo porá fim a este mundo, e ambas acontecerão numa mesma época, “Cristo apresenta os dois eventos (parousia⁸ e fim do mundo) em sincronia. Pedro e Paulo também falam dos dois como coincidentes”.⁹

Entretanto, a relação entre a destruição de Jerusalém com volta do Senhor, é que a primeira ilustra a segunda, isto é, a destruição de Jerusalém aclara a vinda do Senhor com o juízo de Deus sobre toda humanidade. A seqüência de tempo entre os dois eventos é indeterminada. Halley concorda com Berkoff ao afirmar: na perspectiva de Jesus, esses dois eventos, com algumas características típicas de um e outro, estavam muito aproximados entre si, “apesar de longo intervalo de tempo entre os dois”.¹⁰

Observe-se o cuidado de Jesus. Ele começa avisando a seus discípulos contra o perigo de serem enganados por falsos profetas ao chegar sobre Jerusalém a destruição (Lc 21.8,9). Ele sabia que um grande caos se instauraria, mas os discípulos não deveriam perder o controle. Precisavam estar conscientes de que aquele acontecimento não era o fim do mundo. Os falsos cristos que surgiriam na tentativa de arregimentar militarmente o povo contra Roma, as guerras, fome e pestilência (conseqüência direta das guerras) e as calamidades naturais, todas estas coisas ainda não constituiriam um sinal do fim do mundo – “...mas o fim não será logo” (Lc

⁸ “Parousia” é uma transliteração grega para denominar a segunda volta de Cristo.

⁹ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1990. p. 709-710.

¹⁰ HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico*. 3ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 393.

24.9). Jesus, seqüencialmente, insere no relato uma série de eventos que se conectam não a destruição de Jerusalém, mas ao fim dos tempos: “Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; e haverá em vários lugares grandes terremotos, e pestes e fomes; haverá também coisas espantosas e grandes sinais no céu” (Lc 21.11). O grande ensino que Jesus nos deixa é que, em todas as pressões contra os salvos, a vitória não caberá aos opositores; ela será sempre do Senhor.

O Mestre fala diretamente sobre a destruição de Jerusalém, fazendo referência à profanação do templo mencionada em Daniel (Dn 7.13), relacionando-a com a chegada do general romano Tito. Nesse aspecto, o Evangelho de Lucas traz luz ao texto de Mateus: “Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então os que estiverem na Judéia fujam para os montes; os que estiverem dentro cidade saiam; e os que estiverem nos campos não entrem nela” (Lc 21.20,21).

Nessa parte, Jesus passa a orientar o povo de Jerusalém quanto à conduta, quando a destruição chegasse. Há relatos de antigos historiadores que confirmam que muitos judeus escaparam de Jerusalém exatamente por seguirem as instruções de Jesus, quando chegou à destruição.¹¹ Cristo fala do sofrimento que as grávidas e das que estiverem amamentando iriam passar nessa terrível época por causa da dificuldade que teriam em viajar, se a destruição ocorresse no inverno.

No texto paralelo de Mateus, Jesus alerta para o legalismo que ainda estava na mente dos discípulos: “Orai para que a vossa fuga não suceda no inverno nem no sábado” (Mt 24.20). Aqui ele refere-se à tradição legal dos judeus, que só permitia viagem de curta distância no dia de sábado, portanto, insuficiente para fuga de Jerusalém.

Os horrores do cerco de Jerusalém se cumpriram totalmente conforme profetizado pelo Senhor. “Cerca de um milhão de judeus foram mortos, a maioria sendo crucificada e uns dois milhões vendidos como escravos miseravelmente.”¹²

Nunca na história de Israel eles haviam passado por um massacre como esse. Caso continuasse, teria significado a destruição de todo povo

¹¹ SUMERS, Ray. *A Vida no Além*. Rio de Janeiro: Juerp, 1979. p. 106.

¹² DAVIDSON, F. M. A. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1979. p. 978.

hebraico, e ninguém sobreviveria. Pode-se afirmar que, na providência de Deus, aqueles dias foram abreviados por causa dos judeus que haviam recebido Cristo como o Messias de Deus.

21.3 - Versículos 25 a 33 – A segunda vinda de Jesus, o fim do mundo

Há de se observar que a visão de Jesus quanto ao futuro era sempre ilustrativa e indeterminada. Mesmo assim não se pode esquecer que Jesus dirigia-se a judeus familiarizados com a escatologia. Assim, o dia do Senhor, anunciado pelos profetas, já começou com o nascimento de Jesus e atingirá o seu auge com a sua volta para arrebatá-la sua igreja. É por isso que o Mestre apresenta como primeiro sinal de sua volta à destruição de Jerusalém. Dessa forma, os “últimos tempos” já começaram. A primeira vinda de Jesus inaugurou a era escatológica predita pelos profetas.

Antes de prosseguir no comentário de Lucas 21.25-33, é preciso definir o que é a segunda volta de Jesus Cristo, também chamada de parousia. No que se refere à volta do senhor, existem várias interpretações, logo, uma definição destes termos faz-se necessária. Alguns chegaram a pensar que a volta de Jesus cumpriu-se na descida do Espírito Santo, no dia de pentecostes. Outros viram o cumprimento na destruição de Jerusalém em 70 d.C. Embora desde cedo esse evento tenham sido interpretados como a vinda de Jesus, em juízo, sobre a nação de Israel, porque o rejeitou como o Messias. Ainda há aqueles que advogam que as promessas da volta estejam ligadas somente à vinda de Jesus para receber o crente na hora da morte. Usam o texto de Atos 7.55 onde Estevão, ao ser apedrejado, viu “... o Filho do homem em pé à direita de Deus” para recebê-lo. Mas a grande verdade é que esta não é ainda a parousia; não é a volta do Senhor.

Nessa perspectiva, a mensagem nos Evangelhos, em Atos, nas Epístolas e no Apocalipse é sobre uma volta de Cristo ao mundo, pessoal, visível e triunfante, para consumir o propósito de Deus na história e para o estabelecimento da completa ordem social e eterna.¹³ Essa é a definição que adoto, nesse comentário, para a vinda do Filho do homem como escreve Lucas, ou a segunda vinda de Jesus, a parousia.

¹³ SUMERS, Ray. A Vida no Além. 2ª. ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1979, p. 95.

De fato, quando Jesus fala da consumação, ele sempre usa símbolos. Deus é Rei, e à dextra de seu trono assenta-se o Filho do homem: “então verão vir o Filho do homem em uma nuvem com poder e grande glória” (Lc 21.27). Essa linguagem baseia-se em Daniel, – “eu estava olhando nas minhas visões noturnas, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o filho de homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e foi-lhe apresentado diante dele” (Dn 7.13).

Outro aspecto de difícil compreensão é a impressão de que Jesus tinha em mente fazer uma transição dos dias de tribulação da destruição de Jerusalém para a tribulação dos dias relacionados com a sua volta e o fim do mundo (v. 25,26). O fato problemático, porém, é que essas interpretações não satisfazem integralmente a passagem como um todo. O que o Senhor quis realmente dizer com estas palavras? Entendo que a resposta está na frase do texto paralelo de Mateus: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem...” (Mt 24.30) com “*igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabeis que ele está próximo, mesmo às portas*” (Mt 24.33).

É possível que a mensagem principal de Jesus para nós é que, imediatamente após a destruição de Jerusalém, continuariam aparecendo os sinais comprobatórios da sua vinda, e a destruição de Jerusalém era um sinal, mas os sinais não terminariam com esse evento. Os diversos sinais, no decorrer dos séculos vindouros, seriam um atestado de garantia de que a profecia do Mestre jamais falhará. Nessa perspectiva, os discípulos naqueles dias, ao verem acontecer a destruição de Jerusalém, teriam uma revitalização da fé em seu Senhor e Mestre, porque estava se cumprindo o que ele predisse. Essa realidade faz muito sentido quando se faz a seguinte pergunta: o que adiantaria para os discípulos, se os sinais só comessem acontecer num futuro muito distante, (p.ex.: século 25) quando eles não mais estariam aqui na terra? Nada...

Nesse contexto, essa interpretação também justifica as palavras de Jesus quando disse “não passará esta geração até que tudo isto se cumpra” (Lc 21.32). Aqui Jesus se referia, principalmente, à continuidade na manifestação dos sinais e, também, ao início de seu sermão, acerca da violência, tumulto, agonia, rumores falsos acerca de sua volta como, também, a evangelização dos quatros cantos da terra.

Vale aqui citar que alguns intérpretes entendem que a expressão *esta geração*, incluía a idéia de raça. Pensam eles que Jesus estava

dizendo que sua vinda estaria dentro do tempo em que a raça humana ainda estaria no mundo.¹⁴ Lenski sustenta que a palavra se refere particularmente aos judeus, os quais na sua perversidade estavam rejeitando a Jesus quando ele estava no mundo e continuariam a rejeitá-lo.¹⁵ Gundry, por sua vez, faz uma interpretação curiosa. Afirma: “essa geração, isto é, a geração que começar a contemplar os portentos da tribulação poderá estar certa de que o fim está verdadeiramente próximo”.¹⁶ Particularmente discordo das interpretações de Lenski e Gundy, porque na verdade os sinais da volta do Senhor realmente começaram naquela geração, tanto é que os apóstolos chegaram a pensar durante algum tempo que Jesus viria ainda em seus dias. Observe-se que, nessa perspectiva, Tiago disse que Jesus estava à porta: “*Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, para que não sejais julgados. Eis que o juiz está à porta*” (Tg 5.9). Pedro exortava os crentes à vigilância devido à proximidade do fim: “*Mas já está próximo o fim de todas as coisas; portanto sede sóbrios e vigiai em oração*” (1Pe 4.7). Paulo no início de seu ministério, também parecia ter o mesmo pensamento: “*... Perto está o Senhor*” (Fp 4.5). Ainda em 1Coríntios 15.52 e 1Tessalonicenses 4.17 respectivamente, ele parece *se incluir* na transformação dos vivos por ocasião da volta de Jesus, ao usar o pronome “*nós*” nestas cartas – “*Num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta... nós seremos transformados*” “*Depois nós os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens...*” (1Ts 4.17).

Todavia, particularmente na igreja de Tessalônica, esse entendimento de iminente vinda do Senhor causou uma grande confusão: alguns deixaram de trabalhar, estavam perturbados e temerosos tornando-se pessoas inconvenientes à comunhão cristã. Nesse momento, Paulo esclarece: “*não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como enviada de nós, como se dia do Senhor estivesse já perto*” (2Ts 2). O apóstolo não pára aí; ele enfatiza que Jesus não voltará antes que seja manifestada a apostasia, formando um ambiente onde será revelado o homem do pecado:

¹⁴ Ver C.E.B. CRANFIELD, *Mark*. SJTh 6. Cambridge: Cambridge. University Press, 1953, p. 409.

¹⁵ LENSKI in SUMMER obra citada, p. 110.

¹⁶ GUNDRY, R. H, *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 207.

“*Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição*” (2Ts 2.4).

Jesus descreve que a sua vinda será vista por todas as pessoas, não será possível esconder-se, será um evento colossal. Na comparação que ele fez com a geração de Noé, fica caracterizado que sua volta será repentina, inesperada e surpreenderá os espiritualmente despreparados. Quer sejam incrédulos confessos, quer seja o mau servo da parábola contada no mesmo capítulo do sermão escatológico (narrado por Mateus). Ou algum indivíduo que falsamente se professe discípulo. A parábola das dez virgens ilustra melhor o contraste entre os preparados e os despreparados. Portanto, o alerta a toda humanidade é: *prepare-se; Jesus voltará e estabelecerá o juízo final sobre todas as pessoas*.

21.4 - Versículos 34 a 38 – A vigilância

Jesus alerta seus discípulos quanto à falsa segurança e à sensualidade (v. 34,35). Essa advertência se aplica a todos os salvos de todas as épocas. Uma pessoa só está segura quando está a salvo do pecado. Em todo tempo devemos estar alertas quanto ao pecado, mas há épocas que requerem uma vigilância especial. Nesse texto de Lucas, Jesus especifica dois perigos: (1) De não estar atento para vinda do grande dia do Senhor. Logo, esse dia será um grande problema para aquelas pessoas que forem surpreendidas como de assalto. Sem esperá-lo e nem estarem preparadas para tal. (2) O segundo alerta do Mestre é para o perigo de se entregar aos desejos da carne. O termo grego *barēthosin* é o primeiro aoristo de *barēō*, que é um antigo verbo que denota carregar, deprimir e que, juntamente com as palavras gregas “*me pote*”, conforme está no versículo 34, indica também libertinagem.¹⁷ Jesus também alerta para o perigo da embriaguez. Vale citar que na maioria dos alvoroços e convulsões sociais do mundo, como nas dificuldades pessoais, muitos recorrem às bebidas e às drogas para tentarem esquecer ou mesmo aplacarem as suas dores.¹⁸

O conselho de Jesus é para que todos estejam preparados para o juízo final. O objetivo principal do alerta é “*para que possais escapar de*

¹⁷ ROBERTSON, A.T. *Comentário al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 2003, p. 176.

¹⁸ LENSKI In HENRY, M. *Comentário Bíblico*. Barcelona: Clie, 1999, p.1335.

todas estas coisas que hão de acontecer, e estar em pé na presença do Filho do homem” (v. 36). Assim, escaparão de todas as calamidades mas, especialmente, dos pecados que causam essas calamidades. Nesta perspectiva, o melhor modo de se encontrar dignos é estarmos conscientes de nossa própria indignidade.

Capítulo 22

Versículos 1 a 71

1 ESTAVA pois perto a festa dos asmos, chamada a páscoa.

2 E os principais dos sacerdotes, e os escribas, andavam procurando como matariam; porque temiam o povo.

3 Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze;

4 E foi, e falou com os principais dos sacerdotes, e com os capitães, de como lho entregaria;

5 Os quais se alegraram, e convieram em lhe dar dinheiro.

6 E ele concordou, e buscava oportunidade para lho entregar sem alvoroço.

A última páscoa - A santa ceia
Mat. 26.17-30 e refs.

7 Chegou, porém, o dia dos asmos, em que importava sacrificar a páscoa.

8 E mandou a Pedro e a João dizendo: Ide, preparai-nos a páscoa, para que *a* comamos.

9 E eles lhe perguntaram: Onde queres que *a* preparemos?

10 E ele lhes disse: Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem, levando um cântaro d'água; segui-o até à casa em que ele entrar.

11 E direis ao pai de família da casa: O Mestre te diz: Onde está o aposento

22.1 - Versículos 1 a 7 – O pacto da traição

Aqui começa a parte histórica da vida terrena do Salvador. Era o tempo da páscoa quando Jesus chegou a Jerusalém. Também começando no dia da páscoa, havia a festa do pão *ázimo*, isto é, o pão sem fermento. A festa dos ázimos durava uma semana e começava em 15 de *nisán* (abril) até 21 de *nisán*. A páscoa se comia no dia 15 de abril comemorando-se a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito (Ex 12). A tradição judaica exigia que todo israelita, maior de idade,¹ que morava até 25km de distância de Jerusalém teria de ir ali celebrar a páscoa. Esse era o sonho de todo judeu,

¹ A maior idade era considerada 30 anos, razão pela qual Jesus só começou seu ministério aos 30 anos.

em que hei de comer a páscoa com os meus discípulos?

12 Então ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado; aí fazei preparativos.

13 E, indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a páscoa.

14 E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e com ele os doze apóstolos.

15 E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça;

16 Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus.

17 E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós;

18 Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus.

19 E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.

20 Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento do meu sangue, que é derramado por vós.

21 Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa.

22 E, na verdade, o Filho do homem vai segundo o que está determinado, mas aí daquele homem por quem é traído!

23 E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isto.

O maior será como o menor
Mat. 20.25-28 e refs.

24 E houve também entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior.

25 E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores.

26 Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós será como o menor; e quem governa como quem serve.

27 Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu porém, entre vós sou como aquele que serve.

ir a Jerusalém celebrar a páscoa pelo menos uma vez na vida. Razão pela qual sempre havia muitos peregrinos em Jerusalém por ocasião da páscoa.

Havia muitos judeus em Jerusalém na páscoa, e devido Israel naquele período ser colônia de Roma, aquele era um momento de tensão social. Por isso o destacamento de tropas romanas sediadas em Jerusalém na semana da páscoa era sempre dobrado.

Nesse contexto de tensão social, a preocupação das autoridades religiosas judaicas em prender Jesus sem provocar uma convulsão social faz sentido. Assim viram a solução na traição de Judas. Satanás entra em Judas. Agora, Judas, sob a influência de Satanás, oferece-se com instrumento para entregar Jesus aos principais sacerdotes longe da multidão. Vale citar que o ser humano pode ser um instrumento para o bem ou para mal. Instrumento de Deus ou do diabo. Ainda, não creio que o salvo, que é o templo do Espírito Santo, possa ser instrumento de satanás como defendem alguns. Meu entendimento está na afirmação do apóstolo João de que o maligno não *toca* nos salvos (1Jo 5.18).

Em relação a Judas, Satanás não teria entrado em seu coração se ele não houvesse aberto a “porta”. Isso por que o coração humano só tem chave de abertura pelo lado de dentro.

22.2 - Versículos 8 a 20 – A última páscoa e a instituição da ceia

Mais uma vez Jesus não deixa as coisas para o último momento. Ele havia

28 E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações.

29 E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou;

30 Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel.

Pedro é avisado
Mat. 26.33-35 e refs.

31 Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo;

32 Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.

33 E ele lhe disse: Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte.

34 Mas ele disse: Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces.

As duas espadas

35 E disse-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje, ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada.

36 Disse-lhes pois: Mas agora, aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e, o que não tem espada, venda o seu vestido e compre-a;

37 Porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado. Porque o que *está escrito* de mim terá cumprimento.

38 E eles disseram: Senhor, eis aqui duas espadas. E ele lhes disse: Basta.

Jesus em Getsêmane
Mat. 26.36-46

39 E, saindo, foi, como costumava, para o Monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram.

40 E, quando chegou aquele lugar, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação.

41 E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava,

42 Dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.

planejado detalhadamente tudo. As casas mais abastadas tinham dois andares, que mais pareciam formadas por duas caixas, uma em cima da outra. Sendo a de cima menor. O acesso à parte de cima se dava por uma escada exterior. Na páscoa, a hospedagem em Jerusalém era gratuita, mas o hospedeiro poderia receber a pele do cordeiro que os hóspedes comiam naquela ocasião. Todavia, a habitação superior só poderia ser usada por um rabino com seus discípulos mais próximos.

Jesus havia enviado Pedro e João para dispor de uma habitação assim, dando-lhes em previsão um detalhe muito especial “um homem com um cântaro carregando água”. Esse detalhe é importante porque naquela época carregar água era tarefa para mulheres e, portanto, seria fácil identificar aquele homem.

Jesus aproveitou a oportunidade para despedir-se de todas as páscoas (v. 16). Essa verdade tem um duplo cumprimento: (a) Cumpriu-se primeiramente quando “nossa páscoa é Cristo, e já foi sacrificado por nós” (1Co 5.7). (b) Cumpriu-se e segue cumprindo sempre que se celebra a ceia do Senhor, na qual se comemora a morte e ressurreição do Senhor, até que ele volte para buscar a sua igreja.

Jesus usa os símbolos tradicionais da páscoa para dar-lhe um novo significado. O partir do pão significa o quebrantamento do corpo de Cristo como sacrifício de expiação por nossos pecados (v. 19 comparado com Atos 2.42; 1Coríntios 10.16; 11.24,26). “Isto é o meu corpo que é dado por vós...” isto é, entregue à morte

43 E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava.

44 E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão.

45 E, levantando-se da oração, veio para os seus discípulos, e achou-os dormindo de tristeza.

46 E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação.

Jesus é preso

Mat. 26.47-56 e refs.

47 E, estando ele ainda a falar, surgiu uma multidão; e um dos doze, que se chamava Judas, ia adiante dela, e chegou-se a Jesus para o beijar.

48 E Jesus lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do homem?

49 E, vendo os que estavam com ele o que ia suceder, disseram-lhe: Senhor, feriremos à espada?

50 E um deles feriu o servo do sumo sacerdote, e cortou-lhe a orelha direita.

51 E, respondendo Jesus, disse: Deixai-os; basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou.

52 E disse Jesus aos principais dos sacerdotes, e capitães do templo, e anciãos, que tinham ido contra ele: Saistes, como a um salteador, com espadas e varapaus?

53 Tenho estado todos os dias convosco no templo, e não estendestes as mãos contra mim, mas esta é a vossa hora e o poder das trevas.

Pedro nega a Jesus

Mat. 26.69-75 e refs.

54 Então, prendendo-o, o levaram, e o meteram em casa do sumo sacerdote. E Pedro seguia-o de longe.

55 E, havendo-se acendido fogo no meio do pátio, estando todos sentados, assentou-se Pedro entre eles.

56 E como certa criada, vendo-o estar assentado ao fogo, pusesse os olhos nele, disse: Este também estava com ele.

57 Porém ele negou-o, dizendo: Mulher, não o conheço.

58 E, um pouco depois, vendo-o outro, disse: Tu és também deles. Mas Pedro disse: Homem, não sou.

(comparar com João 3.16 e Gálatas 2.20b). Nessa perspectiva, o pão, como alimento básico, nos é dado para nutrir o corpo físico. Na ceia, o pão é o símbolo do corpo de Cristo, “pão vivo descido do céu” (Jo 6.51), destinado a nutrir espiritualmente nossa alma. Partimos esse pão em memória de Jesus Cristo.

Vale acrescentar que o grego do Novo Testamento usa sempre o termo “*anámnesis*” que significa recordação ou ato de recordar. E nunca usa o termo “*mnemósunon*” que significa memorial, objeto de recordação, para nos dá a entender que a ceia do Senhor, como ordenança e meio de graça, não exerce sua vitalidade pelo que o pão é em si e, muito menos, por uma suposta transubstanciação. Mas, sim, pela fé do salvo suscitada pelo símbolo representativo do que Cristo fez por nós. Por essa fé entramos em comunhão espiritual (Jo 6.33).

O derramamento do sangue de Cristo, sem o qual não há remissão de pecados (At 9.22), está representado no cálice de vinho. Assim como as uvas foram prensadas para formar o vinho, nosso Senhor também foi “prensado” (Getsêmane = lugar de prensa) de forma que todo o seu sangue foi derramado para selar o novo pacto do Deus misericordioso com a humanidade miserável (v. 20 comparado com Hebreus 9.11-22). Moisés declarou que só o sangue pode fazer “*expição sobre o altar por vossas almas*” (Lv 17.11). A cruz foi esse único altar conforme afirma o escritor de Hebreus (Hb 13.10). Assim, a nova aliança é alicerçada no sangue que, em figura, aqui é

59 E, passada quase uma hora, um outro afirmava, dizendo: Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu.

60 E Pedro disse: Homem, não sei o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo.

61 E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Antes que o galo cante hoje, me negarás três vezes.

62 E, saindo Pedro para fora, chorou amargamente.

Jesus perante o sinédrio

Mat. 26.57-68 e refs.

63 E os homens que detinham Jesus zombavam dele, ferindo-o.

64 E, vendando-lhe os olhos, feriam-no no rosto, e perguntavam-lhe, dizendo: Profetiza, quem é que te feriu?

65 E outras muitas coisas diziam contra ele, blasfemando.

66 E logo que foi dia ajuntaram-se os anciãos do povo, e os principais dos sacerdotes e os escribas, e o conduziram ao seu concílio;

67 E lhe perguntaram: És tu o Cristo? dize-no-lo. Ele replicou: Se vo-lo disser, não o creerei;

68 E também, se vos perguntar, não me respondereis, nem me soltareis.

69 Desde agora o Filho do homem se assentará à direita do poder de Deus.

70 E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou.

71 Então disseram: De que mais testemunho necessitamos? pois nós mesmos ouvimos da sua boca.

bebido. Acabara-se a antiga aliança, e havia necessidade de sangue para se estabelecer a nova.

22.3 - Versículos 21 a 38 – Divisão entre os discípulos

Jesus deixa claro que o traidor está ali entre eles, e que seria um dos seus doze discípulos (v. 21). Ao colocar essa parte do discurso após a ceia, ainda que em Mateus e Marcos apareça antes, Lucas aparentemente dá a entender que Judas havia participado da ceia do Senhor. Mas João não deixa lugar para dúvida de que, Judas saiu da sala logo que recebeu o “bocado” (o pedaço de pão) (Jo 13.30). O que também é constatado em João 13.24 o qual faz referência a algo que já ocorreu antes da ceia.² Jesus predisse que a traição seria levada às últimas conseqüências. Estava determinado por Deus que Cristo morresse na cruz para redimir os que se salvariam (v. 22). Mas essa determinação de Deus não exime Judas de sua responsabilidade. Tal fato pode ser constatado por meio do “*ai*” proferido pelo Mestre. Outro aspecto a ser destacado neste versículo é que Jesus não foi forçado por Deus para morrer.

Ele coloca sua vida voluntariamente (Jo 10.18) nas mãos de Deus para que a redenção do homem pecador fosse possível. Por outro lado, ainda que o tenha feito voluntariamente, também o fez em obediência à vontade do Pai. A dificuldade de se compreender essa realidade é porque, às vezes, esquecemos que a obediência a Deus é a suprema liberdade.

² LENSKI In HENRY, M. *Comentário Bíblico*. Barcelona: Clie, 1999, p. 1336. Vale citar uma importante observação de Lenski de que Lucas organiza seu material de acordo com o conteúdo de suas narrações e parece não ter em conta a relação de tempo.

Os discípulos começam a fazerem um sério exame de consciência dentro de si mesmo como consta em Mateus 26.22 e Marcos 14.19. Lucas apenas faz referência a que eles começaram a discutir entre si sobre quem seria o traidor (v. 23). Aqui se vê uma bela expressão de fé dos discípulos em tudo que Jesus dizia. Exceto Judas, os demais não tinham uma má consciência, ao mesmo tempo em que cada um dos onze testemunhava a sua inocência.

Após essa narrativa, Lucas mostra que os onze discípulos, que eram inocentes quanto à morte de Jesus, começaram a pensar no reino, mas de uma maneira terrena (meramente em termos humanos e carnis). Começaram a disputar entre si para ver quem ocuparia o primeiro lugar (v. 24). Vale lembrar que essa situação ocorreu no momento no qual Jesus estava prestes a ser entregue ao martírio da cruz. Onde o Senhor lhes dava as últimas provas do seu infinito amor.

Jesus responde aos discípulos com simpatia e humildade. Ele mostra que o seu reino é totalmente diferente dos reinos deste mundo. Naquela época, os reis da terra eram chamados em adulação de benfeitores, salvadores. Embora não fossem nada disso e, sim, tiranos que oprimiam o povo, o povo servia ao rei. O mestre declara tacitamente: “mas vós não sereis assim” (v. 26a). Ao contrário, “o maior entre vós seja como o mais novo; e quem governa como quem serve” (v. 26b). É importante notar que o termo governa vem do grego “*hegoumenos*”, o mesmo vocábulo encontrado em Hebreus 13.7,17,24 que procede o termo hegemonia. Com estas palavras Jesus não estava abolindo toda autoridade, no sentido de faculdade delegada pelo Senhor em sua igreja. Já Hebreus 13.7 ensina a “*submeter-se aos vossos pastores*” (literalmente dirigentes). Contudo, dava a entender que não há outra hierarquia que não seja a humildade, o amor e o servir aos irmãos. O único senhorio na igreja é próprio da Deidade e da sua Palavra.

Em continuação, Jesus lhes agradece a fidelidade com que lhe seguiram até nas provações (v. 28). Jesus tinha consciência de que os onze não o tinha abandonado como aqueles discípulos desertores mencionados em João 6.66. Observe-se que Jesus, em sua graça, sempre foi agradecido pelo pouco que os discípulos lhe faziam. É verdade que os discípulos tinham muitos defeitos, mas Jesus não levou isso em conta naquele momento. Esse é um bom exemplo para aqueles que, na maioria das vezes, só “enxergam” o pior das pessoas.

O Mestre ainda afirma que os discípulos não teriam que disputar pelos reinos e coisas desse mundo porque ele tinha reservado para eles um

reino (v. 30). Um banquete e um trono muito mais valiosos que todos os reinos do mundo. O versículo 30 é o único lugar em Jesus chama o reino de Deus e do céu de “meu reino”.

Jesus teria de passar pelo vale da sombra da morte, e como os seus discípulos o tinham seguido até aqui, não podiam, como homens vivendo na terra, ir mais longe... É nesse contexto que satanás quer peneirá-los como trigo (v. 31). Todavia, Satanás só pode tentar dentro dos limites que são permitidos por Deus, da mesma maneira que em Jó 1.12; 2.6. Essa grande verdade nos confere uma grande confiança em Deus de que não permitirá que sejamos tentados além do que podemos suportar (1Co 10.13). Se cairmos como Pedro é porque não procuramos essa via de escape da santa providência de Deus (ver também Tiago 4.7; 1Pedro 5.8,9).

Jesus intercede para que a fé de Pedro não desfaleça. Ainda que os salvos tenham muitos defeitos e sejam falhos em suas condutas, temos um Advogado que intercede por nós. Pedro, impetuoso segundo a carne, estava mais que todos os outros, exposto ao perigo de uma falsa confiança, proveniente dessa mesma carne. Aqui surge uma pergunta: por que Jesus orou somente por Pedro? Os romanistas dizem por que Pedro seria o primeiro papa, mas a verdade é em razão de que Pedro caiu profundamente como nenhum outro discípulo. Logo, quando se convertesse poderia ajudar aos demais com a sua própria experiência, podendo fazer com que a fé vacilante dos demais se fortalecesse.³ Aqui se vê que os que caem em pecado devem ser ajudados a voltar. Pedro doravante saberia o que é a confiança na carne, por um lado; e a perfeição da graça por outro. Portanto, assim sendo, ele seria capaz de fortalecer os seus irmãos.

Mesmo diante do alerta do Senhor, Pedro ainda pretende sair-se vitorioso de tudo (v. 33), mesmo nas coisas em que anteriormente havia falhado. Não há dúvida de que Pedro tenha respondido com toda sinceridade, mas estava confiante em suas próprias forças. Por isso Jesus o adverte, em breves palavras, da sua próxima queda (v. 34). Para o salvo é importante saber que Jesus conhece cada pessoa individualmente, mais que a própria pessoa se conhece. Para nós vem o consolo: Ele conhece os nossos pontos fracos e, portanto, onde também pode nos socorrer com graça mais abundante.

³ LENSKI In HENRY, M. *Comentário Bíblico*. Barcelona: Clie, 1999, p. 1337.

Jesus aproveita a oportunidade para prevenir os discípulos de que tudo ia mudar, em relação à sua posição como Mestre presente fisicamente entre eles e, também, nos princípios em que a relação deles com o Senhor se davam. Observe: em lugar de um Mestre (Messias) que cuidava deles na terra, haveria agora um Salvador rejeitado e elevado aos céus, enquanto eles aparentemente foram deixados expostos aos perigos e as fúrias desse mundo. Durante sua presença física na terra, Jesus os tinha guardado de todos os perigos, apesar de tê-los enviados para o meio dos judeus algumas vezes (v. 35). Mas nada lhes havia faltado. Contudo, a partir daquele momento, os discípulos estariam como o seu Mestre, expostos aos desprezos e à violência e, humanamente, teriam de cuidar de si mesmos. Eles não deveriam esperar que seus parentes e amigos lhes dispensassem importância com a mesma amabilidade de antes e, por conseguinte, “quem tiver bolsa, tome-a” (v. 36). Não de esperar igualmente que seus inimigos se portem com eles com maior frieza e desprezo que antes, razão pela qual deveriam prover-se do era necessário: “como também o alforje”. “E quem não tiver espada... compre-a”. É claro que Jesus não estava fazendo referência a que seus discípulos deveriam repelir força com força, mas que deveriam, também, estarem prontos a defenderem a causa do Mestre dos ataques que viriam (v. 36).

Eles entenderam as palavras Jesus literalmente. Pedro, sempre agindo rápido e refletindo pouco, apresenta-lhe duas espadas. Jesus o detém com uma simples palavra: “*basta*” (v. 38). É com triste ironia e com dor que Jesus dá fim ao assunto. Eles não estavam naquele momento com disposição para compreenderem as várias facetas daquele complexo problema.

22.4 - Versículos 39 a 46 – Jesus em Getsêmane

Aqui começa o pavoroso relato da agonia pela qual Jesus passou no horto do Getsêmane. Judas conhecia esse hábito de Jesus e, portanto, era uma ocasião perfeita para entregá-lo sem a agitação popular que tal ato pudesse causar. Seus discípulos, excetuando-se Judas, também o seguiram como haviam permanecido com ele em suas provações (v. 28), não o deixaria agora.

Quando chegou “àquele lugar”, lugar solitário de oração (Mt 14.23; Jo 6.15), Jesus exorta os seus discípulos a orarem para que “não entreis em tentação” (v. 40). Jesus está se referindo a uma verdadeira tentação e não meramente a uma prova. Jesus conhecia o poder da tentação e a necessidade da oração. Causa tristeza ver que eles não obedeceram ao Mestre e se deixaram vencer pelo sono (v. 45,46).

Jesus se afasta deles a uma distância de “cerca de um tiro de pedra; e pondo-se de joelhos, orava” (v. 41). Lucas não faz referência aos discípulos que ficaram na entrada do Getsêmane e nem a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu. E prossegue a descrição com o foco em Jesus. “Pondo-se de joelhos” (v. 41), Mateus descreve “prostrou-se com o rosto em terra”; já Marcos cita “prostrou-se em terra”. Essas pequenas diferenças podem ter lugar em diferentes intervalos de tempos. Mas em todas, Jesus persistia em oração.

A dependência de Jesus, como homem, é em seguida posta em cena da maneira mais emocionante que se pode imaginar. A cena do Getsêmane e a cruz, em Lucas, representam o homem inteiramente dependente de Deus. Jesus em oração submete-se à vontade de seu Pai, e um anjo vem confortá-lo (v. 43). Ainda que não fosse para livrá-lo do sofrimento, ele foi fortalecido e consolado para que pudesse suportar o que haveria de vir. Os anjos também haviam visitado Jesus quando ele conclui as três primeiras tentações ao começo de seu ministério (Mt 4.11).

Jesus, tendo plena consciência do momento que se aproximava “e, posto em agonia orava mais intensamente”. *A intensidade do combate aumenta sua comunhão com o seu Pai. Neste momento “o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue que caíam sobre o chão”* (v. 44). Um sangue espesso, coagulado (grego *hōsei thromboi haimatos*) – *thromboi* – de onde vem a palavra trombose. Era um momento de muita agonia e pressão emocional que o apertava demais, ao ponto de seu suor cair como coágulos de sangue... Foram momentos de intenso sofrimento para Jesus, sua capacidade de presciência o ligava diretamente aos terríveis horrores pelos quais passaria nos próximos dias.

Quanto aos discípulos, estão abatidos somente pela sombra dos acontecimentos que estavam por vir. Esses que obrigavam Jesus a permanecer em oração. Os discípulos se refugiam no esquecimento que o sono dá. Mas o Senhor, com a paciência da graça, repete-lhes a sua advertência: “*por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação*” (v. 46).

22.5 - Versículos 47 a 53 – Jesus é traído e preso

Judas, o traidor, lidera o grupo que vinha para prender Jesus. Ele aproveita seu conhecimento do lugar e dos costumes do Mestre para traçar e executar o plano que entregaria Jesus aos líderes religiosos judaicos. Judas encontrou uma maneira de traír Jesus de forma que as

autoridades pudessem prendê-lo sem que houvesse tumulto popular. Por sua traição os inimigos de Jesus lhe pagam trinta moedas de prata.

A multidão a que se refere o versículo 47 é de pessoas religiosas, os emissários do sinédrio. O capitão do templo era o responsável pela ordem no templo e os oficiais seus subalternos, estavam a cargo da prisão de Jesus. O traidor é identificado como um dos doze, uma trágica ironia. Era costume da época quando um discípulo encontrava seu mestre, colocava seu braço direito sobre o ombro esquerdo do mestre e o braço esquerdo no direito e dava-lhe um beijo no rosto. Foi o beijo do discípulo ao mestre que Judas usou como sinal de traição. Judas foi um homem que deixou Deus para fazer-se aliado de Satanás e chegou tão baixo a ponto de vender o Mestre.

Os demais discípulos, interpretando mal as palavras anteriores de Jesus, se põem em estado de guerra. Um deles fere a orelha do servo do sumo sacerdote. Ainda assim Jesus cura a orelha daquele servo do sumo sacerdote.⁴ Vale lembrar que os judeus, que vieram para prender Jesus, eram os religiosos e encarregados da ordem no templo. Mas estavam cegos e surdos para com Deus.

Os discípulos de Jesus não confiaram na providência de Deus; estavam convencidos de que aquele momento era o fim. E a última coisa em que pensavam era em Deus. Estavam preocupadíssimos com a terrível situação pela qual passavam. Esse é o grande momento em que o Mestre é posto a prova pelo desejo de evitar “o cálice”, mas aceita a vontade do Pai. É o clímax da luta com satanás (conforme Lc 4.1-13).

Jesus era o único que, em toda a cena, estava fazendo a vontade de Deus. É de admirar que, mesmo em seus últimos momentos, ele mostra serenidade e submissão completa do homem Jesus a Deus, enquanto o poder da morte, como provação, é sentido em seu mais alto grau. Só quando uma pessoa se submete plenamente à vontade de Deus pode estar acima das circunstâncias.

É digno de nota que Jesus censure os que vieram prendê-lo por procurá-lo em um lugar afastado, acobertados pela escuridão da noite. Isso acontece porque a ação ilegal deles não suportaria a luz do dia. Tal ato é sinal do

⁴ Lucas é o único evangelista a relatar esse detalhe do grandioso amor de Jesus Cristo.

“poder das trevas” (v. 53). A referência de Jesus à “hora” é em negativo, diferente do Evangelho de João, onde o tom é positivo (Jo 13.1; 17.1). Nesse caso a “vossa hora” era de trevas (v. 53), cujo significado é: aqueles “religiosos” que vieram prender Jesus estavam sob a égide do poder das trevas.

22.6 - Versículos 54 a 62 – Pedro nega a Jesus

Jesus deixa-se levar como um cordeiro ao matadouro.⁵ Logo em seguida, Pedro nega a Jesus, enquanto o Mestre confessa a *Verdade*. Lucas faz esse relato de um ângulo diferente de Mateus e Marcos onde são concentradas as atenções sobre as negações de Pedro.

Pedro já começa mal seguindo Jesus de longe. Pensou que, agindo assim, pudesse aplacar sua consciência e, ao mesmo tempo, salvar sua reputação pessoal. Mas afundou ainda mais ao juntar-se com os inimigos de Jesus, os criados do sumo sacerdote: “*sentou-se Pedro entre eles*” (v. 55). O resultado foi desastroso. A simples observação de uma criada o faz negar abertamente a Jesus. Pouco depois, um dos homens que ali estavam disse: “*tu também és um deles. Mas Pedro disse: Homem não sou*” (v. 58), e volta a negar o Senhor. Após aproximadamente uma hora, pela terceira vez, Pedro nega a Jesus quando outro homem o reconhece (v. 59).

O galo cantou pela segunda vez (v. 60) como Cristo havia predito.⁶ Isso despertou Pedro de seu sono espiritual. Note-se como Deus, em sua santa providência, serve-se de circunstâncias aparentemente insignificantes para fazer com que os salvos recobrem suas consciências.

Pedro acabava de negar Jesus três vezes. Jesus olha para Pedro (v. 61).⁷ Nesse momento, Jesus está sendo acusado como réu diante do sumo sacerdote. O olhar de Jesus para Pedro é de tristeza e compaixão. Era

⁵ É interessante notar que Jesus atravessa cada circunstância dentro de uma absoluta perfeição. Observe-se que ele sentia intensamente cada sofrimento, mas não se deixava governar por suas emoções. É digno de nota que embora estivesse em angústia e pensando no horrível cálice que o esperava, ainda assim manifestou graça por Pedro. Jesus é o maior exemplo de amor ao próximo.

⁶ Pedro permanece no pátio de onde Jesus o vê depois de o galo cantar. Talvez Lucas quisesse mostrar a disposição de Pedro, ainda que fraca, em ficar ao lado de Jesus, “resistindo” durante esse intervalo de tempo mesmo com o perigo de ser identificado.

⁷ Esse é um detalhe que apenas Lucas relata.

como se estivesse dizendo: “Pobre Pedro, o que seria de ti se eu não tivesse te levantado todas as vezes que caíste”?”

“Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito” (v. 61). Todo arrependimento começa com a recordação. No inferno, onde não há mais possibilidades de conserto, essa lembrança é e será uma chama a queimar nas consciências daqueles que ali habitam.

Ao ver, identificar e sentir profundamente o olhar o Jesus, Pedro sai e vai chorar arrependido de seu pecado (v. 62).

22.7 - Versículos 63 a 71 – Jesus perante o sinédrio

No pátio, sem um justo julgamento, acontece o castigo escarnecedor de Jesus. Um ato cruel e desumano feito por aqueles que eram os responsáveis pela “boa” ordem do templo. Aqui o ofício de Jesus como profeta é ridicularizado. Lucas considera, corretamente, tal fato blasfêmia contra Deus (v. 65).

Jesus não se identifica como o Messias esperado por eles e pelo povo. Mas fala de si como juiz de autoridade como Filho do homem (Dn 7.13,14). Aquele “tribunal” interpreta a resposta de Jesus como uma posição divina especial. Diante dessa resposta, o veredicto é a morte (Mc 14.62-64), sob acusação de blasfêmia. Como não tinham autoridade para impor uma sentença de morte, eles levam Jesus para submeter à acusação da autoridade de Roma.

Capítulo 23

Versículos 1 a 56

23.1 - Versículos 1 a 12 – Jesus perante Pilatos e Herodes

O capítulo 23 conclui a história do sofrimento e morte de Jesus. Há detalhes que só Lucas relata. Jesus foi injustamente condenado à morte por blasfêmia. Mas aqueles líderes religiosos sabiam que essa acusação não seria suficiente para tal condenação. Por isso, traçaram uma estratégia de mentiras e calúnias contra Jesus.

Levam Jesus a Pilatos e fazem as seguintes acusações: (1) Perverter a nação de Israel contra Roma. (2) Proibir o povo de pagar imposto a César, o imperador romano. Aqui se comprova que a inocência não é uma barreira contra a calúnia. Jesus havia ensinado claramente que se deveria pagar o tributo a César. (3) Em terceiro lugar, a acusação de que Jesus havia autoproclamado rei sendo, portanto, um rival do imperador.

1 E, LEVANTANDO-SE toda a multidão deles, o levaram a Pilatos.

2 E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este, pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei.

3 E Pilatos perguntou-lhe, dizendo: Tu és o Rei dos Judeus? E ele, respondendo, disse-lhe: Tu o dizes.

4 E disse Pilatos aos principais dos sacerdotes, e à multidão: Não acho culpa alguma neste homem.

5 Mas eles insistiam cada vez mais, dizendo: Alvoroca o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui.

6 Então Pilatos, ouvindo *falar* da Galiléia, perguntou se aquele homem era galileu.

7 E, sabendo que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o a Herodes, que também naqueles dias estava em Jerusalém.

8 E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito; porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas *coisas*; e esperava que lhe veria fazer algum sinal;

9 E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia.

10 E estavam os principais dos sacerdotes, e os escribas, acusando-o com grande veemência.

11 E Herodes, com os seus soldados, desprezou-o, e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma roupa resplandecente e tornou a enviá-lo a Pilatos.

12 E no mesmo dia Pilatos e Herodes entre si se fizeram amigos; pois dantes andavam em inimizade um com o outro.

13 E, convocando Pilatos os principais dos sacerdotes, e os magistrados, e o povo, disse-lhes:

14 Haveis-me apresentado este homem como pervertedor do povo; e eis que, examinando-o na vossa presença, nenhuma culpa, das de que o acusais acho neste homem.

15 Nem mesmo Herodes, porque a ele vos remeti, e eis que não tem feito coisa alguma digna de morte.

16 Castiga-lo-ei pois, e soltá-lo-ei.

17 E era-lhe necessário soltar-lhes um pela festa.

18 Mas toda a multidão clamou à uma, dizendo: Fora daqui com este, e solta-nos Barrabás.

19 O qual fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade e de um homicídio.

20 Falou pois outra vez Pilatos, querendo soltar a Jesus.

21 Mas eles clamavam em contrário, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o.

22 Então ele, pela terceira vez, lhes disse: Mas que mal fez este? Não acho nele culpa alguma de morte. Castiga-lo-ei pois, e solta-lo-ei.

23 Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado. E os seus gritos, e os dos principais dos sacerdotes, redobravam.

24 Então Pilatos julgou que devia fazer o que eles pediam.

25 E soltou-lhes o que fora lançado na prisão por uma sedição e homicídio, que era o que pediam; mas entregou Jesus à vontade deles.

Jesus no caminho do Gólgota

26 E quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus.

Pilatos logo percebeu que Jesus era inocente, “*não acho culpa alguma nesse homem*” (v. 4). Contudo, os acusadores de Jesus insistem em que ele seja condenado. Diante da moderação de Pilatos, que não achara nenhum delito em Jesus, eles se alvo-roçam e fazem mais uma acusação caluniosa, a de que Jesus alvo-roçava o povo com o seu ensino, desde a Galiléia até Jerusalém, influenciando toda a terra de Israel.

Ao mencionarem a Galiléia, dão a pilatos a oportunidade de desviar o caso para o tetrarca da Galiléia, Herodes Antipas, o qual também estava em Jerusalém por causa da festa da páscoa.

Entretanto, a curiosidade de Herodes em relação a Jesus já vinha de longe (Lc 9.9). Ele alegrou-se com a chegada de Jesus. Não para receber o evangelho, mas, sim, para satisfazer sua curiosidade na esperança de que Jesus fizesse algum milagre em sua presença. A questão é que Jesus não usava os seus poderes para dar espetáculos e nem para aparecer. Jesus não responde as perguntas mal-intencionadas de Herodes e nem ao pedido de um sinal espetacular, como assim o desejava Herodes.

Diante da negativa de Jesus em atender a sua curiosidade, Herodes, o trata de forma mordaz. Essa atitude irônica, em relação a Jesus, acaba com a animosidade que existia entre Herodes e Pilatos (v. 12), cuja causa pode ter sido a conduta citada em Lucas 13.1.

27 E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos, e o lamentavam.

28 Porém, Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos.

29 Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estereis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram!

30 Então começarão a dizer aos montes: Cai sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos.

31 Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?

32 E também conduziram outros dois, que eram malfeitores, para com ele serem mortos.

A crucificação

Mat. 27.33-56 e refs.

33 E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.

34 E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo os seus vestidos, lançaram sortes.

35 E o povo estava olhando. E também os príncipes zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou, salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus.

36 E também os soldados o escarneciam, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre,

37 E dizendo: Se tu és o Rei dos Judeus salva-te a ti mesmo.

38 E também por cima dele estava um título, escrito em letras gregas, romanas, e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS.

39 E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós.

40 Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação?

41 E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez.

Mais uma vez a história se repete: os inimigos públicos e particulares se unem para fazerem oposição a Deus, a Jesus e ao evangelho (Sl 2.2). A questão paradoxal é que tanto Pilatos quanto Herodes reconheceram que Jesus era inocente mas, mesmo assim, por questões políticas o condenaram injustamente.

23.2 - Versículos 13 a 25 – A sentença de morte

Jesus é mandado de volta a Pilatos. Observe-se que essa segunda cena diante de Pilatos é uma demonstração de: (1) De que Jesus realmente era inocente. (2) Da hostilidade da multidão influenciada fortemente pelos líderes religiosos. (3) Da fraqueza do caráter de Pilatos.

Pilatos tenta diversos caminhos para convencer aqueles que acompanhavam o julgamento que Jesus era completamente inocente. Mas ele não consegue aplacar a ira dos chefes religiosos que cada vez mais incitava o povo. Pilatos foi um fraco em seu caráter. Não fez o que era correto fazer, mesmo tendo a certeza de que Jesus estava inocente de todas as acusações levantadas contra ele.

Pilatos propõe soltar Jesus: “*castigá-lo-ei, pois, e o soltarei*” (v. 17). Pilatos usa uma lógica política (da política perversa) “Jesus é inocente, mas vou castigá-lo para satisfazer os líderes religiosos e depois o solto Jesus”. Note-se que, no pensamento de Pilatos, os acusadores de Jesus se dariam por satisfeitos com essa atitude. Ainda que se Jesus viesse a falecer em decorrência desse castigo, não seria o primeiro caso.

- 42 E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.
- 43 E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.
- 44 E era já quasi a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até a hora nona.
- 45 Escurecendo-se o sol, e rasgou-se ao meio o véu do templo.
- 46 E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou.
- 47 E o centurião, vendo o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo.
- 48 E toda a multidão que se ajuntara a este espetáculo, vendo o que havia acontecido, voltava batendo nos peitos.

A sepultura de Jesus
Mat. 27.55

- 49 E todos os seus conhecidos, e as mulheres que juntamente o haviam seguido desde a Galiléia, estavam de longe vendo estas coisas.
- 50 E eis que um varão por nome José, senador, homem de bem e justo,
- 51 Que não tinha consentido no conselho e nos atos dos outros, de Arimatéia, cidade dos judeus, e que também esperava o reino de Deus;
- 52 Esse, chegando a Pilatos, pediu o corpo de Jesus.
- 53 E, havendo-o tirado, envolveu-o num lençol, e pô-lo num sepulcro escavado numa penha, onde ninguém ainda havia sido posto.
- 54 E era o dia da preparação, e amanhecia o sábado.
- 55 E as mulheres, que tinham vindo com ele da Galiléia, seguiram também e viram o sepulcro, e como foi posto o seu corpo.
- 56 E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos; e no sábado repousaram, conforme o mandamento.

A segunda alternativa de Pilatos para soltar Jesus era seguir o costume de soltar um prisioneiro durante a festa da páscoa, uma espécie de perdão governamental a pedido do povo (v. 17), um costume local autorizado pelos procuradores da Judéia.

O povo clama pela liberdade do revolucionário e assassino, Barrabás, nos termos em que Barrabás era um perigo para estabilidade do governo de Roma.

A multidão fora de si pede a crucificação¹ de Jesus (v. 21). Aqui, é primeira vez que Lucas menciona a crucificação. Lucas não explica por que a multidão ficou enfurecida, mas Marcos mostra que os principais sacerdotes estavam por trás dessa terrível injustiça (Mc 15.11).

Ainda, pela terceira vez, Pilatos tenta arazoar perante o povo a inocência de Jesus (v. 22). Mas o povo tinha mais força no grito que na razão e “*instavam com grandes brados, pedindo que fosse crucificado*” (v. 23). A pressão era grande “*e prevaleceram os seus pedidos*”, (v. 23). De um lado o Filho de Deus, o céu, a luz e a salvação. Do outro lado, o assassino Barrabás, servo de satanás, um representante do inferno, as trevas e a perdição. Mas, por incrível que pareça, o povo escolheu o caminho das trevas e a perdição, exigindo que soltasse Barrabás.

¹ A crucificação era um castigo humilhante e cruel que os romanos aplicavam apenas aos escravos, e os não-romanos culpados dos maiores crimes. Os judeus viam essa prática como um sinal de maldição (Dt 21.23; Gl 3.12).

Finalmente prevaleceu a pressão dos líderes religiosos e a do povo, o qual foi usado como massa de manobra. Pilatos, mesmo tendo a certeza da inocência de Jesus (v. 4,14,15,20 e 22), cede e entrega Jesus para ser crucificado. A fraqueza do caráter de Pilatos o leva a cometer a maior barbárie de sua vida: entregar Jesus à vontade dos perversos líderes religiosos.

Esse episódio é um alerta contra muitas perversidades cometidas por alguns líderes que, na maioria das vezes, ainda ousam usar a alegação de que são “*ungidos do senhor*”.² Investidos de autoridade própria de império,³ massacram aqueles que ousam discordarem de suas idéias, muito à semelhança daqueles fariseus e saduceus que crucificaram Jesus. O consolo para você, que foi crucificado psicologicamente e socialmente, é saber que o juízo de Deus não falhará na justa justiça.

23.3 - Versículos 26 a 31 – Jesus no caminho da cruz

A crucificação de Jesus quebrou todos recordes de velocidade em injustiça. A rapidez com que Jesus é levado ao sinédrio “*logo que amanheceu*” (Lc 22.66), depois a Pilatos, que o envia a Herodes, o qual o reenvia a Pilatos. Todo esse processo até a sua crucificação não leva mais que seis horas. É a maior marca de injustiça cometida em todos os tempos, ainda mais contra o Justo, contra o Filho de Deus.

Simão, o cireneu, é o personagem mencionado em todos os evangelistas. Ele “*vinha do campo e puseram-lhe a cruz às costas, para que levasse após Jesus*” (v. 26). Simão recebe a viga horizontal da cruz, que se tornara pesada demais para Jesus em seu estado de fraqueza (proveniente dos terríveis acoites e torturas). Essa viga era presa à viga vertical que ficava fixada ao solo no local da execução.

² “senhor” com letra minúscula mesmo porque não é o Santíssimo Senhor Deus Yahweh. Faço, aqui, esta citação em caráter de solidariedade aos que sofrem injustamente. Infelizmente, essa deplorável realidade não é rara nas igrejas. Tenho acompanhado a dor e o sofrimento de inúmeros irmãos honestos, em seus desabafos, quando sou procurado para aconselhamento.

³ Entendo que nas igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira, onde o sistema oficialmente é democrático de direito e de fato. Esse tipo de prática é ilegal, contra a ética denominacional e é, até mesmo, imoral. Nesses casos a democracia está sendo usada apenas como fachada. É o que se poderia chamar democracia de direito, mas não de fato. Isso é hipocrisia em seu mais puro sentido.

Um detalhe interessante relato por Lucas é que Simão ia atrás de Jesus. Isso sugere que o discípulo ideal segue as pegadas de seu Mestre. Em seqüência, apenas Lucas menciona que nem todos eram inimigos de Jesus, aliás, muitos eram a favor de Jesus – *“segui-o grande multidão do povo e de mulheres, as quais o pranteavam e lamentavam”* (v. 27). Cristo se volta para elas e disse: *“Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos”* (v. 28). Jesus faz outra declaração profética sobre Jerusalém (conforme Lucas 19.42-44). As mulheres de Jerusalém, que costumavam confortar os prisioneiros condenados, recebem o pronunciamento do juízo divino contra a cidade e para elas também.

Jesus finaliza o diálogo com as mulheres com o seguinte provérbio: a madeira seca queima muito melhor que verde. Com isso ele queria dizer: se o Filho de Deus, sendo inocente está sofrendo em demasia o que não sofrerá a Jerusalém corrupta e culpada diante de Deus. Para nós fica uma preciosa lição: os grandes servos de Deus, comparados Jesus, são como lenha seca. E se ele sofreu, como não sofreremos nós também? As injustiças, as calúnias, as perseguições sempre estarão em nosso caminho. Infelizmente, a inocência não oferece barreira contra as injustas e perversas calúnias tão nocivas à vida eclesíásticas.

23.4 - Versículos 32 a 49 – A crucificação e morte de Jesus

Lucas usa o nome caveira (crânio) para descrever o lugar em que Jesus foi crucificado. Ele não usa o termo aramaico *“gólgota”* como fazem os outros evangelistas. O nome crânio descrevia a formação rochosa do calvário que tinha a aparência de um crânio humano.

Jesus é crucificado entre dois criminosos, conforme estava predito pelos profetas (Lc 22.37; Is 53.12). Os malfeitores iam ser crucificados porque mereciam, mas Jesus era inocente, ainda que Deus o fizesse pecado por nós (2Co 5.21).

Os soldados, responsáveis pela execução de Jesus, ficaram com as suas vestes como uma espécie de propina pela realização da macabra tarefa. Essa divisão das vestes de Jesus cumpre as palavras do Salmo 22.19. Jesus pronuncia as palavras de perdão. O pecado do qual eram culpados poderia ser tido como imperdoável. Porém, Jesus intercedeu por eles (Is 53.12). Todos que se arrependem e crêem no evangelho alcançam graça perdoadora de Jesus. Seu sangue fala mais alto e melhor

que o de Abel. O sangue de Abel pedia vingança, o de Jesus perdão (Hb 12.24).

Lucas não absolve o povo judeu pela morte de Jesus. Ainda deixa claro que o ocorrido foi por inveja. Conseqüência da hostilidade dos chefes religiosos judeus contra Jesus.⁴ A inveja começou no Éden e acompanha a humanidade. Quantas injustiças são cometidas no mundo por causa da inveja! Isso não deveria acontecer nas igrejas, jamais entre os pastores, mas acontecem e não são raros os casos. Vidas preciosas têm sido afetadas por esse mal que levou a morte de nosso Senhor e ainda continua matando emocional, social e até fisicamente.

Lucas mostra os escarnecedores de Jesus referindo-se a ele como “o Eleito” (escolhido – v. 35) – da mesma forma que na transfiguração – 9.35) em vez de “rei de Israel” (Mt 27.42; Mc 15.32), título de menos importância para seus leitores que não eram judeus.

Os soldados lhe oferecem para beber sua bebida ordinária, um vinho de péssima qualidade, um tipo de vinagre. Era uma zombaria oferecer tal bebida a um rei e não um ato de bondade, como parece à primeira vista.

A inscrição posta sobre sua cabeça – “ESTE É O REI DOS JUDEUS” – nas três línguas era para mostrar que Jesus estava sendo morto por pretender, segundo seus inimigos, fazer-se rei. Mas Deus o permitiu para mostrar a todos, a realeza de Cristo, inscrita nas três línguas do império (grego, latim e hebraico – João 19.20).

Os chefes judeus, completamente cegos espiritualmente, insultam Jesus, alegando que livrou aos outros e a si mesmo não podia livrar-se, não sabendo que isso era impossível, sendo Jesus o Salvador.

Deus agora estabelece uma nova ordem fundada sobre a expiação do Justo. Toda a primazia da salvação é tirada dos judeus. O julgamento de Israel estava nos lábios dos chefes religiosos e daqueles que os seguiram. Da parte de Deus, o julgamento estava sobre a cruz.

⁴Essa crueldade monstruosa e voluntária dos judeus, especialmente os “religiosos”, é relatada em termos expressivos no Evangelho de João. É o crime nacional dos judeus. Pilatos trata-os com desprezo, e é então que eles gritam: não temos outro rei, senão César! Isso deixa Pilatos politicamente numa situação desconfortável.

O Cordeiro de Deus estava cravado na cruz. Humilhado e ultrajado até por um malfeitor que foi crucificado ao seu lado. Mas nosso Senhor havia ocupado aquele terrível lugar por amor às almas perdidas. O malfeitor, que endureceu o seu coração até morte, apesar da dor e do sofrimento, não se humilhou nem aprendeu a falar respeitosamente como o fez seu companheiro. Sempre existirão aqueles que, em meio aos maiores sofrimentos, ainda cometem a imprudência de injuriar Deus e, mesmo assim, esperar que sejam salvos.

O outro malfeitor reconhece a majestade de Jesus, talvez por causa da oração em que Jesus pedia o perdão por seus algozes. Esse segundo malfeitor verdadeiramente se arrepende de seus atos. Ele se humilha diante de Jesus, e recebe a poderosa ação da graça salvadora. Nunca é tarde para um verdadeiro arrependimento, mesmo que seja uma loucura deixar o arrependimento para tão tarde. O arrependimento desse malfeitor ficou caracterizado nas seguintes ações: (1) pela repreensão que fez ao outro malfeitor; (2) reconhece que ele e seu colega estão sofrendo porque mereciam (v. 41); (3) assegura que Jesus é inocente e não fez nada que merecesse tal castigo; (4) reconhece que Jesus é Senhor (v. 42).

Ao confessar seu pecado, demonstra seu arrependimento. Afirmou sua fé em Jesus, reconhecendo seu senhorio e acreditava que Jesus tinha um reino, para o qual iria. Ele também queria ser lembrado nesse reino.

Jesus concede um extraordinário favor a esse homem arrependido: *“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”* (v. 43). Jesus concede muito mais do que havia pedido aquele moribundo ladrão. Ele havia pedido para que lembrasse dele no futuro, mas Jesus concede-lhe uma possessão para aquele mesmo dia antes do pôr-do-sol. Jesus morreu para abrir as portas do céu a todos os pecadores arrependidos. Jesus faz saber que todos os salvos, ao morrerem, irão diretamente para a sua presença e estarem com ele (Fp 1.23) por toda eternidade em um gozo perfeito.

A morte de Jesus é acompanhada de sinais: o sol escurece, contra as leis da natureza, porque era meio-dia (v. 44); o véu do templo se rasgou de cima a baixo (conforme relato dos outros evangelistas). O rasgo do véu indica o fim da lei cerimonial e de todos os obstáculos que impediam o povo de chegar ao trono da graça e da misericórdia de Deus (Hb 4.16).

Jesus morre com uma oração de aceitação da vontade do Pai predita no Salmo 31.5. Ele morreu com as Palavras das Escrituras em sua boca. Ele vivenciou essas palavras, na sua função de Mediador. Ao consumir seu sacrifício (Hb 13.12), fazia a sua expiação pelo pecado (Is 53.10), dando a sua vida em resgate de muitos (Mt 20.28). Assim estava depositando o sacrifício no altar da cruz (Hb 13.10) e nas mãos de Deus. A vontade voluntária daquele que oferecia o sacrifício era um requisito indispensável para aceitação do sacrifício por Deus.

A morte de Cristo impressiona. O centurião romano havia estado à frente do pelotão de execução. Esse pagão dá o veredicto de inocente a Jesus e dá glórias a Deus. Os demais espectadores também são afetados emocionalmente. Provavelmente fosse às mesmas pessoas que, pela manhã, haviam gritado a Pilatos “crucifica-o”. Agora, percebem que algo terrível havia sido feito e, temerosos da vingança de Deus, vão para casa frustrados.

Os amigos e os seguidores de Jesus se vêem obrigados a manter certa distância, ainda que uns poucos estivessem com ele ao pé da cruz (Jo 19.25-27).

23.5 - Versículos 50 a 56 – O sepultamento de Jesus

José natural de Arimatéia, uma cidade ao norte de Jerusalém, é descrita nos mesmos termos de Zacarias e Isabel (Lc 1.6), e Simeão (Lc 2.25). Como Simeão e Ana, ele esperava o reino de Deus. José de Arimatéia era um homem justo e bom para com as pessoas. Foi um dos anciãos da assembléia que condenou Jesus, mas ele não consentiu com a decisão equivocada da esmagadora maioria. Aqui há duas coisas: (1) Nem sempre a maioria está certa. (2) Há muitas pessoas que não aparecem, não fazem alarde exterior em sua vida cristã, mas estão mais dispostos ao serviço do reino que outros que ostentam e se autopromovem.

“E tirando-o da cruz, envolveu-o num pano de linho, e pô-lo num sepulcro escavado em rocha, onde ninguém ainda havia sido posto” (v. 53). José de arimatéia coloca o corpo de Jesus em um sepulcro novo. As mulheres da Galiléia ainda estão fielmente perto de Jesus (Lc 8.1-3; At 1.14). A observação é de que elas viram o corpo de Jesus sendo sepultado por José de Arimatéia e ainda voltaram para preparar especiarias e unguentos, neutraliza a história de que a ressurreição foi inventada por elas, quando não acharam o corpo de Jesus na manhã de páscoa.

A preparação para embalsamar o corpo de Jesus mostrava que o amor daquelas mulheres era maior que a fé na ressurreição do Mestre. Caso contrário não teriam gasto esforço e dinheiro na aquisição das especiarias. Contudo, ainda assim descansaram no sábado conforme o mandamento.

Capítulo 24

Versículos 1 a 53

1 E no primeiro *dia* da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado.

2 E acharam a pedra revolvida do sepulcro.

3 E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

4 E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois varões, com vestidos resplandecentes.

5 E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos?

6 Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia,

7 Dizendo convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite.

8 E lembraram-se das suas palavras.

9 E, voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais.

10 E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, *mãe* de Tiago, e as outras *que* com elas *estavam*, as que diziam estas *coisas* aos apóstolos.

24.1 - Versículos 1 a 12 – A ressurreição de Jesus

Face ao alto grau de importância da ressurreição para nós, os salvos, começarei listando as provas da ressurreição de Jesus:

1) Ao domingo, bem cedo, as piedosas mulheres que sempre acompanhavam a Jesus foram ao sepulcro para embalsamar o corpo do Mestre e ungi-lhe a cabeça com as especiarias que haviam pre-parado. Mas, para surpresa daquelas mulheres, a pedra do sepulcro tinha sido revolvida (v. 2) e o túmulo estava vazio. Elas ficaram perplexas. Muitas vezes, bons cristãos ficam perplexos por fatos, pelos quais deveriam ficar consolados e alegres.

2) O relato dos anjos acerca da ressurreição do Senhor: “*por que buscais entre os mortos aquele que vive?*” (v. 5). Observe-se aqui um dado importantíssimo:

11 E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram.

12 Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro, e, abaixando-se, viu só os lenços ali postos; e retirou-se, admirando consigo aquele caso.

Dois discípulos no caminho de Emaús

13 E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús;

14 E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido.

15 E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles;

16 Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem.

17 E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós, e por que estais tristes?

18 E, respondendo um, cujo nome era Cleofas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias?

19 E ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus Nazareno, que foi varão profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo;

20 E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte, e o crucificaram.

21 E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram.

22 É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro;

23 E, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive.

24 E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro, e

Os anjos não trazem do céu um novo Evangelho, mas lembram às mulheres das palavras de Jesus: *“Lembrai-vos de como vos falou estando ainda na Galiléia, dizendo: importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressurja”* (v. 6,7). A ressurreição de Jesus acontece como anunciada por ele mesmo e em cumprimento da vontade do Pai.

3) A alegria das mulheres ao receberem as boas novas. Elas lembraram das palavras que Jesus lhes havia falado. E correram para anunciar aos discípulos as boas-novas. A Palavra de Deus sempre nos ajuda a entender os mistérios da providência de Deus.

4) A falta de fé dos discípulos: *“E pareceram-lhes como um delírio as palavras das mulheres e não lhes deram crédito”* (v. 11). Os discípulos imaginavam que o testemunho das mulheres era produto do sentimentalismo. Mas a verdade é que eles também tinham ouvido a palavra de predição de Jesus sobre a ressurreição. É inacreditável que esses homens, os quais professaram ser Jesus o Cristo, Filho de Deus, agora duvidem de sua ressurreição. Mas foi exatamente isso que aconteceu.

Pedro levanta-se e vai ao sepulcro (v. 12). Vê somente pedaços de panos e ainda assim não está certo. Volta “admirado” (ou assombrado). Não sabe o que pensar de tudo isso. Não havia fé nas atitudes de Pedro, nem na Palavra de Jesus nem no que diziam as Escrituras. A falta de fé

acharam *ser* assim como as mulheres haviam dito, porém a ele não o viram.

25 E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!

26 Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?

27 E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.

28 E chegaram à aldeia para onde iam e ele fez como quem ia para mais longe.

29 E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles.

30 E, aconteceu que, estando com eles à mesa tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu.

31 Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes.

32 E disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?

33 E na mesma hora; levantando-se tornaram para Jerusalém, e acharam congregados os onze, e os que estavam com eles.

34 Os quais diziam: Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão.

35 E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão.

Jesus aparece aos discípulos João 20.19, etc. e refs.

36 E, falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco.

37 E eles, espantados e atemorizados pensavam que viam algum espírito.

38 E ele lhes disse: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?

39 Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me

dificulta a nossa capacidade de pôr os pensamentos em ordem.

24.2 - Versículos 13 a 35 – Os dois discípulos no caminho de Emaús

Emaús distava uns doze quilômetros de Jerusalém. Esses dois discípulos que aparecem nesse relato haviam estado com os onze. Esses dois homens caminham para Emaús após ouvirem o relato das mulheres e de Pedro. Durante a viagem, Jesus os encontra mas, inicialmente, eles não o reconhecem. O tema da conversa entre eles não era apenas a morte de Jesus mas, sim, a sua ressurreição. Jesus, incógnito e de improviso, junta-se aos dois discípulos. Ele os confronta com as Escrituras do Primeiro Testamento acerca da ressurreição do Messias. Vale destacar que esses discípulos ainda carregavam a idéia de Messias terreno. Comparando o versículo 16 com versículo 31 chega-se à conclusão que esse impedimento de reconhecer Jesus foi imposto pelo próprio Senhor, a fim de que eles pudessem se expressar com maior liberdade.

Vale notar a habilidade de Jesus em explicar a Palavra de Deus, de forma que a mesma faça todo o sentido. Para os dois discípulos, aquela situação não fazia nenhum sentido. Todos os seus sonhos e esperanças haviam-se transformados em desilusão e tristeza: *“Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de remir a Israel”* (v. 21). Mas Jesus traz a eles a luz da esperança e do sentido da vida. O Mestre deixou que eles o convidassem. Temos a liberdade de convidar Jesus para entrar em nossa vida.

e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

40 E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

41 E, não o crendo eles ainda por causa da alegria, e *estando* maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer?

42 Então eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado, e um favo de mel.

43 O que ele tomou, e comeu diante deles.

44 E disse-lhes: *São* estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e *nos* profetas, e *nos* Salmos.

45 Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras.

46 E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos,

47 E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém.

48 E destas coisas *sois* vós testemunhas.

49 E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder.

A ascensão Atos 1.9-11

50 E levou-os fora, até Betânia; e, levantando as suas mãos, os abençoou.

51 E aconteceu que, abençoando-o ele, se apartou deles, e foi elevado ao céu.

52 E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém.

53 E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém.

A palavra de Jesus despertou neles uma ardente atenção que lhes tocou no mais profundo de suas almas. Em seguida, o Senhor se revela no partir do pão, ato esse que era uma figura de sua morte. Não a celebração da ceia, mas um ato particular que, em seu significado, ligava-se ao fato solene, recordado pela última ceia.

Um fato a ser observado é *“seus olhos estavam com que fechados”* é uma expressão para designar a cegueira espiritual, em que não se consegue enxergar o óbvio. É verdade que o corpo ressurreto de Jesus era um novo corpo glorificado, e a fé seria um bom “óculo” para reconhecê-lo.

Jesus os repreende por sua cegueira espiritual. Passaram toda a vida lendo e ouvindo sobre os profetas, mas não reconhecem o cumprimento das profecias no sofrimento e na morte de Jesus, que acabara de acontecer. Na verdade, a cruz precedeu a glória de Cristo. Os dois discípulos se impressionam com a profundidade das palavras de Jesus e o convidam insistentemente a ficar com eles.¹

Jesus partilha com eles uma refeição que é descrita de modo a lembrar a multiplicação dos pães (Lc 9.16) e a última ceia (Lc 22.19). Quando Jesus dividia o pão, seus “olhos se abrem” e eles reconhecem o Senhor, todavia Jesus, no mesmo instante, os deixa. Diante desse

¹ O sentido no grego é de um convite muito insistente. Aqui, a insistência foi com palavras.

quadro, eles lembram do ardor que sentiam em seus corações quando Jesus ainda discorria com eles sobre as Escrituras do Primeiro Testamento. Agora têm certeza de que estavam partilhando da presença do Salvador ressuscitado.

Imediatamente, voltam para Jerusalém. A experiência do Senhor ressuscitado não pode ser escondida; precisa ser proclamada e partilhada com os demais discípulos. Ao chegarem a Jerusalém, os onze já estavam reunidos com outros e a nova já estava conhecida de todos. Contaram as “coisas” que haviam acontecido. A Palavra de Deus não é constituída de meros termos gramaticais. São realidades eficazes e cheias de conteúdo (comparar com Atos 4.12). Essas “coisas” (providencias) nos acontecem quando nem mesmo esperamos, para nos proteger e nos abençoar.

24.3 - Versículos 36 a 49 – Jesus aparece aos discípulos

Este texto enfatiza a realidade do corpo ressuscitado de Jesus. No dia em que ressuscitou, Jesus foi visto cinco vezes. Apareceu a Maria Madalena no horto (Jo 20.14), as mulheres que levaram as boas-novas aos discípulos (Mt 28.9); a Pedro individualmente; aos dois discípulos a caminho de Emaús, e, finalmente, aos onze no domingo.

Jesus aparece saudando-os no meio da sala onde estão reunidos: *“paz seja convosco”* (v. 36b). Esse gesto o mostrava afetuoso, dava-lhes a entender que era uma visita de alento e consolo. Jesus os havia prometido vê-los após a ressurreição na Galiléia, mas antecipou-se e veio a Jerusalém. Com a saudação, estava demonstrando que não vinha para cobrar a traição de Pedro e o abandono dos demais discípulos, que fugiram de maneira vergonhosa.

Ao verem Jesus entre eles, os discípulos, a princípio, ficaram atemorizados porque não o viram chegar. Pensavam que fosse um “espírito desencarnado”. Jesus os acalma com seu discurso: *“Por que estais perturbados? E por que surgem dúvidas em vossos corações?”* (v. 38). Abrindo um parêntese, sempre que estamos preocupados surgem pensamentos que nos fazem mal. Quase sempre nossas preocupações são conseqüências de pensamentos que alimentamos em nosso interior e vice-versa.²

² O apóstolo Paulo passou por esse tipo de preocupação ao chegar a Macedônia. Ver 2Coríntios 7.5.

Muitas de nossas preocupações podem ser por que temos um conceito incompleto de nosso Senhor.³ Os discípulos estavam com um conceito errado de Jesus. Pensavam que fosse um espírito, entretanto estavam vendo o Senhor ressurreto. Mas, o que nos conforta, é que Jesus conhece todos os pensamentos de medo que surgem em nossas mentes e está disposto a dissipá-los.

Para prová-los de que não era um espírito, Jesus mostra-lhes as mãos com as marcas da cruz. Uma semana mais tarde o Mestre apresenta os mesmos sinais a Tomé (porque ele não se fazia presente no primeiro dia). Mas Tomé nem precisou ver os sinais, ao ouvir a voz de Jesus, prostrou-se diante do Mestre. Tomé havia faltado à reunião naquele primeiro domingo em que Jesus aparecera aos demais discípulos e, de certa forma, tornou-se incrédulo. O salvo que falta à igreja corre o risco de esfriar a sua fé, como aconteceu com Tomé. O fato problemático é a possibilidade de perder a bênção da comunhão pública com os seus irmãos e com Deus.

Na primeira aparição, Jesus alimenta-se com eles para confirmar que seu corpo era real. Mostra-lhes que possuía um corpo que podia comer, embora não necessitasse disso: *“Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras”*. Este versículo é muito interessante uma vez que explica o seu paralelo no Evangelho de João 20.22: *“E havendo dito isto, assoprou sobre eles, e disse-lhe: recebei o Espírito Santo”*. Aqui, não foi o batismo no Espírito Santo que os discípulos receberam. Eles o receberam no evento de Atos 2, em cumprimento à promessa de Jesus ratificada em Lc 24.49. O texto de Lucas esclarece o de João. Lucas mostra que esse “sopro” (Espírito Santo) sobre os discípulos tinha como objetivo (e foi alcançado) abrir-lhes o entendimento da Palavra de Deus, porque é Espírito Santo quem nos guia a toda verdade (Jo 16.13).

Jesus, por meio do seu Espírito, atua diretamente nas mentes e nos corações dos homens, pois tem acesso direto ao nosso interior. Iluminando e confortando-nos nas tribulações. A Palavra de Deus tem luz própria, mas ele ilumina os nossos olhos (Ef 1.18) para enxergá-la, e nossas mentes para compreendê-la.

Jesus os instrui a serem seus mensageiros pregando o evangelho a todas as nações, sendo suas fiéis testemunhas. O discípulo deve pregar o

³ Aqui o conceito é muito mais que conhecimento teórico; é prática de fé na vida cristã.

evangelho tal como Jesus lhes deixou. Nessa perspectiva, os apóstolos são os fiéis transmissores do evangelho de Jesus. Portanto, os discípulos de todas as épocas nunca podem esquecer que também são transmissores do evangelho de Jesus, e nunca geradores da Palavra de Deus.

Ainda era necessária uma coisa a mais para o cumprimento completo dessa missão. Os discípulos deveriam ficar em Jerusalém até que fossem revestidos do poder do Alto. Jesus iria enviar o Espírito Santo prometido, sobre o qual os próprios profetas haviam falado.

24.4 - Versículos 50 a 53 – A ascensão de Jesus

Em seus últimos versículos, Lucas apresenta um breve relato da ascensão do nosso Senhor Jesus. É algo que ultrapassa a nossa compreensão, por entrar nos mistérios de Deus. Jesus leva a cabo sua obra na terra e no céu quão solenemente se despediu Jesus dos discípulos.

Os discípulos foram as testemunhas oculares de sua ascensão ao céu. E, após os terem abençoado, Jesus separa-se deles e é elevado ao céu. Os discípulos, alegres por compreenderem a missão outorgada por Jesus, o adoraram (v. 52a). Prestaram-lhe a homenagem de adoração que, como Senhor e Filho de Deus, lhe deviam. Em seguida, retornam a Jerusalém, tomados de grande alegria: *“E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus”* (v. 53). Amém.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1978.

BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

BIBLE WORKS 7.0 CD Digital.

BARCLAY, W. *Comentário al Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 1994.

BARCLAY, W. *The Gospel of Luke*. Filadélfia: The Westminster Press, 1975.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1990.

BOFF, L. *A Ave Maria, o feminino e o Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____, *O Rosto Materno de Deus – ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BROADUS D. H., *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001.

BRUCE, F.F. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Eerdmans: 1951.

CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia, 1995 Vol 1.

CHILDREN, Charles L. *Comentário Bíblico Beacon*. Missouri: Casa Nazarena de Publicaciones, 1982.

COENEN, Lothar e BROWN: Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE 1689. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 1999

CRANFIELD. C.E.B. *Mark*. SJTh 6. Cambridge: Cambridge, University Press, 1953.

DAGG, John L. *Manual de Teologia*. São Paulo: Ed. Fiel, 1989.

DAUBE, D. *The New Testament and Rabbinic Judaism*. New York: Grand Rapid, 1956.

DAVIDSON, F. M. A. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1979.

FERGUSON, Sinclair B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Ed. Puritanos, 2000.

FRANKLIM, W. *Os salvos no céu sabem o que está acontecendo aqui na terra?* Artigo, Jornal Batista, 2004.

GINGRICH, F. Wilsbur. *A Greek-English Lexicon of*

the New Testament and Other. Chicago: Early Christian Literature, 1979.

GINGRICH, F. W. e DANKER, F. W. *Léxico do NT Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1991

GREEN, Jay P. *The Interlinear Bible*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1986.

GUNDRY, R. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996

HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1971.

HENRY J. Cadbury. *Making of Luke-Acts*, New York: Macmillan, 1927.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico*. Barcelona: Clie, 1999.

MACARTHUR, Jr John F. *O Evangelho Segundo Jesus*. São José dos Campos: Fiel, 1999.

MACDOWEL, E. *I.II.III João in: Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: Juerp, 1990

MORRIS, L.L. *Lucas – Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1990.

PACKER George G. *Léxico – Concordancia del Nuevo Testamento Griego y Espanol*. Texas: Editorial Mundo Hispano, 1989.

RYLE R.C. *Comentário Expositivo do Evangelho Segundo Lucas*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1955.

ROBERTSON, A.T. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 2003.

STAGG, Frank. *Studies in Lukes Gospel*, Nashville:Tennessee, Convention Press, 1967.

STRONG A.H. *Systematic Theology*. Philadelphia: The Griffith and Rowland Press, 1907.

STENGA, J. e TUGGY, Alfred. *Concordância Analítica Greco-Espanola Del Nuevo Testamento Greco-Espanol*. Barcelona: Clie, 1975.

SUMERS, Ray. *A Vida no Além*. Rio de Janeiro: Juerp, 1979.

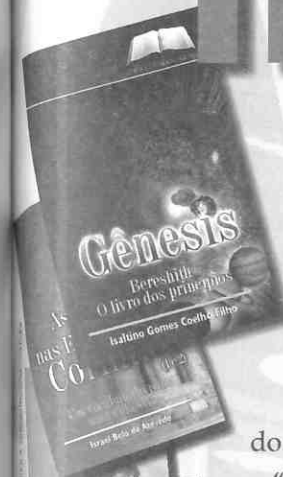
TAYLOR, W.C. *Dicionário do NT Grego*. São Paulo: Ed. Batista Regular, 2000.

THAYER, J.H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1962.

TOLBERT O.M. *Comentário Bíblico Broadmam – O Evangelho de Lucas*, Rio de Janeiro: Juerp, 1983.

WILLARD, D. *A Conspiração Divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

Coleção Livro do Trimestre



Esta coleção, realmente, veio para ficar. Entra agora no seu sexto ano de edição, sendo requisitada e procurada em quase todas as igrejas. Tornou-se um complemento indispensável para o professor de EBD, especialmente, no melhor preparo de suas lições. Agora, além da revista do aluno, da sua edição do professor, dos comentários adicionais que trazemos na "Revista da Bíblia", da meditação em "Pontos Salientes", o professor passa a contar com esta ajuda indispensável: um livro especial abordando o Tema do trimestre, sempre numa forma didática, objetiva e prática.

Para pedidos: (21) 2104-0044

Fax: 0800 216768

E-mail: pedidos@ebd-1.com.br



Este livro foi impresso em março de 2007 para
JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da CBB,
composto na tipologia Times New Roman 11/12.
Os fotolitos foram feitos por Arte Sette Marketing e Editorial.
O papel do miolo é Offset 75gr/m² e o da capa Cartão supremo 250gr/m².

Como a Bíblia nos fala hoje

O Evangelho de Lucas

A Vida de Jesus

Wilson Franklim

Wilson Franklim é um dos mais estudiosos escritores da nova geração de autores em nossa denominação, procurando sempre especializar-se em determinados temas para, sobre eles, depois escrever com propriedade. Assim foi com a "Ação do Espírito Santo nas igrejas" que nos trouxe no primeiro exemplar e, agora, neste em que aborda o livro de Lucas, o médico amado, o Evangelho que é intitulado em nossa grade curricular como "A vida de Jesus".

Assim, Lucas, dos quatro evangelistas, seria aquele escritor que atraído pelo Evangelho 10 ou 15 anos depois da morte de Cristo, convertido mui possivelmente pelo ministério apostólico de Paulo, teria sido o mais distante biógrafo de Jesus Cristo. Impressionante que, mesmo distanciado do Mestre, conseguiu ele, talvez por sua formação na medicina da época, ser o mais detalhista e completo contador da vida de Cristo, revelando detalhes de diversos personagens que nos outros Evangelhos passam quase anonimamente, o que só se pode atribuir a um notável trabalho de pesquisa e entrevistas que deve ter desenvolvido para escrever o livro que desejava encaminhar ao seu amigo Teófilo.

Por isso, a importância e o valor do trabalho feito pelo pastor Wilson Franklim, pois como poderão constatar nestas páginas, ele vai a fundo no objetivo de melhor transmitir para nós as riquezas que estão contidas neste tesouro da literatura do primeiro século da era cristã, o terceiro livro do cânon neotestamentário, o Evangelho de Lucas, a vida de Jesus.



ISBN 85-350-0276-6



9 788335 002768 >

Wilson Franklim

O Evangelho de Lucas - A Vida de Jesus



Como a Bíblia nos fala hoje

O Evangelho de Lucas

A Vida de Jesus

Wilson Franklim